

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS – FCH  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO  
MESTRADO EM GEOGRAFIA**

**CÁSSIO ALEXANDRE SARTI FIGUEIREDO**

**A (IN)SEGURANÇA URBANA E AS NOVAS FORMAS DE  
MORAR EM DOURADOS – MS**

**Dourados-MS  
2016**

**CÁSSIO ALEXANDRE SARTI FIGUEIREDO**

**A (IN)SEGURANÇA URBANA E AS NOVAS FORMAS DE  
MORAR EM DOURADOS – MS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação – Mestrado em Geografia, da Faculdade de Ciências Humanas, da Universidade Federal da Grande Dourados, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

**Área de concentração:** Produção do Espaço Regional e Fronteira

**Orientação:** Profa. Dra. Maria José Martinelli Silva Calixto

**Dourados-MS  
2016**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).**

F475( Figueiredo, Cassio Alexandre Sarti

(In)Segurança urbana e as novas formas de morar em Dourados -MS /  
Cassio Alexandre Sarti Figueiredo – Dourados: UFGD, 2016.  
207f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Maria José Martinelli Silva Calixto

Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Ciências Humanas,  
Universidade Federal da Grande Dourados.

Inclui bibliografia

1. Produção do espaço urbano. 2. Insegurança urbana. 3. Loteamentos e  
residenciais fechados. 4. Dourados-MS. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.

**TERMO DE APROVAÇÃO**

**CÁSSIO ALEXANDRE SARTI FIGUEIRERDO**

**A (IN)SEGURANÇA URBANA E AS NOVAS FORMAS DE MORAR EM DOURADOS – MS**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Geografia, da Universidade Federal da Grande Dourados, pela seguinte banca examinadora:

---

**Profa. Dra. MARIA JOSÉ MARTINELLI SILVA CALIXTO**  
**Orientadora / Presidente**

---

**Profa. Dra. CLÁUDIA MARQUES ROMA**  
**Membro Titular**

---

**Prof. Dr. RODOLFO ARRUDA LEITE DE BARROS**  
**Membro Titular**

**APROVADO EM: 24/06/2016**

“É melhor tentar e falhar, que preocupar-se e ver a vida passar. É melhor tentar, ainda que em vão, que sentar-se, fazendo nada até o final. Eu prefiro na chuva caminhar a, em dias frios em casa, me esconder. Prefiro ser feliz, embora louco, a conformidade de viver.”

(Martin Luther King)

## AGRADECIMENTOS

À Deus, força infinita e suprema, que a todo o momento oferece o sol que brilha sobre nossas almas.

À minha mãe, Sônia Sarti e ao meu pai, Edvaldo Figueiredo, pela magnitude da vida, pelo carinho, ensinamentos, broncas e incontáveis incentivos que me fizeram ser o que sou hoje e concretizar mais esta etapa de formação acadêmica.

À Professora Dr<sup>a</sup> Maria José Martinelli Silva Calixto, ou “simplesmente” Zezé, que desde a graduação tem me orientado com maestria e vigor, sendo meu apoio e diretriz nos momentos de dúvida. Considero um privilégio termos partilhado esta caminhada! Tomara que tenhamos outras pela frente!

Aos professores que ministraram disciplinas na Pós- Graduação, Flaviana Gasparotti Nunes, Guilherme Alfredo Johnson, Marcos Leandro Mondardo, Maria José Martinelli Silva Calixto, Claudia Marques Roma e Everaldo Santos Melazzo, profissionais que transmitiram conhecimentos e experiências de pesquisa.

Aos meus irmãos Paulo e Gabriela, pelas experiências, alegrias e tensões compartilhadas.

Aos meus avós maternos, Luis Sarti e Maria de Lourdes Sarti, e paternos Josias Figueiredo e Maria Teresa Figueiredo, que mesmo com pouco estudo, transmitem ricos conhecimentos e sabedorias de vida que nenhum diploma pode oferecer.

Aos meus tios e tias, propulsores de ânimo e perseverança, indicando que vale a pena investir na educação. Em especial a Luzia, Luciana, Sandra, Vera, Maria do Carmo, Cleuza Norato, Nilson, Jair e Fábio, todos residentes em Dourados e sempre disponíveis, seja para um bom papo corriqueiro ou para os almoços de domingo, momentos de convívio importantíssimos que sempre lembrarei.

A Charlene e Danilo, primos que devido à distância “enorme” entre Mato Grosso do Sul e São Paulo, só passei a conhecer e admirar no momento em que começamos a dividir a mesma residência em Dourados, no ano de 2010.

A todos os colegas da Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias - ReCiMe – equipe Dourados, grupo que proporciona debates teóricos–metodológicos importantes sobre as particularidades das cidades médias.

À Jhérsyka, Fábio, Igor, Pollyana, Isis e Marina, amigos que conheci na Universidade, desejo que nem a distância e nem os caminhos divergentes que a vida nos leva, consiga romper os laços criados.

À s equipes de gestores das Escolas Estaduais Joaquim Murtinho (Ponta Porã- MS, ano de 2014) e Luís Soares Andrade (Nova Andradina-MS, ano de 2015) que, compreensíveis com minhas obrigações de pós-graduando, sempre organizaram meus horários de forma que pudesse conciliar os compromissos da docência com as exigências da pesquisa.

A Polícia Militar de Mato Grosso do Sul, em especial aos policiais Gleice Aguilar dos Santos, que abriu as portas da instituição, e Marcos Silva, profissional responsável pela organização e repasse dos dados de criminalidade. Sem o trabalho de ambos, boa parte desta investigação ficaria comprometida.

A CAPES pela concessão de 18 meses de bolsa, imprescindível para a efetivação da pesquisa.

Aos moradores de Dourados, cujos relatos e experiências de vida foram fundamentais para pensarmos e realidade como um processo sempre em movimento, repleto de (des)continuidades.

A todos que fizeram parte deste processo, meus sinceros agradecimentos!

## RESUMO

A sociedade contemporânea é marcada, cada vez mais, pela difusão de discursos atrelados a (in)segurança urbana. Contudo, se há pouco tempo, tais discursos diziam respeito a contextos metropolitanos, hoje ganham força em Cidades Médias, ou mesmo em pequenas cidades, alterando formas e conteúdos desses locais em constante redefinição socioespacial. A segmentação urbana, constituição de relações marcadas pela seletividade, individualidade e estigmas perante o outro, são alguns dos principais desdobramentos desta conjuntura. Partindo desta perspectiva, almejamos neste trabalho identificar e analisar como tem ocorrido as práticas de enfrentamento dessa dinâmica em Dourados, segunda maior cidade do estado de Mato Grosso do Sul, sobretudo no que diz respeito às novas formas de morar. Para isso, aplicamos questionários aos cidadãos, no intento de observar quais suas posições em torno da violência e seus reflexos na cidade. Coletamos, junto ao Sistema Informacional de Gestão Operacional, dados oficiais de criminalidade dos anos de 2006 a 2014. Selecionamos reportagens em jornais eletrônicos com a finalidade de apreendermos como a mídia tem trabalhado com esta temática. Também entrevistamos moradores dos residenciais fechados de alto, médio e baixo padrão, empreendimentos distintos em termos de modelos de construção e sistemas de regras e controles, mas que são lançados com a máxima da promoção da segurança e tranquilidade, reforçando a lógica do “caos” da cidade aberta. Como resultado de nossas investigações, ratificamos a (in)segurança como um fator que tem distanciado os sujeitos do convívio com os diferentes, imbuindo as práticas socioespaciais de controle, tensões e aversão ao outro. Dinâmicas estas, que tem imbuído

**PALAVRAS-CHAVE:** Produção do espaço urbano. Insegurança urbana. Loteamentos e residenciais fechados. Dourados-MS

## ABSTRACT

Contemporary society has been marked by a propagation of speeches linked to urban (in)security. Not long ago such speeches were for metropolitan contexts; now, however, they gain strength in Middle Cities, or even in small towns, changing forms and contents of these sites, which are in constant sociospatial redefinition. The urban segmentation, made by relations marked by selectivity, individuality and stigmas to the other, is one of the main consequences of this situation. From this perspective, this work's aim was to identify and analyze how this dynamic has occurred in Dourados, the second largest city in the state of Mato Grosso do Sul, especially in regard to the new ways of living. For this, we applied questionnaires to citizens, in an attempt to observe what their positions around violence and its impact on the city is. We collected, with the Informational System of Operational Management, official data in crime from 2006 to 2014. We selected articles in electronic journals in order to apprehend how the media has been working with this theme. We also interviewed residents of high closed residential, medium and low standard with different enterprises in terms of building models and rules and control systems, which are released with maximum promotion of security and peace, strengthening the logic of "chaos" in the open city. As a result of our investigations, we've confirmed (in)security as a factor that has been keeping people away from each other, imbuing the socio-spatial practices of control, tensions and aversion to others.

**KEYWORDS:** Urban space production; urban insecurity; allotments and closed residential. Dourados-MS

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

BNH - Banco Nacional de Habitação

BDBTD- Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

CAND - Colônia Agrícola Nacional de Dourados

CEF - Caixa Econômica Federal

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

EMBRATER – Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural

EMPAER – Empresa Agrícola de Extensão Rural

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH- Índice de Desenvolvimento Humano

IPEA-Instituto de Pesquisa Econômica

LEUA- Laboratório de Estudos Urbanos e Agrários

OMS- Organização Mundial da Saúde

PAR-Programa de Arrendamento Residencial

PET - Programa de Educação Tutorial

PIB - Produto Interno Bruto

PMCMV-Programa Minha Casa Minha Vida

POLOCENTRO - Programa de Desenvolvimento do Cerrado

PRODEGRAN – Programa Especial de Desenvolvimento da Região da Grande Dourados

PVC- Policloreto de Polivinila

ReCiMe – Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias

REGIC – Regiões de Influência das Cidades

SIGO/MS - Sistema Integrado de Gestão Operacional de Mato Grosso do Sul

SIPS - Sistema de Indicadores de Percepção Social

UEMS - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados

UNESP – Universidade Estadual Paulista

UNIGRAN - Centro Universitário da Grande Dourados

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Mato Grosso do Sul. Localização do Município de Dourados (2015).....	19
Figura 02: Dourados-MS. Evolução do número de empresas de segurança privada (1986-2015)	41
Figura 03: Dourados-MS. Produto Interno Bruto por setor econômico (1999-2012).....	55
Figura 04: Dourados-MS. Quantitativo total de roubos, furtos e homicídios (2006-2014). ....	60
Figura 05: Dourados – MS. Ocorrências anuais de roubos, furtos e homicídios (2006-2014) ....	61
Figura 06: Dourados-MS. Ocorrências mensais de roubos, furtos e homicídios (2006-2014). ....	62
Figura 07: Dourados – MS. Ocorrências semanais de roubos, furtos e homicídios (2006- 2014).	63
Figura 08: Dourados-MS. Ocorrências diárias de roubos, furtos e homicídios (2006- 2014). ....	64
Figura 09: Dourados – MS. Distribuição espacial dos roubos (2006-2014). ....	66
Figura 10: Mato Grosso do Sul. Homicídios por 100 mil habitantes (2010). ....	69
Figura 11: Dourados- MS. Distribuição espacial dos homicídios (2006 - 2014). ....	71
Figura 12: Dourados – MS. Local de aplicação de enquetes (2016).....	76
Figura 13: Dourados- MS . Problemas de violência na cidade (2015).....	77
Figura 14: Dourados – MS. Confiança nas instituições policiais (2015). ....	78
Figura 15: Dourados-MS. Avaliação da segurança na cidade (2015). ....	81
Figura 16: Dourados-MS. Avaliação sobre a insegurança na cidade (2015) ....	82
Figura 17: Dourados- MS. Avaliação da segurança no bairro em que reside (2015). ....	82
Figura 18: Dourados-MS. Equipamentos de segurança particular (2015). ....	83
Figura 19: Dourados-MS. Empresas de segurança privada (2016).....	85
Figura 20: Dourados-MS. Medo segundo as tipificações criminais (2015). ....	86
Figura 21: Dourados-MS. Residenciais fechados considerados para a análise (2015). ....	98

Figura 22: Dourados-MS. Localização dos loteamentos fechados de padrão mais elevado (2016). .....	101
Figura 23: Dourados- MS. Equipamentos próximos ao Ecoville Residence Resort, destacados pela publicidade MS (2015). .....	102
Figura 24. Dourados-MS. Ecoville Dourados Residence Resort: o “conceito” de morar (2015) .....	105
Figura 25: Dourados-MS. Reserva indígena e residenciais fechados de padrão mais elevado (2015). .....	118
Figura 26: Dourados-MS. Localização dos residenciais fechados implantados via PAR (2016). .....	125
Figura 27: Dourados-MS. Residenciais Itajú I e II (2015). .....	126
Figura 28: Dourados-MS. Residencial Ercilia Pompeu (2015). .....	127
Figura 29: Dourados-MS. Localização do Residencial Villagio Florença (2015). .....	137
Figura 30: Dourados-MS. Residencial Villagio Florença - Estratégias de venda (2015). .....	138

## LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Brasil. Medo da população brasileira (2012). .....	48
Tabela 02: Brasil. Confiança nas instituições policiais (2012). .....	48
Tabela 03: Dourados-MS. Evolução populacional (1940-2010). .....	53
Tabela 04: Dourados-MS. Índice de Desenvolvimento Humano (1991-2010). .....	53
Tabela 05: Mato Grosso do Sul. Produto Interno Bruto das quatro maiores receitas municipais (2012). .....	54
Tabela 06: Dourados – MS. Bairros com maiores ocorrências de roubos (2006-2014). .....	65
Tabela 07: Dourados – MS. Bairros com maiores ocorrências de homicídios (2006-2014). .....	70
Tabela 08: Dourados-MS. Idade dos pesquisados no Terminal Transbordo Renato Lemes (2015). .....	187
Tabela 09: Dourados-MS. Definição por sexo dos pesquisados no Terminal Transbordo Renato Lemes (2015). .....	187

Tabela 10: Dourados-MS. Vínculo empregatício dos pesquisados no Terminal Transbordo Renato Lemes (2015).....	187
Tabela 11: Dourados-MS. Renda em salário mínimo dos pesquisados no Terminal Transbordo Renato Lemes (2015).....	188
Tabela 12: Dourados. Escolaridade dos pesquisados no Terminal Transbordo Renato Lemes (2015). .....	188
Tabela 13: Dourados-MS. Tipo de casa dos pesquisados no Terminal Transbordo Renato Lemes (2015). .....	188
Tabela 14: Dourados-MS. Pesquisa: Conhece seus vizinhos (2015). .....	189
Tabela 15: Dourados-MS. Pesquisa: Com que frequência conversa com seus vizinhos, em número de vezes por semana (2015). .....	189
Tabela 16: Dourados-MS. Pesquisa: Procedência dos entrevistados (2015).....	189

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 01: Dourados-MS. Notícias referentes ao Bairro Cachoeirinha (em números absolutos) - (2014-2015) .....	91
Quadro 02: Dourados-MS. Residenciais fechados (2008 - 2015).....	100
Quadro 03: Dourados-MS. Residenciais horizontais populares fechados, implantados via Programa Arrendamento Residencial (2007- 2011).....	124
Quadro 04: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Trabalhos que abordam violência e insegurança urbana (2007 – 2008). .....	168
Quadro 05: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações . Trabalhos que abordam violência e insegurança urbana (2009 – 2010). .....	171
Quadro 06: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações .Trabalhos que abordam violência e insegurança urbana (2011 – 2012) . .....	173
Quadro 07: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Trabalhos que abordam violência e insegurança urbana (2013). .....	176
Quadro 08: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Quantitativo de teses e dissertações por ano (2007 – 2013) .....	178
Quadro 09: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Média de teses e dissertações por ano (2007-2013) .....	178

Quadro 10: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Dissertações e teses por município brasileiro (2010 – 2012). .....	179
Quadro 11: Encontro Nacional de Geógrafos (2008 - 2012) e Congresso Brasileiro de Geógrafos (2014) -Trabalhos sobre crime, violência e segurança pública .....	181
Quadro 12: Encontro Nacional de Pós-Graduação em Geografia. Quantidade de trabalhos sobre crime, violência e segurança pública (2007 - 2013). .....	182
Quadro 13: Encontro Nacional de Pós-Graduação em Geografia Título dos trabalhos sobre crime, violência e segurança pública (2007 - 2013). .....	183
Quadro 14: Dourados-MS. Perfil dos entrevistados (2015). .....	192
Quadro 15: Exemplo de quadro de entrevista transcrita.....	194

## **LISTA DE FOTOS**

Foto 01: Dourados-MS. Sem-teto ocupam área próxima ao bairro Jardim Clímax (2014). .....	30
Foto 02: Dourados-MS. Operação “Ocupação” ocorrida no bairro Cachoeirinha (2012). .....	74
Foto 03: Dourados-MS. Loteamento fechado Ecoville Residence Resort - Destaque para muros e grades (2015). .....	113
Foto 04: Dourados-MS. Ecoville Residence Resort: equipamentos de lazer (2015) .....	119
Foto 05: Dourados-MS. Ruas dos Residenciais Itajú I, II e Ercília Pompeu (2015). .....	128
Foto 06: Dourados-MS. Residencial Ercilia Pompeu (2015). .....	128
Foto 07: Dourados-MS. Residenciais Itajú I, II e Ercília Pompeu- guaritas (2015). .....	129
Foto 08: Dourados-MS. Residencial Ercília Pompeu: equipamentos e área de lazer (2015). .....	130
Foto 09: Dourados-MS. Residencial Villagio Florença - Equipamentos de lazer (2015). .....	140
Foto 10: Dourados-MS. Residencial Villagio Florença - Padrão de construção (2015). .....	141
Foto 11: Dourados-MS. Residencial Villagio Florença – Guarita e placas indicando monitoramento (2015). .....	145

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
CAPÍTULO I - A VIOLÊNCIA E A (IN) SEGURANÇA COMO VERTENTES DE ANÁLISE: AVANÇOS E DESAFIOS .....	28
1.1. Da violência à insegurança como objeto de análise.....	36
CAPÍTULO II - A VIOLÊNCIA E A INSEGURANÇA NA CIDADE DE DOURADOS-MS ..	51
2.1. Dourados-MS: breves apontamentos histórico-geográficos .....	51
2.2. Alguns dados da criminalidade em Dourados-MS .....	58
2.3. Dos números à realidade.....	75
2.4. Mídia e violência urbana em Dourados-MS: algumas considerações .....	87
CAPÍTULO III - A (IN)SEGURANÇA COMO FATOR DE PROMOÇÃO DAS NOVAS FORMAS DE MORAR EM DOURADOS-MS: O CASO DOS RESIDENCIAIS FECHADOS DE PADRAO MAIS ELEVADO .....	95
3.1. Novas formas de morar: os loteamentos fechados de padrão mais elevado .....	99
3.2. A (in)segurança como carro-chefe de venda do Ecoville Residence Resort .....	105
3.3. Entre muros, portarias e sistemas de vigilância.....	112
CAPÍTULO IV - (IN)SEGURANÇA, CONTROLE E SOCIABILIDADE NOS RESIDENCIAIS FECHADOS POPULARES .....	123
4.1. Quando o próximo se torna distante: a sociabilidade intramuros no residencial Villagio Florença .....	137
APONTAMENTOS FINAIS.....	150

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	155
APÊNDICE A - A TEMÁTICA DA INSEGURANÇA URBANA NA GEOGRAFIA BRASILEIRA.....	165
ANEXOS .....	185

## INTRODUÇÃO

As cidades são a expressão por excelência da sociedade contemporânea, marcada pelo fluxo contínuo de pessoas, ideias, informações e mercadorias. Sua estrutura territorial é um mister repleto de elementos heterogêneos que a entoam de particularidades distintas que, observadas com olhares atentos, podem revelar o movimento em sua totalidade.

As cidades, como produto social, são repletas de múltiplos sentidos, pois, se por um lado, potenciam a reunião e a união, por outro produzem a diferenciação, especialização e individualização. Sendo forma espacial (mas longe se ser algo enrijecido), dá sustento a funções inerentes a concentração que vão desde as habitações, fábricas e manifestações culturais, sendo o local da inovação e liberdade, mas também das novas formas de controle que, na maioria das vezes, são por nós naturalizados.

Nesse sentido, a cidade pode ser considerada como o local do ir e vir, do trabalho e do lazer, da produção e do consumo, da ordem e da desordem, dos encontros e desencontros, do nós e dos outros, da inclusão e exclusão, dentre inúmeros elementos nos quais diferenças, semelhanças e contradições são a base de sua constituição.

Refletir a lógica que constitui a cidade é pensar sobre as instituições que a amparam, os agentes que atuam e as práticas que a materializam. Nas ideias de Lefebvre (1991), para a compreendermos de forma concreta é necessário trilharmos um caminho que a entenda como uma projeção da sociedade sobre um determinado local, sendo esse um lugar sensível, percebido e concebido pelo pensamento que definirá a cidade e o urbano. Dessa forma, a cidade jamais pode ser pensada como algo estático, livre de mudanças, pois os processos que a configuram estão sempre em movimento.

Neste sentido, o autor elenca três momentos essenciais para o entendimento do fato urbano, sendo o primeiro caracterizado pela ampliação do processo de industrialização, que, ao tomar conta da vida urbana preexistente, nega o social urbano em virtude do econômico. O segundo é marcado pela ampliação e generalização da sociedade urbana, que passa a ser vista como uma realidade socioeconômica dominante. E o terceiro é aquele em que essa realidade ganha novos contornos e conteúdos, no qual a tecnologia assume um importante papel ao alterar estruturas de forma cada vez mais ágil, encurtando distâncias entre os locais mais longínquos do planeta.

A informação, a rapidez dos veículos de comunicação e o conhecimento passam a exercer importante papel nas dinâmicas sociais desse período (fazendo jus a frase “informação é poder”); o uso da técnica em favor da reprodução do capital ganha força, a competição entre os sujeitos torna-se cada vez maior e o individualismo toma o lugar do coletivo.

Ligados a outras características, Lefebvre (1991), considera que tais elementos são partes integrantes do neocapitalismo perverso, embasado em uma lógica em que o espaço é tido como mercadoria, expressando-se em locais nos quais as distâncias estão sendo ampliadas de maneira contundente. Se antes nas cidades os espaços públicos proporcionavam relações mais diretas, na contemporaneidade rompem-se vínculos e afinidades. Ocorre, assim, a ampliação de relações por meio da tecnologia, concomitante à perda de relações mais próximas, o que, contraditoriamente, gera a sensação de insegurança.

O desenvolvimento do capitalismo alcança todos os cantos do planeta, rompendo limites até então estabelecidos e realizando-se em escalas cada vez maiores. A reprodução dessa dinâmica vai além dos aspectos meramente econômicos e políticos, visto que sua mundialização leva à promoção de novos valores, modos de vida e aspirações.

Nas ideias de Carlos (2007), têm se constituído atualmente uma nova urbanidade<sup>1</sup> caracterizada por um sistema de objetos e valores que têm modificado a programação constante dos tempos, interferindo na forma de se relacionar com o próximo, nos novos modos de morar e usar o espaço na cidade.

A rua, historicamente um importante símbolo dos encontros e histórias, cada vez mais, passa a ser o local da simples passagem, do consumo e do medo, ocasionando o não convívio entre diferentes e gerando preconceitos e estereótipos frente ao desconhecido.

A moradia vem aos poucos perdendo seu sentido amplo de satisfazer nossas necessidades biológicas e, sobretudo, sociais, dando lugar ao simples habitar, já que as relações de vizinhança e proximidade com o outro estão cada vez menos presentes em nosso dia a dia.

A utilização de objetos como *notebooks*, *smartphones*, além de possibilitar a desterritorialização via ciberespaço, tem sido o refúgio de muitos que se privam do convívio social, que passa a ser mediado, sobretudo, pela técnica. A mídia tem se colocado de forma incessante no cotidiano das pessoas, produzindo uma constante “sociedade do espetáculo”, na

---

<sup>1</sup> Embora a autora analise o contexto metropolitano, pensamos que boa parte dos elementos da nova urbanidade também estão presentes em cidades médias e pequenas.

qual a produção de objetos (mercadorias) se sobressai ao homem, que passa a ver essa alienação consumista de forma naturalizada e embasada no “[...] maravilhoso espetáculo do valor de troca” (CARLOS, 2007, p.78).

Esses exemplos são partes integrantes do processo de urbanização, que nos remete a compreender as “[...] modificações de ordem política sócio-econômica, as manifestações de caráter cultural e ideológico, as revoluções e contra revoluções, a ciência e o nosso cotidiano” (SPOSITO, 1993, p.35). A compreensão do mundo moderno nos mostra desafios a serem confrontados, decorrentes das rápidas transformações provocadas pela globalização. Assim, a Geografia tem o papel de estudar, dentre outros temas, as dinâmicas ligadas ao nosso cotidiano. Tornam-se fundamentais as pesquisas que revelem o modo como os vários elementos da nossa realidade têm relação direta com a reprodução do espaço.

Avançar neste debate é contrapor forças hegemônicas do modo de produção capitalista e desvendar os inúmeros elementos que estão envoltos na engrenagem que os movimenta.

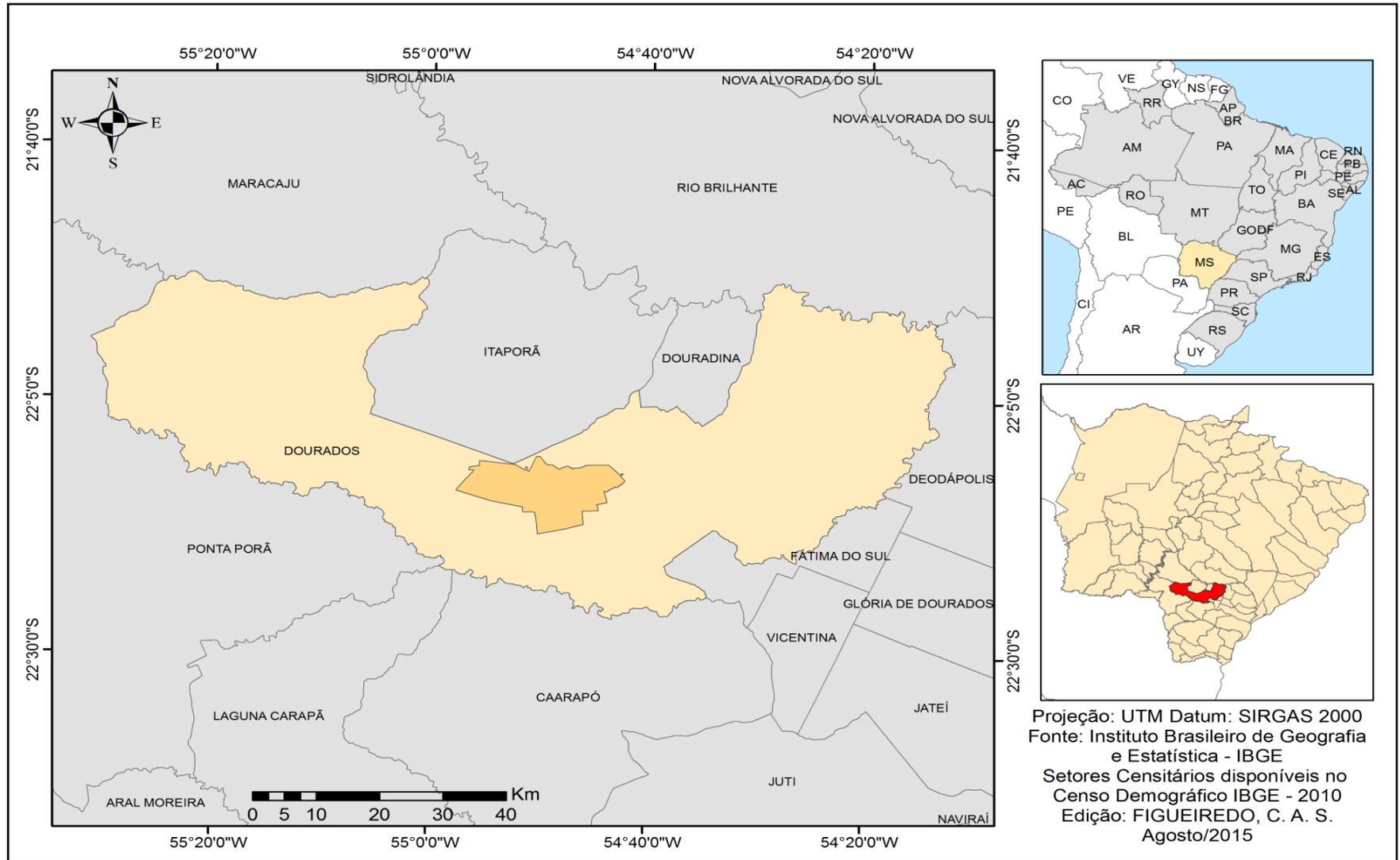
Partindo destas considerações e preocupações, iniciamos em 2012 um projeto de Iniciação Científica, ligado ao Programa de Educação Tutorial (PET, do Curso de Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD), que tratou um dos problemas que mais tem afligido a população atualmente: a violência urbana, problemática complexa, polissêmica, com causas multifacetadas e que tem ganhado espaços cada vez maiores nas discussões acadêmicas nos últimos anos.

Nosso lócus de pesquisa foi Dourados-MS<sup>2</sup> (Figura 01), segunda maior cidade do estado de Mato Grosso do Sul em termos populacionais, e que até então não possuía, sob a perspectiva da Geografia, pesquisas (mesmo que iniciais) referentes à temática. Como este tema possui um amplo leque de investigação, centramos nosso olhar nas ocorrências de roubos e furtos ocorridos em Dourados, entre os anos de 2007 a 2012, na tentativa de entendermos a espacialização desses casos, os períodos de maior ocorrência e o perfil dos infratores e das vítimas.

---

<sup>2</sup> Cidade localizada na porção sul do Estado de Mato Grosso do Sul, com uma população de 196.035 habitantes (IBGE, 2010).

**Figura 01: Mato Grosso do Sul. Localização do Município de Dourados (2015).**



A fonte utilizada foi o Banco de Dados da Guarda Municipal de Dourados, que, ao abrir as portas da instituição, nos possibilitou os primeiros contatos com as informações destas ocorrências, até então desconhecidas de nossa parte. Naquele momento, as dificuldades de divulgação e acesso a informações públicas já se denotava como um desafio a ser superado.

Por meio desse estudo, pudemos averiguar que a ocorrência desses casos seguia determinados padrões já assinalados por autores como Félix (2001), Francisco Filho (2004), Santos (2008, 2013) e Batella (2008). Ou seja, as ocorrências de roubos e furtos concentravam-se nas áreas de comércio da cidade, sendo seguidas pelos locais que concentram os estabelecimentos médicos e que, ao polarizarem um fluxo intenso de pessoas e capital, são alvos de tais práticas. Além disso, parte expressiva dos envolvidos nos crimes estava desempregada, em sua maioria homens e jovens. Por sua vez, as vítimas eram, preponderantemente, mulheres com idade superior a 30 anos.

Esse estudo, nos permitiu perceber que o conceito de violência não possui uma definição precisa e única; suas resultantes variam de acordo com a pessoa, com o tempo e com o local, sendo assim um fenômeno difícil de ser entendido, devido justamente a esse aspecto complexo, com vários significados, características e causas.

Para Michaud (1989) acontecem ocasiões de violência quando, nas interações sociais, um ou mais atores atuam de modo direto ou indireto, maciço ou esparso, causando transtornos a uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade.

Zaluar<sup>3</sup> (1999) considera o termo violência como qualquer emprego de força que ultrapassa limites, que ordenam relações, adquirindo carga negativa ou maléfica a indivíduos ou grupos. Somente com essas duas tentativas de definição observa-se a dificuldade de estabelecermos um parâmetro para violência. Contudo, podemos inferir que ela é resultante de um conjunto interligado de elementos.

Nas considerações de Pedrazzini (2006) devemos ter cautela ao analisar os fatos tidos como violentos, pois, não raro, indisciplinas cometidas por alterações no humor são consideradas como tal. Ainda de acordo com o supracitado autor, essa dinâmica tem de ser investigada nos dias atuais tendo em mente a conjuntura imposta pela economia liberal, altamente internacionalizada que tem a cidade como local de sua realização por excelência.

---

<sup>3</sup> Ainda segundo a autora, a violência ganha o status de problema social no final dos anos 1970, momento em que a mídia passa a tratar essa questão diariamente. Isso foi fundamental para as Ciências Sociais atentarem-se para a temática de estudo.

De modo geral, componentes sociais, ideológicos, espaciais e políticos agem mutuamente na instauração de uma sociedade marcada pela violência, na qual o modelo hegemônico de urbanismo impõe práticas que a adensam.

A partir desses questionamentos, desenvolvemos um Projeto de Mestrado que objetivava, em um primeiro momento, adensar a discussão sobre os casos de violência em Dourados, ampliando a busca por mais ocorrências de furtos, roubos e homicídios, sendo este último o caso extremo de violência contra a pessoa.

Com o início das disciplinas da pós-graduação, leituras e debates do grupo de estudos junto ao LEUA- Laboratório de Estudos Urbanos e Agrários - passamos a compreender de forma mais contundente que, embora seja importante, especialmente para a ação de políticas públicas, a simples espacialização desses fatos não seria suficiente para abarcar a complexidade socioespacial da violência. Muito pelo contrário, ajudaria a corroborar a clássica e precária associação entre violência e pobreza, pois por trás dos dados lineares quantitativos, que têm o poder de rotular e indicar determinadas tendências, naturalizando-as, há sujeitos e dinâmicas sociais bem mais complexas.

Considerando essas dinâmicas, mudamos nosso foco de análise dos casos de violência em si, para a questão da insegurança.

Desdobramento da violência real e representada, a (in)segurança<sup>4</sup> tem se tornado um tema norteador de muitas pesquisas que intentam estudar as cidades contemporâneas. Sua busca tem sido um processo central na sociedade atual, reverberando-se na promoção de novos *habitats* urbanos, como os loteamentos fechados, e o desenvolvimento de um *marketing* agressivo que oferece ao consumidor produtos de “segurança” dos mais variados feitos, (des)norteando escolhas e as relações entre os sujeitos.

Qual a relação entre os quantitativos de criminalidade e a sensação de (in)segurança dos moradores de Dourados? Qual o papel da mídia e dos promotores imobiliários nessa dinâmica? Que práticas socioespaciais estão atreladas à (in)segurança urbana?

Não há como tratarmos da insegurança sem considerarmos a segurança, termo que utilizamos de forma tão banal, que poucas vezes paramos para refletir sobre sua magnitude. De acordo com o Relatório do Desenvolvimento Humano (1994) temos direito à segurança, seja ela econômica, pública, alimentar, particular, urbana ou política.

Ainda de acordo com esse documento, o conceito de segurança humana está ligado a dois aspectos principais: um relacionado à segurança contra as ameaças crônicas como

---

<sup>4</sup> Neste trabalho, a utilização do prefixo “in” entre aspas, visa pontuar a contradição que envolve tal expressão, assim como seu caráter dialético.

doenças, fome e repressão, e outro à proteção contra mudanças nos padrões de vida, abarcando o emprego, a moradia e comunidades. A falta de qualquer um destes elementos já condiciona aos sujeitos uma situação de vulnerabilidade e insegurança.

Referência nos assuntos relacionados às formas de insegurança que a sociedade contemporânea tem passado, o polonês Zigmunt Bauman (2008) aponta que os tremores da existência humana acompanham o homem durante toda sua existência. Em nenhum momento da história estivemos totalmente seguros dos baques que nossos caminhos podem dar.

Após a Crise do Petróleo, em 1973, e a consolidação do Regime de Acumulação Flexível, a sociedade tem vivido uma modernidade líquida ou, conforme alguns denominam, pós-Modernidade, reflexo da globalização e dos preceitos neoliberais.

Se o Fordismo fora marcado pela dogmática divisão entre o projeto e a execução, redução das atividades do trabalhador a movimentos simples, enfadonhos, predeterminados, sendo avesso a toda criatividade e espontaneidade particular, com uma limitada rotatividade do trabalhador, o Regime de Acumulação Flexível, pautado, dentre outras características, na competição acirrada pelas melhores posições no mercado, precarização do trabalho e instabilidade financeira, instaura um momento em que não se tem mais segurança.

A instabilidade das relações econômicas se reflete ferrenhamente na sociabilidade, nas relações familiares, nos grupos de amigos e afinidades políticas, que acabam perdendo força em prol de relações voláteis, que mudam de aspecto constantemente em virtude de várias angústias, que vão desde o receio à pobreza ao desemprego, e da doença até a exclusão e a violência urbana.

O medo, a produção do mal e a exclusão social se edificam como efeitos colaterais, desdobrando-se em incertezas, angústias e no sofrimento de grande parte da sociedade, que passa a adotar mecanismos de proteção contra agentes “causadores” de insegurança. Logo, passamos a nos privar da liberdade por meio de mecanismos de não liberdade, que acabam reforçando a demanda por proteção e o sentimento de insegurança ao qual estamos sobrepujados.

Ligado a isso, o poder público, que deveria garantir o bem estar social à população, vem perdendo força frente ao mercado, que adentra as esferas que antes eram de sua competência, a fim de garantir sua hegemonia. Assim, os problemas de ordem social passam a ser comercializados, gerando graves implicações, pois somente aqueles que podem pagar por determinados serviços serão beneficiados.

As ideias de Baumam (2008) são fundamentais para entendermos o modo como o sentimento de (in)segurança tem relação direta com as práticas espaciais da sociedade na

atualidade. E, ao apreendermos o espaço como produto e condição histórico-social, há a necessidade de entender como as múltiplas determinações que o (re)definem vem efetivando-se. Isso nos leva a abarcar rumos que intentem envolver determinadas dinâmicas que, embora possuam particularidades ímpares, fazem parte da totalidade possuinte de articulações econômicas, políticas e culturais. Logo, embora os processos relacionados à (in)segurança urbana possuam elementos comuns ao contexto urbano, as características de cada local têm de ser postas em evidência.

Sendo assim, o leque de inquietações que nos motivam a realizar esta pesquisa incide em torno da inter-relação existente entre a cidade e as práticas socioespaciais que produzem múltiplas formas de experiências, apropriações e tensões cotidianas, em um plano que carece de debates que possam estabelecer articulações entre estas relações.

A cidade é, com isso, apropriada como recurso por vários segmentos ou grupos sociais urbanos, em escalas que excedem o local, e que têm produzido situações específicas de diálogos e conflitos, como o caso da sensação de (in)segurança.

Consideramos que a violência e a (in)segurança, amplamente divulgadas pela mídia e ratificadas pelos empreendedores imobiliários urbanos, sejam um dos elementos do processo de urbanização imprescindível de ser analisada. Nesta discussão, ao olharmos para a história do Brasil, constataremos que os processos que reproduzem a violência são, dentre outros, reflexos de um Estado que poucas vezes teve apreço por uma política urbana que lidasse com a gestão do uso e ocupação do solo de forma sólida. Ou seja, são resultantes de políticas públicas que estiveram direcionadas ao processo de reprodução do capital, em detrimento da reprodução dos sujeitos sociais.

Para Maricato (1995) a violência é um dos elementos importantes de uma dinâmica que tem, no funcionamento do mercado imobiliário, um expediente central de exclusão. A autora coloca que os anos 80 podem ser considerados como a década da explosão da violência e da insegurança urbana, que passam a apresentar números e dimensões até então nunca vistos no Brasil, em virtude do aprofundamento da pobreza e do desemprego que ocorreram neste período.

Assim, o aprofundamento da pobreza nos anos 80 faz com que a violência urbana apresente números e dimensão até então inéditos. Estamos nos referindo aqui à violência expressa por meio da criminalidade, em particular nos homicídios, mas é necessário lembrar que constitui expressão de violência a exclusão econômica, social, cultural, legal e ambiental (MARICATO, 1995, p. 42).

Numa sociedade caracterizada pela desigualdade entre os indivíduos, a questão da violência está constantemente ligada à delinquência oriunda dos mais pobres. Trata-se de uma concepção de classe que dá preferência à manutenção do patrimônio individual, à mercê da prioridade das questões trabalhistas, de acesso a renda, direito do trabalhador, saúde, educação, transporte público digno ao trabalhador, que dispendia/ dispende boa parte de sua vida no trânsito, dentre vários outros exemplos que elucidam a forma com que a violência está institucionalizada no Brasil.

O aumento dos homicídios, roubos, assaltos e sequestros ganha magnitudes tão graves a partir dos anos 80 que passam a fazer parte das experiências do cotidiano das pessoas, sejam aquelas que têm muito ou pouco a perder em termos financeiros. Essa dinâmica, evidente em contextos metropolitanos até poucos anos atrás, hoje está presente em cidades médias e pequenas, sendo, dentre outros, resultante do processo de globalização, que difunde rapidamente informações aos cantos mais remotos do planeta.

Embora as análises que tragam os dados quantitativos de criminalidade<sup>5</sup> sejam necessárias, é fundamental transpor o limite matemático, pois como já dito, o sentimento de (in)segurança é produto da relação direta entre os fatos concretizados e considerados violentos<sup>6</sup>, com um conjunto de agentes produtores de representações que alimentam a ideia de (in)segurança urbana. Logo, as dimensões objetivas e subjetivas se inter cruzam.

Os autores citados até o momento nos dão imprescindíveis contribuições acerca da violência, mas nenhum deles foca sua atenção a conjunturas não metropolitanas e a (in)segurança propriamente como o principal reflexo dessa problemática. Somente a partir do início dos anos 2000 começam a surgir estudos que ampliaram esse leque investigativo, deslocando-se para cidades médias, onde destacamos os estudos de Félix (2001) e Santos (2006, 2012), que se basearam fortemente em dados de criminalidade para delinear suas investigações sobre Marília-SP e Uberlândia-MG respectivamente, e de Sposito e Góes (2013) e Magrini (2013), cujo o centro de atenção foram cidades do interior paulista.

Essas três últimas pesquisadoras ampliaram seu objeto de análise para os reflexos da (in)segurança urbana nas práticas espaciais dos cidadãos e a forma como eles apreendem e vivenciam a cidades. A contribuição dessas autoras, somadas as outras leituras feitas preteritamente, foram indispensáveis para pensar e discutir o cotidiano no viés da

---

<sup>5</sup> Crime e a violência são termos distintos, pois enquanto o crime se caracteriza como ato que infringe regras sociais, previstas em lei, aproximando-se da concepção jurídica, tendo classificações específicas para cada ato cometido, a violência se consubstancia na transgressão dos preceitos sociais tidos como legítimos em determinado meio, tornando-se violento quando está acompanhado da utilização de força física com a finalidade de causar danos a outros. Assim diz respeito tanto à consumação quanto à ameaça de praticá-lo.

<sup>6</sup> Que podem ser, ou não, notificados junto aos Órgãos de Segurança Pública.

(in)segurança de cidades que há tempo atrás eram tidas como tranquilas e seguras, em contrapartida dos grandes centros urbanos.

Nesse bojo Dourados-MS também pode ser pensada como uma cidade onde a (in)segurança urbana tem ganhado uma notoriedade. Essa realidade é observada pela veiculação de casos relacionados à violência pela imprensa local (rádios, TVs, jornais impressos e online), por meio do aumento dos residenciais fechados que tentam a “tranquilidade e o bem estar” do morador e a consequente estigmatização de áreas tidas como violentas.

Com isso, esta pesquisa objetivou contribuir para a análise e compreensão de uma cidade média na perspectiva da (in)segurança. Buscamos, sem grandes ambições, problematizar o modo como o sentimento de (in)segurança tem alterado os conteúdos e apreensões da cidade pelos moradores.

De forma mais específica, pretendemos ainda apresentar alguns dados que raramente são disponibilizados publicamente, sendo eles o montante de roubos, furtos e homicídios, entre os anos de 2006 a 2014, tendo em mente que a estatística é um instrumento de fundamental importância para o Estado, colocando-se muitas vezes como um saber verdadeiro e que permite a ação do poder e o controle (FOCAULT, 2007) de determinados fatos. Exibir um conciso panorama a respeito da quantidade de empresas de segurança privada em Dourados (74 no total), indicando que a segurança individual está ganhando cada vez mais importância, em detrimento da coletiva, acendendo, assim, um sinal de alerta ao direito social à segurança.

Também buscamos discorrer, ainda que brevemente, sobre o papel da mídia, mais especificamente a imprensa jornalística, que ao veicular reportagens relacionadas aos casos de violência tem o poder de criar uma imagem de cidade insegura, nos adaptando a esta realidade e tornando-nos indiferentes aos dramas que se delineiam próximos a nós.

Por fim, porém não menos importante, buscamos tratar uma das dinâmicas em voga em Dourados e em outras cidades médias: o aumento dos novos habitats urbanos, pautados em residenciais fechados murados, vigiados e controlados por equipamentos de segurança e regras de padrão arquitetônico e sociabilidade, que aumenta ainda mais a segmentação e as distâncias da/na cidade. Nessa perspectiva, pesquisamos cinco residenciais fechados, de diferentes perfis sócio-econômicos, com a finalidade de estabelecermos parâmetros entre eles.

Para cumprir nossos objetivos, tomamos como procedimentos metodológicos:

- Revisão bibliográfica, buscando conhecer e analisar autores que trabalham com violência e (in)segurança urbana.

- Levantamento junto ao SIGO/MS - Sistema Integrado de Gestão Operacional de Mato Grosso do Sul<sup>7</sup> dos dados de criminalidade referentes a roubos, furtos e homicídios entre os anos de 2006 a 2014.
- Enquetes e questionários<sup>8</sup> visando o levantamento de informações referentes a (in)segurança, confiança nos órgãos de segurança pública e sociabilidade. Destacamos que os roteiros foram embasados em pesquisas realizadas por pesquisadores da ReCiMe – Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias, em cidades do interior paulista.
- Utilização de reportagens veiculadas pela imprensa local, sobre violência e (in)segurança urbana.
- Realização de entrevistas semiestruturadas nos loteamentos e residenciais fechados. Por meio destes procedimentos tentamos observar o modo como os moradores desses locais lidam com a (in)segurança em seu cotidiano, dinâmica que está atrelada ao convívio com os outros (dentro e fora dos empreendimentos habitacionais) e com a “cidade externa”<sup>9</sup>

Nesse sentido e levando em consideração tais preocupações, o presente trabalho está estruturado em quatro capítulos, conforme segue:

No **Capítulo I** trouxemos considerações conceituais referentes à temática de estudo. Para tal, nos baseamos em autores como Baumam (2008), Curbet (2008), Haesbaert (2010), Sposito e Góes (2013), Magrini (2013), dentre outros estudiosos que têm dedicado atenção ao entendimento dessa dinâmica e suas várias nuances, perpassando da violência urbana ao âmbito da (in)segurança urbana.

No **Capítulo II** discutimos alguns dados oficiais de crimes ocorridos em nosso local de pesquisa. Com a finalidade de dar voz aos sujeitos, buscamos apreender, por meio de relatos e aplicação de questionários, como os entrevistados têm percebido/vivido o medo e a (in)segurança urbana e a forma como moldam seus comportamentos e práticas socioespaciais.

Frente ao aumento expressivo de loteamentos fechados que prezam pela separação, controle e distinção social, e que utilizam da violência e insegurança urbana para promover sua venda, o **Capítulo III**, nos traz elementos para pensar essa problemática por meio das falas de moradores do empreendimento Ecoville Residence Resort<sup>10</sup>. Destacamos que a

---

<sup>7</sup> O Sistema Integrado de Gestão Operacional caracteriza-se em uma fonte de dados de criminalidade que integra a Polícia Militar, Civil e Federal do estado de Mato Grosso do Sul.

<sup>8</sup> Não utilizamos na aplicação dessas técnicas o rigor estatístico que requer dados embasados em amostragens apuradas.

<sup>9</sup> Termo condizente à cidade fora dos muros e grades dos residenciais.

<sup>10</sup> Primeiro empreendimento com estas características obteve sucesso de sua venda e estruturação no perímetro urbano de Dourados

consolidação dessa nova forma de morar impõe novos usos e contato social, aumentando o espraiamento do tecido urbano e a segmentação das relações sociais.

Por sua vez, no **Capítulo IV**, também efetuamos uma investigação em empreendimentos fechados dotados de mecanismos de segurança privada. Contudo, focamos nosso olhar em residenciais viabilizados pelo Programa de Arrendamento Residencial (PAR) e pelo Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV) e que, por isso, possuem um público formado por segmentos da população com poder aquisitivo menor, refletindo-se em dificuldades na implantação equipamentos e normas mais rígidas de acesso ao local. Com isso, mesmo que eles tenham sido implementados seguindo a lógica dos loteamentos fechados, há diferenças relevantes entre eles e que devem ser problematizadas.

Nas **Considerações Finais** destacamos que a compreensão do modo como práticas espaciais seletivas e individuais têm ocorrido é fundamental para revermos posicionamentos e agir no processo de superação de preconceitos, estigmas e segmentação da cidade, uma vez que estes são conceitos construídos. Isso significa que as mais variadas visões da realidade se baseiam em aspectos que traduzem imagens e discursos vinculados às estratégias ideológicas, de interesses ou manipulações.

Por fim, trazemos os **Referenciais Bibliográficos, Apêndice<sup>11</sup>** e os **Anexos**.

---

<sup>11</sup> Destacamos o “Apêndice A” no qual trouxemos um levantamento dos trabalhos acadêmicos, dissertações e teses, referentes ao tema violência e insegurança, publicadas entre os anos de 2006 a 2014. Além disso, tendo como base o mesmo período, elencamos os trabalhos publicados em dois dos principais eventos da área, sendo eles, o Encontro Nacional de Geógrafos e Encontro Nacional de Pós-Graduação em Geografia. A abordagem desta temática no campo deste ramo científico é recente no Brasil, por isso todo esforço de elencar os trabalhos realizados é importante para tentarmos avançar nas reflexões-teóricas e metodológicas.

## CAPÍTULO I

### **A VIOLÊNCIA E A (IN) SEGURANÇA COMO VERTENTES DE ANÁLISE: AVANÇOS E DESAFIOS**

Neste capítulo trazemos um debate teórico a respeito da violência e (in)segurança nos dias atuais, temas que têm ganhado centralidade ímpar nos estudos urbanos contemporâneos, devido as mudanças que os mesmos têm inferido no processo de (re)produção socioespacial. Partimos da premissa que a violência deve ser compreendida como uma dinâmica que vai muito além de sua relação com dados de criminalidade, tendo de ser pensada a partir da relação espaço-tempo e das conjunturas políticas, econômicas e também individuais.

Não temos a pretensão de fazer um denso resgate teórico a respeito da gênese dos estudos sobre a violência, mesmo porque há no campo da sociologia autores de renome que o fizeram. Contudo, os referenciais teóricos apresentados nessa parte de nosso trabalho serão imprescindíveis para a leitura, análise, problematização, convergências e divergências de ideias perante as demais partes do texto. Acreditamos que a reflexão teórica seja necessária, tendo em vista, principalmente, a complexidade do tema e a recente preocupação da Geografia em abarcar este campo de investigação.

Cabe ressaltar que pensar o movimento de reprodução da vida urbana atual não é algo fácil. A complexidade das relações amplia-se contundentemente e dinâmicas do cotidiano passam a ganhar dimensões que precisam ser investigadas. Assim, a problemática urbana contemporânea é imbuída de conteúdos que assumem posição importante em nossas escolhas e caminhos diários, fazendo-nos reavaliar, de forma constante, estratégias espaciais e relações com o outro.

Dentre os elementos que se anunciam na vida moderna, destaca-se a violência urbana, dinâmica presente na vida das pessoas e cada vez mais atrelada a representações que se têm da vida nas cidades, sejam elas pequenas, médias ou grandes. Difícil de ser compreendida e conceituada, devido a seu caráter polissêmico, multicausal, multifacetado e ampla utilização no senso comum, a violência instiga há anos pesquisadores dos diversos ramos da ciência a pensar e debater as questões a ela ligadas, fato que convergiu em muitos significados distintos durante o tempo.

Aqui trouxemos as contribuições, concernentes à temática da violência, de Michaud (1989), Zaluar (1999) e Pedrazzini (2006), três importantes sociólogos que evidenciam a

pluralidade de interpretações sobre esse fenômeno. Em consonância com essas ideias, Misse (2006) enfatiza que as multiplicidades de atos violentos tendem a ser agregadas a um único conceito, o de violência urbana, que possui características difusas.

Para Arendt (1994) só há violência quando se perde o poder. Logo, ambos os termos aparecem como distintos (ao contrário do que muitos imaginam). Para elucidar a questão que a autora traz, podemos pensar nos governos; todos eles possuem poder institucional, ideológico e etc., mas, quando ocorre a falta desse poder devido à falta de apoio do povo, o uso da violência aparece como um mecanismo recorrente. A violência denota-se assim como um meio instrumental, necessitando de justificativas para ser empregada, diferentemente do poder que é algo nato aos governos.

De acordo com Chauí (2006) a violência aparece como algo que, por não ter medida nem limites, arrasa a natureza, o corpo, o espírito e a sociedade. Bordieu (2007) trabalha com a violência simbólica definida como o processo pelo qual as instituições hegemônicas impõem sua cultura aos dominados que, por meio de sua internalização e naturalização, passam a legitimá-la.

Temos ainda as formas de violência adjetivadas, como violência nas escolas, no trânsito, contra crianças e jovens, mulheres, idosos, negros, portadores de necessidades especiais. E por que não pensar na violência das emoções humanas, como os amores que vêm e vão? Da ação da natureza, através de enchentes do verão ou de abalos sísmicos, que afeta milhares de pessoas?

Em seu amplo aporte teórico sobre a condição espacial, Santos (2001) assevera que com o período “técnico científico informacional” e a conseqüente ampliação da globalização e do “sistema-mundo”, constituiu-se um período em que novos elementos são formados luz à tirania da informação e do dinheiro; dentre esses estão a violência estrutural e a perversidade sistêmica (2001, p.55).

A primeira [...] resulta da presença e das manifestações conjuntas, nessa era da globalização, do dinheiro em estado puro, da competitividade em estado puro e da potência em estado puro (SANTOS, 2001, p.55), cuja ligação promove novos totalitarismos e perversidades que, se antes situavam-se em escalas locais, agora detém natureza sistêmica. Basta pensarmos nos números da fome no mundo que, segundo a última edição do relatório anual sobre a fome “Estado da Insegurança Alimentar no Mundo”, realizado em 2015, chegou as cifras do 795 milhões de pessoas. O fenômeno dos sem teto está presente tanto em países desenvolvidos quanto subdesenvolvidos, em pequenas e grandes cidades.

Trazendo para a escala local, não faltam exemplos de como a violência estrutural ocorre em Dourados. Na luta pelo direito à moradia, por exemplo, não raro, sujeitos ocupam áreas da cidade (Foto 01), evidenciando que o direito à cidade e a segurança que ela deveria, em tese, proporcionar aos seus habitantes, tem sido cada vez mais negado à medida que as relações capitalistas de reprodução do espaço se adensam.

**Foto 01: Dourados-MS. Sem-teto ocupam área próxima ao bairro Jardim Clímax (2014).**



Fonte: QUEIROZ, 2014

Quando a violência passa a ser tipificada juridicamente é intitulada de crime, que, de acordo com o Artigo 1º da Lei nº 3.914 de 09 de Dezembro de 1941, é [...] “Toda infração penal que a lei comina pena de reclusão ou de detenção, quer isoladamente, quer alternativa ou cumulativamente com a pena de multa”.

Diversos pensadores vêm, ao longo da história, estudando a questão da criminalidade na sociedade. Porém, o método sociológico de Durkheim (2007) destaca-se ao conceber esta dinâmica como algo oriundo das condições econômicas, políticas e culturais de determinado contexto. Sendo assim, a criminalidade passa a ser tida como um fato social, que se resume a:

[...] toda maneira de fazer, fixada ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior; ou ainda, toda maneira de fazer que é geral na extensão de uma sociedade dada e, ao mesmo tempo, possui uma existência própria, independente de suas manifestações individuais. (DURKHEIM, 2007, p.13)

Sendo assim, fato social diz respeito ao conjunto de ideias, costumes, práticas e leis que aprendemos a partir da convivência com os outros seres humanos e que nos tornam um ser social. Estes fatos são: gerais, por estarem difundidos na sociedade; externos, pois são formados a partir de uma convivência fora de nós ou que não está ligada apenas ao indivíduo isoladamente; e independentes, como uma ideologia política que existe antes de nossa existência e até mesmo após nossa morte.

Dessa forma, o crime passa a ser apreendido como um dos elementos constituintes da sociedade, algo que, querendo ou não, é passível de ocorrência. A partir disso, Durkheim (2007) o caracteriza como um ato normal da sociedade, ganhando contornos patológicos apenas quando sua ocorrência vai além das taxas comuns de delitos ocorridos.

As práticas punitivas surgem como mecanismos que intentam coibir os crimes ou mesmo mantê-los dentro de um padrão de normalidade. Essa parte da teoria de Durkheim (2007) é alvo de críticas pertinentes, pois ao evidenciar o crime como algo comum à sociedade, há a tendência de naturalizá-lo, desprezando as várias condicionantes. Sendo assim, embora hoje saibamos das limitações da teoria sociológica do autor, ela possui referenciais fundamentais para estudos da insegurança e violência.

De acordo com Freitas (2002) na Teoria da Ecologia Humana, Escola de Chicago, o crime passa a ser estudado com mais ênfase. Os teóricos passaram a aliá-lo a outros elementos, como densidade populacional, analfabetismo e pobreza, pois esses problemas comumente eram observados em áreas com elevado grau de criminalidade. A utilização de mapeamentos de áreas violentas para o uso do planejamento urbano ganha peso por meio dessa corrente de pensamento, evidenciando uma semelhança com a vida biológica e comportamental, com forte influência do paradigma funcionalista.

Para Lefebvre (1968) no Marxismo o crime se encaixa na intitulada “teoria da marginalização do mercado de trabalho”, em que o crime é tido como um desdobramento da falta de valores morais e da carência de regras sociais, elementos que não faltam a sujeitos que possuem domínios emocionais. Dessa forma, as pessoas que não possuem as condições necessárias para satisfazer suas necessidades elementares são as mais propensas às várias marginalidades na tentativa de satisfazê-las.

O modo de produção capitalista é alimentado, dentre outros mecanismos, tanto por um exército de trabalhadores ativos quanto por uma leva considerável de desempregados. Essa condição é mais que necessária para manter o mundo do trabalho controlável, e estes mesmos

sujeitos expropriados do mercado são os mais suscetíveis a cometer crimes, haja vista a constante ameaça da fome, desespero e miséria.

O crime sempre foi visto, na conjuntura do capitalismo industrial, como uma atitude individualista e egoísta que vai contra aos movimentos coletivos dos trabalhadores que visam a luta contra a exploração dos proprietários dos meios de produção. Com isso, a ocorrência destes atos teria, na concepção de Marx, causas mais externas (relacionadas à exploração do sistema), do que internas psicológicas, conforme preconizavam algumas formas de conhecimento.

Observamos distinções entre as ideias de Durkheim e o marxismo, que leva em consideração os processos pautados na exploração dos sujeitos sociais como dinâmica que possui relação fundamental com a criminalidade.

Souza (2008) problematiza que o crime assume maiores proporções justamente no momento em que as relações capitalistas de produção se ampliam e ocupam os vários planos da vida social.

No Brasil, os preceitos contidos na Constituição de 1988 não foram suficientes para garantir a consolidação de uma verdadeira democracia, pois o país enfrentava (e ainda enfrenta) problemas como a rarefeita participação popular nas decisões, falta de controle democrático da violência, impunidades dos agressores e carência de controle, por parte dos governos civis, sobre as instituições de segurança pública.

Nesse amálgama de condições, junto com o aumento da violência urbana e a precarização das instituições que compõem o complexo penal penitenciário, ocorre no Brasil o adensamento de práticas de contenção de crimes, que leva grupos sociais a definirem a pauta da segurança pública como algo primordial para o país. Com isso:

O poder público procura investir no aumento do efetivo policial, sem mudanças significativas na estrutura das instituições de segurança pública; daí também o inevitável aumento dos gastos dos cidadãos e de empresas com segurança privada. A redemocratização do Brasil redundou numa sociedade fraturada pela desigualdade em instituições não transparente, debilitadas pela corrupção e numa paisagem urbana saturada. (SOUZA, 2008, p. 117)

A necessidade de consumirmos cada vez mais, devido ao rápido descarte das mercadorias e o status que possuí-las tem assumido atualmente, propicia desejos individuais pela posse que se sobrepõem aos interesses coletivos. Logo, a criminalidade exacerbada seria um dos reflexos da dívida social que o capitalismo infere, intermediado por fatores como a

ausência do Estado, a carência do modelo prisional e o adensamento dos individualismos sociais.

Há com isso, uma dinâmica marcada pelo medo, vinculada à criminalidade do cotidiano, sentimentos estes que geram impactos socioespaciais importantes de serem estudados, os quais serão empecilhos para o combate e enfrentamento de múltiplos fatores de injustiças sociais e má qualidade de vida.

Embora Souza (2008) trabalhe na perspectiva da metrópole, suas análises sobre a violência e insegurança podem ser muito bem empregadas na realidade das cidades médias e pequenas. Isso fica evidente ao tecer considerações sobre “áreas de risco”, locais comumente tidos como violentos, sendo alvos de sensacionalismos pela mídia, governo e senso comum. As áreas de riscos expõem claramente o preconceito contra o local de moradia dos mais pobres, haja vista que na atualidade são poucos os locais onde a sociedade se sente segura. Contudo, na hora de expor suas opiniões, são estas partes da cidade as mais lembradas, mesmo que nem os shoppings centers consigam ser muito seguros.

Temos ainda a violência amplamente difundida pela mídia (e que muitas vezes é “aumentada” com o intuito de ter repercussões maiores), da ação do Estado e das instituições públicas, das corporações que tornam o trabalho humano precário. Diante da variedade de significados que coloca sobre o mesmo conceito ações de nuances muito diferentes, Magrini (2014) atenta para a necessidade de reconhecermos que a violência manifesta-se a partir de diferentes “[...] atos, com intencionalidades, motivações, conteúdos, implicações e significados diferentes” (idem, p.85).

Desse modo, é fundamental delimitarmos claramente em nossas pesquisas de que violência estamos abordando, tendo em vista sua amplitude conceitual e a impossibilidade de a compreendermos de forma total, algo que nos leva a articular esse objeto de análise com suas dimensões históricas e socioespaciais, atentando-nos para as especificidades de cada período histórico.

Odália (1985) nos diz que ao observarmos a história veremos que a violência sempre esteve presente nas preocupações dos grupos sociais. Basta pensarmos na passagem bíblica de Gênesis, onde Caim mata seu irmão Abel devido a ciúmes e posteriormente foge com receio das consequências do ocorrido. No tempo dos “homens das cavernas” fazia parte do instinto a brutalidade física na busca pelo território de sobrevivência.

Nesse âmbito Sposito e Góes (2013) refletem que na Idade Média os muros ofereciam proteção às cidades e seus moradores contra grupos indesejados. Com a Revolução Industrial a violência é associada à presença de inimigos internos diversos como os pobres, inclusive

crianças. Dessa forma, a convivência entre diferentes segmentos sociais passou a ter ligação direta com a violência e insegurança.

Em caráter mundial, no século XVII, estratégias de controle social foram aos poucos sendo impostas das prisões às instruções de saneamento básico, dos hospitais aos manicômios. Aquilo que transgredisse regras delimitadas deveria ser contido em benefício da manutenção do sistema imposto, algo que, ainda que tenha obtido êxito, sempre possuiu frestas.

Hoje essas fissuras podem ser explicadas pela própria violência urbana, que em pequenas ou grandes proporções não consegue ser contida pelas instituições. Mudanças sempre em curso estão na base da leitura dessa dinâmica. Trabalhando com o conceito de violência no período de globalização atual, Wieviorka (1997) alerta que as mudanças ocorridas desde o fim dos anos 60 renovaram profundamente os significados e expressões desse objeto.

Para o autor, em 1970 e meados dos anos 1980 o terrorismo de extrema-esquerda queria aniquilar o imperialismo das corporações multinacionais, e o de extrema-direita instituir um ambiente de tensão adequado para um golpe militar. A partir de então a violência contra o Estado teve o objetivo de proteger os interesses econômicos e individuais de grupos mafiosos. O movimento operário entra em decadência e a relação “violência social – conflito estrutural de classe” perde sentido para a não relação social, que é impregnada de ódios culturais e raciais<sup>12</sup>.

A violência justificada por preceitos étnicos e religiosos denota-se como um dos vértices de renovação de suas características mais importantes; barbáries homicidas ratificam essa consideração. Wieviorka (1997) identifica que as percepções e representações sobre a violência também são um elo interpretativo, estando ligadas a ideia de um mal que deve ser combatido.

Ocorre que no âmbito filosófico a violência foi sendo deixada de lado pelos cientistas. A falta de discussões que intentassem romper o consenso de que era somente um fato a ser condenado transformou-a em elemento de percepção que funciona por excesso e carência, sendo o excesso composto pela aversão a diferenças culturais, religiosas, alteridades, e a carência relacionada à sua concomitante negação e banalização.

---

<sup>12</sup> O autor evidencia que nessa realidade a violência assume caráter subjetivo, sendo uma representação, cuja prática é eventualmente atribuída a grupos mais despossuídos economicamente.

Dessa forma, a dinâmica da violência pode ser pensada de forma multiescalar, perpassando o âmbito internacional (a partir, por exemplo, dos conflitos geopolíticos), nacional e local, onde o cotidiano se expressa como um elemento central a ser apreendido.

Ainda que seja fundamental elucidar as relações existentes entre violência e criminalidade, os crimes são somente uma das expressões das formas de violências as quais estamos suscetíveis. Sampaio (2015) nos ajuda nessa tarefa ao dizer que o processo de urbanização brasileiro se realiza como um processo violento, onde ocorre a imbricação de os vários agentes produtores do espaço.

Sendo o processo de urbanização expressão nata do progresso do capitalismo, ele é pautado em melhorias na vida individual, mas também em contradições que se adensam violentamente. Ao olharmos para a história nacional, as políticas urbanas foram embasadas em um planejamento que produziu valores de uso como palco imprescindível para a concretização dos valores de troca, que, para sua efetivação, possuem o mecanismo contratual, trâmite que pressupõe a estruturação de uma relação de equivalência, que se dá de maneira omissa, violenta e coercitiva.

Lefebvre (1977) apud Sampaio (2012) nos diz que a violência:

Permite a cisão entre esses dois momentos do ato de troca [valor de uso e valor de troca] e a preponderância do valor de troca. “O aniquilamento do desigual, do diferente, do conteúdo, isto é, a equalização do desigual, equivalência do não equivalente: tal é a lei da forma e sua força fundamental, ela mesmo fundamento do poder em geral em particular do poder político” (SAMPAIO, 2012, p. 114).

A crítica social que se estabelece perpassa assim o reconhecimento da violência nas relações de troca e, conseqüentemente, nas relações institucionais que, além de corroborar esse panorama, atuam para sua maximização. Logo, nesse vértice de análise a violência inerente ao processo de urbanização possui toda a racionalidade do capital, abarcando dinâmicas amplas, indo muito além da relação violência – criminalidade.

Com isso traçamos nessa parte inicial de nosso trabalho um panorama das diferentes abordagens do conceito de violência. A importância de sua delimitação talvez seja uma das grandes dificuldades a serem enfrentadas em nossas pesquisas.

### 1.1. Da violência à insegurança como objeto de análise

Até então pudemos observar que a violência possui um amplo leque interpretativo que possibilita trilharmos múltiplos caminhos teórico-metodológicos. Diante disso Sposito e Góes (2013) indicam um caminho possível a ser tomado, sendo ele a insegurança urbana, algo que envolve pensarmos as mudanças globais que estão em curso, bem como as relações objetivas e subjetivas que a constituem.

Porém, embora não seja pertinente desvalorizar a relação entre (in)segurança e violência, especialmente a criminal, trazer à tona objetos de análise que não são, na maioria dos casos, trabalhados pela “Geografia da violência” é fundamental para entendermos os novos conteúdos das cidades contemporâneas.

Navegar por esse objeto de pesquisa também nos direciona para um campo extenso de possibilidades de investigação. Por sua vez, isso nos leva a utilizar métodos que percorram em distintas áreas do pensamento, realizar recortes empíricos específicos de acordo com os objetivos almejados e, sobretudo, lidar com situações de conflitos e tensões inerentes a todo o processo de pesquisa.

Nesse sentido, propomos nessa parte do texto alguns dos elementos concernentes ao medo e à (in)segurança. Vale desde já frisar que embora o medo e a (in)segurança não sejam sinônimos, não há como pensá-los de forma separada, já que é a partir de nosso medo de ser excluído, rejeitado pelo próximo, de perder o emprego, de falar em público, da violência nas cidades, dentre outros, que a (in)segurança se estabelece.

Sposito e Góes (2013) nos colocam que a dinâmica urbana brasileira é imbuída por processos baseados na segregação, dinâmica que vem se ampliando nos últimos anos e adensando uma percepção crescente de (in)segurança, relacionada às infinitas mudanças que se expressam em nosso cotidiano. Como desdobramentos desse panorama, “estéticas” e “urbanismos do medo” aliados às práticas de preconceito contra os pobres e privatização dos locais públicos têm ganhado força.

Em Dourados isso pode ser verificado por diferentes leituras. Nas ruas da área central tem ocorrido a apropriação das calçadas por bares, restaurantes, vendedores ambulantes e camelôs. Grandes *outdoors* e letreiros eletrônicos invadem a paisagem. Para estacionar veículos nas vias dessa porção da cidade, é necessário pagar o que o sistema de cobrança exige, impossibilitando a livre circulação das pessoas pelos mais variados locais.

Loteamentos fechados são constituídos, muitas vezes em áreas distantes do centro da cidade, promovendo descontinuidades espaciais que aumentam os tempos de deslocamento e dificultam as interações entre os sujeitos.

Tem crescido assim, a renúncia de valores que asseguravam o espaço público e, neste conjunto de transformações, em que há o aprofundamento das desigualdades socioespaciais, cidades de diferentes tamanhos, funcionalidades e importâncias são lócus de reestruturações espaciais, que podem ser analisadas sob a esfera econômica, social, política ou cultural. Utilizando de Lefebvre (2013), consideramos o espaço como produto e produtor das relações sociais. Nesta ótica de análise, ele não pode ser concebido como o simples palco das relações sociais, mas sim como agente incessante nas relações das quais se origina, num processo sempre em movimento, repleto de idas e vindas, contradições e tensões.

Sendo produto social e histórico, a reprodução do espaço possibilita leituras direcionadas à dinâmica da vida social, marcada em tempos de globalização pela “[...] individualização da sociedade, pela racionalidade econômica, pelo aprofundamento das diferenças e pelo consumismo” (SPOSITO e GÓES, 2013, p.11). Desse modo, ao mesmo tempo em que há o avanço do capital, dos veículos de comunicação ou da “modernidade”, a (in)segurança<sup>13</sup>, decorrente de múltiplas instabilidades desse próprio avanço tecnológico, ganha peso.

A esse respeito há na literatura contemporânea um escopo de autores que trabalham mais diretamente com a temática da (in)segurança, dando-nos referenciais importantes a respeito da sociedade na qual estamos inseridos.

O mundo de incertezas e individualismos se estabelece; relações mais instáveis e flexíveis tornam-se normais; a facilidade da desconexão entre os sujeitos tira a responsabilidade de relacionamentos mais sólidos. Incertezas são mais recorrentes e, neste amálgama, ocorre o adensamento da sensação de insegurança e dos medos, que são refletidos em práticas socioespaciais. Com o fim do sistema feudal e início da modernidade nasce a esperança de um novo momento, marcado pelo término da escuridão, das surpresas. A modernidade seria “[...] o grande salto à frente: para longe desse medo, na direção de um mundo livre do destino cego e impenetrável- a estufados temores” (BAUMAM, 2008, p.08).

“A oportunidade de ter medo, estão entre as poucas coisas que não estão em falta em nossa época, altamente carentes em matéria de certeza, segurança e

---

<sup>13</sup> Neste momento da discussão, quando nos referimos ao termo insegurança, não estamos relacionando-a somente àquela atrelada a ocorrência e/ou crescimento das ocorrências dos casos de violência, mas sim às múltiplas inseguranças do mundo contemporâneo, às quais teceremos considerações posteriormente.

proteção. Os medos são muitos e variados. Pessoas de diferentes categorias sociais, faixas etárias e gêneros são atormentados por seus próprios medos; há também aqueles que todos nós compartilhamos.” (BAUMAN, 2008, p.31)

Os humanos conhecem assim uma forma de “[...] “medo de segundo grau”, por assim dizer, social e culturalmente reciclado, um “medo derivado” (BAUMAN, 2008, p. 09) caracterizado como o sentimento de ser suscetível a um perigo incessante; uma sensação de insegurança que estabelece reações rotineiras adequadas a um encontro imediato com o perigo, mesmo não estando tão diretamente propenso a ele. Há, segundo o autor, várias formas de perigo aos quais se tem medo, sendo estas inseparáveis da condição humana na modernidade.<sup>14</sup>

O que o autor nos leva a refletir é que essa dinâmica é parte integrante dos desenvolvimentos modernos que não ocorreriam tão rapidamente se o tema dos limites espaciais naturais fosse reprimido ao longo dos tempos pelos promotores do desenvolvimento, que historicamente passam ideias da tecnificação da natureza como a solução de todos os nossos dilemas.

A análise de Bauman (2008) nos leva a refletir sobre a natureza desigual dos efeitos do medo, pois temos de ter em mente que as consequências dessa conjuntura não atingem a todos da mesma forma, pois aqueles que podem pagar pela “segurança”, estão, de certa forma, em uma posição privilegiada em relação aos que não podem.

Basta refletirmos sobre a condição social que os segmentos de maior poder aquisitivo possuem. Obviamente, as chances daqueles que possuem maior poderio econômico para lidar com enchentes, furacões e determinadas doenças são superiores àqueles de menor condição

---

<sup>14</sup> O principal seria o medo e pavor da morte, considerado o arquétipo de todos os outros medos e a encarnação do desconhecido; ela aniquila os conhecimentos que aprendemos na vida, sendo por isso o “[...] irreversível... irrevogável e irremediável... O fim de tudo” (BAUMAN, 2008, p. 44).

Devido ao instinto de sobrevivência, os seres humanos compartilham com os outros animais este medo. Contudo, somente nós temos a consciência de sua inevitabilidade e por isso todas as culturas humanas utilizam mecanismos que objetivam tornar suportável a consciência da mesma, sendo o principal deles a ideia de que a morte não é o fim de tudo, mas sim a passagem de um mundo para outro, sendo isso um conforto necessário para os grupos humanos.

Entretanto, em uma sociedade marcada pela fluidez dos laços sociais, que terminam com certa facilidade, a morte é banalizada de tal forma que é encenada em nosso cotidiano, já que vivemos separações rotineiras. Sendo assim, vivemos uma morte metafórica (Bauman, 2008), que se expressa não na morte física, mas sim no medo da exclusão, tanto que investimos nossas atenções em relações marcadas por redes ao invés de parcerias. Acreditamos consolar a falta de companhias de qualidade pela quantidade, que se reflete em dissipações constantes e aumenta os medos do futuro.

Além do medo da morte, Bauman (2008) defende a ideia de que a confiança no uso da técnica para controlar a natureza não se consolidou. Desde a gênese da Era Moderna, a cultura humana tendeu a reduzir as áreas de ação da natureza, efetivando a oposição entre ambas e transformando a natureza em derivado negativo da cultura, que passou a controlá-la. Contudo, os reflexos ambientais negativos produzidos pelos seres humanos ocorrem de forma inesperada e imprevisível.

econômico-social. Logo, a luta de classes também se coloca como elemento intrínseco, fazendo-nos pensar que a segurança e a felicidade passam a ser pensadas como privilégios de poucos, passando a constituir uma das condicionantes que aumentam as desigualdades socioespaciais.

Todas as dinâmicas relacionadas ao medo até então citadas por Baumam (2008) convergem para análise da globalização negativa, definida pelo autor como uma nova ordem mundial pautada justamente pela abertura das fronteiras e limites, condicionantes fundamentais para a ampliação do mundo dos negócios, do crime e do terrorismo, mas não das instituições políticas e jurídicas.<sup>15</sup>

O medo se enraíza em nossos motivos e propósitos, estabelece-se em nossas ações e satura nossa rotina diária. Se dificilmente precisa de qualquer outro estímulo externo é porque as ações que incita dia após dia fornecem motivação, toda a justificativa e toda a energia exigidas para mantê-lo vivo. Baumam (2008) atribui à individualização humana a principal responsabilidade por esse estado de coisas.

Pode-se inferir que o medo é o sentimento das incertezas de nossa existência, sendo um elemento que se espraia de maneira difusa, dispersa e flutuante. Não tem hora, lugar e explicações plausíveis para se colocar diante de nós.

Assim, Baumam (2008) nos oferece questões pertinentes de análise para a nossa realidade, num momento em que os preceitos da liberdade ganham evidência. Paralelamente à flexibilização e à descentralização econômica, a precarização do trabalho toma o lugar da atuação do Estado na sociedade como um todo, e somos, cada vez mais, fadados ao descarte e às inseguranças que esta conjuntura condiciona.

Somos, assim, alvejados por inseguranças e fragilidades, e na tentativa de estabelecermos a segurança investimos incessantemente em qualificação profissional, adquirimos equipamentos de segurança privada.

Não há para Baumam (2008) a possibilidade de solucionarmos estes problemas de escala global com alternativas pontuais e pautadas na individualidade, pois isso só acirra esta dinâmica. Para o autor, é imprescindível reconduzir a globalização no caminho da satisfação das necessidades humanas de uma forma geral e equitativa, procurando evitar a produção de riscos, conflitos e inseguranças.

---

<sup>15</sup> A diminuição das políticas do Bem-Estar Social e o enfraquecimento da luta de classes por meio de sindicatos, que agem contra o individualismo, têm sido elementos que agem na sustentação da insegurança nos tempos atuais.

Partindo da mesma linha de pensamento de Baumam (2008), Curbet (2008) nos oferece importantes subsídios à compreensão da (in)segurança na sociedade contemporânea. O medo não se denota como uma dinâmica atual, haja vista que durante a história tem-se vivenciado várias angústias, sendo produzidos, inclusive, novos medos manipuláveis por determinados agentes na tentativa de consolidar seus interesses, principalmente aqueles corporativos.

Para o autor, embora haja uma infinidade de inseguranças, as preocupações de ordem local quanto à segurança pessoal (individual) – focadas quase exclusivamente na ameaça de ser vítima da delinquência – têm tomado os primeiros pontos da opinião pública e conseqüentemente das agendas dos governos, sejam eles federais, estaduais ou municipais. No entanto, de modo geral, não há uma tentativa, principalmente por parte do Estado, em debater a raiz dos problemas, mas sim, trazê-los à tona, tirando disso proveitos nos pleitos eleitorais, veículos de comunicação e do mercado.

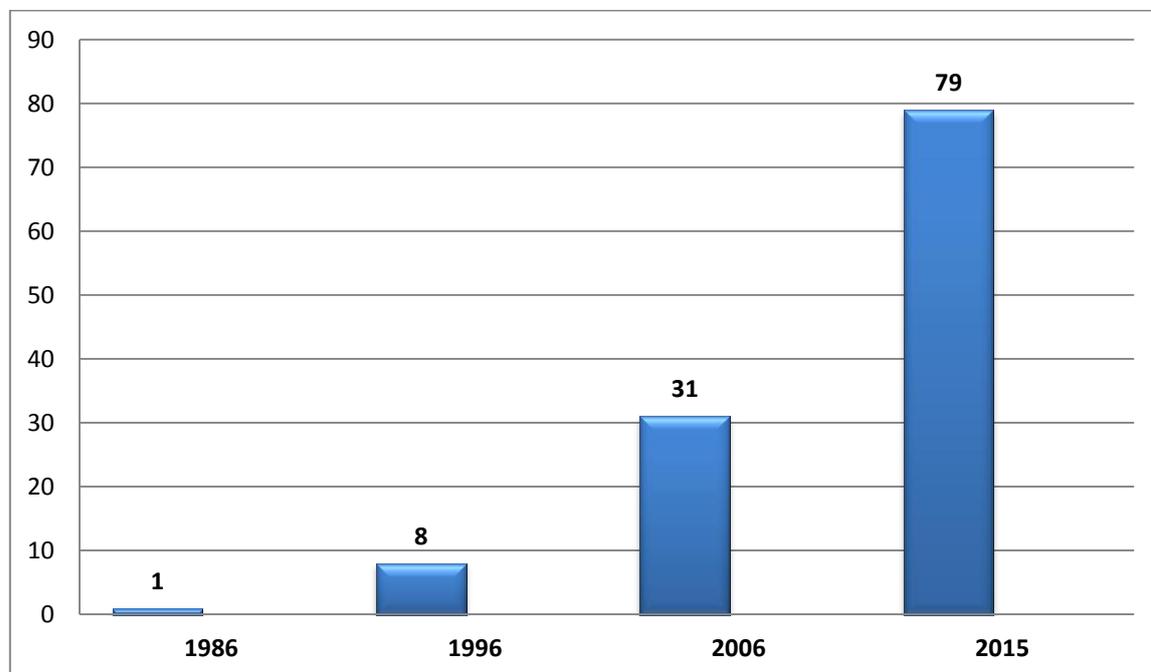
A economia de consumo, de fato, depende da produção de consumidores, e os consumidores necessários para o consumo de produtos contra o medo têm de estar atemorizados e assustados e, ao mesmo tempo, esperançados de que os perigos que tanto temem possam ser eliminados e de que eles mesmos sejam capazes de fazê-lo (com ajuda do seu próprio bolso, é claro).(CURBET, 2008, p.182)

Essa economia de consumo, que Curbet (2008) coloca em questão, pode ser trabalhada sob diversos prismas, mas talvez os números de investimento em segurança pessoal sejam um dos casos mais emblemáticos dessa dinâmica. Os números da evolução do mercado de segurança eletrônica no Brasil têm mostrado o desenvolvimento dos investimentos em equipamentos de segurança.

Dados da Associação Brasileira das Empresas de Sistemas Eletrônicos de Segurança atestam que de 2008 a 2014 houve um aumento de 79% na quantia de capital empregado. O país acompanha assim uma tendência mundial de securitização, e quando falamos do número de empresas do ramo estamos falando de 18 mil empresas atuantes no segmento de sistemas eletrônicos de segurança.

Em decorrência desse panorama e alinhado a novos padrões de consumo, Dourados vem recebendo investimentos significativos do setor privado de segurança. Como elucida a Figura 02, em 1986, havia na cidade apenas uma empresa ligada ao setor de segurança privada, saltando para 08 em 1996, 31 em 2006 e 79 em 2015.

**Figura 02: Dourados-MS. Evolução do número de empresas de segurança privada (1986-2015)**



Fonte: Junta Comercial de Mato Grosso do Sul, 2015.  
Org. FIGUEIREDO, 2015

Em face disso, por meio da concentração do debate em torno da (in)segurança pessoal à mercê daquela que trabalha com os aspectos específicos da insegurança global (ligados a globalização), ocorre a formulação inadequada do problema que se delineia, pois desviamos o olhar para dilemas pessoais e não coletivos.

Estaríamos lidando inutilmente com um problema que, de acordo Curbet (2008), se sustenta na “[...] confusão (em boa parte, como se viu interessada) entre a dimensão objetiva (a probabilidade de ser vítima de uma agressão pessoal) e a dimensão subjetiva (o vago temor à criminalidade)” (2008, p.184).

A dimensão objetiva da insegurança se pauta, assim, nas chances reais/estatísticas dos sujeitos serem vítimas de um ou vários tipos de delitos, ou seja, no risco real ao qual somos expostos ao perigo. Em face deste tipo de medo, ficamos alertas aos perigos instantâneos e a nossa integridade física, de modo que tomamos medidas prudentes de maneira rápida, na finalidade de mantermo-nos seguros.

A dimensão subjetiva da insegurança tem relação com um possível risco aos atos criminosos, não estando relacionada diretamente ao risco real de ser vítima, por exemplo, de

assaltos, roubos, homicídios. Tanto na dimensão objetiva quanto na subjetiva da insegurança, o mal-estar dos cidadãos que experimentam essas formas de medo tornam-se presentes, causando sérios danos à vida social destes sujeitos.

Ao mesmo tempo em que Baumam (2008) e Curbet (2008) analisam a insegurança como um dos elementos chave deste processo de flexibilização econômica e social dos tempos contemporâneos, Haesbaert (2010), analisando a condição do território, assinala que ao lado do discurso da fluidez e da desterritorialização, em que o lema do fim das fronteiras é amplamente divulgado, há o “[...] aparente fortalecimento de um processo inverso, o de uma nova proliferação de muros, cercas ou, se quisermos, de ‘fronteiras’ territoriais em sentido amplo” (2010, p.537).

Em nome da segurança, ocorrem vários tipos de cercamentos, que podem ser exemplificados por meio de vários casos.<sup>16</sup> Haesbaert (2010) considera a ideia do acirramento do perigo, riscos, descontroles e inseguranças, termos que devem ser sempre pensados na perspectiva dialética, já que para haver controle e segurança o descontrole e a insegurança também se evidenciam. Logo são termos marcados por serem indissociáveis e ambivalentes.

A sociedade de risco (Beck, 1997) se estabelece de tal forma que o constante “correr risco” talvez seja uma das particularidades mais comuns de nossos tempos. Estabelece-se uma economia da securitização (Haesbaert, 2010), calcada na produção incessante de novos riscos pelos indivíduos, a partir de determinadas experiências que vivenciam.

A dinâmica do modo de produção capitalista é engrenada pela ideia da criação de novos riscos, e na tentativa de evitá-los agimos atacando seus efeitos, mas não batemos de frente com suas causas.

Esse ato de nos esquivar, mesmo que parcialmente, dos problemas, limita nosso raio de ação, já que proclama o que não se deve fazer em detrimento do que se tem que fazer. Dessa forma, num mundo onde riscos e controles se evidenciam, estamos vivendo em uma sociedade de contenção, em que barreiras são criadas como mecanismo de redirecionamento da circulação, não ocorrendo assim o fechamento por completo de determinado local, à medida que se fecha de um lado e abre-se do outro.

Isto tem contribuído para o vertiginoso aumento de novos muros e cercas, cujos reflexos “[...] são muito relativos, mergulhados que estão, também, numa ‘sociedade do espetáculo’ em que, muitas vezes, vale mais a imagem do que o objeto enquanto

---

<sup>16</sup> O caso mais extremo diz respeito à Base de Guantánamo, local onde o governo dos Estados Unidos recorre a uma prática antiga de proteção por cerca eletrificada, instituindo leis de exceção, nas quais os prisioneiros não possuem os tratamentos normais, assim como qualquer outro detento dos EUA possui.

materialidade” (HAESBAERT, 2010, p.540). E essa criação de novos muros pode ocorrer em várias escalas, sendo elas a internacional (contenção entre as fronteiras internacionais), a regional e a local.

Esta última ganha importância fundamental para nosso trabalho, pois há no interior da cidade bairros que se fecham, como os emblemáticos loteamentos fechados, que nos últimos anos tem ganhado expressão em Dourados.

A esse respeito Haesbaert (2010) considera que, ao denotar-se como fronteiras muradas dentro das cidades, estas formas de moradia são caracterizadas pelos limites e não propriamente pelas fronteiras, pois ocorre uma “auto contenção” (protegida) dos grupos economicamente dominantes, como no caso dos condomínios Alphavilles<sup>17</sup> em São Paulo, caracterizados pelo altíssimo padrão arquitetônico das casas, rigorosas leis de controle de acesso ao local e uma ampla disponibilidade de serviços localizadas no interior do próprio condomínio, como lojas, cinemas e supermercados.<sup>18</sup>

O exemplo mencionado por Haesbaert (2010) não se limita a contextos metropolitanos. Em Dourados há o aumento dos condomínios fechados, marcados pela beleza de suas construções e grandiosidade de seus muros. Além de possuírem mecanismos de controle que “filtram” quem entra e quem sai, alguns encontram-se próximos à reserva indígena, que possui graves problemas sociais como violência e falta de segurança alimentar.

Não raro, esses mesmos indígenas prestam serviços domésticos e de jardinagem para os moradores destes residenciais. Para ter acesso a este ambiente eles têm de provar que não possuem antecedentes criminais, exigência que não é solicitada a engenheiros e arquitetos.<sup>19</sup>

Outro teórico que nos traz importantes considerações para o entendimento do medo e insegurança nas cidades através dos tempos é YuFu Tuan (2005), utilizando dos elementos da subjetividade para mostrar que o conceito de cidade é muito mais amplo do que seus aspectos concretos, abrangendo assim os desejos e percepções dos agentes que nela habitam durante

---

<sup>17</sup> O Grupo Alphaville possui um empreendimento em Dourados.

<sup>18</sup> Contraopondo essa forma de moradia, chegou-se à proposta da construção de muros para as favelas do Rio de Janeiro, na tentativa de estabelecer limites cada vez mais rígidos entre sujeitos de classes sociais diferentes, sendo os pobres estigmatizados como os responsáveis pelo medo e insegurança da/na cidade, algo que nos médios e pequenos centros também se evidencia.

Dessa forma para o geógrafo na maioria desses casos ficam caracterizados, ao mesmo tempo, processos de expansão e retraimento territorial. Por um lado, a expansão defluxos cada vez mais globalizados, como o do capital financeiro, mercadorias e informações e, de outro, as tentativas de retraimento por esse viés dos fechamentos na forma de ‘barragens’ físicas ou muros. (Haesbaert, 2010, p.541)

<sup>19</sup> Essa analogia pode ser comparada à sócio-dinâmica das relações entre estabelecidos e *outsiders* que Elias e Scotson (2000) nos demonstram. Os sujeitos que se encontram em uma posição estabelecida de “superioridade” podem induzir os que se encontram em situações inferiorizadas (sejam elas econômicas, políticas, nacionais ou culturais) a se sentirem desprovidos de qualidades positivas, indivíduos humanamente inferiores e, por isso, constantes alvos de constrangimentos e humilhações.

cada período e local da civilização<sup>20</sup>. O autor realiza um importante resgate histórico a respeito da forma como o medo está presente ao longo do processo de reprodução da sociedade.

De acordo com o autor, se as cidades foram construídas para promover segurança, sociabilidade e coletividade aos grupos humanos, elas vêm sendo, ao longo da história, local da violência, do caos e o medo, adensados pelas características natas do processo de urbanização pautado nos preceitos do modo de produção capitalista, que concretiza um espaço marcado pela descontinuidade, fragmentação e exclusão, tornando-se um local favorável a atos de violência e a disseminação da insegurança.

Assim, devido ao medo da diferença, a sociedade tem criado paisagens que evidenciam seu controle; daí o aumento das novas formas de habitats urbanos, arquitetadas como verdadeiras fortalezas que objetivam proporcionar “proteção” àqueles que podem pagar.<sup>21</sup>

Essa realidade ganha contornos ainda mais sérios quando pensamos no modo como pobres, jovens e negros, são alvos das mais variadas formas de preconceito e atos de violência. Em estudos realizados por Cardia (1994), cerca de 47% da população do país é a favor de que os tribunais aceitem provas obtidas mediante tortura policial. Num país onde a lei não é para todos, são os segmentos sociais de menor poder aquisitivo que sofrem com esta dinâmica.

São cada vez mais presentes as intervenções urbanas que têm limpado áreas e mais áreas dos pobres, jogando-os para longe do acesso de vários equipamentos e serviços como saúde, educação e transporte público. Todas estas questões estão associadas ao desenvolvimento da ideologia da pobreza, que a incube como a responsável pelos males da sociedade, algo que para as elites econômicas configura-se como um dos elementos que contribuem para a manutenção de seus poderes hegemônicos.

---

<sup>20</sup> O medo e insegurança que a sociedade contemporânea possui não são, necessariamente, os mesmos de cinquenta anos atrás. Nesta mesma lógica, os países de cultura ocidental podem deter determinados medos que as sociedades orientais lidam de uma melhor forma.

<sup>21</sup> Nesse panorama, em que as diferenças se estabelecem de maneira contundente, as necessidades básicas da população, tais como saúde e habitação, não são prioridade, e os pobres têm sido estigmatizados como aqueles que trazem consigo o mal, a violência e a precariedade. Ideia esta que, de acordo com Tuan (2005), foi propagada nos países europeus desde o século XIX, em que, com o respaldo da ciência, os menos favorecidos economicamente eram os verdadeiros responsáveis pela proliferação das doenças e moléstias que assolavam as cidades. Na história da urbanização brasileira, esse fato ocorreu na cidade do Rio de Janeiro, onde a população mais pobre sofreu como portadora dos miasmas (pois estavam mais propensos às doenças devido às más condições de vida, e não necessariamente por serem pobres), sofrendo com as remoções da área central e recebendo sobre si o descaso das autoridades públicas. Mesmo de forma diferenciada, essa maneira de pensar ainda hoje tem seus reflexos em nossa realidade e tem ganhando contornos muito graves; basta pensarmos na criminalização da pobreza, em que os pobres também são tidos como a causa principal de casos de violência.

O medo, para Tuan (2005), se configura, assim, em imaginários, em paisagens do medo, sendo resultados da construção social. Nesse âmbito, os elementos culturais de cada grupo estudado devem ser levados em consideração. Para o autor, as paisagens do medo são muito diversificadas e podem ser tidas como desdobramentos das forças atuantes que levam ao caos.<sup>22</sup>

Dessa forma, para Tuan (2005), as paisagens do medo podem ser caracterizadas como:

Infinitas manifestações das forças do caos, naturais e humanos. Sendo forças que produzem caos onipresentes, as tentativas humanas para controlá-las são também onipresentes. De certa, forma, toda construção humana mental ou material - é um componente da paisagem do medo, porque existe para controlar o caos (p.12)

O arranjo de uma paisagem do medo nas cidades brasileiras possui constituintes natos aos grandes centros, que possuem tanto elementos parecidos quanto singularidades presentes em suas relações cotidianas. O medo das/nas cidades são os “outros” sujeitos. Contudo, quem são esses sujeitos? Quais são suas formas e conteúdos?

Pesquisas realizadas por Caldeira (2000) assinalaram que em São Paulo esses sujeitos eram os migrantes nordestinos. Em Salvador (BA), o Relatório de Desenvolvimento Humano (2010) constatou que eram os negros, mesmo sendo essa a cidade com maior porcentagem de população negra do Brasil. Essa visão também implica as formas concretas alusivas aos lugares de moradia destas populações, sendo representadas por casas geralmente inacabadas, ruas em forma de becos e alta presença de negros. Construímos, assim, fronteiras, limites, na tentativa de controlar as forças que nos colocam medo.

É importante colocar que a discussão proposta por Tuan (2005) vai muito além dos aspectos materiais, encaminhando-se para a discussão referente ao imaginário criado sobre determinados objetos e sujeitos. Dessa forma, as proposições de Tuan (2005) nos colocam diante dos mitos, poder-se-ia dizer, imaginários, criados em torno de determinadas sujeitos, objetos e ações, sendo indispensável interrogar as formas como são olhados e quais

---

<sup>22</sup> Na tentativa de driblarmos essa desordem adotamos uma série de medidas que almejavam o refugio, o refúgio e o alívio, pelo menos de forma temporária. Essas medidas vão desde a leitura nos contos de fadas, lendas e leituras filosóficas até a construção de verdadeiras fortalezas repletas de mecanismos que aspiravam a segurança.

características positivas ou negativas são apreendidas em cada período histórico das dinâmicas estudadas.<sup>23</sup>

Como parte integrante das experiências que possuímos durante a vida, a percepção também representa, para Tuan (1983), uma das noções essenciais para entender a vida social. Sendo resultado dessas experiências que temos do mundo aliado à imaginação e aos sentidos cognitivos<sup>24</sup> (olfato, audição, visão, paladar), ela configura-se no ato de ampliarmos nossa visão de determinadas dinâmicas, percebendo-as de acordo com as imagens, sons e impressões às quais estamos sobrepujados.<sup>25</sup>

Trouxemos à tona estas noções que permeiam a obra de Tuan (2005), pois são importantes para o entendimento da (in)segurança da qual somos alvo, principalmente no que diz respeito às paisagens do medo, que tem adensado sua ocorrência nas cidades brasileiras. Sendo assim, podemos questionar: qual a percepção de violência para a população de determinado local? Quais objetos nos levam a pensar no medo, na (in)segurança ou na proteção?

Longe de tentarmos responder essas indagações, o que nos parece fundamental asseverar é que essas paisagens que Tuan (2005) nos coloca estão se tornando comuns em nossa sociedade, incidindo-se no plano espacial. Locais antes públicos, assim como o próprio ato das conversas com nossos vizinhos em “frente de casa”, têm sido esquecidos devido à quantidade de afazeres e ritmos acelerados que a sociedade consumista impõe e, pelos medos diários, que fazem com que os sujeitos se isolem em suas próprias residências.

Apresentamos, assim, alguns autores que, embora possuam diferenças importantes quanto às suas matrizes epistemológicas, têm centrado atenção na questão da insegurança, sem limitar à relação insegurança-violência. Quando nos voltamos às leituras,

---

<sup>23</sup> A visão que possuímos de determinados equipamentos coloca-se como fator imprescindível para analisar os medos que a sociedade possui. Os jardins planejados, por exemplo, representam para boa parte da sociedade um ideal de paisagem calcada na paz e harmonia. Porém, mais que um simples signo de beleza e serenidade, eles são símbolos de determinada cultura<sup>23</sup>, e para que isso ocorra, as experiências, percepções e atitudes de cada sociedade perante estes objetos tem de ser levadas em consideração.

É por meio das inúmeras experiências de vida que teremos ou não a capacidade de tomar determinados posicionamentos e colocações; de apreender, ou não, as dinâmicas que movimentam as engrenagens da sociedade. É por meio delas que territórios e lugares são redefinidos, limites são rompidos e utopias são revigoradas (ou diminuídas). Cada indivíduo é único a partir das experiências que detém de sua jornada. Não há Geografia sem as experiências que os sujeitos construíram ou sem suas visões de mundo obtidas a partir de suas experiências, que são únicas, mas que também se dão de maneira que refletem em atitudes coletivas.

<sup>24</sup> Os sentidos detêm importância fundamental nos estudos de percepção, já que são por meio deles que se estabelecem as intermediações de nossas experiências de mundo.

<sup>25</sup> É a partir das experiências de vida e das percepções que temos de determinadas questões que o ser humano, em sua individualidade e coletividade, tomará suas atitudes, ou seja, um posicionamento material diante o mundo, ou ainda (mas não necessariamente) suas práticas socioespaciais. Ambos os elementos citados não podem ser vistos como elementos isolados entre si e muito menos como a-históricos, pois as experiências, percepções e atitudes de cada época são modificadas de acordo com os padrões estabelecidos.

compreendemos a necessidade de convergir suas ponderações nos estudos desta dinâmica, que até pouco tempo atrás era observada de modo mais contundente em cidades de grande porte demográfico.

Com isso, modificam-se as práticas socioespaciais, entendidas, de acordo com Gomes (2002), como o conjunto inseparável entre as formas e conteúdos sociais e espaciais, abrangendo as relações que os sujeitos estabelecem entre si e com a cidade. A (in)segurança tem sido, desse modo, um dos elementos imprescindíveis para a ocorrência de novos valores e práticas urbanas que tendem ao esfacelamento da cidade, aumentando e acirrando distâncias.

Esse processo assinalado também por Souza (2008) também fora assinalado por Caldeira (2000) na cidade de São Paulo, onde as altas taxas de criminalidade, aliadas à descrença da sociedade no Estado, acirraram processos de segregação socioespacial, principalmente por meio dos “enclaves fortificados” por muros e equipamentos de segurança. A autora também analisa a criminalização dos pobres e as dificuldades do direito à justiça. Ligado a isso há a informação, por parte da imprensa, do Estado e dos promotores imobiliários, de que a violência está presente em todos os “interstícios do espaço”, havendo assim a necessidade de nos protegermos a qualquer custo.

Os discursos do crime constroem, assim, uma modificação simbólica do mundo, “[...] elaborando conceitos e naturalizando percepções de certos grupos como perigosos. De modo simplista, divide o mundo entre o bem e o mal criminaliza certas categorias sociais” (CALDEIRA, 2000, p 10). Este discurso alimenta o imaginário do medo e da insegurança que nem sempre têm relação direta com os índices de criminalidade, que podem até estar em baixa numericamente, mas mesmo assim continuam ocupando os holofotes.

Bairros com ausência de infraestrutura, locais com pichações, construções inacabadas, pontos da cidade sem movimento ou mesmo agrupamentos de adolescentes nas ruas podem gerar insegurança. Logo, aspectos da subjetividade estão muito presentes nesta discussão, e aliar a sensação de insegurança meramente às taxas de criminalidade é tratar a questão de forma muito simplista e linear.

A violência também pode ganhar sentidos que não condizem com a realidade, pois dependendo da forma como é tratada, pode ser adensada ou minimizada. O típico exemplo da mídia nos mostra que nos constantes tratamentos sensacionalistas há a disseminação de violência representada, mas não a real. Essa indicação é essencial para nossa pesquisa, haja vista a necessidade de entendermos quais os elementos que tem. Dessa forma, imbricações entre violência e insegurança são fundamentais, contudo limitar o estudo apenas a essa relação é algo que remete a generalizações e limitações no plano teórico.

Em 2010 o Instituto de Pesquisa Econômica (IPEA) publicou o primeiro relatório das investigações referentes ao Sistema de Indicadores de Percepção Social (SIPS) sobre segurança pública, com alguns resultados que merecem ser evidenciados.

Por meio de questionários (total de 3.799), realizados em todas as regiões do Brasil, os resultados da pesquisa mostraram que o medo é um fator que agrava a qualidade de vida da maioria da população pesquisada, conforme salienta a Tabela 01.

**Tabela 01: Brasil. Medo da população brasileira (2012)**

<b>BRASIL</b>	<b>Muito Medo</b>	<b>Um pouco de medo</b>	<b>Nenhum medo</b>	<b>Total</b>
Medo de assalto à mão armada	62,3%	25,5%	11,9%	100,0%
Medo de assassinato	62,4%	23,2%	14,0%	100,0%
Medo de arrombamento residencial	61,6%	25,3%	12,7%	100,0%
Medo de sofrer agressão em via pública	54,5%	26,9%	18,2%	100,0%

Fonte: Pesquisa SIPS – IPEA.

Org.: FIGUEIREDO, 2015.

Quando a pesquisa avalia o grau de confiança nas instituições policiais, os resultados mostram que há uma descrença frente ao trabalho das mesmas. Trouxemos os dados referentes à polícia militar, por possuir o maior efetivo em escala nacional, conforme mostra a Tabela 02.

**Tabela 02: Brasil. Confiança nas instituições policiais (2012).**

<b>BRASIL</b>	<b>Confia muito</b>	<b>Confia</b>	<b>Confia pouco</b>	<b>Não confia</b>	<b>Total</b>
Polícia Militar	6,2%	31,3%	40,6%	21,4%	100,0%
Polícia Civil	6,0%	32,6%	39,6%	20,6%	100,0%
Polícia Federal	10,5%	40,4%	31,4%	14,5%	100,0%
Polícia Rodoviária Federal	8,9%	40,6%	31,2%	15,2%	100,0%

Fonte: Pesquisa SIPS – IPEA

Org.: FIGUEIREDO, 2015.

Mesmo que os dados das duas tabelas anteriores sejam de caráter nacional, eles elucidam a forma como sentimentos como medo e confiança<sup>26</sup> andam abalados para uma parcela significativa da população, e que por isso ganham posição central em alguns debates do cotidiano<sup>27</sup>, principalmente na mídia.

Em estudos referentes a contextos não metropolitanos, Magrini (2013) nos indica que há na sociedade representações diferenciadas sobre a cidade, e estas representações, que podem ser convergentes ou divergentes, têm relação com o tipo de práticas espaciais que ocorrem. Para a autora, há, na sociedade contemporânea:

[...] conjunto de representações sociais – pautadas em discursos e imagens – que levam ao reconhecimento das cidades como espaços em que as relações cotidianas são mediadas pela insegurança de seus moradores. Assim, destacamos seu uso metafórico, posto que não são as cidades e seus espaços em si, que são inseguros, mas os cidadãos que lhes apropriam e representam. (MAGRINI, 2013, p. 55)

Nesse sentido, a insegurança existe tanto no campo simbólico quanto nas práticas que tomamos a partir dela, que vão desde a ação de passarmos por determinadas ruas até o emprego de estigmas e preconceitos contra o outro. Com isso, há um conjunto de agentes que agem para a consolidação do imaginário das cidades inseguras.

Iniciaremos com a mídia, meio que veicula diariamente discursos que atestam aumento demasiado da violência urbana; basta observarmos o destaque que o segmento policial possui nos jornais impressos, eletrônicos e televisivos. Comumente dados atualizados dos índices de criminalidade são informados juntamente com a opinião de especialistas do assunto, contribuindo para a edificação do problema da violência como uma dinâmica geral, latente e alarmante.

Outro agente que atua na propagação das cidades inseguras são as empresas de segurança privada. Contando com desde serviços de vigia à comercialização de equipamentos modernos, muitas vezes de alto custo, a ação destas agências molda a paisagem das cidades e condutas dos habitantes que habitam-se a um cotidiano assinalado por suspeitas e ameaças. A radicalização da indiferença entre o público e o privado é frisada nesta conjuntura, já que cada um procura uma defesa individual.

---

<sup>26</sup> A pouca confiança, neste caso, evidencia uma questão muito grave no contexto brasileiro, que é a descrença nas instituições policiais no combate a violência.

<sup>27</sup> Analisando a questão da violência no Brasil, Zaluar (1996) nos mostra que a partir da década de 1980 o país passa a ser visto como piores do mundo em relação as mortes de crianças e adolescentes ligadas a violência. Dentre as várias causas que aumentam a intensidade desta problemática, (como tráfico e consumo de drogas, desestrutura familiar, desemprego estrutural) a descrença da população brasileira frente à corrupção e atrocidades de determinados atos das instituições policiais é um dos elementos mais graves desta questão.

A segurança privada surge como estratégia que possibilita manter a segurança pessoal e material, numa época de avanço da criminalidade e de descrédito da população diante das instituições incumbidas em sustentar a ordem e controlar os conflitos. Há, então, a mercantilização de um problema social e de atividades que antes eram obrigações do Estado.

Temos ainda os promotores imobiliários, responsáveis em alavancar a venda de formas de morar pautadas no acesso controlado como residenciais fechados, shoppings centers, clubes privados, dentre outros. Há ainda o Estado, na instância das instituições de segurança pública, que influencia no modo como os cidadãos lidam com a (in)segurança urbana, por meio de ações muitas vezes repressivas que repartem os cidadãos entre vítimas e agressores, pobres e ricos, pobres bandidos e pobres trabalhadores.

E por fim, os cidadãos, por considerarem que a violência tem crescido em todas as cidades (sejam elas metrópoles, médias ou pequenas), passam a adotar estratégias marcadas pelo controle, seja por meio dos próprios investimentos em equipamentos eletrônicos ou através de ações que evitam determinados locais, representados como perigosos e inseguros.

Isso fica bem claro em Dourados, onde a atuação de vários agentes tem evidenciando a sensação de insegurança: seja a mídia local, que adensa esta sensação por meio de sua atuação, ou pela construção de novas formas de morar, por meio dos loteamentos fechados destinados tanto aos segmentos sociais de maior ou mesmo de menor poder aquisitivo.

A percepção da insegurança é formada, assim, por um conjunto de elementos que rompe as barreiras da violência em si. As ações dos agentes, que a Geografia nos traz, nos mostram como os conteúdos relacionados à insegurança são dirigidos e manuseados para obtenção de determinados objetivos. Isso reflete em uma linearização da insegurança em cidades de realidades distintas, seja em tamanho demográfico ou funções na rede urbana.

As propostas trabalhadas pelos autores citados, nos indicam a necessidade de aprofundarmos os questionamentos em torno desta realidade de forma multidisciplinar, recorrendo, conseqüentemente, a várias metodologias de pesquisa.

## CAPÍTULO II

### A VIOLÊNCIA E A INSEGURANÇA NA CIDADE DE DOURADOS-MS

Anteriormente discorremos sobre as várias acepções de violência. Seu caráter polissêmico, sem dúvida, traz complexidade à análise. Daí a importância de recortes bem definidos, a fim de evitar simplificações e generalizações. Com isso, a ideia de (in)segurança urbana ganha peso em nossas investigações, pois, além de sua relação com a criminalidade, traz consigo as mudanças que têm ocorrido internacionalmente onde a individualidade e medo do outro, a privatização dos espaços públicos e coletivos e a liberalização e flexibilização econômica ganham posição importante no âmbito das relações sociais.

Nesse momento, voltaremos a atenção para nosso lócus de investigação, a cidade Dourados, trazendo uma breve explanação de suas características histórico-geográficas e alguns dados de criminalidade importantes de serem debatidos.

Posteriormente, explanaremos os resultados de parte de nossa investigação de campo realizada no centro tradicional da cidade e pautada na aplicação de enquetes e perguntas “rápidas” aos abordados. Os resultados nos dão indícios de como nossa conjuntura marcada pela insegurança possui heterogeneidades, mas também convergências com pesquisas sobre outras realidades.

#### **2.1. Dourados-MS: breves apontamentos histórico-geográficos**

Não há como estudar a cidade da/na atualidade sem nos debruçarmos sobre os vários conteúdos que o processo de urbanização tem imprimido. Logo, compreender as relações entre espaço e tempo torna-se fundamental.

Quando consideramos Dourados, percebemos que o incremento de seu processo de urbanização tem relação com as políticas do Estado, via as estratégias de integração nacional, que pretendiam ocupar os “espaços vazios” da porção oeste do Brasil, na tentativa de criar um “Brasil novo”, com valores sociais, econômicos e culturais modernos.

Com esta pauta estratégica, o governo do então presidente Getúlio Vargas consolida a campanha Marcha para o Oeste, com a finalidade de desenvolver os locais marcados pelo vazio demográfico por meio das Colônias Agrícolas Nacionais (CAND)

Em 1944 fora criada a Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND), responsável por modificar a estrutura do município, ocorrendo, além do crescimento demográfico, uma dinamização econômica importante. Nesse momento Dourados começa a assumir novos papéis dentro de sua rede urbana, por congregarem alguns serviços que as cidades do entorno não possuíam.

Calixto (2011) nos coloca que, já na década de 1960, Dourados exercera um papel importante no contexto sul-mato-grossense, desempenhando uma influência direta sobre vários municípios. Na década de 1970 consolidam-se mais iniciativas com o intuito de ampliar e diversificar a produção agropecuária brasileira para exportação, principalmente em áreas do Cerrado. O II PND - Programa de Desenvolvimento do Cerrado (POLOCENTRO) (1975) consolidou uma série de ações, como investimento em tecnologia, infraestrutura e financiamentos que possibilitaram melhoria na produtividade da região.

Empresas públicas, como a EMPAER – Empresa Agrícola de Extensão Rural; a EMBRATER – Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural e a EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, passaram a disponibilizar seus serviços de pesquisa para atender a dinamização econômica agrícola.

Apoiada em Duarte (1989), Calixto (2011) aponta ainda que, na década de 1970, a região de Dourados já fora preferida como centro de desenvolvimento regional. Nesse momento, aprofundou-se um sistema agrícola de caráter agroexportador, atraindo empresas ligadas a agricultura, aumentando, dentre outros, a rede bancária com o intuito de atender a nova demanda.

Calixto (2011) ainda aponta que na década de 1970 a região de Dourados foi eleita pelo governo federal como polo de desenvolvimento regional e, por isso, passa a receber incentivos governamentais, importantes para a consolidação dos interesses agroindustriais. Dessa forma, Estado “determinou” um novo papel reservado à Região.

A referida autora também assevera que, nesse período, ocorre a ampliação do rol de profissionais como médicos, veterinários, engenheiros e agrônomos, tendo em vista as novas demandas que esse processo exigiu. Contudo, também é nesse momento de diversificação econômica que ocorreram os primeiros problemas relacionados às ocupações “irregulares” na cidade, frutos de um padrão de produção do espaço desigual que condiciona formas distintas de acesso à cidade, justamente em um momento em que a população urbana do município cresce mais de 100%, pois esta população, que era de 31.599 em 1970, atinge 84.849 habitantes em 1980 (CALIXTO, 2000), como elucidada a Tabela 03.

**Tabela 03: Dourados-MS. Evolução populacional (1940-2010)**

Ano	Nº de habitantes	% da população urbana sobre o total	% da população rural sobre o total
1940	1.821	12,15	87,85
1950	4.730	20,72	79,28
1960	16.468	19,38	80,62
1970	31.599	39,9	60,61
1980	84.849	79,67	20,33
1991	122.856	90,36	9,64
1996	139.695	91,2	8,8
2000	149.679	90,9	9,1
2010	181.086	92,36	7,64

Fonte: IBGE, Censos 1940, 1950, 1960, 1970, 1980, 1991, 1996, 2000, 2010.  
Org. FIGUEIREDO, 2015.

Temos, assim, outra face do processo de urbanização capitalista, já que, em virtude das mudanças das relações de trabalho e produção do campo, o pequeno produtor rural, que não conseguiu se reproduzir, foi expropriado de sua terra, procurando locais que pudessem oferecer oportunidades de trabalho e moradia. Dessa forma, Dourados passou a exercer atração, fazendo com que as disparidades intraurbanas fossem acirradas, pois a população de menor poder aquisitivo passa a ocupar áreas periféricas e desprovidas de infraestrutura, equipamentos e serviços urbanos básicos (CALIXTO, 2000).<sup>28</sup>

Podemos destacar ainda, alguns dados estatísticos referentes ao Índice de Desenvolvimento Humano de Dourados, que tem seguido a tendência nacional de crescimento, conforme mostram as informações da Tabela 04. É fundamental elucidar que esse indicador social é composto por três dimensões do desenvolvimento humano: longevidade, educação e renda.

**Tabela 04: Dourados-MS. Índice de Desenvolvimento Humano (1991-2010)**

Ano	IDH
1991	0,512
2000	0,636
2010	0,747

Fonte: IBGE, 2015  
Org.: FIGUEIREDO, 2015

<sup>28</sup> Ainda de acordo com Calixto (2011) há uma tendência de crescimento no número de ocupações irregulares em Dourados, haja visto que entre os anos de 2004 a 2009 ocorreu a edificação de nove áreas.

De 2011 para 2012, entre os quatro maiores municípios de Mato Grosso do Sul, Dourados liderou o crescimento do PIB (Produto Interno Bruto). Seu montante passou de R\$ 4,338 bilhões para R\$ 4,940 bilhões (crescimento de 13,87%).<sup>29</sup>

A Tabela 05 sintetiza estas informações numéricas tendo em vista o PIB dos municípios de Mato Grosso do Sul, em 2012.

**Tabela 05: Mato Grosso do Sul. Produto Interno Bruto das quatro maiores receitas municipais (2012).**

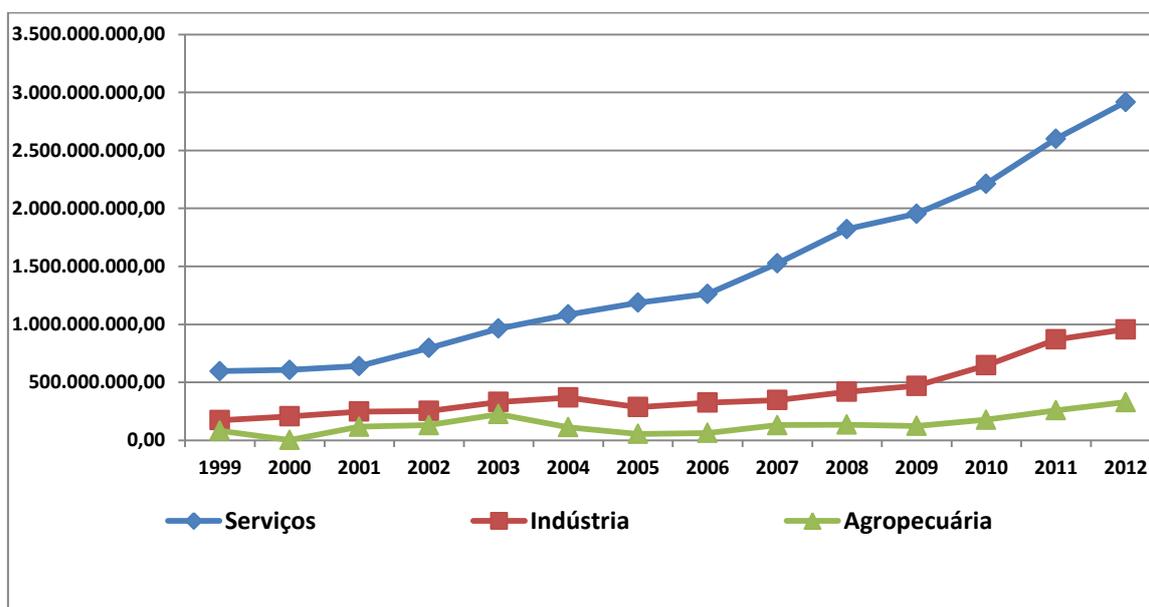
Município	Produto Interno Bruto
Campo Grande	15,72 bilhões
Dourados	4,94 bilhões
Corumbá	3,24 bilhões
Três lagoas	3,4 bilhões

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
Org.: FIGUEIREDO, 2015

Tratando-se dos dados do PIB por setor econômico, observamos que os serviços ocupam posição de destaque. A Figura 03 demonstra que esse segmento coloca-se como o mais forte desde o ano de 1999, sendo seguido respectivamente pela indústria e agropecuária.

<sup>29</sup> Corumbá fora o segundo, passando de R\$ 3,24 bilhões para R\$ 3,6 bilhões (10,81%, a mais). Em terceiro veio Três Lagoas, que em 2011 possuía um PIB de R\$ 3,1 bilhões e em 2012 deteve a soma de R\$ 3,4 bilhões (acréscimo de 10,5%). Por fim, a capital do estado, Campo Grande ocupou o quarto lugar no ranking, tendo seu PIB saltado de R\$ 13,87 bilhões, em 2011 para R\$ 15,72 bilhões no ano posterior (acréscimo de 7,94%).

**Figura 03: Dourados-MS. Produto Interno Bruto por setor econômico (1999-2012).**



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
Org.: FIGUEIREDO, 2015

No entanto, não podemos deixar de asseverar a relação mútua entre essas frações, sobretudo na realidade de Dourados, onde, por exemplo, a partir das demandas da produção no campo ocorre a ampliação do número de estabelecimentos comerciais que visam abastecer essas necessidades<sup>30</sup>. Uma gama variada de investimentos é concretizada, acrescentando novas possibilidades de consumo, havendo, com isso, uma relação de complementaridade entre os setores.

Nesse intento, a cidade atrai considerável fluxo de pessoas dos municípios de seu entorno. Prova disso é que, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/REGIC (2008), Dourados exerce influência em um raio de 35 municípios cuja população consome os mais diversos tipos de mercadorias, serviços de saúde, educação (em especial cursos de nível superior) e lazer.

Tais relações/articulações asseguram a condição de centralidade regional de Dourados, que, por sua vez, assegura sua condição de Cidade Média<sup>31</sup> (CALIXTO, 2011).

Sposito (2001) nos coloca que para definir cidade média devemos considerar, além das situações funcionais (como se constitui no território a divisão regional do trabalho e a forma como a cidade ordena esse território), o tamanho demográfico. Com isso:

<sup>30</sup> Ver mais a respeito em Yamashita (2011).

<sup>31</sup> Vários pesquisadores desenvolveram estudos sobre as Cidades Médias brasileiras, como Santos e Silveira (2001), Amorim Filho e Serra (2001) e Pontes (2006). Atualmente a Rede de Pesquisadores Sobre Cidades Médias – ReCiMe – configura-se como um dos principais grupos de pesquisa que trabalham com esta temática.

[...] podemos caracterizar as ‘cidades médias’, afirmando que a classificação delas, pelo enfoque funcional, sempre esteve associada à definição de seus papéis regionais e ao potencial de comunicação e articulação proporcionado por suas situações geográficas, tendo o consumo um papel mais importante que a produção na estruturação dos fluxos que definem o papel intermediário dessas cidades. (SPOSITO, 2001, p. 635)

As considerações de Sposito (2001) são imprescindíveis para os estudos das Cidades Médias, pois corroboram a importância desses estudos, perpassando o âmbito de sua posição geográfica e de suas relações espaciais. Soares (1999) adiciona alguns elementos passíveis de compreensão nas pesquisas que possuem essas cidades como objeto de estudo:

[...] tamanho demográfico, qualidade das relações externas, especialização e diversificação econômica, posição e sua importância na região e na rede urbana de que faz parte, organização espacial e índices de qualidade de vida, atributos que podem variar de região para região, de país para país, tendo em vista sua formação histórico/geográfica, que é diversificada segundo sua localização espacial (SOARES, 1999, p. 61).

Para a autora, as pesquisas sobre as cidades médias ainda apresentam uma série de desafios a serem enfrentados por pesquisadores e planejadores. Partindo dessa premissa, elenca alguns referenciais para a análise destes contextos de forma criteriosa, como: a formação socioespacial e seus reflexos; o papel exercido pelas classes economicamente dominantes nas articulações multiescalares e as inter-relações que distinguem seus cotidianos; as fronteiras entre o rural e urbano; as magnitudes dos fluxos que acontecem entre a cidade e seu campo de influência; e os indicadores de qualidade de vida como saúde, educação, trabalho, habitação e segurança.

Pensando à realidade de Dourados, a partir das considerações da autora, compreendemos que a cidade tem assumido uma complexificação de seus conteúdos, por meio da oferta de serviços considerados especializados. A esse respeito vários autores têm investigado as conjunturas socioespaciais presentes na cidade em virtude de sua condição de Cidade Média.

Em Silva (2011) são discutidos os primeiros resultados de pesquisas que elucidam a condição de Cidade Média de Dourados. Ao possuir uma rede de serviços de saúde, que no período de suas investigações perfaziam 07 hospitais gerais e 01 especializado, fora uma ampla oferta de clínicas particulares, redes de farmácias e obviamente de profissionais

capacitados para o exercício dessas funções, a cidade atende uma demanda regional que carece desses serviços.

No tocante a educação superior, a presença de universidades como UFGD, UEMS, UNIGRAN, Anhanguera e um número expressivo de escolas profissionalizantes também se denota como uma das condições que atrai a demanda da região para Dourados.

Porém, as desigualdades sociais também foram consideradas pela pesquisadora, que nos atenta:

[...] embora Dourados seja referência regional em serviço de saúde, o atendimento à população local é precário, tanto em consultas como na realização de exames. Esta realidade fortalece a necessidade de cautela ao se analisar as cidades médias como o *lócus* da qualidade de vida, haja vista que estas também apresentam problemas como o não acesso a saúde e a educação, o desemprego, além da diferenciação socioespacial dos espaços intra-urbanos, com a presença de áreas favelizadas e ocupações irregulares. (SILVA, 2011, p.117)

Por sua vez, Queiroz (2010, 2014), aponta as desigualdades socioespaciais que estabelecem no direito à moradia, destacando que, embora Dourados tenha sido, no decorrer do tempo, alvo de um número respeitável de programas habitacionais para a população de baixa renda, em 2010 havia na cidade vinte áreas de ocupações “irregulares” ou favelizadas, chegando a 24 áreas em 2014. Boa parte dessas áreas era constituída por barracos de lona com condições de saneamento básico extremamente precárias; alguns eram construídos na beira de rodovias, à mercê de todo perigo adicional que isso implicava.

Tanto as análises de Silva (2011) quanto de Queiroz (2010, 2014) nos mostram como as Cidades Médias, tidas por muitos<sup>32</sup> como “lócus da qualidade de vida”, “ilhas da prosperidade”, “cidades de primeiro mundo” (por concentrarem profissionais do comércio e serviços especializados), também são marcadas por desigualdade socioespacial.

Em sua pesquisa, Moreno (2013) aborda as relações/articulações de Dourados com escalas que vão além do plano local, ao considerar, por exemplo, o ensino superior. Assim, demonstra que Dourados oferta vários cursos de graduação na modalidade presencial em diferentes instituições existentes na cidade e atrai um fluxo de estudantes, professores e técnicos administrativos. Ligado a isso, as Instituições do Ensino Superior impactam na

---

<sup>32</sup> Analisando a urbanização brasileira, Santos (1993) considerava que as cidades médias possuíam melhor qualidade de vida por receberem a classe média, ao contrário das metrópoles, que ficavam com os pobres. O autor designou essa dinâmica de involução metropolitana.

dinamização da produção do espaço pela construção de moradias, comércio e na própria expansão territorial urbana.

Já Jesus (2014) considerou a Política Habitacional via Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV) na cidade. Seguindo a dinâmica nacional, em Dourados a construção de moradias populares por meio dessa política teve um aumento expressivo a partir do ano de 2010.

A construção dos empreendimentos denota-se como uma ação fundamental para a população de baixa renda e acaba por reforçar a diferenciação socioespacial, agindo fortemente na redefinição do espaço, ampliando os distanciamentos no interior da cidade.

Assim, torna-se importante enfatizar a necessidade de compreendermos as singularidades de Dourados, onde observamos que a multiplicidade de elementos políticos, econômicos e sociais é perpassada por tensões, algumas visíveis aos olhos da maioria, outras que carecem de observações mais atentas e comprometidas em “desvendar” os mecanismos que as constituem.

Após, referenciarmos trabalhos que se dedicaram ao estudo de Dourados, sob diversas perspectivas, voltaremos ao foco central do nosso trabalho e traremos informações sobre os números da violência em Dourados, neste caso traduzido pela criminalidade.

## **2.2. Alguns dados da criminalidade em Dourados-MS**

Nos estudos sobre violência e insegurança, a utilização de vários instrumentos analíticos é fundamental para a elucidação da questão. Neste ponto, dados estatísticos da criminalidade denotam-se como uma ferramenta importante de análise.

Assim, nesta parte do trabalho trouxemos estatísticas oficiais de roubos, furtos e homicídios dos anos de 2006 a 2014, tomando como referência o Sistema Integrado de Gestão Operacional. Essa ferramenta foi criada em 2005, para substituir o então modelo manual de registro de ocorrência, possibilitando um modelo padrão de tabulação de dados no qual as Polícias Civil, Militar, Federal e o Corpo de Bombeiros podem armazenar dados com menos riscos de perda de informações.

Contudo, é imprescindível dizer que esses dados não representam totalmente a realidade, pois a subnotificação<sup>33</sup> de casos (fator que leva a um falso panorama de ocorrências criminais) ainda é muito comum em nosso país, sendo um dos grandes desafios da segurança pública.

Félix (2001) aponta alguns problemas na utilização de boletins de ocorrência como o critério de classificação das características criminais dos envolvidos, as lacunas existentes e distorções na tipologia criminal. Mesmo que esses problemas tenham sido observados no início dos anos 2000 (quando as instituições policiais ainda não tinham sistemas informatizados de tratamentos de dados), ainda hoje encontramos em nossa pesquisa problemas a serem sanados, sendo o principal o não preenchimento de algumas informações como, por exemplo, o bairro de ocorrência do delito.

Dessa forma, é sempre conveniente assinalar, em investigações referentes à criminalidade, que os índices coletados tratam de estimativas e não da realidade absoluta do crime. Ao analisarmos os casos de criminalidade é importante avaliar as particularidades do fato ocorrido. Estudos têm apontado alguns elementos passíveis de serem averiguados, tais como a sazonalidade (frequência de determinado crime em certas épocas do ano). Nesse sentido, esses parâmetros nos dão elementos para prosseguirmos nossas análises, principalmente no que diz respeito às análises de cunho qualitativo.

Nas considerações de Zaluar (1996), é a partir da década de 1980 que as maiores taxas de violência se espalham para cidades médias e pequenas. Em consonância, Côrrea (2006) considera que o aumento populacional das cidades médias, aliado a outros fatores, tem tornado as relações socioespaciais cada vez mais complicadas de serem mensuradas, influenciando em diversas problemáticas, sendo os casos de violência e insegurança urbana algumas delas. Baseando-se nessas considerações, buscamos analisar neste texto alguns números de crimes ocorridos em Dourados.

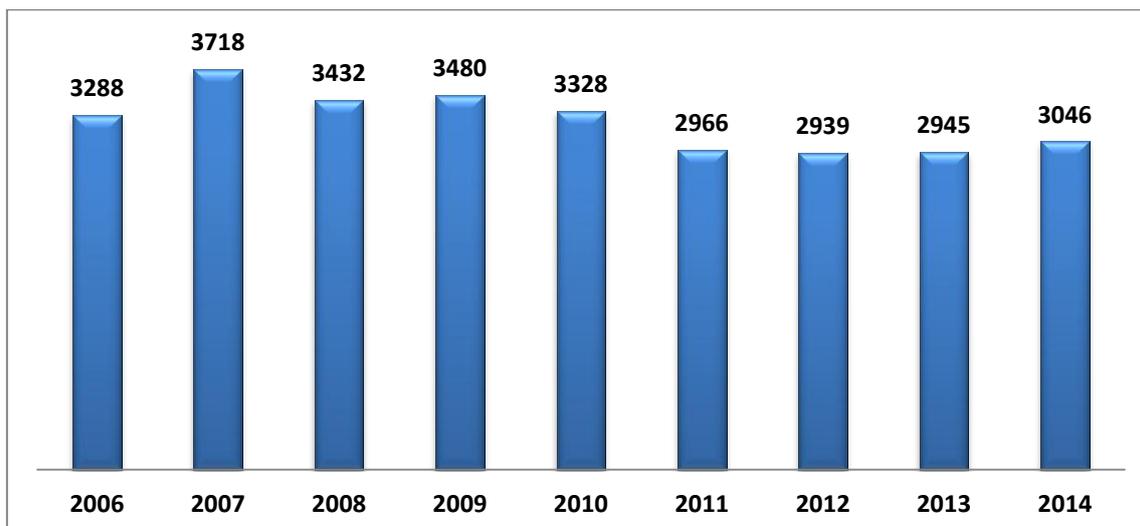
Na Figura 04 apresentamos a evolução dos números de roubos, furtos e homicídios<sup>34</sup>. A partir da observação, podemos perceber que ao longo do período considerado tivemos diferentes comportamentos, tendendo a uma diminuição dos casos a partir de 2009 e passando por um leve aumento nos anos de 2009 a 2014.

---

<sup>33</sup> Diz respeito ao não registro do Boletim de Ocorrência pelas vítimas.

<sup>34</sup> Segundo o Artigo 157 do código Penal brasileiro, considera-se roubo a subtração de coisa móvel alheia, tanto para si quanto para outrem, mediante ameaça ou violência a pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzido à impossibilidade de resistência, estando o infrator sujeito a pena em reclusão de quatro a dez anos. O furto se assemelha ao roubo, porém ocorre quando não há o contato entre o meliante e a vítima, estando o infrator sujeito a reclusão de um a quatro anos. Por fim, homicídio é o definido como o ato de matar alguém.

**Figura 04: Dourados-MS. Quantitativo total de roubos, furtos e homicídios (2006-2014).**



Fonte: Sistema Integrado de Gestão Operacional de Mato Grosso do Sul SIGO/MS).  
Org.: FIGUEIREDO, 2015.

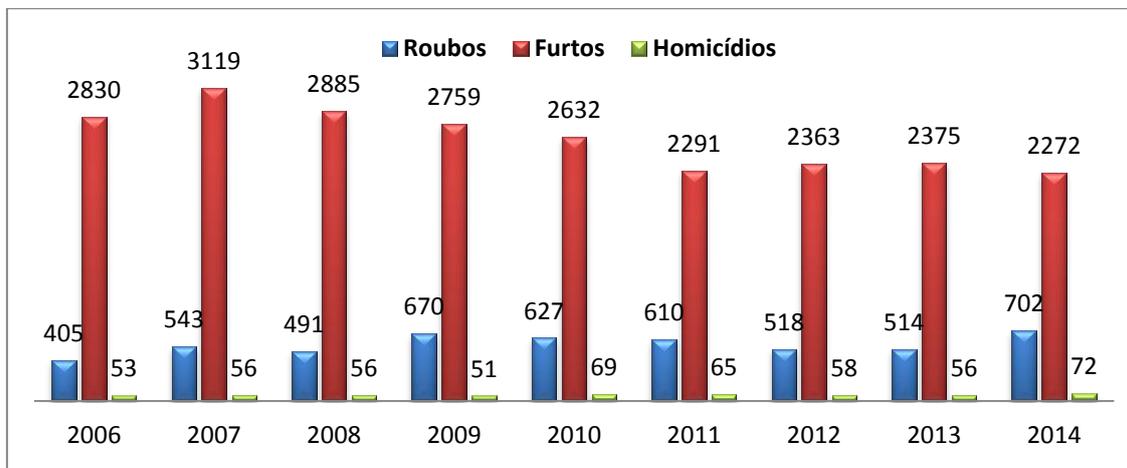
Em conversas iniciais sobre as causas da quantidade de casos de roubos, furtos e homicídios observados em Durados, o comandante do Batalhão da Polícia Militar da cidade, Tenente-Coronel Carlos da Silva, afirma que:

Embora não sejam poupados esforços por parte da instituição no combate ao crime, Dourados não apresenta dados tão alarmantes de atentados contra pessoa. Estes números estão dentro da normalidade de qualquer cidade desse tamanho”. (Trecho da entrevista, concedida a Cássio Figueiredo, em março de 2015)

Ainda de acordo com o Tenente-Coronel, devido à realidade fronteiriça e a questão indígena, Dourados apresenta uma realidade única, que jamais deve ser comparada a outros municípios do país. Nesta perspectiva, o considerável número de homicídios de indígenas e aqueles relacionados ao consumo de entorpecentes são elementos que colocam nosso município em um panorama complexo de se trabalhar, tanto que os dados do Mapa da Violência colocam Dourados em uma posição desprivilegiada no âmbito nacional.

Mesmo assim, de acordo com suas considerações, não há em Dourados uma tendência contínua de aumento ou redução da criminalidade, conforme a Figura 05 evidencia.

**Figura 05: Dourados – MS. Ocorrências anuais de roubos, furtos e homicídios (2006-2014)**



Fonte: Sistema Integrado de Gestão Operacional de Mato Grosso do Sul SIGO/MS).  
Org.: FIGUEIREDO, 2015.

Ao questionarmos sobre a relação dos crimes averiguados pela Polícia Militar e o sentimento de insegurança dos cidadãos, o profissional da segurança pública nos coloca ainda, que este é um tema complicado, pois há uma série de fatores como o sensacionalismo dos veículos de comunicação que, muitas vezes, distorcem os próprios dados oficiais oferecidos pela Instituição. Além disso, essa é uma questão ligada ao âmbito nacional, já que em grandes cidades, por exemplo, são comuns as residências já serem arquitetadas com câmeras, muros altos, e “cães de guarda”, realidade já comum em cidades como Dourados e até mesmo nas pequenas.

Nesse sentido, a fala do tenente coronel evidencia que há a reprodução de um “modelo” característico de cidades maiores e isso se evidencia no padrão de construtibilidade, no comportamento, nos valores, etc.

Prosseguindo as considerações em torno dos dados quantitativos da criminalidade em Dourados, ao focarmos nossa atenção nas ocorrências mensais de roubos e furtos avaliamos que, assim como os dados anteriores, não há um comportamento específico estabelecido. Vale dizer que na Geografia Brasileira há trabalhos como o de Mendonça (2001) e Félix (2001), que trouxeram à tona discussões que aliaram sazonalidade e violência urbana.

As considerações de Mendonça (2001) convergem para a retomada da valorização da influência da natureza sobre o homem, mais especificamente do clima sobre o organismo humano e suas “psicologias”. Suas pesquisas indicaram que os meses de calor mais intenso caracterizavam-se por concentrar os maiores índices de criminalidade. Essa dinâmica seria resultante da relação do calor com aspectos como consumo de álcool e férias escolares (que

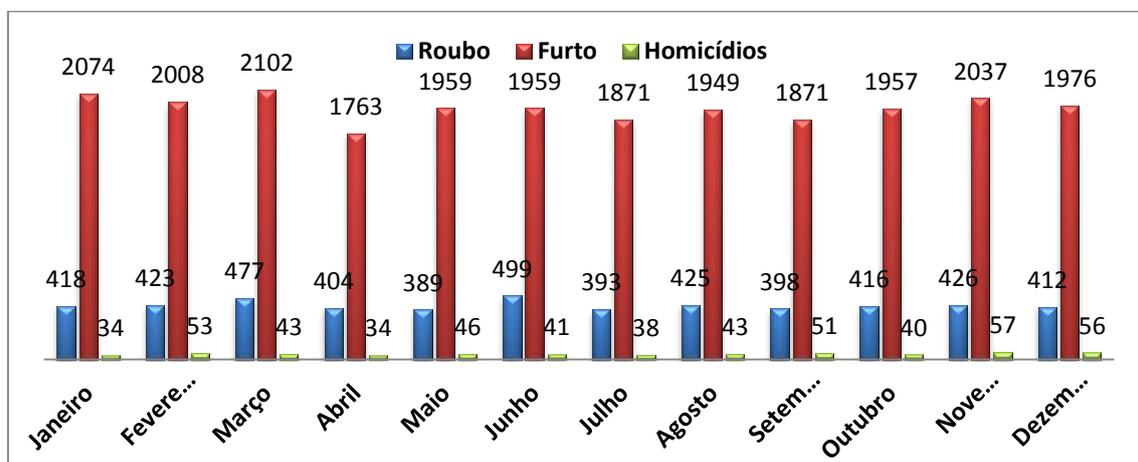
leva muitas famílias a viajarem, deixando suas casas vazias e mais propensas a roubos e furtos) e feriados como o carnaval, datas que movimentam a economia e o fluxo de dinheiro.

Embora à primeira vista as proposições do autor nos levem a pensar em concepções deterministas, os estudos de Mendonça (2001) vão muito além dessa vertente, pois sua pesquisa, realizada em dez capitais brasileiras, deixa claro que no estudo da criminalidade, vários elementos chaves que movimentam a incidência criminal tendem ser postos em questão, dentre eles a relação de importância que aspectos da natureza possuem nas atividades humanas. O autor também correlaciona questões meteorológicas a características econômicas e culturais, transpondo os limites da linear influência entre as mesmas.

Já Félix (2001) nos diz que pesquisas dessa ordem têm maior peso em países com estações do ano bem definidas. No entanto, alguns parâmetros podem ser empregados em pesquisas no Brasil, que possui altas temperaturas durante o ano todo. Com isso, para a geógrafa o verão possibilita relações sociais mais intensas e, com isso, atividades como consumo de álcool e ida a festas tornam-se mais recorrentes. Aliados a isso, pré-condições de violência como “[...] desigualdades sociais e alterações biológicas, levam a atitudes violentas que tanto podem provocar pequenas lesões corporais, quanto, chegar ao homicídio dependendo da arma utilizada” (FÉLIX, 2001, p.15).

A Figura 06 demonstra que são justamente nos meses de janeiro, fevereiro e março que o quantitativo de furtos é mais expressivo, porém essa dinâmica não é observada para os casos de roubos e homicídios que não possuem um comportamento linear que possibilite aliarmos a esse raciocínio.

**Figura 06: Dourados-MS. Ocorrências mensais de roubos, furtos e homicídios (2006-2014).**



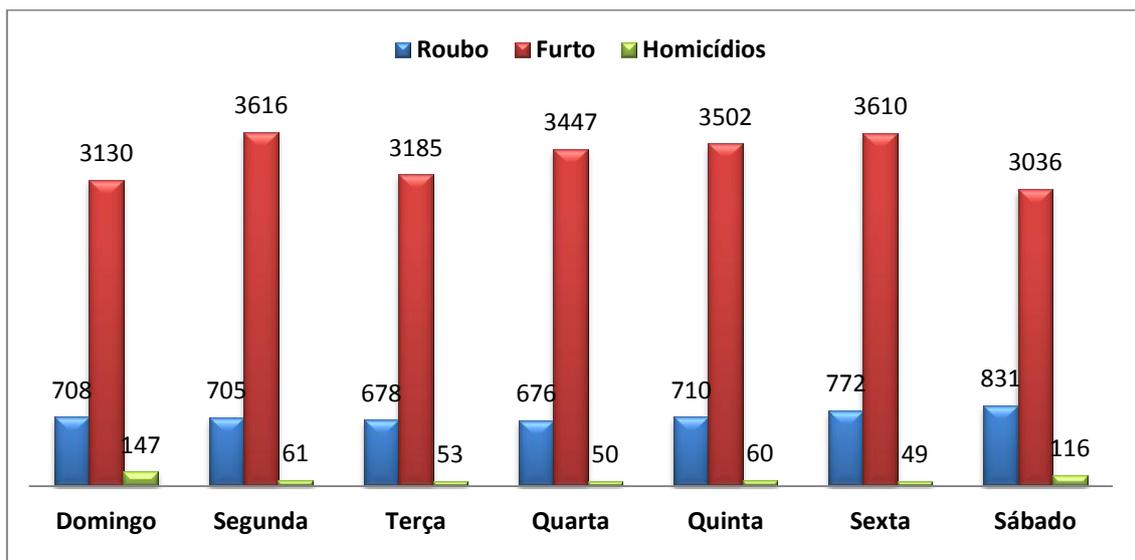
Fonte: Sistema Integrado de Gestão Operacional de Mato Grosso do Sul SIGO/MS).  
Org.: FIGUEIREDO, 2015.

Nesse ponto, as considerações do Tenente Coronel Silva são bem claras ao nos relatar que, de acordo com o número de casos observados em determinado período e local, a polícia intensifica ou não sua ação. Em termos práticos, se em determinado bairro há a ocorrência de casos fora do normal, a instituição aumentará seu contingente naquele local até que o problema seja amenizado (e conseqüentemente os números reduzidos), partindo posteriormente para um novo local que necessite de maior atenção.

Quanto aos dias da semana, os documentos norteadores da segurança pública nos colocam que é possível estabelecer uma tendência em dois tipos de ocorrências: a ocorrência de roubos nos fins de semana, dias em que as pessoas se ausentam (seja por uma viagem ou mesmo ao sair com um veículo para determinado estabelecimento comercial ou evento); e a ocorrência de furtos no decorrer da semana, haja vista que é o período de maior fluxo nas ruas, comércio, agências bancárias, etc., potencializando tais atos.

Quanto aos homicídios, os fins de semana também são os dias mais passíveis à ocorrência este “caso extremo” de violência devido ao aumento do consumo de bebida alcoólica, às pessoas estarem mais expostas aos perigosos da “vida noturna” e vários outros motivos. Logo, em Dourados essa dinâmica não é diferente destas tendências que os especialistas em segurança apontam, conforme nos mostra a figura 07.

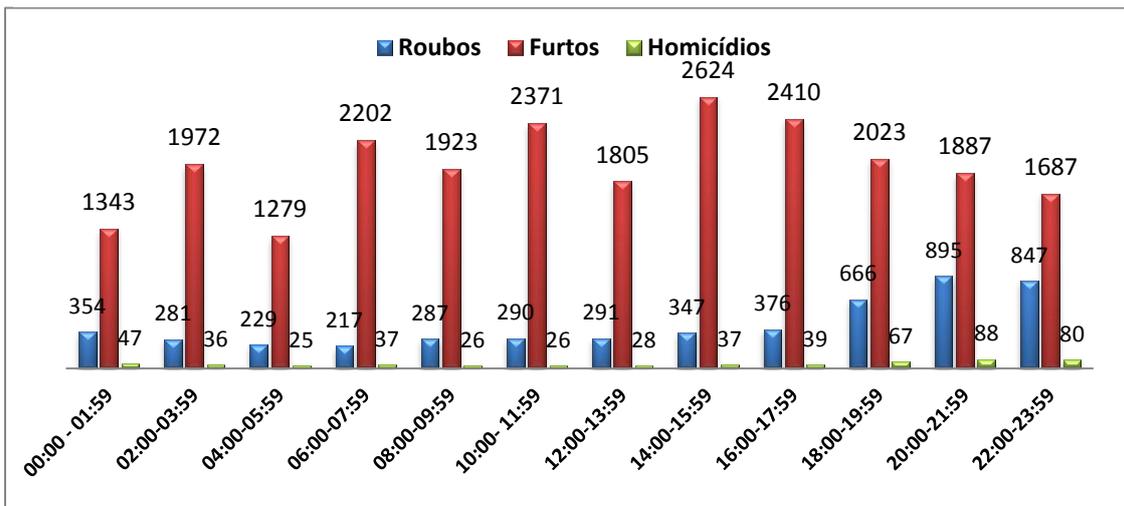
**Figura 07: Dourados – MS. Ocorrências semanais de roubos, furtos e homicídios (2006-2014).**



Fonte: Sistema Integrado de Gestão Operacional de Mato Grosso do Sul SIGO/MS).  
Org.: FIGUEIREDO, 2015.

Na distribuição dos roubos, furtos e homicídios por horário de ocorrência (Figura 08), há uma tendência de casos de roubos e homicídios nos horários mais próximos às 00h00min. Por sua vez, os furtos seguem a linha inversa: a maior parte dos casos ocorre nos horários de maior movimentação de pessoas e capital, ou seja, no “horário comercial”.

**Figura 08: Dourados-MS. Ocorrências diárias de roubos, furtos e homicídios (2006- 2014).**



Fonte: Sistema Integrado de Gestão Operacional de Mato Grosso do Sul SIGO/MS).  
Org.: FIGUEIREDO, 2015.

As ocorrências de delitos relacionados à sazonalidade possuem relevância principalmente em estudos das instituições de segurança pública, que podem agir de modo mais concreto na tentativa de diminuir as incidências criminais. Ligado a isso, além de abarcar as características sazonais dos crimes, para fazer um estudo mais completo, é fundamental que se congregue as características dos envolvidos nas práticas consideradas criminais. Para isso, a análise das mais variadas relações sociais que abarcam a vida dos sujeitos que cometem os delitos e/ou são vítimas de crimes devem ser investigadas.

Nesse sentido, trabalhar com algumas informações das vítimas e dos indiciados, como sexo, idade e ocupação, também são procedimentos importantes nos estudos sobre o tema. Mas em nossas investigações optamos em não trazer essa discussão, haja vista correremos o risco de ampliarmos demasiadamente nossa frente de análise.

Outro elemento que julgamos imprescindível abarcar e que, assim como o perfil dos sujeitos envolvidos em casos de violência (as vítimas e aqueles que cometem os atos), refere-se à quantidade de delitos por bairro. Novamente é válido frisar que essa opção de análise é apenas uma de nossas frentes de abordagem, pois em consonância com autores já citados

nesse texto, não acreditamos que a simples relação criminalidade-violência seja capaz de lidar com essa temática de forma mais ampla.

Trataremos aqui com os casos de forma geral, sem adentrar nas múltiplas questões que devem ser debatidas a fim de amenizar as ocorrências observadas. De acordo com as informações levantadas por meio do Sistema Integrado de Gestão Operacional de Mato Grosso do Sul, o Centro de Dourados apresentou o maior índice de ocorrências de roubos da cidade, conforme mostram a Tabela 06 e a Figura 09 (que nos mostra a espacialização dos roubos e furtos).

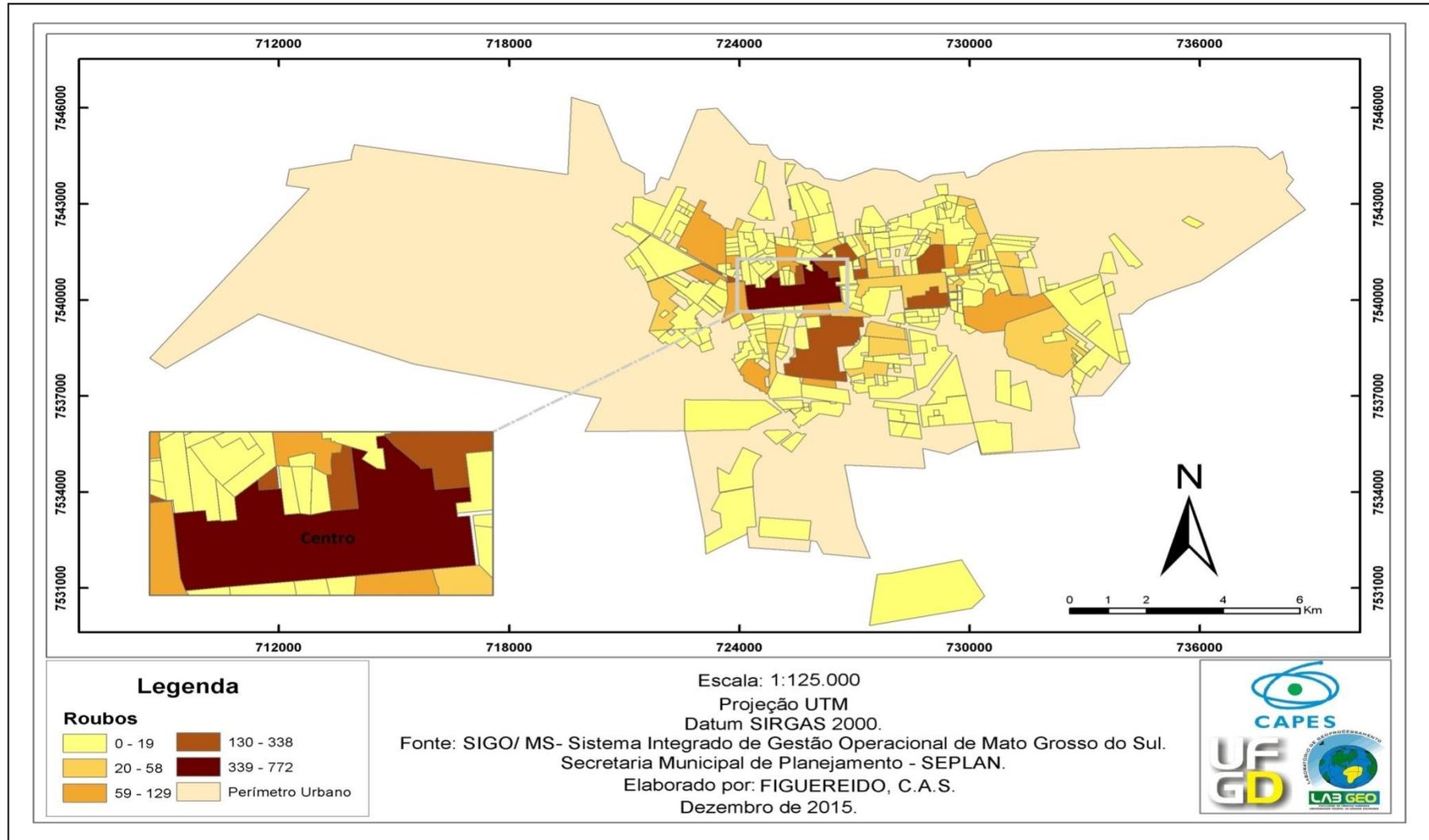
Esse fato também pode ser evidenciado nos dois bairros que, muito próximos da área central, apresentam em sua estrutura importantes equipamentos e serviços, que de modo geral são alvos de atividades ilícitas, sendo eles o Jardim Água Boa e Jardim América.

**Tabela 06: Dourados – MS. Bairros com maiores ocorrências de roubos (2006-2014).**

	<b>BAIRRO</b>	<b>Nº ABSOLUTO DOS DELITOS</b>	<b>% DOS DELITOS</b>
1º	Centro	772	15,2
2º	Jardim Água boa	338	6,5
3º	Jardim América	227	4,5
4º	Vila Industrial	177	3,5
5º	Jardim Ouro Verde	172	3,4
6º	Vila Planalto	169	3,3
7º	Jardim Tropical	161	3,1
8º	Jardim Caramurú	159	3,0
9º	Jardim Central	149	2,9
10	Jardim Clímax	129	2,5
11º	Vila São Francisco	125	2,4
12º	Jardim Paulista	122	2,3
13º	Vila Progresso	119	2,2
14º	Jardim São Pedro	98	1,9
15º	Jardim Manoel Rasselen	93	1,8
16º	Jardim Guanabara	90	1,7
17º	Parque Alvorada	84	1,6
18º	Vila Aurora	77	1,5
19º	Cachoeirinha	70	1,3
20º	Parque das Nações I	69	1,2

Fonte: Sistema Integrado de Gestão Operacional de Mato Grosso do Sul SIGO/MS).  
Org.: FIGUEIREDO, 2015.

**Figura 09: Dourados – MS. Distribuição espacial dos roubos (2006-2014).**



Para o tenente-coronel Silva, a maior parte dos roubos no Centro ocorrem em lojas sem equipamentos de segurança, algo que facilita a ação até daqueles que não possuem tanta “experiência no ramo”, assim pequenos comércios são o principal alvo desses atos.

É fundamental consideramos que essa porção territorial de Dourados ainda apresenta o maior número de estabelecimentos comerciais, redes bancárias e, conseqüentemente, movimentação de pessoas. Optamos em utilizar a expressão “ainda”, pois as estruturas das cidades seguem os ritmos da vida, estando em transformações que não cessam. Sposito (1991) define o Centro como:

Ponto de convergência, é o nó do sistema de circulação, é o lugar para onde todos se dirigem para algumas atividades, e em contrapartida é o ponto de onde todos se deslocam, para a interação destas atividades aí localizadas com as outras que se realizam no interior da cidade ou fora dela. Assim, o centro pode ser qualificado como integrador e dispensor ao mesmo tempo. (1991, p. 16)

Citando Lefévre (1983, p. 46), a supracitada autora entende que na maioria das vezes o centro urbano implica concentração de tudo o que se produz no mundo, na natureza e nos cosmos: produtos da terra, produtos industriais, obras humanas, objetos e instrumentos, atos e situações, signos e símbolos<sup>35</sup>

As alterações ocorridas na área central de Dourados foram salientadas por Musculini (2012), ao mostrar que após a década de 1970 a urbanização ditou e reconfigurou essa porção da cidade com uma multiplicidade de novos elementos que ditaram novas configurações e ritmos. As casas foram aos poucos cedendo lugar ao comércio e escritórios; as ruas foram reestruturadas para o uso do automóvel e não mais das pessoas; a pressa do dia-a-dia tornou-se algo comum.

Mas como a cidade é marcada por continuidades e descontinuidades, concomitante a esse processo ainda há no centro exemplos que contrapõem essa lógica. Os amigos jogando baralho na praça, o simples vendedor de pipoca, a família que, resistindo a mudanças, ainda habita o local,

---

<sup>35</sup> Ao estudar a realidade de Três Lagoas (MS), Batista também observou que os roubos incidiram na área central da cidade, assim como Santos (2012) em Uberlândia (MG). Os autores colocam que as áreas centrais das cidades recebem um grande número de pessoas, que circulam pelo local com a finalidade de realizar diversas atividades, dinâmica que aumenta as chances de ocorrência desse tipo de delito. A instalação de bases de instalação da Polícia Militar em áreas centrais é uma das táticas mais utilizadas pelas instituições de segurança para a “prevenção” de ocorrências desse feito.

mesmo tendo poucas relações com a vizinhança, os sujeitos que antes se sentiam seguros para andar a noite e agora se sentem inseguros.

Seguindo nossa discussão dos dados de criminalidade em Dourados, trouxemos um panorama da espacialização dos homicídios. Mas antes é importante assinalar que esta tipificação criminal é um dos grandes problemas brasileiros. O Mapa da Violência (2012) mostrou que índice de homicídios no Brasil é de 20,4<sup>36</sup> por 100 mil habitantes, superando o dobro do limite estabelecido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e ocupando a oitava pior marca entre 100 nações, com estatísticas consideradas relativamente confiáveis sobre o assunto.

Ainda com base neste estudo, entre os anos de 2004 e 2007, o número de assassinatos em nosso país superou ao de pessoas assassinadas nos 12 principais conflitos armados do mesmo período. Nessa escala temporal 192.804 pessoas foram assassinadas a tiros no Brasil, sendo que as guerras provocaram a morte de 169.574 pessoas.

Em Mato Grosso do Sul, estudos referentes aos homicídios mostram que o estado apresentou taxas acima da média nacional, de 1980 a 1995. Esta tendência inverteu-se no período de 1996 a 2010. Sendo assim, o Mapa da Violência (2012) distingue dois períodos a serem demonstrados com maior atenção:

- a) Anos de 1980 /1995, em que as taxas cresceram com um ritmo levemente superior ao nacional, sendo alavancadas, tanto pelo aumento de casos na capital, quanto no interior, atingindo seu ápice em 1996 quando os índices do estado se encontravam 52,3% acima da média nacional.
- b) Segundo período 1996/2010, marcado pela redução de 31,6% na taxa estadual, sobretudo na em Campo Grande, que obteve um decréscimo de 48,9% nos índices de homicídios, indo na contramão da dinâmica a nível nacional que teve um aumento de 5,7%.

---

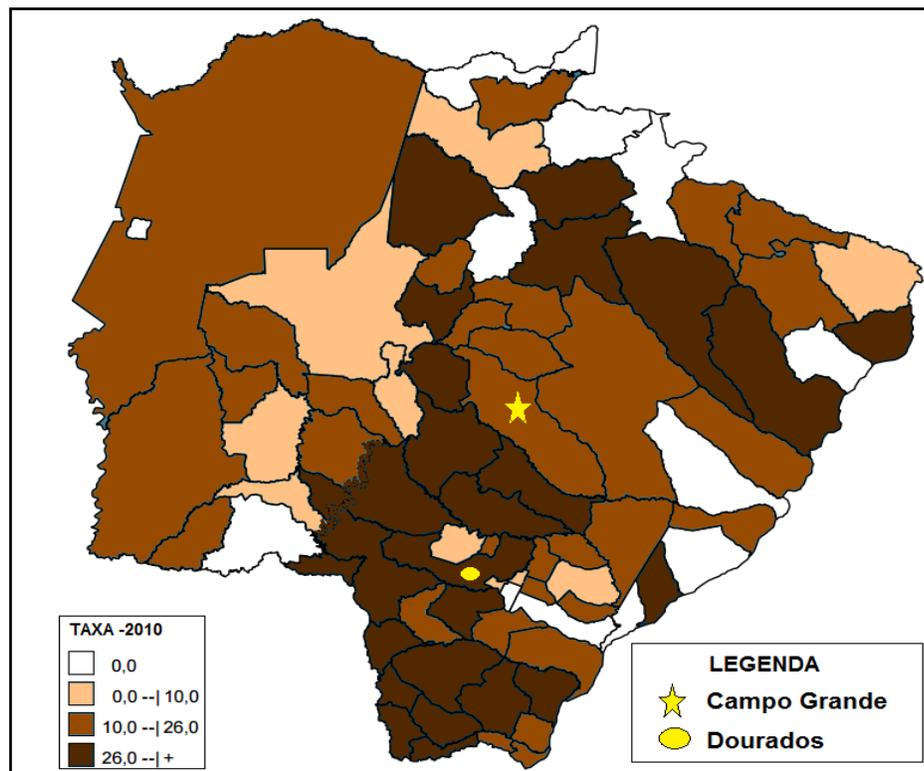
<sup>36</sup> A pesquisa corrobora uma tendência observada desde o fim da década passada, a dita “nacionalização” dos homicídios, por meio do aumento dos incidentes no Nordeste e Norte e diminuição das taxas observadas em São Paulo e Rio de Janeiro. Dos cinco estados mais violentos do país em 2012, três estão na região Nordeste: Alagoas, Bahia e Paraíba. Quatro das cinco cidades com os piores dados estão no litoral da região: Maceió, João Pessoa, Salvador e Recife. Para Waiselfisz (2012), estes números não apontam que está ocorrendo uma “nordestinização” dos crimes de homicídio, mas sim a “[...] expansão em âmbito nacional da criminalidade, pois as mortes violentas, que antes de concentravam em grandes centros urbanos como São Paulo e Rio de Janeiro, estão se espalhando pelo país” (2012,p. 17). Essa dinâmica teria relação direta com a desconcentração industrial e os deslocamentos populacionais ligados às atividades econômicas.

Realizando um comparativo referente as taxas de homicídios no estado, temos o seguinte panorama geral:

- 12 municípios com taxa de 0,0 homicídios para 100 mil habitantes;
- 08 municípios com taxa de 0,0 -10,0 homicídios para 100 mil habitantes;
- 12 municípios com taxa de 10,0 -26,0 homicídios para 100 mil habitantes;
- 26 municípios com taxa de 26,0 +- homicídios para 100 mil habitantes;

A figura 10 ilustra esse panorama:

**Figura 10: Mato Grosso do Sul. Homicídios por 100 mil habitantes (2010).**



Fonte: Instituto Sangari, 2012.  
Org.: FIGUEIREDO, 2015

Em Dourados o Vila Cachoeirinha é o bairro que possui o maior<sup>37</sup> número absoluto de casos, sendo seguido pelo Centro e pelo bairro contíguo, Jardim Água Boa. Longe de querermos

<sup>37</sup> ^Tratando-se do município de Dourados como um todo, as aldeias indígenas possuíram 112 casos, perfazendo 20% das ocorrências dos homicídios ocorridos entre 2006 a 2014

generalizar as causas dos atos cometidos, de acordo com informações obtidas junto ao Tenente-coronel da Polícia Militar Carlos Silva, boa parte dos casos ocorridos nesse bairro (Cachoeirinha) tem relação com o uso de drogas e entorpecentes. A Tabela 07 traz os vinte bairros que mais possuem casos registrados em Dourados.

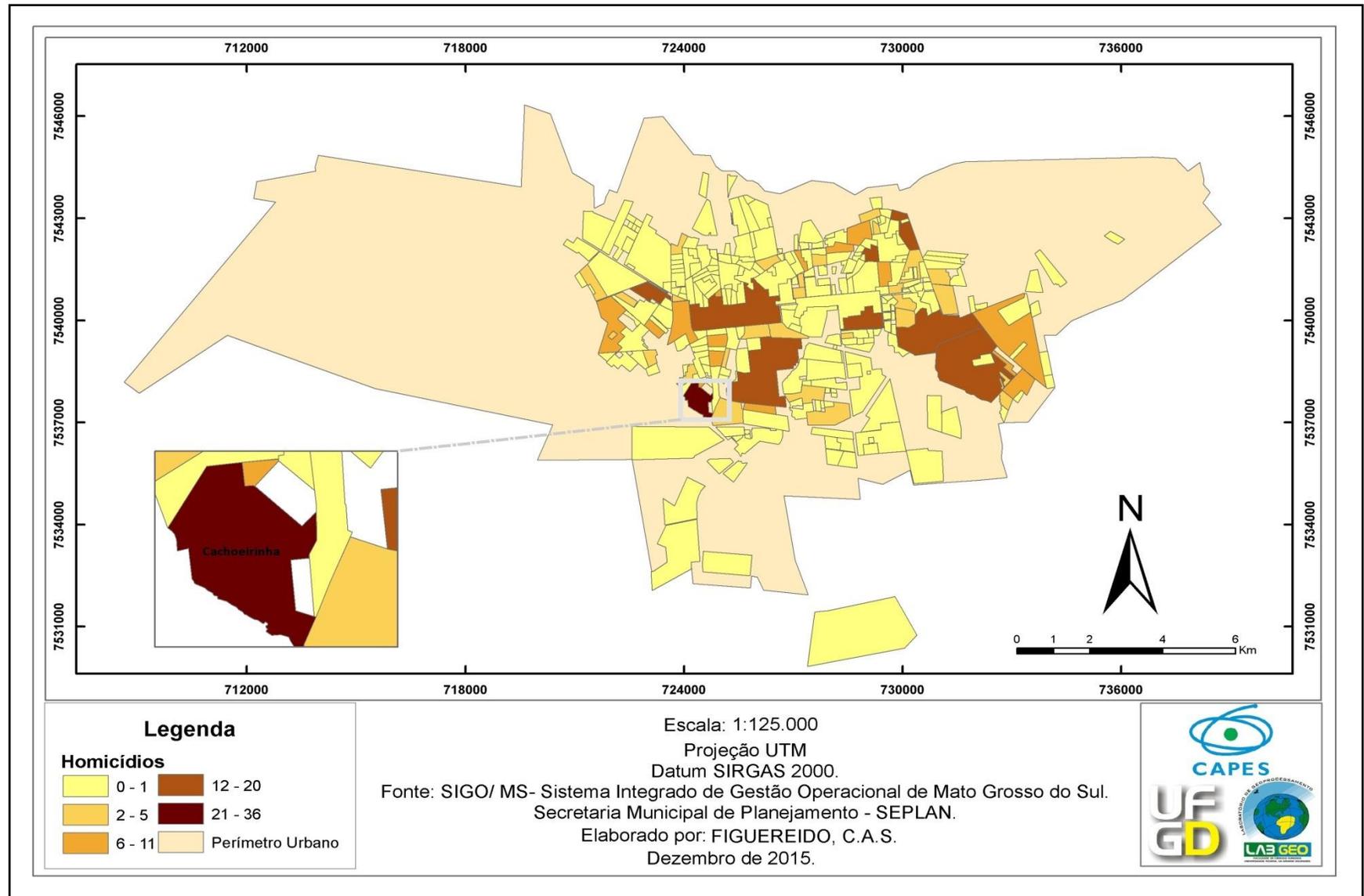
**Tabela 07: Dourados – MS. Bairros com maiores ocorrências de homicídios (2006-2014).**

	<b>BAIRRO</b>	<b>Nº ABSOLUTO DOS DELITOS</b>	<b>% DOS DELITOS</b>
1º	Cachoeirinha	20	3,7
2º	Jardim Água Boa	17	3,2
3º	Centro	17	3,2
4º	Jardim Monte Líbano	14	2,6
5º	Canaã I	13	2,4
6º	Jardim Flórida	13	2,4
7º	Parque das Nações I	12	2,2
8º	Parque das Nações II	12	2,2
9º	Vila Industrial	11	2,0
10º	Chácara Califórnia	11	2,0
11º	Jardim Clímax	11	2,0
12º	Novo Horizonte	9	1,7
13º	Jardim América	9	1,7
14º	Jardim Jôquei Clube	9	1,7
15º	Vila São Braz	8	1,5
16º	Jardim Guanabara	8	1,5
17º	Jardim Independência	8	1,5
18º	Jardim Itália	8	1,5
19º	Jardim Manoel Rasselen	7	1,3
20º	Chácara 11	7	1,3

Fonte: Sistema Integrado de Gestão Operacional de Mato Grosso do Sul SIGO/MS).  
Org.: FIGUEIREDO, 2015

A Figura 11 nos traz a distribuição espacial dos homicídios nos bairros de Dourados. Nota-se que há um número considerável de locais que possui de zero a um caso computado pelas instituições de segurança pública.

**Figura 11: Dourados- MS. Distribuição espacial dos homicídios (2006 - 2014).**



Não pode ser desconsiderado que por trás de todos os dados estatísticos que envolvem casos de violências há vidas, histórias e injustiças que, a grosso modo, são naturalizadas por boa parte da população. Os números oficiais de suicídio entre jovens indígenas em Dourados exemplificam essa questão. Só no quadriênio de 2008 a 2012 ocorreram 26 casos, fazendo com que o município ocupe o terceiro lugar no ranking nacional, denotando que essas populações tradicionais<sup>38</sup> têm sido uma das principais vítimas desse sistema marcado pela violência e insegurança<sup>39</sup>.

Apesar de acreditamos na importância de espacializar dados deste teor, é oportuno lembramos das múltiplas arestas interpretativas que a utilização desse referencial nos possibilita, indo desde a possibilidade de articularmos políticas realmente pautadas na diminuição desse panorama ou, como já dito, pela linear generalização e criminalização da pobreza.

Nos estudos sociológicos e criminológicos, os preconceitos presentes nas instituições de segurança contra segmentos da sociedade tornam-se alvo de críticas da relação que a pobreza possui com a criminalidade. A associação dos mais pobres ao “violento” e “delinquente” foram amplamente debatidas e recriminadas por autores como Michaud (1989), crítico ferrenho dessa teoria e que a designa como metodologicamente frágil, politicamente reacionária e sociologicamente perversa, popularizando retóricas de que os crimes são reações às condições de pobreza ou uma forma de sobreviver.

Ainda de acordo com o autor, as formas como são dispostas as estatísticas são sempre direcionadas à satisfação dos objetivos de quem as realiza, fato que aumenta ainda mais a criminalização dos pobres.

Félix (2001) expõe a necessidade de formular políticas públicas de segurança por meio da cooperação, movimentos sociais, sociedade civil, Estado e universidade. Esta última teria a função de estabelecer diagnósticos que fujam de respostas lineares e simplistas, que geralmente incidem exageradamente à população de baixa renda as responsabilidades de todo o mal da criminalidade.

---

<sup>38</sup>Há um consenso entre os especialistas de que as causas têm relação direta com a situação de confinamento a qual estão submetidos em Dourados. Essa população vive confinada em uma reserva indígena próxima ao perímetro urbano, onde as condições de acesso à alimentação, saúde e educação são extremamente precárias.

<sup>39</sup>Não é de nosso intento adentrar nessa discussão, pois embora a questão indígena seja uma realidade presente em nosso contexto citadino, há outros estudiosos que têm estudado essa questão mais a fundo.

É importante que não se radicalize o processo de desvio social, violência e criminalidade ao estado de pobreza e não transmitir a famosa relação única e inequívoca entre sintomas de desorganização social (crime) e situação de miséria. Embora a relação exista, não é absoluta (FÉLIX, 2001, p.98)

Nesse sentido, também ocorre no Brasil um movimento que tende a reafirmar a “criminalização da população de baixa renda”, movimento esse designado por Félix de “delinquência encoberta”, pois jovens de classe econômica mais alta violam as leis (com frequência até maior e mais grave do que cometem as classes sociais mais baixas), porém possuem meios para que suas transgressões sejam encobertas pela lei. Por sua vez, indivíduos pobres que cometem crimes não possuem este aparato de defesa e acabam perfazendo o grande montante das taxas de criminalidade, sendo mais propensos a detenção e condenação.

Nesta ótica, a relação criminalidade-pobreza constitui-se em um aparato de legitimização das políticas repressivas do Estado, que com base em dados oficiais das taxas de criminalidade realiza operações, muitas vezes violentas, nos locais distinguidos como críticos.

Para Souza (2008) é preciso que alcemos a transformação desse medo em ações práticas de gestão participativa, combatendo discursos demagógicos que recomendam a solução do problema por meio de medidas autoritárias, que, segundo o autor, a longo prazo só tendem a piorar essa conjuntura. No entanto, o geógrafo enfatiza que, principalmente em países periféricos, esses programas são marcados por inconsistências, que, em suma, intentam melhor desempenho institucional (como um policiamento mais efetivo, leis severas, etc.), sendo nada mais nada menos que “estratégias de contenção social”, as quais até podem cooperar para certa “estabilidade sociopolítica” e para o bem de determinada segmento da população (principalmente a classe média alta e políticos), porém não chegam a promover avanços consideráveis.

Longe de avaliarmos os êxitos e fracassos de qualquer ação das instituições policiais, Dourados já foi alvo de intervenções drásticas no combate ao crime, sendo a principal delas até o momento a “Operação Ocupação”, ocorrida em agosto de 2012 no bairro Cachoeirinha por uma ação conjunta das polícias militares e civis. A pretensão era desestimular a prática delituosa nessa porção da cidade que, de acordo com as instituições de segurança pública, era onde se concentravam o maior número de ocorrências criminais da cidade. Dessa forma, fecharam-se “bocas de fumo”, pessoas com mandado de prisão em aberto foram encarceradas e armas de fogo, veículos e motos furtadas foram apreendidas.

**Foto 02: Dourados-MS. Operação “Ocupação” ocorrida no bairro Cachoeirinha (2012).**



Fonte: Dourados News, 2015.

Assim, Souza nos coloca:

Em uma perspectiva de longa duração, reprimir, inibir e castigar, sozinhos não são suficientes para ocasionar nenhuma redução duradoura e satisfatória da criminalidade violenta. Além disso, uma estratégia de contenção possui intrinsecamente, um componente heterônomo e injusto, pois seu horizonte é a administração de um quadro social eivado de injustiças, e não a alteração e a substituição desse quadro (2008, p.222).

Dessa forma, em suas reflexões Souza (2008) contribui para a apreensão da dinâmica socioespacial da violência, diagnosticando-a como algo que deve ser apreendido por meio de várias escalas e dimensões, tendo em mente que as conjunturas histórico-políticas, culturais, territoriais, do lugar e do grupo terão relação profícua com a questão da criminalidade, sendo uma das faces complexas da realidade a qual estamos circunscritos. Logo, aliar diretamente “pobreza-marginalidade-criminalidade” pode estabelecer um repertório fundamental para estigmatizações e justificativas para o Estado concretizar políticas de caráter repressivo.

Nesta mesma linha de pensamento Magrini (2014) evidencia que, por meio de ações policiais diferenciadas e diferenciadoras, ocorre a ampliação das distâncias sociais entre pobres e

ricos, adensando também o processo de clivagem no interior dos segmentos pobres, por meio da necessidade incessante de distinção entre os pobres “trabalhadores” e os pobres “bandidos”.

Dessa forma em uma sociedade onde ocorre a rejeição de vários segmentos da população, sendo eles culpados por vários problemas sociais e diretamente identificados a certos locais como bairros perigosos, determinadas ações podem de maneira geral aguçar estes preconceitos direcionados a insegurança e violência urbana.

### **2.3. Dos números à realidade**

Nas considerações anteriores trouxemos números da criminalidade em Dourados, algo fundamental para análises dessa natureza. No entanto, algumas dúvidas sempre estiveram presentes em nossos debates, sendo elas: como a população da cidade se sente em relação à segurança e à violência? Há diferenças entre a sensação de segurança na cidade como um todo e nos bairros?

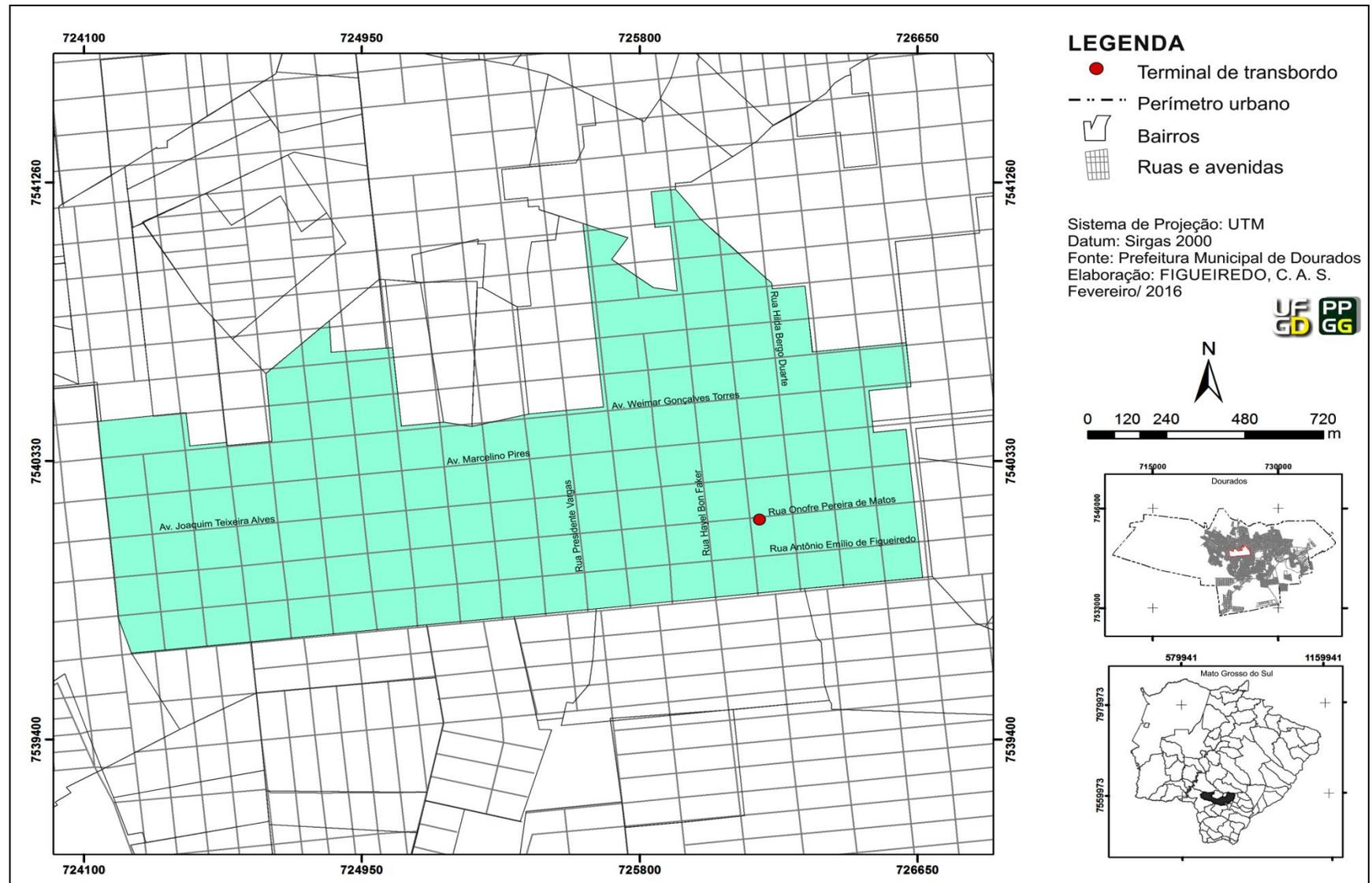
Com essas indagações em mente e tendo a plena consciência que análises com caráter estatístico rigoroso não seria possível neste momento de nossas investigações, optamos em ouvir a opinião dos cidadãos que transitavam pela área central de Dourados. O Centro surge assim como alternativa metodológica, pois coloca-se “[...] como o lugar de todos, como continente das práticas econômicas, políticas e sociais, em que as diferenças se defrontam” (SPOSITO, GÓES 2013, p. 301).

Assim, devido ao intenso fluxo de pessoas que ali transitam diariamente, aplicamos, entre os dias 21 e 22 de julho de 2015, 150 enquetes no Terminal de Transbordo Renato Lemes, localizado no Centro da cidade (Figura 12). Optamos em trabalhar com as opiniões de moradores de bairros diversificados<sup>40</sup>.

---

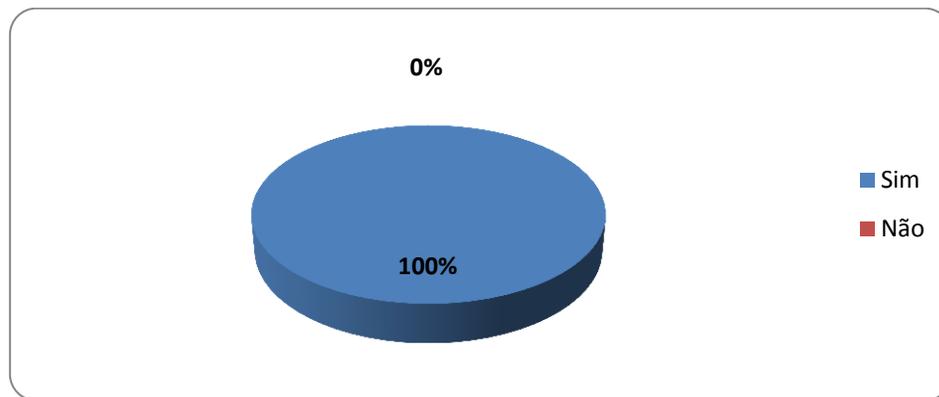
<sup>40</sup> No anexo C (Tabela 16, p.188), consta o número de entrevistados por bairros de Dourados.

**Figura 12: Dourados – MS. Local de aplicação de enquetes (2016).**



A primeira pergunta residiu na seguinte indagação: *Existem problemas de violência na cidade?* Das pessoas ouvidas 100 % responderam que sim (Figura 13). Por mais previsível que esse resultado possa aparecer, o que nos impressionou foi a firmeza das respostas, pois em raríssimos momentos os sujeitos demonstraram dúvidas quanto a sua opinião.

**Figura 13: Dourados- MS . Problemas de violência na cidade (2015).**



Fonte: Pesquisa de campo, 2015.  
Org.: FIGUEIREDO, 2015.

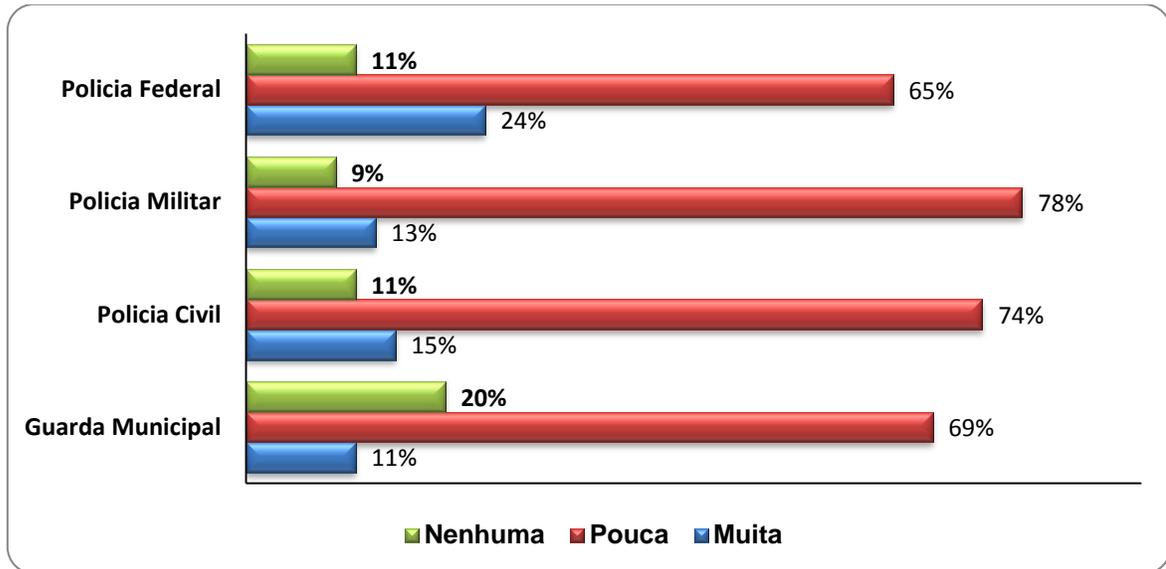
Continuando nossas investigações, pedimos aos questionados que citassem três motivos das causas da violência na cidade. Muitas causas foram mencionadas; aqui elencamos as cinco mais citadas:

1. Falta de contingente policial.
2. Sistema de ensino público ineficiente.
3. A proximidade da fronteira com o Paraguai.
4. Porte de armas de fogo e uso de entorpecentes.
5. O elevado crescimento populacional verificado em Dourados nas últimas décadas.

Uma contradição expressa por meio desse resultado é que, ao mesmo tempo em que os questionados disseram que a falta de policiais é uma das principais causas da violência em Dourados, quando perguntados sobre a confiança nessas mesmas instituições de segurança

(Figura 14) a maioria indicou que pouco confia nas mesmas, indo ao encontro com um panorama nacional de descrença na polícia, realidade que se reflete na subnotificação de ocorrências.

**Figura 14: Dourados – MS. Confiança nas instituições policiais (2015).**



Fonte: Pesquisa de campo, 2015.  
Org.: FIGUEIREDO, 2015.

As falas a seguir evidenciam duas situações distintas a respeito da violência policial. A primeira enfatiza a falta de confiança nesta instituição, que está preocupada em resolver apenas problemas considerados banais; já a segunda vai na contramão ao afirmar que uma das causas da violência é a falta de policiamento nos bairros.

Eu acho que eles estão muito preocupados em resolver trânsito [...] resolver aqueles atos pequenos e não dar importância aqueles questões do assalto, as questão da bandidagem mesmo, das coisas pesadas. (Depoimento de cidadão concedido a Cássio Figueiredo, em 21 de julho de 2015)

No meu entendimento, acho que está faltando as autoridades investirem um pouco mais em itens de segurança, em policiamento em pessoas pra tomar mais conta dos patrimônios, porque se a gente for ver os números, nós não temos viaturas que suportam atender mais de três, quatro, de repente cinco bairros porque não temos a quantidade de policias preparados, treinados ou contratados para essa função. Então eu acho que isso deixa um pouco a desejar na questão da violência, dos assaltos, de tudo que está acontecendo. Então do meu ponto de

vista acho que falta investir mais na segurança, no policiamento, no treinamento de pessoas, para isso dar uma diminuída. (Depoimento de cidadão concedido a Cássio Figueiredo, em 21 de julho de 2015)

Esse panorama pode nos levar novamente a Baumam (2001), que coloca que na sociedade contemporânea o Estado perdeu grande parte de seu poder de ação efetiva para as decisões que são tomadas em escalas mais amplas. Nessa perspectiva casos como a pouca resolução de casos como homicídios<sup>41</sup>, corrupção policial, agressões físicas a civis inocentes e o próprio aumento dos números da criminalidade são elementos que contribuem para o descrédito dessas instituições<sup>42</sup>.

Em suas pesquisas, Magrini (2014) nos mostra que a polícia tem sido percebida de maneira controversa pelos cidadãos e, paralelo ao reconhecimento da ineficácia policial, há o desejo de ações punitivas mais pesadas.

[...] Reconhecem diferentes falhas em sua atuação, ao mesmo tempo em que querem mais policiamento e mais truculência policial com os bandidos. Essas percepções podem ser entendidas a partir do reconhecimento do padrão contemporâneo de enfrentamento da insegurança urbana, pautado na adoção de medidas circunstanciais, que não levam em conta sua complexidade política. (MAGRINI, 2014, p. 55)

Por conseguinte, as ações da polícia fazem parte, juntamente com outras esferas do Estado, de um amálgama de políticas que se preocupam somente em atenuar os conflitos sociais por meio do controle e da força, não incidindo suas atenções a origem das desigualdades sociais, causadora da distância entre ricos e pobres.

Outro elemento que merece destaque é correlação existente entre a proximidade da fronteira com o Paraguai<sup>43</sup> com a problemática da violência. Questão também evidenciada por alguns de nossos entrevistados dos residenciais fechados que quando questionados sobre as causas da violência em Dourados nos responderam:

---

<sup>41</sup> Segundo o Mapa da Violência (2012) menos de 03% dos homicídios ocorridos no Brasil são esclarecidos.

<sup>42</sup> O descrédito na justiça e polícia também são acompanhados pelo aumento da tomada de decisões individuais (ao invés daquelas que representam um coletivo), que as vezes levam à “justiça com as próprias mãos”, como homicídios e linchamentos.

<sup>43</sup> Dourados localiza-se a uma distância de 120 Km de Pedro Juan Caballero (Paraguai), cidade-gêmea de Ponta Porã (Brasil), estando assim na “zona de fronteira” que abrange toda a “borda” de 150 Km do limite internacional.

Acho que a violência em Dourados é alta, devido ao tanto de roubos, homicídios, assaltos. Até sequestro está tendo aqui também, coisa que não era tão comum.: Coisas que eram baixo antigamente. Hoje você compra um carro, você está correndo o risco de ser assaltado e também de ser morto, não é ? (pausa) porque geralmente o povo vem para roubar o carro e a camionete por exemplo, para levar para o Paraguai e então você corre esse risco aí. (Depoimento de cidadão concedido a Cássio Figueiredo, em 22 de julho de 2015)

A gente sabe que aqui é próximo a uma fronteira, existe a possibilidade de tráfico de drogas, então dá aquele receio de sair a determinados lugares a noite. (Depoimento de cidadão concedido a Cássio Figueiredo, em 21 de julho de 2015)

Olha...Olhando pelos números dos casos de violência em Dourados, acho que é muito alto. Mas considerando que é uma cidade de fronteira, acho que a violência é razoável. (Depoimento de cidadão concedido a Cássio Figueiredo, em 21 de julho de 2015)

Devido à falta de imprudência das autoridades. Eu acho que eles estão muito preocupados em resolver trânsito[...] resolver aqueles atos pequenos e não dar importância aqueles questões do assalto, as questão da bandidagem mesmo, das coisas pesadas. Eu acho que aumenta um pouco da criminalidade também, é a questão das usinas [sucroalcooleiras] também, que trouxeram muita gente de fora (Depoimento de cidadão concedido a Cássio Figueiredo, em 22 de julho de 2015)

Proposições de Abinzano (2005) nos ajudam a entender alguns dos porquês das regiões de fronteira serem muitas vezes pensadas como naturalmente violentas e predispostas ao crime. Para o autor, a fronteira é muito mais que um simples fato geográfico, pois ela influi diretamente na organização social dos habitantes locais, que têm a possibilidade de vivenciar cotidianamente os limites de mais de um país. Frente a isso, linhas demarcatórias existentes são sempre transpostas, tanto legalmente quanto ilegalmente, seja com grande ou pequena frequência, assim o peso social que incide sobre a ilegalidade e violência se torna mais propenso.

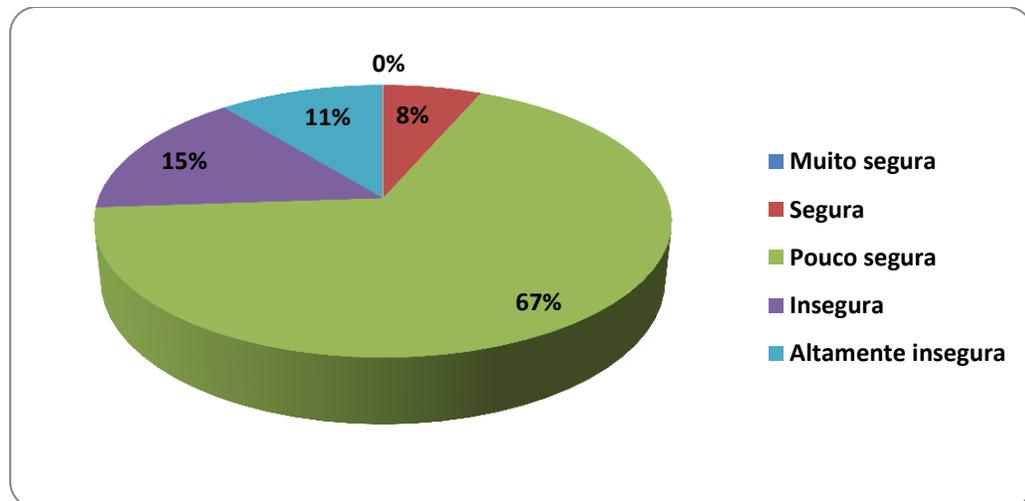
Nas ideias de Porto (2006) há alguns estereótipos acerca da violência nas regiões de fronteira, sendo um dos principais a relação com a criminalidade. Outras ideias, como a de que a polícia só prende os traficantes menores (deixando livres as grandes redes do tráfico e seus

chefes) e a imagem do “outro” como violento (principalmente nos países vizinhos ao Brasil), também são típicas da relação fronteira-violência.

Pereira (2002) assinala que a imagem que os brasileiros possuem dos paraguaios geralmente está associada ao narcotráfico, contrabando e violência, sendo nossos vizinhos sinônimos da contravenção e ilegalidade, ambos instituídos sob a égide do Estado através da convivência das instituições policiais. Com isso compreendemos que o fato de Dourados estar em uma faixa de fronteira também constitui um dos elementos que irá complexificar ainda mais essa problemática, sendo mais um diferenciador da ideia que os sujeitos têm/terão da violência.

Continuando nossas considerações acerca da pesquisa empírica realizada, quando perguntados qual a classificação da cidade de Dourados quanto ao nível de segurança, nenhum deles respondeu “muito segura”, sendo que 08% achavam a cidade segura, 67% (grande maioria) pouco segura, 15% insegura e 11% altamente insegura, como confirma a Figura 15:

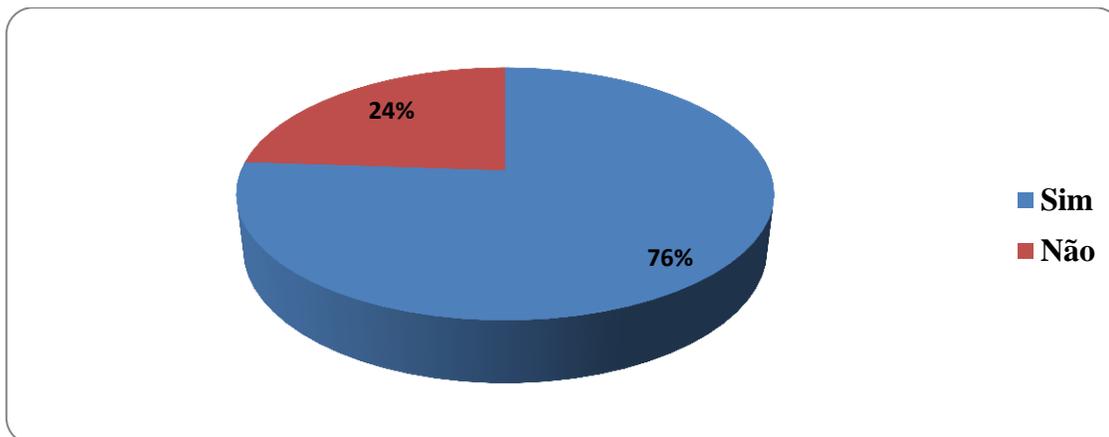
**Figura 15: Dourados-MS. Avaliação da segurança na cidade (2015).**



Fonte: Pesquisa de campo, 2015.  
Org.: FIGUEIREDO, 2015.

Perguntados sobre a segurança na cidade, 76% dos abordados sentiram-se seguros e 24 % inseguros (Figura 16). Neste item algumas expressões como “Durante o dia é segura, só a noite que é perigosa” surgiram várias vezes, evidenciando a forma como a intensidade da insegurança se altera a partir da relação com o tempo e espaço.

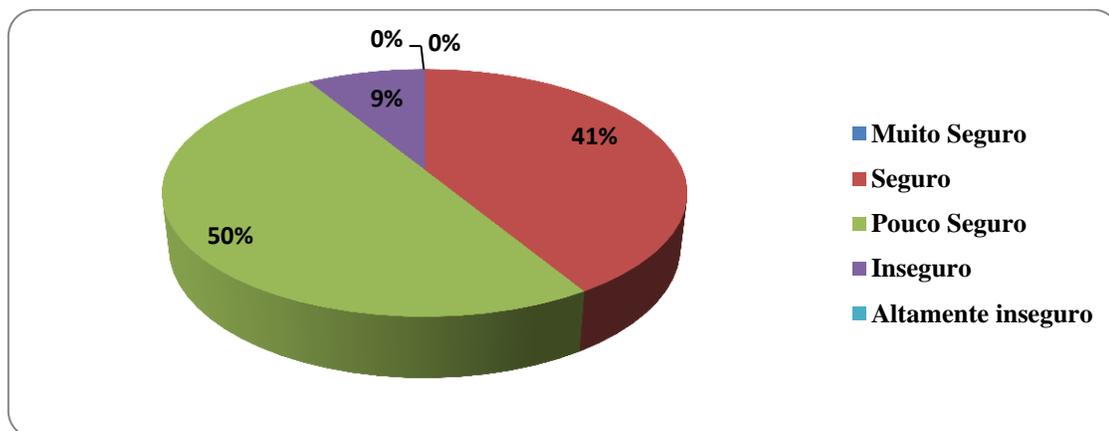
**Figura 16: Dourados-MS. Avaliação sobre a insegurança na cidade (2015)**



Fonte: Pesquisa de campo, 2015.  
Org.: FIGUEIREDO, 2015.

Em outro questionamento, saímos da escala da cidade como um todo para o local de moradia. Nenhuma das pessoas abordadas considerou seu bairro muito seguro e altamente inseguro; 09 % acharam inseguro, 41 % avaliaram como seguro e 50% pouco seguro (Figura 17).

**Figura 17: Dourados- MS. Avaliação da segurança no bairro em que reside (2015).**



Fonte: Pesquisa de campo, 2015.  
Org.: FIGUEIREDO, 2015.

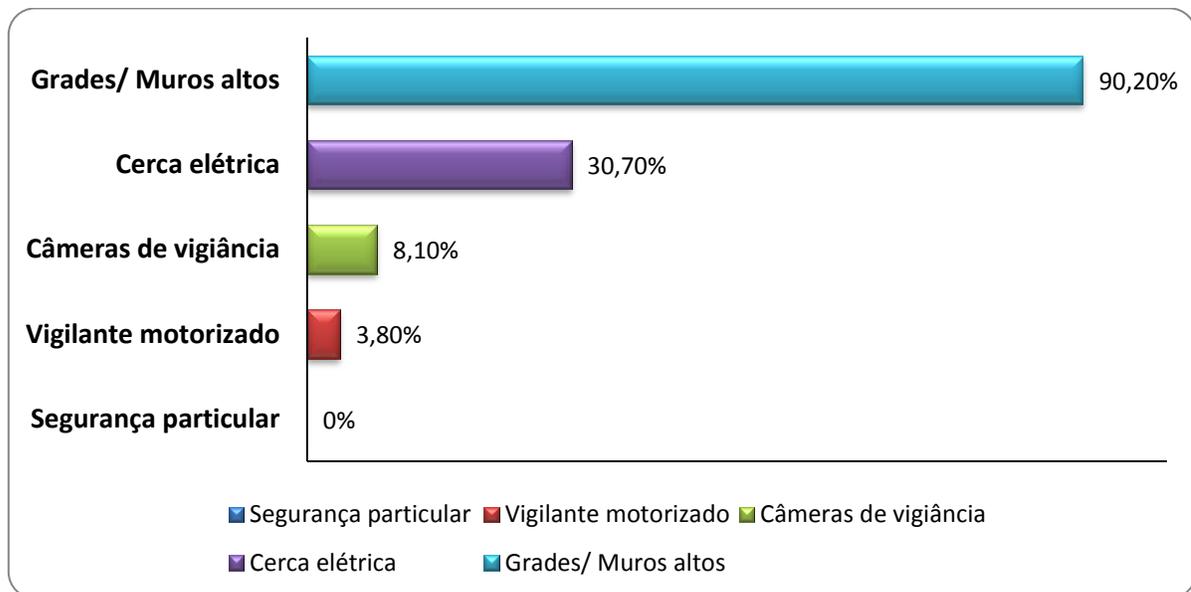
Levando em conta que a segurança tem relação com aquilo que compõe os sujeitos e suas socializações e que é intrínseca às escolhas que fazemos frequentemente (como abordado no

capítulo I), como, por exemplo, equipamentos de segurança, partimos para a seguinte pergunta: quais sistemas de segurança possui em sua residência?

É oportuno dizer que proteção se difere da segurança, porque se baseia naquilo que nós compramos/adquirimos para conservar nossa saúde física. Com o desenvolvimento da tecnologia, há um amplo leque de instrumentos fabricados para esse objetivo.

Dessa forma, ao questionarmos sobre os equipamentos de segurança presentes em suas residências, 90,2 % pontuaram que possuem grades e muros altos, 30,7% cerca elétrica, 8,1% câmeras de vigilância e 3,8% disseram ter vigilante motorizado. Nenhum dos abordados possuía segurança particular (Figura 18).

**Figura 18: Dourados-MS. Equipamentos de segurança particular (2015).**



Fonte: Pesquisa de campo, 2015.  
Org.: FIGUEIREDO, 2015.

Baumam (2008) nos coloca que o incremento do mercado segurança privada é um dos elementos mais característicos da cidade contemporânea, marcada pela individualização. Com isso, a privatização e mercantilização da busca pela segurança têm de ser pensadas dentro das constituintes que compõem o neoliberalismo, que negam os preceitos do Estado (e do coletivo) como promotor dos serviços básicos para a população.

Friego (2003) indica que desde o início dos anos 2000 tem ocorrido na América Latina um aumento expressivo do mercado de segurança privada, deixando para trás até mesmo mercados como os dos Estados Unidos e Europa.

O autor indica três particularidades deste segmento nos países latinos: o próprio crescimento do setor, que tem se ampliado a taxas mínimas de 05 a 08 por cento anualmente, aumentando com isso a privatização e controle dos espaços públicos; o descrédito dos serviços públicos de segurança; e o elevado número de trabalhadores que atuam neste segmento, em virtude da menor taxa de incorporação tecnológica, paralelo a um mercado ilegal de segurança e um panorama de precarização do trabalho (salários baixos, jornadas longas, falta de qualificação adequada, etc).

No Brasil, Zanetic (2009) esclarece que desde seu surgimento no país, em 1969, o total de vigilantes empregados ultrapassou rapidamente o contingente das polícias federais e estaduais somados<sup>44</sup>. A partir da segunda metade dos anos 1990, esse mercado difunde-se e amplia-se através das empresas de vigilância e dos vigias de rua, por meio da disseminação de tecnologias voltadas à indústria da segurança eletrônica e do crescimento do número de cursos de formação ou de empresas de transportes de valores, além do número elevado de vigilantes que trabalham na ilegalidade.<sup>45</sup>

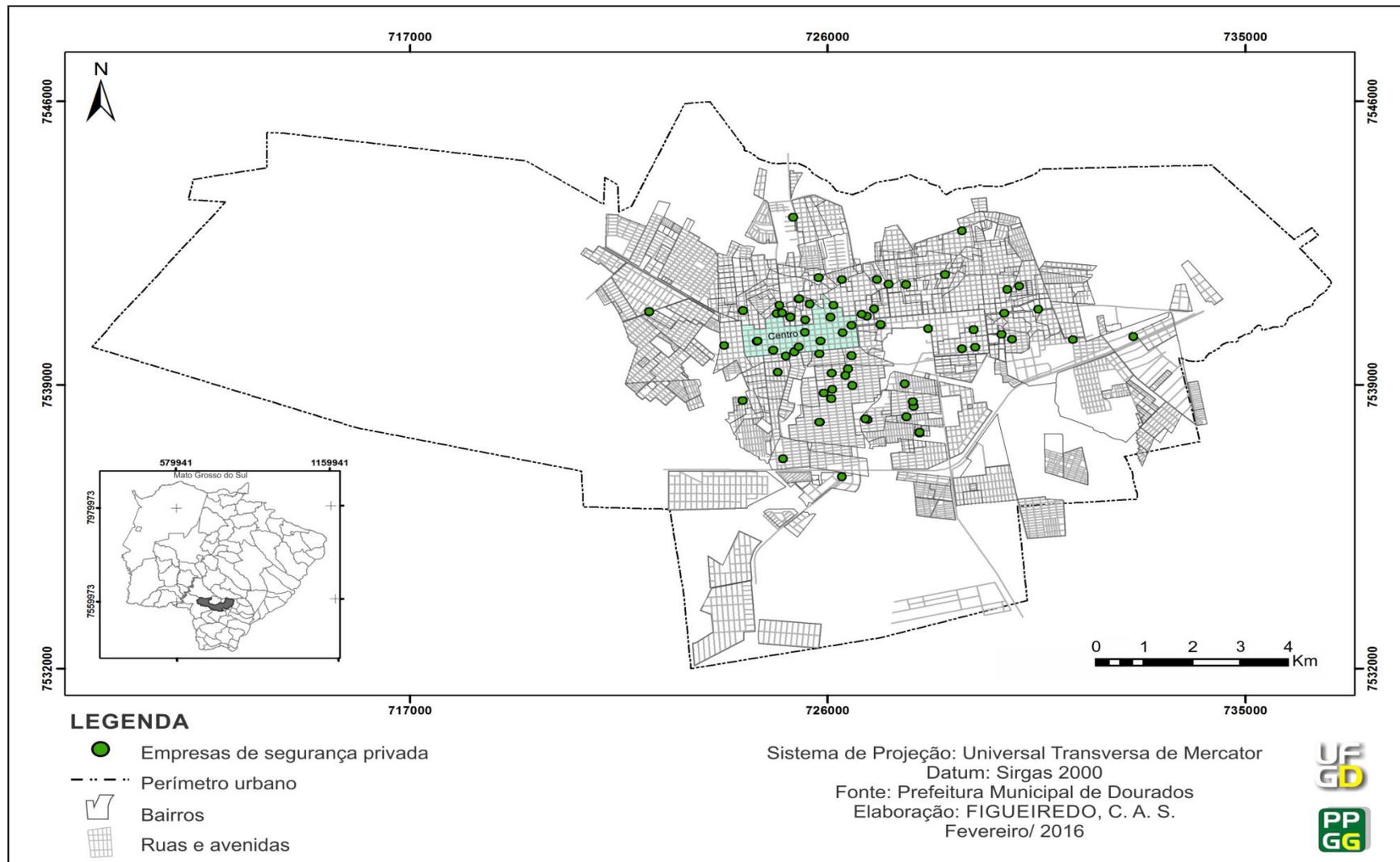
Em levantamento feito à Junta Comercial de Mato Grosso do Sul, constatamos que Dourados contava em fevereiro de 2016 com 77 empresas desse segmento (Figura 19). Esse número caracteriza-se como mais um dos elementos que corroboram o modo como o mercado, atento às necessidades criadas, tem se apropriado da ideia de insegurança.

---

<sup>44</sup> Dados da Polícia Federal revelam que em 2014 havia no país cerca de 990.000 vigilantes.

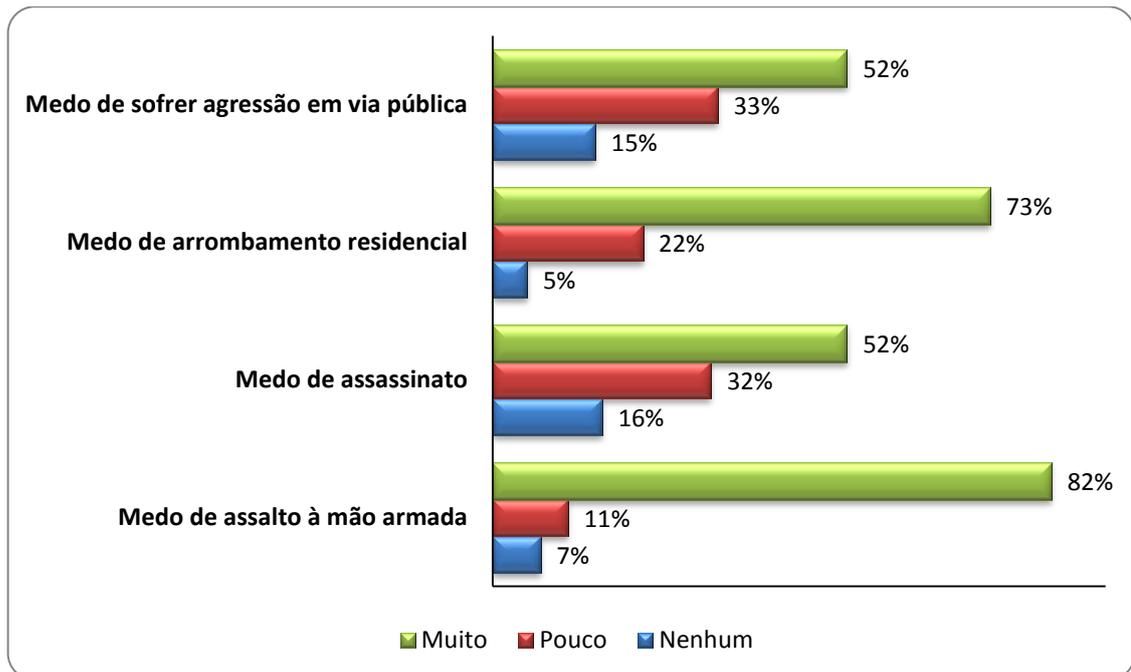
<sup>45</sup> No Brasil, a Lei n. 7.102, de 20 de junho de 1983 e os Decretos n. 89.056/83 e 1.592/95 são as legislações que regulam a segurança privada. Este aparato jurídico estabelece que a segurança privada é complementar à segurança pública, não podendo aquela sobressair-se a esta. Este ordenamento estabelece ainda os ramos permitidos a desempenhar as funções de segurança privada.

**Figura 19: Dourados-MS. Empresas de segurança privada (2016)**



Por fim, nossas perguntas objetivaram avaliar o medo que os entrevistados tinham e tipificações criminais que mais ocorrem nas cidades. Por meio dos resultados observamos que a maioria das pessoas tem muito de medo de sofrer agressão em via pública, arrombamento residencial, assassinato e assalto a mão armada, conforme podemos observar na Figura 20.

**Figura 20: Dourados-MS. Medo segundo as tipificações criminais (2015).**



Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Org.: FIGUEIREDO, 2015.

Os resultados da enquete aplicada dão indícios da forma como a questão da (in)segurança está presente em Dourados. Respostas relacionadas a falta de segurança foram as mais apontadas, indo na contramão dos próprios dados oficiais que assinalam números não tão expressivos.

Dessa forma, a realidade da cidade não se diferencia do cenário internacional, estudado por vários pesquisadores que apontam um sistema-mundo marcado por inseguranças e individualizações crescentes, dinâmicas que alteram profundamente a reprodução do espaço urbano. Nesse âmbito, há agentes que atuam diretamente na propagação e difusão da (in)segurança, sendo a mídia um dos principais deles.

## 2.4. Mídia e violência urbana em Dourados-MS: algumas considerações

Anteriormente, trouxemos dados que demonstraram a forma como o medo e a (in)segurança têm possuído posição privilegiada na percepção da realidade. Esse procedimento metodológico foi apenas um dos adotados nesta pesquisa.

Para compreendermos o modo como a (in)segurança urbana se intensifica em Dourados, é fundamental partirmos da premissa que o espaço como produto, condição social e histórico deve ser analisado em sua totalidade, abrangendo suas várias dimensões, na tentativa de compreender suas múltiplas determinações.

Analisando a teoria espacial de Lefebvre (1979), Gottdiener (1993) nos coloca que, por possuir uma designação ativa e ser reivindicado por uma multidão de atores e instituições, há, assim, uma “explosão de espaços” e conseqüentemente “das cidades”<sup>46</sup>, que se refletem em formas espaciais definidas e, com isso, em espaços contraditórios, que adensam fronteiras e conflitos socioespaciais, oriundos, sobretudo, da dominação do espaço abstrato sobre o espaço social.

Nosso cotidiano está marcado por uma programação pautada na produção e consumo, desdobrando-se na “sociedade burocrática de consumo dirigido”; com isso, os espaços produzidos dentro dessa lógica são marcados pela individualidade, homogeneidade, fragmentação e hierarquização.

As considerações dos autores nos levam a pensar sobre a conjuntura que estamos vivenciando em Dourados no que tange às novas práticas espaciais decorrentes da insegurança urbana, pois determinados agentes têm utilizado discursos que ajudam a promovê-la e, com isso, têm potencializado a fragmentação do espaço e a promoção de novos conteúdos do espaço público.

Lefebvre (1991) assinala que temos de compreender a cidade como o reflexo de determinada sociedade, perpassando o plano do sensível, específico, percebido e concebido. Esta dinâmica determinará a cidade e o urbano, num processo que está sempre em transformação. Nesta ótica, o medo e a insegurança passam a ser um tema que molda nossos comportamentos, frutos de uma sucessão de atividades que se desencadeiam em espacialidades.

---

<sup>46</sup> Vale destacar que para ocorrer o processo de explosão das cidades tem de ocorrer, anteriormente, a implosão. Esse duplo processo faz com que a cidade de origem não desapareça com a modernidade, ocorrendo assim as simultaneidades.

O papel que a mídia possui nessa dinâmica, por exemplo, tem uma irrefutável contribuição para a percepção que a sociedade possuirá da violência na medida em que a imprensa reproduz determinadas manchetes, sentimentos, simbologias e apreensões da sociedade. Tem que ser levado em consideração que esses meios possuem um viés ideológico muito forte, pois o monopólio dos meios de comunicação<sup>47</sup> de massa é uma realidade vigente em nosso país, desde a escala nacional à regional ou local.

No estudo da influência da ideologia midiática sobre as pessoas, Adorno (1993) nos coloca que o pensamento dos grupos hegemônicos é desdobrado nas ideias dominantes em cada época. Sendo assim, eles deterão um poder hegemônico sobre as pessoas.

A veiculação de discursos, que alertam para as transformações das cidades médias e os atos violentos, juntamente com uma tendência de mostrar certa criminalização da pobreza, elucidam essa questão com pertinência. Isso porque a grande maioria das notícias veiculadas como casos de violência dão suporte a uma imagem de que são esses os maiores causadores de crimes, sendo, assim, chamados de “delinquentes em potencial”. Porém, em nenhum momento são discutidas as estruturas que refletem na maior ocorrência desses casos, ou mesmo se veicula notícias atreladas à ocorrência de delitos por parte dos segmentos sociais de maior poder aquisitivo.

Ao enfatizar que a análise socioespacial não deve passar apenas pela dimensão econômica, Calixto<sup>48</sup> (2001) considera que a realidade é marcada por experiências simbólicas, tornando-se necessárias discussões concernentes ao papel desempenhado pela ideologia na determinação destes processos, haja vista que é capaz de produzir determinados discursos, símbolos e imagens, tendo a capacidade de romper relações e produzir novos (e/ou reafirmar alguns velhos) conteúdos.

O espaço urbano é também definido pela produção e difusão de ideologias, que inclui a produção e a consequente difusão de um ‘estilo de vida’, valores, gostos, acontecimentos, experiências, interesses, necessidades, significados, ideias, novas formas de morar, ou num sentido mais amplo, marcado pela composição de um texto no imaginário, o que favorece a

---

<sup>47</sup> Harvey (1996) nos coloca que um dos elementos constituintes do regime de acumulação flexível diz respeito ao controle dos veículos de comunicação nas mãos poucas corporações. Neste tocante, ao mesmo tempo em que se prega a liberdade de expressão há, por parte dessas empresas, toda uma disciplina do que é ou não noticiado, com intento de garantir a manutenção de seus interesses. Assim, a desinformação pode ser propagada tão facilmente quanto a informação.

<sup>48</sup> Embora a pesquisadora não trabalhe com o papel da ideologia da mídia na promoção de discursos e imaginários sociais, ela tece importantes considerações a respeito das articulações político-ideológicas do poder público no processo de redefinição socioespacial. Dessa forma, suas contribuições nos ajudam na compreensão de determinadas relações entre ideologia e configuração do espaço.

diferenciação, o isolamento e o primado do espaço privado. Instaure-se um processo contraditório entre a necessidade de aglomerar (imposta pela cidade) e ao mesmo tempo de se afastar/isolar (CALIXTO, 2001, p.80)

Por possuir uma ligação profícua com o plano da materialidade, a ideologia utiliza de discursos, reconhecidos como representantes do bem comum. Sendo a principal propagadora dos discursos do crime e da violência, a mídia ganha papéis de autoridade e de elevado poder de convencimento da opinião pública, produzindo “realidades” que, na maioria das vezes, são marcadas pela ocultação (ou agravamento) das desigualdades e tensões do cotidiano.

Nesse contexto, “[...] o papel da mídia é fundamental, pois, frente à sensação de medo difuso, ela produz uma dada realidade, formalizando e ordenando o real” (SPOSITO; GOES, 2014, p.03).

No intento de pesquisarmos como esse processo se coloca, procuramos analisar dois conteúdos que foram veiculados nos principais jornais online de Dourados, nos anos de 2014 e 2015, sendo um deles do jornal online “Douradosnews” e o outro o “94 FM Dourados”. Obviamente, esse procedimento metodológico não nos mostra a totalidade do processo na cidade, visto que possui outros jornais e programas que tratam da questão de violência-medo-(in)segurança. Contudo, o fato de trazermos à tona tal material já nos mostra indícios da relevância deste tema para a imprensa local. Além disso, eles expõem pontos complexos de serem averiguados, denotando-se, assim, como uma rica fonte de análise.

Ao lidarmos com jornais, como fonte de análise que têm como tema a questão da violência, partimos da ideia de que os veículos de comunicação não se limitam a aumentar a quantidade das informações, mas lapidam as suas características, gerando informações em grande parte selecionadas e exibidas de forma ordenada. Ao trabalhar com esta questão, Góes (2000), Imbert (1992), Wieviorka, (1997) apresentam três pressupostos fundamentais que devem ser levados em consideração, sendo eles: a existência da violência real e representada, a atuação da mídia em defesa do *estado quo*, estando esta imbricada as relações de poder existentes nas sociedades contemporâneas.

O primeiro artigo que trouxemos, intitulado “*O medo da violência em Dourados*”<sup>49</sup>, denota-se como um texto de opinião, veiculado no Jornal “Dourados News”, e faz referência ao aumento dos casos de roubos, furtos, homicídios e acidentes de trânsito, sendo que muitos deles se efetivam em uma curta escala de tempo.

---

<sup>49</sup> Anexo H (p. 200)

Segundo o autor da matéria, em pouco tempo “[...] viveremos sitiados, já que com tantas ações realizadas por marginais, a população se torna escrava e precisa contar com a sorte para ter o direito de ir e vir com segurança, o que não tem sido habitual por aqui”.

Podemos observar o modo como essa questão é referenciada como algo crítico em Dourados, levando ao desdobramento de vivermos “sitiados” em nossas próprias residências.

No entanto como apresentamos anteriormente as estatísticas oficiais não têm demonstrado aumento da violência, neste caso da criminalidade, ocorrendo uma divergência entre o que os números expressam e a imprensa veicula.

Vale expor, que não estamos dizendo que a violência não é um problema social a ser combatido com firmeza, mas sim que este tipo de discurso, pautado em exageros e simplificações, apenas aguça e propaga sentimentos de medo e (in)segurança na população.

Peguemos novamente o exemplo da Vila Cachoeirinha, bairro que ocupa a vanguarda dos números de homicídios e a segunda posição nos casos de roubos. Implantado entre os anos de 1989 a 1992<sup>50</sup>, em uma área de várzea, próxima aos córregos Água Boa e Rego D’Água, o então loteamento foi uma das primeiras estratégias de intervenção do governo municipal para atender os que encontravam-se à margem do acesso regular a moradia no município (SILVA, 2000).

Com condições precárias de saneamento básico e pavimentação asfáltica, os moradores do local foram durante anos alvo de preconceitos e estigmas devido ao seu local de moradia. Obras importantes, como canalização dos córregos, rede de esgoto e asfalto, só foram finalizadas em 2013, sendo veiculadas por vários jornais locais, sobretudo por meio de entrevistas de moradores do local.

“Realizamos um sonho. Era muito triste viver em um bairro sem infraestrutura enfrentando dias chuvosos. Sem contar a poeira e os alagamentos. O asfalto era um sonho de longas datas. É resultado de muitas lutas dos moradores. Hoje vivemos em um bairro mais digno.” (Fragmento de reportagem veiculada pelo jornal Campo Grande News, em 12 de dezembro de 2015)

“Para se ter uma ideia, uma casa que antes destes benefícios custava R\$ 10 mil, hoje, está em R\$ 100 mil. O bairro ficou bonito e atrativo. Muita gente querendo comprar imóveis ali e, quem antes queria vender para sair do bairro, desistiu e agora deseja ficar. Com a chegada da infraestrutura, os moradores se animaram e investiram nos imóveis. Fizeram calçadas, muros e reformas, deixando a região com outra cara” (Fragmento de reportagem veiculada pelo jornal O Progresso, em 18 de dezembro de 2015)

---

<sup>50</sup> Na gestão do então prefeito Bráz Melo (1989-1992)

“Antes, o Cachoeirinha tinha uma aparência muito ruim. Sofríamos alagamentos, barro e muita sujeira. Por causa disso, as pessoas de fora tinham até medo de entrar aqui e os moradores tinham vergonha de dizer que moravam no Cachoeirinha” (Fragmento de reportagem veiculada pelo jornal O Progresso, em 18 de dezembro de 2015)

“A pavimentação nos deu a certeza de uma vida melhor. Nossa casa foi valorizada e minha filha hoje pode andar de bicicleta na calçada ou em frente a nossa casa”. (Fragmento de reportagem veiculada pelo jornal O Progresso, em 17 de abril de 2015)

No entanto, a mesma mídia que enaltece as melhorias que ocorreram no local também é aquela que ocupa boa parte de seu tempo e de suas matérias na veiculação de episódios violentos relacionados ao bairro, especialmente aos homicídios, tipificações pelas quais “ as falas do medo” ganham mais notoriedade e apelo. Ao colocarmos no item de busca, em três dos principais sites de notícias de Dourados, a expressão “Cachoeirinha” verificamos uma situação que elucidada essa questão.

Nos anos de 2014 e 2015 (Quadro 01) o site “Dourados News” veiculou 42 notícias referentes ao bairro; dessas, 36 (86%) tinham relação com algum crime ocorrido. O jornal “Dourados Agora” trouxe 58 reportagens, sendo 35 (60%) concernentes aos casos de violência. E, por sua vez, o portal “O Progresso” noticiou ao todo 13 matérias referentes ao local, sendo 08 (61%) sobre crimes acontecidos.

**Quadro 01: Dourados-MS. Notícias referentes ao Bairro Cachoeirinha (em números absolutos) - (2014-2015)**

<b>Jornal</b>	<b>Total de reportagens veiculadas ao bairro</b>	<b>Relacionadas A violência</b>	<b>% Relacionadas A violência</b>
Dourados News	42	36	86
Dourados Agora	58	35	60
O Progresso	13	08	61

Fonte: Portal online dos jornais: Dourados News, Dourados Agora, O Progresso.  
Org.: FIGUEIREDO, 2015

Mesmo que não seja fácil classificar as ocorrências, buscamos analisar em que elas consistiam e indicamos da mais frequente a menos frequente, sendo elas: homicídios (31); tráfico de drogas (31); roubos e furtos (12) e furtos (5). Rixas entre grupos foram muito retratadas pelos jornais eletrônicos, assim como a questão do tráfico de drogas.

“O pessoal dali de baixo [bairro] tem inveja de nós, porque os moleques são todos “montado”. Eles tem moto, é tudo “montado” no dinheiro. Aí foram fazer provocação e dar tiro em nós e virou esse bolo de neve aí”. ( Entrevista de Diego Balbino de Matos, 19, concedida ao Jornal Dourados News, em 03 de fevereiro de 2015)

Defron fecha “atacadão” de drogas na Cachoeirinha.(Título de reportagem veiculada pelo Jornal Dourados News, em 28 de agosto de 2015)

O bairro Cachoeirinha é considerado relativamente calmo, porém, é ponto de concentração de bocas de fumo e de distribuição de drogas, já que é o primeiro bairro da cidade para quem chega de Ponta Porã. (Fragmento de reportagem veiculada pelo Jornal Dourados News, em 22 de agosto de 2012)

Polícia fecha “comércio” de drogas na Cachoeirinha. (Título de reportagem veiculada pelo Jornal Dourados Agora, em 12 de setembro de 2015)

Quadrilha é presa com drogas e arma na Vila Cachoeirinha (Título de reportagem veiculada pelo Jornal O Progresso Agora, em 19 de outubro de 2015)

As reportagens demonstradas ratificam um dos inúmeros casos que Cardia (1994) evidenciou em suas pesquisas sobre “Atitudes, Normas Culturais e Valores em Relação à Violência”, que, ainda hoje, representa um dos principais estudos sobre a questão no Brasil. Para a socióloga, o trato que os veículos de comunicação dão à violência configura-se como um dos problemas de ordem institucional da esfera acadêmica, pois são poucos os debates que levam em consideração a origem dessa dinâmica.

Ao exercer a profissão, o jornalista reproduz a velha prática de tratar o fenômeno a partir do fato violento em si, desconsiderando as causas e o contexto. O quadro tende a ser mais problemático nas redações que mantêm a figura do repórter policial ou nas chamadas editoriais de polícia. Normalmente, esses profissionais dependem muito de fontes policiais, já que consideram central para seu trabalho os furos de reportagem. (CARDIA, 1994, p.74)

É necessário ter em mente que no meio midiático há uma grande seletividade de temas e informações. O que chega a ser publicado passa por um conjunto de critérios de seleção que conta com a finalidade de alcançar determinados objetivos.

Na contramão desse tipo de discurso, o Estado também se utiliza do poder da mídia para lançar argumentos que visem tranquilizar a população e manter os *status quo*. Isso pode ser percebido na reportagem intitulada “*Delegado descarta escalada da violência em*

*Dourados apesar de 14 homicídios no bimestre*”<sup>51</sup>, veiculada pelo portal “94fmdourados”. Na matéria, um dos representantes máximos dos órgãos de segurança pública do município garante que há apenas uma sensação momentânea de insegurança. Prova disso seria a diminuição das taxas gerais de criminalidade, resultante do número de policiais e investimentos em infraestrutura de segurança, refletindo numa queda dos índices de violência. Dessa forma: “[...] mais do que fomentador do comportamento violento, a mídia deve ser entendida como instrumento de controle social que contribui (ou não) para que o Estado assumira seu papel” (CARDIA, 1994, p.72).

Para Sodré (2006), embora a violência seja deflagrada em distintas instâncias e agentes sociais, a mídia divulga geralmente apenas um tipo, sendo ele o ato em si próprio, aquele que pode ser ampliado e em partes encenado como uma novela com mocinhos e violões. Assim, a violência social que perpassa o plano econômico, político e psicológico é deixada de lado, já que não pode ser montada.

Góes e André (2006) colaboram na reflexão quando destacam que a forma como a violência é trabalhada pelos meios de comunicação garante que nós nos referimos mais a uma violência representada que a uma violência real. Contudo, os autores nos lembram que ambas possuem relações entre si, variando a partir da intensidade do sensacionalismo utilizado.

Logo, a percepção que temos da (in)segurança, por interferência da mídia, colaborará para dinâmicas de reação que visem combatê-la, assim como nos colocam Sposito e Góes (2013)<sup>52</sup>

A mídia procura formalizar o real, introduzindo uma certa ordem, onde parecia haver o caos, propiciando aparente conforto ao indicar as espectadores, atônitos frente a visibilidade da violência garantida pela própria mídia, horários (ou períodos) em que a violência ocorre, locais perigosos a serem evitados, sujeitos perigoso de que proteger, ancorando portanto práticas tais como evitar certos bairros, não frequentar praças onde há o consumo de drogas, não contratar funcionários tatuados. (2013,p 215 )

---

<sup>51</sup> Anexo I (p. 201)

<sup>52</sup> No intento de enriquecer a análise referente a insegurança Sposito e Góes (2013) constataram que a efetivação de políticas públicas de segurança que tiveram como finalidade a descentralização das penitenciárias e sua difusão para o interior do estado de São Paulo, colaboraram para o recrudescimento da insegurança da população de Presidente Prudente (alvo principal da pesquisa), levando em consideração que o Oeste Paulista foi largamente atingido pela construção de penitenciárias de grande porte a partir dos anos de 1990.

O medo dos moradores da região foi um dos reflexos dessa política, no qual estereótipos e preconceitos foram direcionados tanto aos internos quanto aos seus familiares que se instalaram nas cidades vizinhas para acompanhar de perto seus parentes deslocados para essas penitenciárias.

Na procura por locais “seguros”, os cidadãos acabam modificando suas formas de uso da cidade e conseqüentemente da relação com o outro, na qual o caráter seletivo ganha peso.

Nesse tocante, o papel da mídia configura-se como algo delicado de ser averiguado, já que, ao mesmo tempo em que possui a capacidade de oferecer informações imprescindíveis para o cotidiano, essas mesmas informações têm capacidade de persuasão irrefutável, refletindo em nossos imaginários socioespaciais. A visibilidade dos atos tidos como violentos colabora assim, para a disseminação da ideia que a violência está em todos os lugares, aumentando ainda mais a sensação de que a segurança é algo cada vez mais raro.

Considerando a composição dos textos dos jornais que elegemos, nota-se que eles refletem e interferem, de forma casada, as representações geradas acerca de determinados locais, neste caso do bairros Cachoeirinha, e conseqüentemente dos sujeitos sociais a ele relacionados. Em vista disto, o conjunto destes jornais operam como sujeitos dotados de toda uma historicidade ao demonstrar informações que constroem imagens perante o outro.

O caso exemplificado é um forte elemento que denota a associação entre as opiniões condizentes a violência e insegurança. As falas do medo são difundidas em nosso cotidiano de forma incisiva e muitas vezes dilacerante

Os desdobramentos dessa dinâmica vão desde o aumento dos muros das residências a instalação de cercas elétricas (os números das empresas de segurança privada localizadas em dourados, indicam esta conjuntura, onde a autoproteção ganha força, assim como demonstrado nas pesquisas de Curbet (2008).

A confiança e segurança que a cidade historicamente concedia perdem terreno para uma sensação crescente de risco que se retroalimenta por meio dos agentes produtores de insegurança.

### CAPÍTULO III

#### **A (IN)SEGURANÇA COMO FATOR DE PROMOÇÃO DAS NOVAS FORMAS DE MORAR EM DOURADOS-MS: O CASO DOS RESIDENCIAIS FECHADOS DE PADRAO MAIS ELEVADO**

Até então, procuramos demonstrar como a (in)segurança teve posição central nas percepções e práticas que primam pela segmentação socioespacial dos cidadãos, tendo a mídia papel fundamental nesta conjuntura ao aguçar fatos associados a esta problemática, mesmo que os dados oficiais de criminalidade não apontem um recrudescimento da violência em Dourados.

Como já apontado, entendemos que existem outros atores que atuando mutuamente agem na difusão de um imaginário de cidade insegura (MAGRINI, 2013), que se reflete em usos do espaço pautados em novos sentidos e significados. Tendo em vista a sensação generalizada de (in)segurança, acreditamos em consonância com a autora, que os empreendedores imobiliários também sejam um dos principais irradiadores desse sentimento, já que trabalham incessantemente no intento de promover o fechamento residencial, divulgando um modo de vida que se sobressai ao da cidade em relação à segurança e lazer.

Os loteamentos horizontais fechados, até poucos anos atrás presentes apenas em grandes centros urbanos e algumas cidades médias do Brasil, vêm ampliando-se a outras localidades, redefinindo os usos do solo urbano e ampliando os tecidos das cidades. As falas do medo, são amplamente utilizadas pelas ações de venda dessas novas formas de morar, exacerbando a imagem da cidade como insegura.

Em Dourados, essa realidade é latente, sendo evidenciada a partir de ano de 2007 com a construção de empreendimentos que tiveram o objetivo de atender tanto segmentos de alto poder aquisitivo quanto de médio e baixo. Dinâmica que para Bernadelli e Calixto (2015) denota-se como um dos reflexos da centralidade regional que a cidade exerce o que desencadeia novas formas de reprodução do espaço urbano e sua conseqüente reestruturação. Tratando-se de locais tidos como seguros e ideais para se viver em harmonia, quais representações os moradores possuem desse lugar?

Tuan (1983) nos diz que é a partir das realidades que os cercam que os sujeitos passarão a ter experiências sobre certo espaço. Por isso acreditamos que os moradores são os principais atores para falar dos locais onde vivem, já que os habitam diariamente,

estabelecendo um elo com o mesmo, seja por meio dos sentidos mais diretos (tato, paladar, visão) ou indiretos (sistema de símbolos).

Pretendemos assim compreender as formas como os residentes nesses tipo de loteamento apreendem os locais de vivência a partir de seus relatos e representações sobre a (in)segurança. Tendo como referência Chartier (1990), compreendemos que as representações despontam como matrizes discursivas e práticas historicamente construídas, que agem na forma como os sujeitos sociais vivenciam a realidade, estando o poder e a dominação sempre presentes.

O conceito de representação permite articular três modalidades da relação com o mundo social: a ação de classificação e delimitação que produzirão os intelectos sob a quais a realidade é produzida pelos distintos grupos; as práticas que objetivam reconhecermos uma identidade social, exibir uma maneira singular de estar no mundo e significar simbolicamente uma posição; e as formas institucionalizadas graças as quais os representantes individuais, ou de um coletivo, marcam de forma concreta a existência de uma classe, grupo ou comunidade.

A sociedade é estruturada e moldada por meio de um vasto leque de discursos, algo que nos remete a problematizar as formas como determinados sujeitos têm pensado e compreendido o real (ou suas próprias experiências) a partir da difusão das representações, pois as mesmas:

Produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade a custa dos outros, por ela menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas (CHARTIER, 1990, p.17)

De acordo com Lefebvre (1990) o sentido de produção converge na mobilização de feitos materiais e subjetivos, que vão paulatinamente designando as representações sociais. Nesta ótica de análise, as cidades inseguras passam a ganhar destaque em nossos imaginários, pois esses elementos possuem uma capacidade incessante de penetrar nas diferentes camadas sociais, o que tende a estabelecer ideias consensuais (mas não homogêneas, pois as representações têm relação direta com as experiências de vida que cada sujeito detém).

Tomando posse desses referenciais na operacionalização de nossa investigação, optamos em nos esforçar numa análise dos dados, onde o objeto empírico foi o cotidiano dos sujeitos. Por meio de 20 entrevistas, que seguiram um roteiro pré-selecionado e elaborado com base em pesquisas concernentes aos residenciais fechados, desenvolvidas por Sposito e Góes (2013) em Cidades Médias do interior paulista, objetivamos compreender:

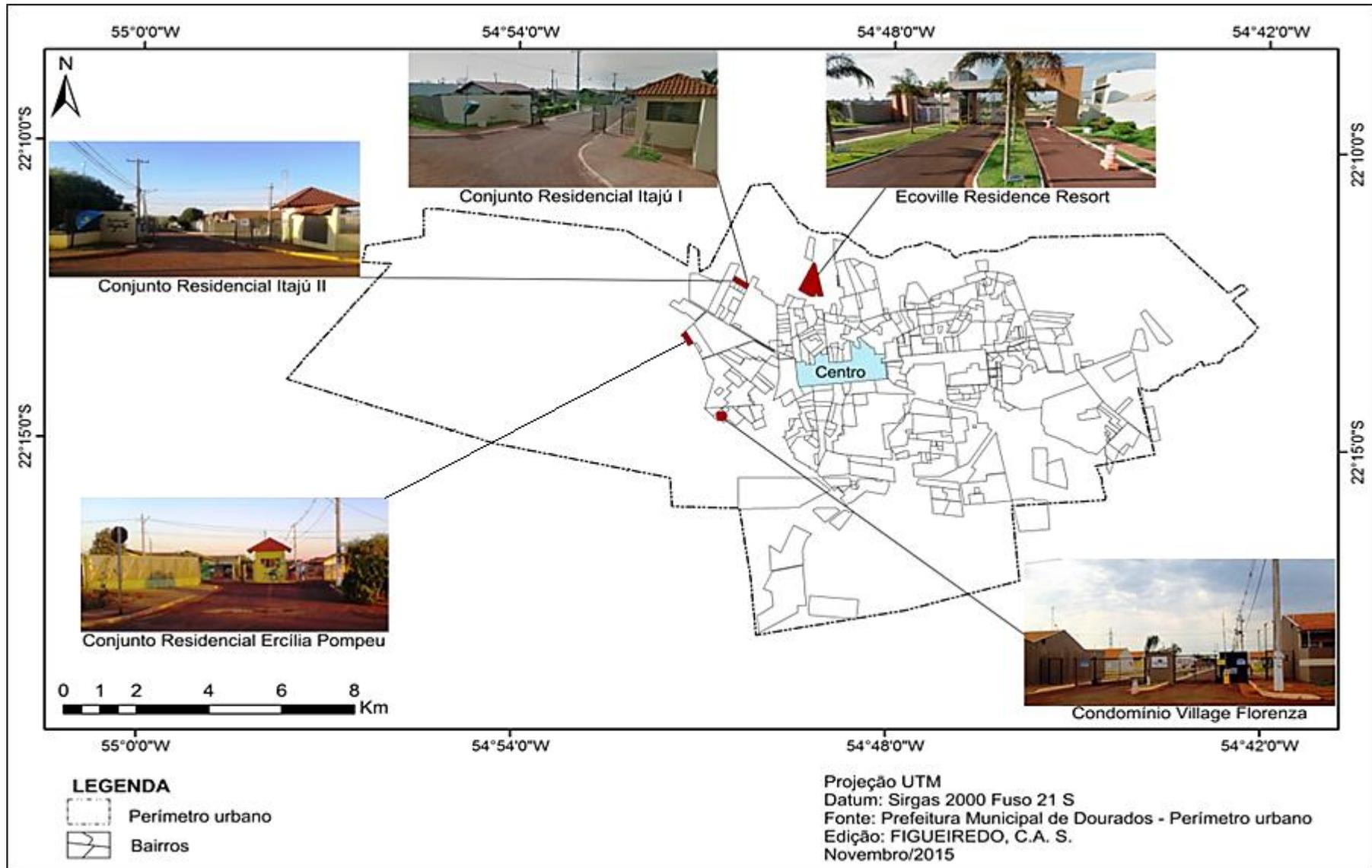
- As motivações que levaram a morar nesses empreendimentos, dando atenção especial a relatos condizentes a questão da (in)segurança.
- Quais medidas de segurança são adotadas coletivamente (pelo residencial) e individualmente.
- Como as várias regras de segurança e comportamento, estabelecidas pelos empreendimentos, modificam e moldam determinadas práticas espaciais.
- Que mudanças na rotina foram observadas após o início da moradia nesses locais, já que os mesmos estão localizados em porções distantes do centro tradicional.
- Como ocorrem as relações de vizinhança em um local que se distingue por certa “homogeneidade social”.
- Quais tensões são averiguadas no dia-a-dia dos residenciais e como isso modifica as relações de sociabilidade.

Transpor as “barreiras” que separam os residenciais fechados da “cidade aberta” não foi algo simples como parecia de início. Então, foram os primeiros entrevistados (geralmente, pessoas conhecidas) que nos ajudaram a conseguir mais nomes para a pesquisa por meio de indicações. Com isso, conseguimos chegar ao total de entrevistas que compuseram parte nosso referencial empírico.

Pudemos então conversar com sujeitos de distintas idades, sexo, profissão, escolaridade e renda, que falaram abertamente sobre as questões levantadas sem a interferência do entrevistador. A análise das entrevistas realizadas nos residenciais nos permitiu observar importantes transformações em curso que têm alterado o conteúdo da cidade à medida que interfere na redução de contatos e relações entre pessoas de condições socioeconômicas diferentes.

Tendo essas considerações em mente, realizamos um rápido levantamento a respeito dos residenciais fechados construídos em Dourados, e com os resultados em mãos optamos por trabalhar em locais de distintos padrões econômicos, objetivando estabelecer as semelhanças e diferenças entre os mesmos. Com isso, tomamos como referencial os seguintes locais: Condomínio Ecoville Dourados Residence & Resort, Villagio Dourados, Itajús I e II e Residencial Ercília Pompeu, cuja localização no tecido urbano de Dourados é demonstrada na Figura 21.

Figura 21: Dourados-MS. Residenciais fechados considerados para a análise (2015).



Considerando o que foi possível apreender a partir da realidade dos moradores dos referidos residenciais, a seguir apresentaremos algumas considerações sobre tais formas de morar. Os resultados dirigem-se para uma realidade em que ampliam-se as distâncias entre os cidadãos, apontando que o debate em torno dos reflexos socioespaciais desses novos habitats urbanos em Dourados precisa ser trazido a tona.

Com o intuito de organizarmos melhor as reflexões que seguem neste trabalho dividimos os resultados de nossas observações em dois momentos: primeiramente, discutiremos as dinâmicas concernentes **aos loteamentos fechados de padrão mais elevado** e em seguida consideraremos dos **loteamentos populares fechados**, ambos empreendimentos que embora protegidos por muros e/ou grades contém diferenças que não devem ser desprezadas.

### **3.1. Novas formas de morar: os loteamentos fechados de padrão mais elevado**

Ainda que a construção dos residenciais fechados tenha sido alavancada no Brasil a partir dos anos 1970, essa lógica de produção é recente em Dourados.<sup>53</sup> Assim, somente a partir de meados dos anos 2000 os residenciais fechados começaram a ser lançados, sendo eles: EcoVille Dourados Residence Resort (2008), Golden Park Residence (2008), Terras Alphaville Dourados (2013), Green Park (2014), Porto Madero Residence e Resort (2014) e Porto Seguro (2015).

O Quadro 02 mostra as características gerais desses empreendimentos.

---

<sup>53</sup> Contudo, já no fim da década de 1970, a construção do Portal Dourados, caracterizado como um residencial semifechado, possuinte de uma única entrada e saída, com padrões de construções elevados e localização privilegiada, elementos que propiciavam distinção social aos seus moradores, já dava indícios iniciais de que novas formas de moradia poderiam ser edificadas. Em 1998 foi lançado o Condomínio Triunfo, localizado a 21 km da cidade e tendo como via de acesso a BR 163<sup>53</sup>. O loteamento fora tido como um empreendimento de distinção social devido a todo o aparato de infraestrutura e locais para lazer como piscinas, lagos artificiais, quadras poliesportivas, campos de futebol, pistas para corrida e equitação, lojas de conveniência, restaurantes, salão de eventos, capela para orações, dentre outros equipamentos. (CALIXTO, 2000). No entanto, conforme constatou a pesquisa Calixto (2000), dois anos após o seu lançamento apenas alguns equipamentos foram construídos, metade dos 349 lotes (que continham a partir de 2.500 m<sup>2</sup>) foram vendidos e apenas três residências construídas, sendo assim, o residencial não obteve sucesso em sua implementação. Com capital de origem local, ainda hoje são disponibilizados, em sites de vendas, lotes do empreendimento para venda, com preços que iniciam em R\$ 79.500,00, contendo cerca 1.860 m<sup>2</sup>. Uma das estratégias de merchandising é a “super oferta” com preços abaixo do mercado em relação aos outros loteamentos de Dourados.

**Quadro 02: Dourados-MS. Residenciais fechados (2008 - 2015).**

<b>Loteamento fechado</b>	<b>Número de lotes</b>	<b>Ano</b>	<b>Área mínima do lote(m<sup>2</sup>)</b>	<b>Empresas</b>	<b>Origem da(s) empresa (s)</b>
Ecoville Dourados	255 (fase 01) 198 (fase 02)	2008	450	Plaenge , Vectra	Londrina/PR
Golden Park	225	2008	S.I	Fábio Frantz Incorporadora	Dourados/MS
Terras Alphaville	595	2013	324	Alphaville Urbanismo	São Paulo/SP
Porto Madero Premium	520	2014	300	Corpall Incorporadora	Dourados/MS
Green Park	418	2014	325	São Bento Incorporadora	Naviraí/MS
Porto Seguro Residence & Resort	270	2015	252	Corpall Incorporadora	Dourados

Fonte BERNADELLI e CALIXTO (2015), complementado por FIGUEIREDO (2016).  
Org.: FIGUEIREDO (2016).

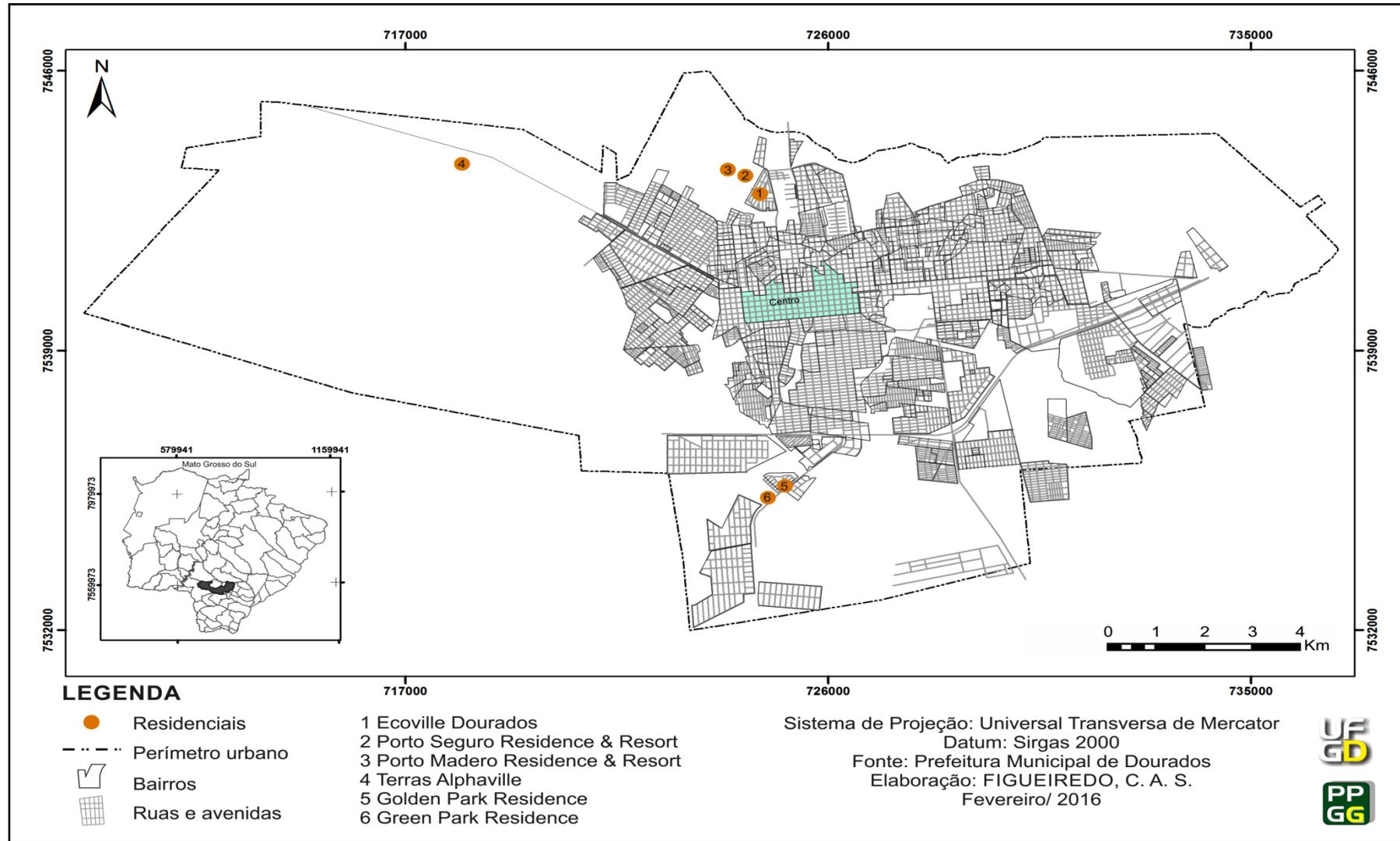
Acreditamos que o crescimento dos loteamentos fechados em Dourados tem relação direta com sua condição de Cidade Média, pois através das intensas articulações que a cidade estabelece com os centros urbanos do seu entorno, tem ocorrido, dentre outros processos, aumento da presença do capital imobiliário, denotando uma dinâmica orientada por interesses de proprietários, incorporadores e do próprio Estado<sup>54</sup>.

A Figura 22 demonstra a localização dos empreendimentos de padrão mais elevado, voltados para a demanda de maior poder aquisitivo, construídos em Dourados.

Destacamos que , em sua maioria, localizam-se na porção noroeste da cidade, área mais “valorizada” em termos imobiliários.

<sup>54</sup>Em entrevista concedida ao Jornal “O Progresso” em setembro de 2013, o então prefeito de Dourados-MS, Murilo Zauith, enfatiza que sua gestão tem trabalhado para “[...] atrair investimentos e gerar emprego para que a população da cidade e região se fixe por aqui, sem necessidade de se mudar para os grandes centros”. Dentro desta lógica, a articulação com empreiteiras para a construção, no município, de condomínios fechados de luxo também se coloca como uma das pautas da gestão do Estado, que se utiliza do discurso da promoção de empregos para justificar e legitimar a construção desses espaços.

Figura 22: Dourados-MS. Localização dos loteamentos fechados de padrão mais elevado (2016).



Esses residenciais surgem se respaldando na ideia de distinção social. O residencial Ecoville, por exemplo, foi lançado com uma estratégia de ampla divulgação de determinadas especificidades, como o fato de estar localizado na parte “alta da cidade” com “vista privilegiada” e de fácil acesso ao centro tradicional de Dourados. Ademais, usou das externalidades que os avizinhavam, como o Jardim Girassol (bairro até então de importante “valorização” imobiliária em Dourados), Usina Velha (conhecido ponto turístico), Córrego Laranja Doce (proximidade com a natureza) e escolas/universidades privadas, como táticas “valorização” (Figura 23)<sup>55</sup>.

**Figura 23: Dourados- MS. Equipamentos próximos ao Ecoville Residence Resort, destacados pela publicidade MS (2015).**



FONTE: Site Ecoville Residence Resort, 2015.  
Org.: FIGUEIREDO, 2015

<sup>55</sup> Em pesquisas referentes aos residenciais fechados do interior paulista, Sposito (2007) nos diz que o primado da separação entre a função residencial e as típicas do cotidiano, como as comerciais e de serviços, é respeitado a fundo por meio da “venda” desses serviços junto com o produto imobiliário. Exemplo dessa questão são os materiais publicitários dos imóveis que sempre possuem fotos oblíquas indicando as localizações de equipamentos próximos ao empreendimento. Paralelo a essa informação, corrobora-se a importância do automóvel no mundo moderno, pois as quilometragens nunca são evidenciadas, mas sim o “pouco tempo” que se gasta para chegar aos serviços.

Logo, as decisões locacionais que se desdobraram na edificação do empreendimento utilizaram desses elementos e conferiram “valorização”. O residencial Ecoville teve tanta demanda que outros empreendimentos iniciaram suas obras ao seu lado, sendo eles o Porto Madero Premium e Porto Seguro Residence & Resort, que utilizam do slogan “condomínio construído próximo ao Ecoville Dourados” e da ampla divulgação de “inovações” como: cinema particular, lago artificial, piscina coberta e aquecida, piscina com deck molhado, spa center, duas piscinas de biribol, aquaplay, campo de futebol society, quadra de tênis e poliesportiva, fitness center, pista de skate, salão de jogos, salão de festa adulto, salão de festa infantil tematizado, espaços gourmet, estação de chopp e vinho.

Com isso, criam-se acessibilidades subjetivas, determinando formas distintas de morar. Conseqüentemente, ocorre um aumento da renda fundiária e a mobilização do poder público para viabilizar serviços públicos, como: vias de acesso aos locais, ampliação das redes de internet (serviço limitado nessa área da cidade antes da chegada dessa forma de morar) e aumento dos horários de transporte público<sup>56</sup> para atender, sobretudo, os funcionários que trabalham no empreendimento<sup>57</sup>.

Temos ainda o loteamento fechado denominado Terras de Alphaville<sup>58</sup>. Em fase de construção, o empreendimento localiza-se na porção noroeste, que tem tido um aumento de loteamentos residenciais nos últimos cinco anos, devido, sobretudo, à ampliação do perímetro urbano de Dourados.

Uma das estratégias de marketing do residencial é destacar suas inovações no ramo do “lazer e meio ambiente” já que todos seus equipamentos destinados ao descanso, convivência e prática esportiva estarão ligados a “áreas verdes”, dentre elas uma grande lagoa. Outro aspecto evidenciado na promoção do residencial diz respeito aos mecanismos de segurança.

---

<sup>56</sup> Em entrevistas realizadas com condôminos, a dificuldade de acesso que os empregados possuíam para chegar ao local era uma das problemáticas mais citadas, já que o transporte público não passava próximo ao residencial. Entretanto, após o aumento de residências construídas e pressão por parte da associação dos moradores, a empresa que presta serviço em Dourados implementou três horários de ônibus que passam na em frente as guaritas de acesso ao local.

<sup>57</sup> Quando observamos as características dos loteamentos Golden Park e Green Park, localizados na porção sul da cidade, notamos que há uma pluralidade nos padrões desses novos habitats, pois diferentemente dos residenciais localizados na porção norte da cidade, em áreas descontínuas ao tecido urbano, até então não havia um uso mais intenso do solo nem a produção de habitações dedicadas à moradia das classes média e alta, somente bairros de caráter popular (CALIXTO, BERNARDELLI, 2015)

<sup>58</sup> Com mais de 40 anos de atuação, a Alphaville está presente em 22 estados brasileiros, sendo uma das empresas mais atuantes no segmento de construções de residenciais horizontais fechados no Brasil. Hoje a empresa é composta por grupos de investimentos de âmbito internacional, sendo a Blackstone e Pátria Investimento detentoras de 70% da empresa.

Com aparatos de última geração, o ambiente de tranquilidade que permitirá às famílias circularem dia e noite é sempre ratificado. Para que isso seja possível, serão implantados códigos de comportamento pautados no planejamento inteligente, a cultura da prevenção, o modelo participativo de gestão e a criação de uma rede de autoproteção mantida por meio de um sistema integrado de comunicação com órgãos como a polícia, Corpo de Bombeiros e Defesa Civil<sup>59</sup>.

Sendo assim, verificamos que o crescimento dos residenciais fechados de padrão mais elevados em Dourados tem refletido em uma reprodução do espaço urbano que tende cada vez mais a segmentação no interior da cidade, podendo levar a processos de segregação socioespacial.

Ademais, ao serem determinados pelos empreendedores imobiliários, os locais de expansão e investimento em Dourados lançam novas centralidades, sendo elas reflexos da necessidade de reprodução do capital. Nesse movimento as necessidades da maioria dos habitantes da cidade não são levadas em consideração. Dessa forma, compreensão das lógicas econômicas que agentes produtores do espaço urbano utilizam é de suma importância para a compreensão das recentes transformações que têm levado à dispersão da cidade através da extensão do tecido.

Além disso, abordar os sujeitos sociais que adotam viver entre os muros desses residenciais de alto padrão também se denota como uma investigação necessária, haja vista a pluralização dos conteúdos sociais.

Referenciando Amêndola, Sposito e Góes (2013) analisam que a emergência de empreendimentos residenciais fechados nos leva a analisar para além das chamadas estruturas urbanas e da cidade, pois as experiências que os sujeitos possuem contribuem para compreender o rol de mudanças profundas que ocorrem na atualidade. Nesse sentido, um conjunto de mudanças em curso nos oferecerem subsídios para entender as especificidades da separação social na cidade contemporânea que, diante das barreiras criadas, tornam-se de “continentes da diferença” para “continente da indiferença”. Ou seja, a da individualidade. Assim, as barreiras criadas são pertinentes para justificar e assegurar o direito à diferença.

Por meio das estratégias de venda e propaganda, observamos que a tendência a individualização, seletividade e segmentação ao restante da cidade é uma das principais características lançadas. Os agentes interessados diretamente em sua mercantilização usam em

---

<sup>59</sup> Mostrando novamente como a relação público-privado se estreita.

grande medida da ideia de que há um aumento demasiado do medo, perigo e da violência urbana.

### 3.2. A (in)segurança como carro-chefe de venda do Ecoville Residence Resort

Primeiro loteamento fechado que obteve êxito em sua implementação, como abordado anteriormente, o Ecoville Residence Resort traz consigo os elementos principais que revelam novos padrões de diferenciação e distinção, via "novo conceito de moradia", a partir da articulação de imagens de segurança, isolamento, homogeneidade, instalações e serviços. A imagem que confere maior status e, portanto, a mais sedutora é a de uma comunidade fechada e isolada, um ambiente seguro no qual se pode usufruir dos mais diversos equipamentos e serviços e, sobretudo, viver apenas entre iguais (CALDEIRA, 1997).

A própria representação de família contida na imagem de divulgação revela uma das estratégias utilizadas para atingir seu público alvo. Composta por quatro pessoas (sendo dois filhos, considerado o ideal para os padrões de natalidade no Brasil) brancas, sorridentes e com semblante de esperança e harmonia. Assim, passa a ideia de que morar nesse tipo de empreendimento trará as condições ideais para a felicidade, condição salientada na Figura 24:

**Figura 24. Dourados-MS. Ecoville Dourados Residence Resort: o “conceito” de morar (2015)**

**CONCEITO**

O QUE É PRECISO PARA VIVER BEM ?

MAIS QUALIDADE DE VIDA, MAIS TRANQUILIDADE, MAIS LIBERDADE, É TUDO O QUE VOCÊ ENCONTRA NO ECOVILLE DOURADOS RESIDENCE & RESORT UM EMPREENDIMENTO COMPLETO PARA VOCÊ VIVER COM MAIS SEGURANÇA, LAZER E ESTILO.

EXPERIMENTE A SENSÇÃO DE PASSAR MAIS TEMPO COM A SUA FAMÍLIA, MAIS PERTO DA NATUREZA E MAIS MOMENTOS AGRADÁVEIS NO SEU DIA-A-DIA. ECOVILLE DOURADOS RESIDENCE & RESORT O MELHOR ESTILO DE VIVER BEM.

LOTES A PARTIR DE 450 M<sup>2</sup>.

*O estilo de ser mais*

The advertisement features a photograph of a family of four: a man, a woman, and two young boys, all smiling and looking upwards. The background is a light, neutral color with a subtle circular graphic element behind the family.

Fonte: Site do Condomínio Ecoville Dourados, 2015.  
Grifos do autor

Para Caldeira (2000), a violência urbana seria um dos principais pretextos para a opção em residir em residenciais fechados, porém a mudança dos valores urbanos (arrolados a uma sociedade de aparências) também seria um fator determinante.

A procura pelo “diferente”, enfatizado pelo poder do *merchandising* do mercado imobiliário, também pode ser encontrada nos discursos dos moradores desses locais, que convergem tanto para questão da violência, quanto para o processo de segmentação. Entrevistas realizadas pelo jornal “O Progresso”<sup>60</sup> nos mostram como os discursos da segurança, e a consequente qualidade de vida, se mostravam presentes nas falas e posicionamentos dos então futuros moradores.

Sposito (2013) aponta que a ocupação do tecido urbano tem sido marcada pela extensão e descontinuidade, e a cidade passa a ser pensada e vivida a partir da segmentação (nunca total na escala tempo-espaço) que traz à tona, para as classes de maior poder aquisitivo, a necessidade incessante de se proteger do “mundo exterior” devido às incertezas da modernidade (BAUMAM, 2001). O relato que segue reforça tais considerações.

Comprei para morar e vou construir logo para poder chegar em casa, na sexta-feira ao cair da tarde e só sair na segunda-feira, já que o condomínio vai proporcionar tudo que minha família precisará para viver com qualidade”, enfatiza. “Toda essa estrutura, que foi prometida no ato da compra, superou minhas expectativas e me deixou muito satisfeito”. (Wagner, empresário de Dourados)

A busca pelo distanciamento da cidade, mesmo que nos fins de semana, alegada pelo empresário Wagner pode ser vista como exemplo claro das formas de vida moderna.

A imagem do loteamento fechado, como um dos símbolos da modernidade, pode ser percebida abaixo na fala do empresário Marco Antônio, que também demonstra a valorização do *status* de morar no loteamento. O empresário faz uma analogia entre Dourados e os grandes centros do país, apenas pelo fato da cidade passar a possuir um loteamento fechado de padrão mais elevado. Rompe-se, com isso, certa hierarquia (na concepção do entrevistado), averiguada entre grandes centros urbanos e uma cidade média.

---

<sup>60</sup> As entrevistas foram realizadas em fevereiro de 2013, em evento de inauguração do clube social do residencial.

“[...] Estão de parabéns por apostar em Dourados e incluir nossa cidade no rol dos grandes centros urbanos, onde o conceito de morar em condomínio fechado é uma realidade”, analisa. “Não ficaremos mais com inveja de outras grandes cidades que exibiam seus condomínios e a gente não tinha o que oferecer, já que agora temos um dos melhores empreendimentos do Brasil”. (Marco Antônio Ortiz, empresário, Dourados)

É importante assinalar que, na tentativa de evitar pontos de vista unidimensionais em torno deste tema tão complexo e repleto de perspectivas de análise, ponderamos que não se pode generalizar essa questão tendo como base apenas as concepções dos entrevistados acima. Contudo, já nos dão indícios claros de que esses locais cercados por muros refletem mudanças em voga em nosso contexto citadino, e que se baseiam em práticas que visam recusar (mesmo que parcialmente) o contato com a cidade em sua totalidade.

De acordo com Sposito e Góes (2013, p.97) “a opção pela moradia em espaços residenciais fechados implica a constituição efetiva desses novos habitats [...] envolvendo as relações entre tais espaços e os que circunda”. Por sua vez, estas recentes formas de morar reforçam a lógica da fragmentação do tecido urbano. Adiante discorreremos sobre como alguns equipamentos agem para o acirramento dessa dinâmica na cidade, mesmo que na maioria das vezes passemos a enxergá-los de forma naturalizada.

Analisar a lógica da presença desses empreendimentos é de suma importância, pois atuam na produção de espaços, tanto do ponto de vista material quanto simbólico (por meio do sentimento de (in)segurança). Os depoimentos a seguir exemplificam como essa questão possui posição central no imaginário das pessoas.

A localização é perfeita, na parte alta da cidade e que proporciona uma vista maravilhosa”, comenta. “Além disso, toda essa **segurança** que vai proporcionar liberdade para quem morar aqui, sem contar com todas as opções de lazer e esporte que o clube social oferece [...] (Diego, empresário, Dourados - Grifos nossos)

“Minhas filhas vão poder andar pela rua, desfrutar de um clube completo e **viver em segurança**”, afirma. “Quem apostou no Ecoville Dourados Residence & Resort terá mais qualidade de vida e posso afirmar que todas as expectativas que eu criei em torno desse empreendimento foram superadas nesta noite”, confessa. (Andrea, empresária, Dourados - Grifos nossos)

“A **segurança** é o ponto alto desse empreendimento, mas eles não deixaram de pensar no conforto, no lazer, no esporte, enfim, na qualidade de vida das pessoas”, analisa. “A tendência mundial de viver em condomínios fechados

chega, enfim, a Dourados e posso afirmar que a cidade tem potencial para receber novos investimentos como esse”. (Sandro, delegado, Dourados - Grifos nossos)

“Os moradores poderão andar pelas ruas, as crianças vão brincar **sem medo** e ainda poderão desfrutar de um clube completo sem sair do condomínio”, comenta. “A partir de agora, Dourados passa a integrar o rol das cidades que valorizam a qualidade de vida”. (Moacir, empresário, Dourados - Grifos nossos)

Dentre os aspectos que podemos elencar nesse conjunto de informações obtidas junto ao veículo de comunicação, iniciemos pela ligação que há entre a nova forma de morar com a articulação entre as ideias de segurança, afastamento do “restante da cidade”. As propagandas apresentam a imagem de cidade à parte, a qual se pode retornar ao fim do dia para achar um mundo particular entre os “iguais”, sem a presença de inconveniências. No âmbito da supervalorização da segurança, que segundo os relatos dos entrevistados proporcionará qualidade de vida que, “finalmente, chegou a Dourados”, pode-se pensar em vários aspectos ligados à questão. No entanto, alguns merecem nossa atenção.

O primeiro tem relação com o par dialético que se efetiva entre a liberdade-privação, visto que se almeja a tão citada liberdade de ir e vir no interior do loteamento (distante do trânsito e barulho da cidade e fora do risco de ser assaltado, abordado por vendedores, pedintes etc). Contudo, essa condição almejada, contraditoriamente, só será proporcionada aos que se sujeitam a uma série de limites impostos como: regras de acesso, padrões específicos das edificações de suas residências, presença de animais domésticos e a própria privacidade (já que o sistema de câmeras de segurança é um dos pontos fortes).

A segunda questão diz respeito aos questionamentos sobre o futuro próximo, visto que a preocupação com a segurança familiar e conseqüentemente dos filhos é clara. Qual será a concepção de cidade de crianças que viverão boa parte de suas vidas nestes locais marcados pelo constante controle, sem o contato imediato com o outro, afastados das inúmeras complexidades e possibilidades de vivência que a cidade possibilita?

No intento de aprofundar nossas investigações, em nossas pesquisas de campo do referido residencial também perguntamos aos entrevistados os motivos que levaram à compra de lotes e construção dos imóveis em tais loteamentos. A busca pela segurança esteve presente em todos os depoimentos, conforme mostram os exemplos que seguem:

**Segurança e liberdade!** Liberdade talvez seja o principal! Resgatar para meus filhos aquela infância que eu e meu marido tivemos, onde brincávamos de esconde-esconde até a noite (risos). [...] Lá pelos menos eu terei a tranquilidade de deixar meus filhos irem na casa do colega na quadra de cima, na rua de baixo, andar sair pra brincar sem que eu tenha que ficar olhando. Andar de bicicleta na rua, sem que eu fique monitorando. Então lá teria uma constante vigilância na questão de entrada e saída e tráfego bem lento. (Kelly, 41, Professora universitária)

**Segurança.** Como eu fico aqui muito sozinha, meu marido viaja bastante, minha filha já foi estudar fora, meu filho também, então eu fico só... E assim, eu optei em morar em um condomínio fechado, para você ter o conforto que você tem em uma casa. É diferente de um apartamento. Quando você mora em um apartamento você não tem aquela área de lazer gostosa, você não tem uma área em frente à sua casa, uma parte de jardinagem, e isso um condomínio fechado te proporciona. Então em um condomínio horizontal, parece que você mora em uma casa, mas ao mesmo tempo como se fosse um apartamento. E quem tem criança não tem coisa melhor! Onde que aqui em Dourados você vai ver o seu filho andando de bicicleta na rua ou numa praça, enquanto você dentro de casa tranquilo. Lá você anda meio quarteirão e vai ver seu filho na praça brincando. (Alexéia, 49, Professora universitária)

Foi a questão da **segurança** mesmo. Aqui as meninas [duas filhas do casal] podem brincar à vontade... É claro, a gente tem que orientar porque não é porque você está aqui dentro que não tenha perigos. Existem limites de velocidades, que não é todo mundo que respeita, tanto morador quanto pessoas que vem de fora. Tem problemas... Sempre tem alguém mal intencionado, seja morador ou não. Então a gente tem que orientar, então eu oriento como se a gente morasse fora do condomínio. Mas elas têm liberdade pra sair, andar aqui dentro tranquilamente... Elas têm liberdade, **aqui dentro!** (risos). (Kelly, 41, Professora universitária)

**Segurança** [...] Aqui dentro a gente tem os muros, cerca elétrica, segurança que faz monitoramento em hora em hora, segurança ao exterior do condomínio. Então assim, o que fortaleceu a nossa compra foi a questão da segurança, porque na época que começamos a construir aqui eu viajava muito, pois era gerente de serviço da Toyota e nossos treinamentos eram em Sumaré-SP, então eu ficava uma semana fora e uma semana aqui. Aí foi quando o grupo [Toyota] começou a construir em Três Lagoas e comecei a viajar mais ainda. Daí pensei: Vamos começar a construir, minha esposa vai ficar mais sozinha e ela é muito medrosa, tudo ela fala “ah o que aconteceu?! O que aconteceu?!”, então a gente decidiu pelo condomínio, que estava em uma faixa de preço que a gente conseguia comprar o terreno e a segurança que era muito forte [...] Então nós viemos ver, começamos a especular olhar preços, foi quando começamos a frequentar dentro do Ecoville e começamos a ver questão de moradia, segurança, que tinha. (Rogério, 38, Empresário)

Diante de tais respostas, alguns destaques podem ser feitos no tocante a elementos que influenciaram na (in)segurança dos entrevistados. A exemplo dos entrevistados da época do lançamento da área de lazer do empreendimento, a segurança (e a falta dela) teve posição central nos relatos, juntamente com a possibilidade de as crianças poderem brincar sem grandes restrições. Além disso, podemos inferir que os sujeitos que possuem trabalhos que demandam viagens frequentes e ausência da residência durante todo o dia, apontam tais loteamentos como escolhas importantes.

Mesmo que a segurança tenha sido um dos aspectos centrais para a compra do lote e posterior construção, quando indagados sobre a violência em Dourados, boa parte dos nossos entrevistados não consideraram a cidade violenta. Mas ambiguidades foram percebidas, pois concomitante ao não achar a cidade perigosa, práticas que possuem relação com as “falas do crime” (Caldeira, 2000) foram elencadas, como o fato de não andar a partir de determinada hora nas ruas, não deixar as crianças brincando no bairro e investir em equipamentos de segurança. Os depoimentos a seguir reforçam essa realidade.

Eu não acho que Dourados seja uma cidade violenta. Mas para deixar as crianças brincando no bairro, nós temos carro em alta velocidade, pessoas que estão passando ali na rua, então eu tenho a insegurança de deixar as crianças transitarem livremente ali no bairro, ainda mais que eles são pequenos e a gente sempre ouve histórias de carros, caminhões que atropelaram crianças, e gentes mal intencionadas então a gente fica preocupada. Então nesse sentido eu me sinto insegura. (Kelly, 41, Professora universitária)

Na verdade eu não acho uma cidade violenta não, acho uma cidade até certo ponto tranquila. O que eu acho: que como qualquer outra cidade você tem que tomar certos cuidados.... Não vou sair depois das 22 horas sozinha na rua, aqueles cuidados comuns que todos os cidadãos têm que ter. Então eu não vejo Dourados como uma cidade violenta. Não sei se é a visão que eu tenho da cidade, porque eu de vez em quando ouço comentários de bairros que têm um índice maior de violência, o pessoal fala lá do Cachoeirinha, que eu particularmente não conheço. Como eu moro em Dourados há sete anos, talvez eu não tenha essa visão de violência da cidade e minha vida também é da casa para universidade da universidade pra casa e as vezes viajo bastante, então talvez eu não tenha essa visão da violência da cidade. Mas eu particularmente acho Dourados uma cidade muito boa para se morar e muito tranquila. Se tivesse que dar uma nota seria oito, justamente por conta dessa fragilidade que a gente tem de não poder ficar saindo a partir de determinado horário. (Alexéia, 49, Professora universitária)

Eu não considero Dourados uma cidade violenta, por isso que eu inclusive queria ter continuado lá no Parque Alvorada, eu acho até desnecessário ter condomínio, acho que a cidade ainda não tem tamanho para esse tipo de

coisa. Mas eu posso estar enganada; é que nós moramos no Parque Alvorada muito tempo, e tivemos uma tentativa só de assalto na minha casa que não deu certo. Tentou entrar, não conseguiu, disparou o alarme e foi embora... Mas foram quase dez anos, então isso é bastante coisa. Agora não sei assim como é na cidade como um todo. Acho que têm lugares que são mais complicados, a gente ouvia muito falar do Jardim Europa, por exemplo, então acho que não é uma questão só de periferia. Lugares que são mais desertos tinham muitos assaltos. Mas o meu marido achou melhor investir aqui, porque a cidade está crescendo muito, e realmente cresceu muito rápido nesses dez anos, quinze, então a longo prazo essa calmaria pode mudar, então a gente achou melhor construir aqui no condomínio. (Ana Paula, 39, Professora universitária)

Eu acho que estamos naquele termo de 50%. É violento? É! Mas ao mesmo tempo é uma cidade bem pacífica. Não tem a aquela criminalidade com tiroteios, revólveres, bandidos assaltando. A gente tem assaltos? Temos! Mas pode ver, quase todos os assaltos que acontecem em Dourados não foram assaltantes de Dourados que estão ocasionando isso aí [...] São assaltantes que vem de fora, que estão de passagem, pois como Dourados fica na rota de Dourados – Ponta Porã, fica no trevo para ir para o próprio Paraguai, “abre” para o Paraná e São Paulo, Campo Grande, norte do estado. Então tudo passa por dentro de Dourados, então você pode perceber que a maior parte da criminalidade em Dourados. Os assaltos, sequestros de grande parte de violência, não são moradores de Dourados, eles são de fora. Então eu considero Dourados como uma cidade pacífica, mas temos os pontos de violência sim. Não como não ter. (Rogério, 38, Empresário)

Aspectos da vida urbana como o trânsito, ida e vinda de pessoas desconhecidas pelas ruas e lugares escuros e desertos no período noturno foram recorrentes nas respostas dos entrevistados. Além disso, a fala de Rogério converge novamente a forma como determinados estigmas territoriais estão presentes no imaginário dos cidadãos, que mesmo morando há poucos anos na cidade remetem determinada localidade a questão da violência “embora particularmente não conheça e não tenha a visão da totalidade da cidade por viver da casa para o trabalho do trabalho para a casa”.

Novamente, a proximidade da fronteira com o Paraguai aparece como um elemento imbuído de estigmas negativos relacionados à criminalidade, assertivas que também se manifestam nas palavras de Rogério, ao dizer que a maioria dos assaltos e roubos ocorridos em Dourados são feitos por sujeitos de fora da cidade e que estão de passagem.

Assim, a difusão do medo e da (in)segurança aparecem como algo que, mesmo em magnitudes diferenciadas, perpassam desde o receio à violência em termos criminais, até as implicações negativas do trânsito movimentado. Pontos que convergem para a justificativa da necessidade da constante vigilância e adoção de técnicas de controle.

Alteram-se as formas de vivenciar em toda sua plenitude em nome de um desejo de segurança e liberdade contendida, já que apenas o contato entre os parecidos são diariamente possibilitados. A busca pela segurança aparece, assim, como um dos elementos chave na compreensão da nova realidade, refletindo em novos papéis relacionados à (in)segurança urbana no processo de reprodução da cidade.

### **3.3. Entre muros, portarias e sistemas de vigilância**

Na cidade contemporânea os muros ganham novos papéis e conteúdos, pois as apreensões com a (in)segurança deixam de possuir um caráter coletivo, ou seja, da cidade como uma totalidade, e passam a ser enviesadas por questões individuais. Em outras palavras, os muros, diferentemente, por exemplo, do que ocorria na Idade Média, não protegem mais as cidades, mas sim, cada residência.

Os espaços residenciais fechados se proliferam nas cidades médias e também nas pequenas, sendo a exacerbação da fortificação do morar, com controle de quem entra e de quem sai.

Como já abordado, os loteamentos fechados são lançados dentro dessa lógica, onde os muros, grades e portarias agem como mecanismos de controle, pautados na vigilância 24 horas e programação das atividades dos seus moradores. Estão na “ordem do dia”, viraram moda. As campanhas publicitárias manipulam aspirações como o desejo de viver entre os iguais em locais que mais parecem “oásis” dentro do “caos da cidade”, mesmo que para isso seja necessário pagar altos preços e sobrepujar-se a um sistema de regras.

De acordo com as ideias de Santos (1996), o período técnico científico informacional tem relação imbricada com a revolução do controle. Logo, os avançados instrumentos de vigilância, como câmeras e alarmes ligados a *smartphones*, nos mostram como as restrições estão em todas as partes. Formam-se verdadeiras redes de contenções, onde o consentimento parece ser cada vez mais de comum acordo. Tanto que nos residenciais, aqueles que possuem dificuldades de adaptação ao local devido as regras, com a rotina do dia-a-dia passam a naturalizar as leis impostas, pois os discursos de que os procedimentos são para o bem de todos são introjetados.

O controle e a segurança são, assim, a base para manter “[...] os outros do lado de fora, para garantir não somente o isolamento, mas também “felicidade”, “harmonia” e até “liberdade”” (CALDERA. 1997, p. 162) criando locais segregados e assistidos rigorosamente.

Sposito e Góes (2013, p.03) analisam que a criação de muros nas cidades tem sido acelerada. As autoras designam os muros como expressões simbólicas do “urbanismo do medo”, sendo os equipamentos de segurança que mais despertam a atenção nas cidades latino-americanas<sup>61</sup>, ocasionando diferentes impactos e interpretações na morfologia urbana.

**Foto 03: Dourados-MS. Loteamento fechado Ecoville Residence Resort - Destaque para muros e grades (2015).**



Foto: FIGUEREIDO, 2015.

Os equipamentos de segurança do Ecoville Dourados são exemplos do que há de mais avançado no mercado, com sistemas biométricos de identificação dos moradores e empregados, câmeras externas e internas. O depoimento seguinte corrobora com essa assertiva.

---

<sup>61</sup>Caldeira (2003) utiliza o termo “urbanismo do medo” para designar a forma como as cidades tem se estruturado na tentativa de conter a violência urbana.

Temos muros com câmeras em diferentes pontos, as câmeras são televisionadas. Tem a visão interna, mas também a visão externa do condomínio. Tudo é verificado por uma central de segurança, inclusive assim, esses dias atrás teve uma reunião da associação dos moradores, e um dos condôminos levantou e falou que veio para Dourados, optou morar no Ecoville justamente pela segurança que oferecia, ele morava em São Paulo, também em um condomínio fechado e ele foi assaltado dentro de um condomínio fechado, e quando ele viu que era uma coisa boa, ele veio de São Paulo para cá... Então além dos muros e câmeras, a gente tem no portão de entrada um sistema computadorizado que lê nossas impressões digitais, então você só entra se você colocar o seu dedo.

Aí vem uma pessoa que é minha amiga, um colega meu, por exemplo, como esse colega meu vai entrar?

Esse colega meu só vai entrar se eu autorizar a entrada dele. Às vezes, para adiantar, eu já ligo antes avisando que alguém vai vir me visitar daí eles liberam.

Ou eu chego lá e converso pro porteiro “Ó, essa pessoa vai ficar aqui, tem livre acesso”, e se for ficar durante um tempo cadastra a digital também. Então tem todo um serviço de segurança bem rígido nesse sentido. (Alexeia, 49, Professora Universitária)

Sposito e Góes (2013) assinalam ainda que as recentes práticas espaciais concernentes ao controle são mais direcionadas aos trabalhadores, que precisam passar por vários procedimentos para ter acesso ao empreendimento. Além disso, são alvo de constantes desconfianças e preconceitos, que podem aparecer de forma velada.

O depoimento de Alexeia deixa claro como as regras precisam ser rígidas, pois como há várias residências sendo construídas por pedreiros, muito deles em regime semiaberto, a adoção de mecanismos mais severos é fundamental.

Agora um problema que ainda existe dentro dos condomínios fechados, principalmente nos que estão em processo de construção, e que nos dá uma certa vulnerabilidade, é a entrada de muitos pedreiros e a grande maioria desses pedreiros trabalham sob o regime semiaberto. E os moradores falam que nós estamos vulneráveis por conta dessas pessoas que entram lá para prestar um serviço nas construções. Então aí, cada pedreiro tem que ter o seu cadastro, o mestre de obras tem que deixar de algumas maneiras registrado, “esse é o pedreiro, esse é o pedreiro” então existe esse controle por parte do condomínio, e é um cuidado que tem que ser feito **e bem intenso**. (Alexeia, 49, Professora Universitária)

A assimilação do outro como agente criminoso, sendo alvo de preconceitos, já foi objeto de estudos de autores como Junior (2007), Sposito e Góes (2013), Magrini (2013). Novamente a fala de Rogério ratifica essas considerações.

Eu acho que nunca aconteceu nada aqui dentro. Teve situações de quando a gente estava construindo a casa que meus pedreiros elogiavam, pois falavam que podiam deixar a ferramentas jogadas que ninguém mexe! Que bom! Já quando começou a entrar na parte final da obra eles começaram reclamar que começaram a sumir ferramentas. Mas por quê? Já estava começando a construir outras casas ao lado, as casas da frente, as casas da esquina. Então começaram a ter alguns atritos. Mas provavelmente eram das próprias pessoas que estavam construindo as casas [...] passavam, roubavam. Mas assim, a gente nunca teve nada aqui! Ah, sumiu fio! Ah, sumiu cimento! Nada... Uma curiosidade que aconteceu aqui em casa. Foi assim, sumiu o celular do meu filho, sumiu o celular dele! Sumiu o celular dele! Não achava! Não achava! Aí tentamos procurar o celular estava sem bateria. E a gente tinha uma funcionária que ajudava minha esposa aqui em casa e, essa funcionária da noite para o dia falou “ não virei mais”, bem no dia que sumiu o celular aqui em casa. Aí minha esposa começou “Ai, será que ela pegou? Será que ela entrou aqui e pegou o celular” porque ela tinha a chave de casa. Entrou, eu disse, não vamos tirar conclusões, vamos na portaria e vamos dar uma olhada. Daí eu marquei um horário para ir olhar as câmeras, e foi quando eu descobri que eles estavam instalando um novo projeto de biometria. Até que todos os pedreiros usam biometria agora. Ah! Minha esposa contratou uma nova funcionária, então ela vai na administração, cadastra as digitais dela, pega cópias do RG, CPF, telefone, endereço, em lote trabalhará. Então pra ela entrar tem a biometria e pra sair também, então ficou muito mais fácil. Então eu cheguei lá e disse “olha, preciso da câmera de entrada porque eu estou desconfiado que aconteceu um furto lá em casa”. Daí eles puxaram a imagem e ela não entrou realmente... Ela não entrou no condomínio aquele dia. Então ficamos mais aliviados (Rogério, 30, Empresário)

Além dos muros, as portarias dos condomínios representam, neste caso, o limite de quem tem, ou não, “livre acesso” a tais locais. Geralmente equipadas com câmeras de segurança, portões eletrônicos e com um padrão estético que nos lembra belas fortalezas, denotam-se como elementos de separação entre o loteamento fechado e a vida na cidade, havendo e uma espécie de filtro de distinção social entre moradores e não moradores.

O conjunto de regras de controle que os residenciais fechados possuem são exemplos claros da forma como a sensação da insegurança urbana também age nos mecanismos de controle nesses locais. Há uma série de normas a seguir, sendo a principal delas a diferença do local de entrada entre moradores e empregados. Isso nos leva a pensar no modo como os sujeitos sociais são valorizados a partir da posição social que ocupam. Ou seja, o fato de serem empregados não os credenciam a entrar pelo mesmo portão dos patrões, reforçando uma legitimação dos preconceitos arraigados em nossa sociedade.

Tem, todos os dias sete horas da manhã, um outro portão que se abre, para que todas essas pessoas que não são moradores do condomínio entrem. É um

outro portão separado. No meu caso, como tenho minha funcionária há anos, ela já é cadastrada então não temos nenhum tipo de problema. Mas já tivemos casos que os funcionários reclamam “Ah, porque aqui é difícil entrar, é duro trabalhar aqui, por cada vez que tem que entrar tem que ficar falando para autorizar, então as pessoas se sentem um pouco incomodadas com isso, mas é regra do condomínio e tem que ser seguida”. (Alexeia, 49, Professora Universitária)

Por trás destas ações, não poderíamos deixar de considerar que a criminalização da pobreza ainda é um ponto chave para o entendimento das ações de exacerbação dos controles implementados, pois o rol de regras nos locais fechados, com o objetivo de manter a segmentação de seus moradores, utiliza determinados estigmas para materializar essas práticas de controle, como acertam Sposito e Góes (2013).

As regras presentes nos espaços residenciais fechados voltam-se prioritariamente do controle dos trabalhadores pobres que neles adentram cotidianamente para a realização de atividades tão necessárias tão desvalorizadas. Tais regras se combinam ao emprego de equipamentos de segurança, destinados, sobretudo, a impedir o acesso dos pobres que habitam os outros espaços urbanos e que, embora sejam identificados como moradores de determinados bairros, representam cada vez mais uma ameaça difusa, que pode estar em toda a parte (ibidem, p.127).

Assim, o aumento do controle é posto como a alternativa mais viável para a resolução dos problemas. O diálogo e tentativas de cooperação mútua são postos em segundo plano. Aumenta-se a instrumentalização do espaço, que ao mesmo tempo em que é um produto social também é um meio de controle, relacionado diretamente à (in)segurança, e os relatos nos mostram como os entrevistados se referenciam ao conjunto de regras de forma despreocupada, sem ater-se à perda de privacidade; não é posta como algo negativo. A esse respeito as autoras ainda colocam que:

Nesses habitats fechados, o princípio da visibilidade constante dos corpos, que devia assegurar o controle racional, sem a necessidade de mais investimentos em equipamentos deu lugar a visibilidade dos aparatos de controle, tão importantes, por seu caráter ostensivo, quanto a visibilidade dos corpos (SPOSITO e GOES, 2013, p. 240)

Embora a edificação destes aparatos faça parte de uma dinâmica de caráter macro, as particularidades do local de estudo jamais podem ser desprezadas. Em Dourados, a presença

dos muros do loteamento fechado Ecoville revela uma dinâmica pertinente de ser averiguada com atenção, pois ele está localizado ao lado da maior reserva indígena urbana do país.

Cerca de 14 mil indígenas moram em apenas 3.600 hectares, muitos destes em situações precárias de alimentação, habitação (marcada pela presença vários barracos de lona) saneamento básico e educação.

Em maio de 2014 a vice-procuradora-geral da República, Deborah Duprat, definiu a situação dos indígenas das aldeias Jaguapirú e Bororó como “*a maior tragédia conhecida na questão indígena em todo o mundo*” devido à situação de extrema pobreza e confinamento em que vive essa população, que ajuda a refletir nos altos índices de homicídio dessa população tradicional<sup>62</sup>.

Devido a proximidade da reserva indígena com o empreendimento, muitos indígenas trabalham no residencial e, surpreendendo-nos positivamente, em nenhum momento eles foram citados como sujeitos que causassem algum tipo de problema<sup>63</sup> ou tensão. Contudo, a localização do empreendimento ao lado da reserva acirra ainda mais a situação de confinamento socioespacial vivenciada por essas populações tradicionais, porque se antes eles estavam cerceados por fazendas e sítios, hoje também estão pela a construção de empreendimentos desse tipo, conforme nos mostra a Figura 25.

---

<sup>62</sup> A luta pela terra indígena desdobra-se em conflitos incessantes com fazendeiros. No entanto, na última década, Dourados ficou fora das políticas que instituíram a demarcação de áreas tradicionais, que poderiam amenizar este dilema. Vale dizer que algumas áreas que já foram designadas para estudos antropológicos foram à venda para a execução de empreendimento fechados.

<sup>63</sup> Indo contra a representação que há na cidade do indígena como desocupado, bugre e violento, como veremos a seguir.

**Figura 25: Dourados-MS. Reserva indígena e residenciais fechados de padrão mais elevado (2015).**



Fonte: Google Earth, 2015.

Logo, ao mesmo tempo em que as pessoas visam não ter o contato com essa população tradicional, a realidade de violência (contra os povos indígenas) “bate à sua porta” diariamente. Portanto, como já pontuado, as estratégias de segurança adotadas por esse tipo de empreendimento estão longe de amenizar o problema, mas sim tendem a acirrá-lo.

No Ecoville os locais programados para o lazer (Foto 04) oferecem variados equipamentos de uso coletivo para os moradores do residencial. Mas há leis claras que impõem horário de funcionamento dos equipamentos e silêncio, tudo com o objetivo de não atrapalhar o descanso alheio.

**Foto 04: Dourados-MS. Ecoville Residence Resort: equipamentos de lazer (2015)**



Fotos: Site Ecoville Residence Resort, 2015 e FIGUEIREDO, 2015.

O controle sobre esses locais também aparece como um elemento intrínseco à segurança, seja pelo limite de pessoas não residentes no local que podem entrar nas áreas de lazer ou pelo “túnel” que liga a primeira etapa do loteamento à segunda, evitando que as pessoas, principalmente crianças, tenham que cruzar a avenida que separa os empreendimentos.

Nós temos uma praça com brinquedos para as crianças, depois nós temos a parte do clube e ele possui piscina, tem academia, temos um barzinho porque às vezes a pessoa quer tomar uma cervejinha no final da tarde, beliscar uma coisa ou outra, então temos esse serviço de bar. Temos quadra de futebol, onde toda terça tem fica lotada porque os homens fazem campeonatos **e as vezes convidam pessoas de fora, porque tem um limite de pessoas que podem entrar.** Temos quadra de vôlei, squash, tênis. Então é muito ampla nossas opções de lazer. Inclusive aqui tem uma coisa muito interessante, porque são dois condomínios, o Ecoville Ecoville 1 e o Ecoville 2 e só temos um clube que serve os dois. Só que o Ecoville 1 tem o clube bem na beira porta dele, e o dois as crianças teriam que atravessar a rua para chegar, então existe um túnel subterrâneo que passa por baixo da rua para poder facilitar o acesso das crianças ao outro condomínio sem ter que atravessar a rua. (Alexeia, 49, Professora Universitária)

Olha, 60% dos moradores não aproveitam. Foi feita uma pesquisa pela administradora do condomínio. Até o dia que fomos comprar o terreno, eu falei para o vendedor: Leandro, você não acha que essa área de lazer é pequena para o tanto de moradores que a gente tem aqui? Porque são 450 terrenos. Ai ele falou assim: Vê essa pesquisa aqui [...] Essa pesquisa são de condomínios em São Paulo e Curitiba, onde indicam “Você não usufrui do condomínio!” [...]. Você não usufrui da área de lazer! E realmente eu passo lá de vez em quando, e vejo que uns 70% não usufrui. Eu mesmo fico dois, três meses sem ir lá. (Rogério, 38, Empresário)

Algumas contradições foram observadas, indo no caminho inverso dos discursos dos promotores imobiliários de que nesses residenciais a tranquilidade e sociabilidade harmônica são características elementares. O não cumprimento do limite de velocidade dos veículos no interior do residencial foi a questão mais levantada.

Na verdade, aconteceu recentemente um fato no condomínio, porque tem muita criança. Depois das 17 horas que você sai pra dar uma volta no condomínio, você vê muita criança na rua andando de bicicleta, eu acho, assim, eu não tenho criança pequena, mas pra quem tem isso é tudo de bom pra você dar para um filho, juntam várias criancinhas, vão para as praças brincar. E acontece que alguns moradores estavam entrando com tudo no condomínio, e a velocidade permitida é 30 Km por hora, ou seja, eles não estavam cumprindo, e isso foi uma coisa que foi levada para reunião de associação, porque as pessoas não estavam cumprindo isso, estavam andando em alta velocidade aqui dentro e principalmente, assim, pessoas que não conheciam as regras do condomínio, então vinha uma visita na casa do fulana beltrano e entravam correndo no condomínio. Então isso era uma coisa muito discutida nas reuniões, sobre o que poderia fazer. Agora lá virou um **colorido de faixas, tem na porta de entrada “30 km por hora”, tudo qualquer lugar tem placa.** Não sei se isso vai resolver, mas já é uma boa tentativa, até os pedreiros entravam correndo. (Alexeia, 49, Professora Universitária)

No rol destas questões, a sociabilidade entre os moradores, que, em tese, deveria ser marcada por um convívio mais amplo e direto devido a tida segurança e harmonia que esses locais proporcionam, também evidencia processos de individualismos no interior do próprio residencial. Os dois depoimentos seguintes são apenas exemplos de um processo amplo que mostra que as ordens próximas (LEFEBVRE, 2001), ou seja, a relação direta entre as mesmas, têm perdido importância.

Quem tem filho acaba se entrosando mais, porque tem aquela coisa de levá-los ao parquinho e ali acaba conversando com os outros pais e se entrosando mais. Agora como eu não tenho filhos pequenos e viajo bastante acabo não tendo uma relação mais próximas com os vizinhos. Dou só mais bom dia, boa tarde mesmo. (Ana Paula, 39, Professora Universitária)

Olha, eu tenho uma boa relação com dois vizinhos, o do lado e da frente. Agora em relação às outras pessoas lá de cima é a velha história, são muito corridos, têm muitos afazeres, então a gente não tem tanto contato. Mas perante em si, o condomínio ao todo. Acho que temos um bom relacionamento. Digamos assim, 50% que sim, 50% que não. Porque aqui mora muito juiz, defensor público, encarregado do tribunal de contas. Então essas pessoas não querem se expor, elas se fecham nas casas delas. “Olha, estou aqui, não me incomoda, eu não quero conversa com você. Só que em contrapartida tem os outros 50% que são bem sociáveis. Então considero que aqui dentro existem as duas classes sociais bem distintas. Tem as pessoas que são ricas, ricas, ricas e as outras que apenas tem condições de morar aqui dentro. Então essas pessoas ricas se trancam nas casas delas; se trancam e acabou! Não me incomode! Então tem essa divisão bem clara.... Aqui tem dono de usina [de álcool], dono de uma das maiores fazendas do Brasil, que tem inclusive uma casa parecendo um castelo com 1.000 metros construídas (Rogério, 38, Empresário)

A sociabilidade tem relação com o viver em sociedade (Sobarzo, 2004), ela é assinalada pelas interações que os indivíduos terão entre si, sem a ocorrência de hierarquias definidas. Sendo assim, deve ser pensada como um constante ato que pressupõe igualdade entre as pessoas. Com o advento de veículos de comunicação como a televisão, computador e *smartphones*, ligado a ritmos de vida ditados cada vez mais pelo trabalho, a sociabilidade no espaço urbano tem se perdido.

As conversas entre amigos nas ruas da cidade e o encontro dos vizinhos para um bom papo no fim da tarde dão lugar ao fechamento e reclusão dentro das casas, empobrecendo a possibilidade da troca de experiências. O aumento da construção de residenciais fechados surge, assim, como um dos elementos que aprofundam a perda da sociabilidade.

Primeiro pelo fato das pessoas morarem em locais seletivos onde a mixofobia (Baumam, 2008), ou seja, o medo pela mistura social, faz com que entre apenas quem possui permissão. Segundo, pois as relações de vizinhança que ocorrem nos empreendimentos também têm passado por enfraquecimento, assim como as da “cidade aberta”, como mostram as falas da moradora, que por viajar muito não possui relação próxima com os vizinhos. Ou daquele que deixa claro que não há uma relação mais direta entre os ricos (que não querem ser incomodados) e aqueles que “apenas” podem pagar para morar no local. São exemplos da forma como a sociabilidade tem esmorecido.

No entanto, nossas entrevistas mostraram que no interior dos muros desses locais a sociabilidade fragmenta-se ainda mais.

Sendo assim, a sociedade contemporânea tem passado por “urbanismos” e “estéticas” do medo (PEDRAZZINI, 2006), alicerçadas em processos de segregação social e privatização dos espaços públicos, que se reflete no aumento da quantidade dos muros, controles, leis e regras da/na cidade. Tais estratégias são vendidas por agentes como a imprensa, empresas de segurança privada, promotores imobiliários e o Estado, levando-nos a crer que as cidades são de fato violentas e que a violência “está em todas as partes”. Somados a isso, práticas historicamente reproduzidas no contexto brasileiro, como a criminalização dos pobres (sejam eles trabalhadores ou não) e negros são evidenciadas, adensando-se estigmas e preconceitos.

Com base nessas considerações, acredita-se que tais equipamentos presentes nos residenciais fechados têm repercutido cada vez mais em práticas socioespaciais pautadas na seletividade e aversão ao outro, sendo que a (in)segurança urbana desempenha papel fundamental nesse processo. Em Dourados, à medida que ocorre o aumento desses empreendimentos, essa dinâmica se acirra, revelando as tensões ocasionadas pelas desigualdades presentes na cidade.

## CAPÍTULO IV

### **(IN)SEGURANÇA, CONTROLE E SOCIABILIDADE NOS RESIDENCIAIS FECHADOS POPULARES**

A exemplo do capítulo anterior, neste capítulo, analisaremos a realidade dos moradores de residenciais fechados populares, construídos tanto via Programa de Arrendamento Residencial (PAR) quanto pelo Programa Minha casa Minha Vida (PMCMV).

Como já assinalado, embora tenham sido construídos baseados em um modelo de loteamento fechado voltados para os segmentos de maior poder aquisitivo prezando assim, por uma segurança mais efetiva e separação da cidade por meio dos muros e grades, há uma série de características que os diferem daqueles loteamentos, como o padrão de construção das residências, ruas e locais destinados ao lazer, a rarefeita existência de equipamentos de segurança e/ou a presença de profissionais que desempenham a função de segurança.

Em uma sociedade onde a ideia (in)segurança dita normas e regras de convivência pautadas na individualidade, a consolidação dessa forma de morar aguça ainda mais essa tendência em que a vida coletiva perde força.

A produção de residenciais fechados populares demonstra que essa forma de morar, não se limita apenas aos segmentos sociais de maior poder aquisitivo. Ou seja, essa forma de morar também é destinada a parcelas da população que, geralmente, necessitam de auxílios do Estado para realizar o sonho da casa própria.

Nesse processo, Batista (2015) nos coloca que tem ocorrido a rápida difusão dos residenciais fechados populares que, salvo diferenças, também são marcados por diversos controles sociais, mas com construções arquitetônicas populares.

Dentre as políticas que visam a construção de empreendimentos para esse segmento da população, o Programa de Arrendamento Residencial (PAR)<sup>64</sup> merece destaque, pois, desde o

---

<sup>64</sup> Assim como os demais programas habitacionais públicos, esse visa diminuir o chamado “déficit habitacional” em municípios com mais de 100.000 habitantes, viabilizando residências para famílias com renda de até R\$ 1.800,00, por meio de “arrendamentos mercantis”. A definição dos moradores pode ocorrer via análise de perfis ou mesmo sorteios. O morador paga uma taxa mensal durante quinze anos para a Caixa Econômica Federal, gestora do programa, e somente após esse tempo ele terá o direito de adquirir o imóvel em seu nome, através do pagamento do montante a quitar. Tendo em vista essas particularidades, geralmente imobiliárias realizam a organização e gestão dos contratos. Seguindo normativas da Caixa Econômica Federal (CEF) os empreendimentos possuem algumas características como inserção na malha urbana, existência de infraestrutura básica (água, solução de esgotamento

início de sua operação nos anos 2000, oito residenciais foram implantados em Dourados, sendo eles: Itaju I, Itaju II, Novo Horizonte, Ercilia Pompeu, Residencial Estrela Itapiri, Residencial Ponte Branca e Residencial Kairós I e II, conforme nos mostra o Quadro 03:

**Quadro 03: Dourados-MS. Residenciais horizontais populares fechados, implantados via Programa Arrendamento Residencial (2007- 2011).**

<b>Empreendimento</b>	<b>Ano de implantação</b>	<b>Nº de unidades habitacionais</b>
Residencial Itajú I	2007	150
Residencial Estrela Itapiri	2007	74
Residencial Kairós I e II	2007	116
Residencial Itajú II	2008	100
Residencial Ponte Branca	2008	91
Residencial Ercilia Pompeu	2009	264
Residencial Novo Horizonte	2011	161

Fonte: Superintendência de Habitação, 2015.

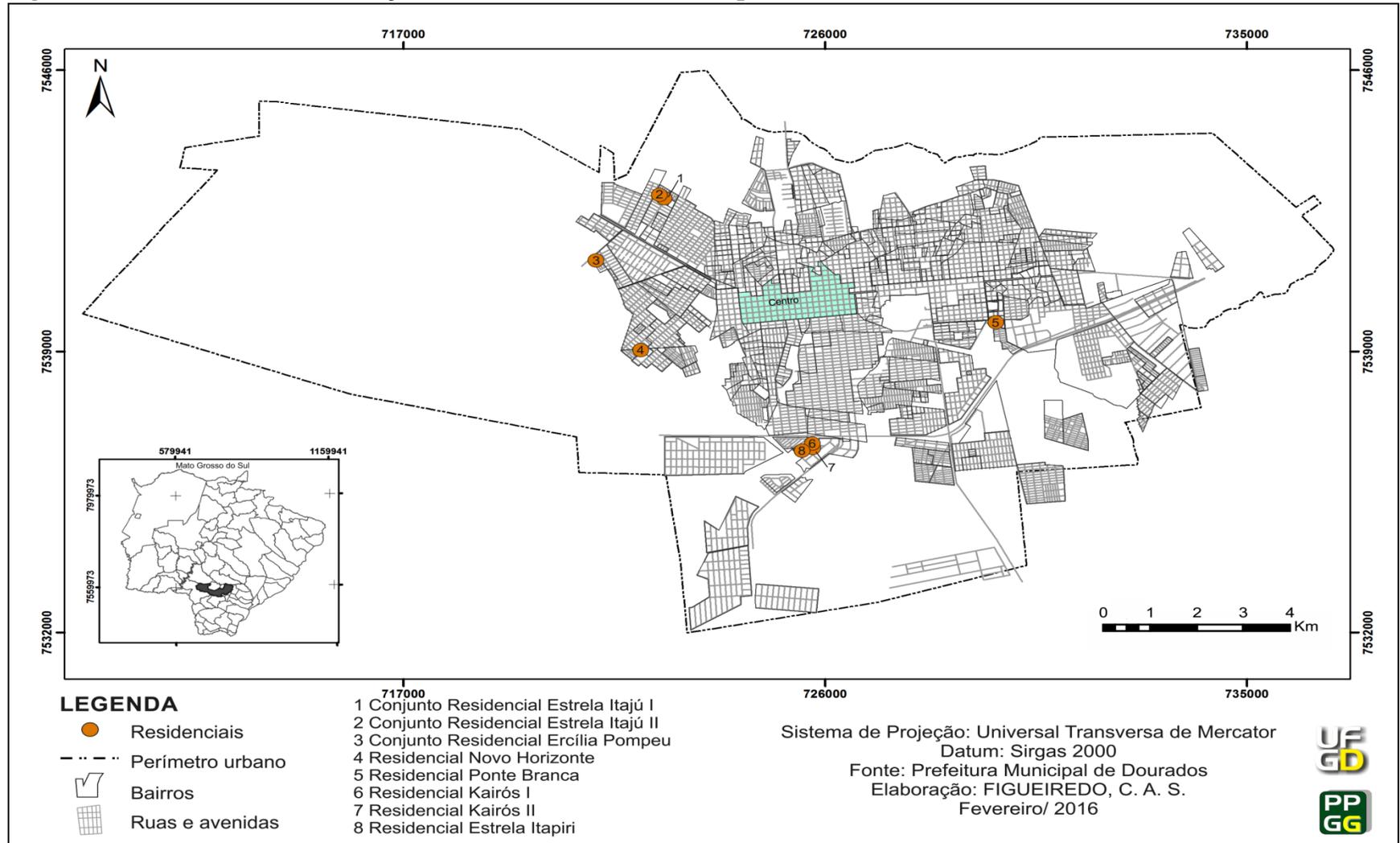
Org.: FIGUEIREDO, 2015

A localização dos empreendimentos via PAR em Dourados (Figura 26) não evidencia descontinuidades do tecido urbano, embora encontrem-se no limite do mesmo.

---

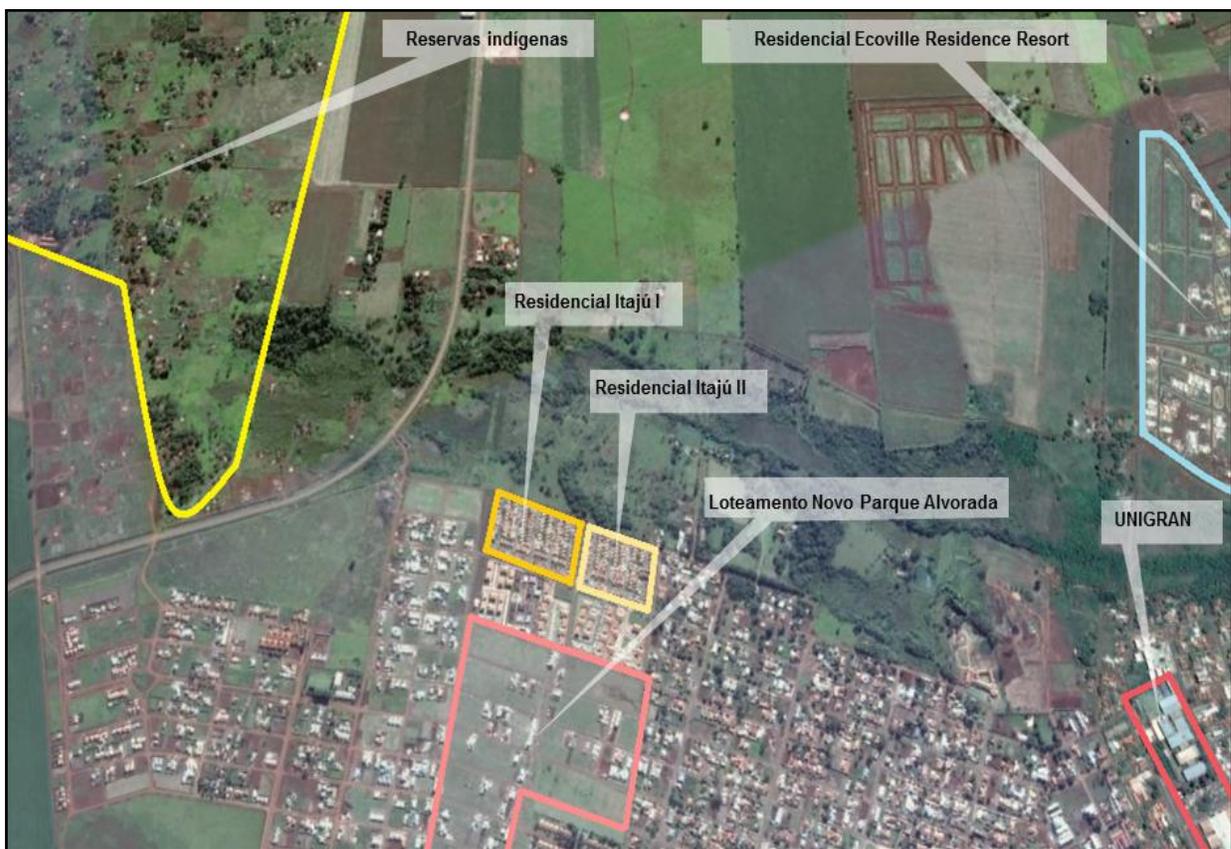
sanitário, energia elétrica, vias de acesso e transporte público), facilidade de acesso a polos geradores de emprego e renda, viabilidade de aproveitamento de terrenos públicos e favorecimento à recuperação de áreas de risco ambiental. O número máximo de residências no empreendimento está limitado a 500 residências, sendo a unidade formada por dois quartos, sala, cozinha e banheiro, com área útil mínima de 37 m<sup>2</sup>. Bonates (2008) estudou a fundo a produção habitacional via PAR no Brasil. Para a pesquisadora, num primeiro momento a produção do programa caracterizou-se pela construção de conjuntos de pequeno porte, seguindo uma tendência de ocupar os vazios urbanos. Num segundo período, muda-se esse perfil e o programa passa a adotar conjuntos mais afastados da malha urbana. Na construção de conjuntos de pequeno porte (compostos por até 160 unidades), implantados de forma bastante fragmentada na malha urbana, mesmo que localizados em áreas mais periféricas das cidades, como bairros mais distantes porém dotados com serviços e infraestrutura, conforme recomenda o normativo do programa. Assim, no estágio atual em que as cidades se encontram, com a malha urbana já consolidada, a localização dos conjuntos do PAR, dispersos nessa malha, não gera grandes transformações na estrutura, nem tampouco na paisagem urbana, como ocorria com os conjuntos construídos pelo BNH (BONATES, 2008, p. 160)

**Figura 26: Dourados-MS. Localização dos residenciais fechados implantados via PAR (2016).**



Essa tendência pode ser observada na construção dos residenciais Itajú I e II, localizados no limite do tecido urbano na porção noroeste da cidade, que, por sua vez abrange, bairros da cidade com maior cobertura de rede de esgoto e chefes de família com rendimento superior a dois salários mínimos (IBGE, Censo, 2010). O empreendimento está ao lado de loteamentos privados voltados para segmentos de alto-médio poder aquisitivo como o Novo Parque Alvorada e próximo a universidades, como mostra a Figura 27:

**Figura 27: Dourados-MS. Residenciais Itajú I e II (2015).**



Fonte: Google Earth, 2015.

Ambos os empreendimentos são murados, possuem coleta de lixo, asfaltamento nas ruas de acesso e no interior do conjunto, iluminação pública, rede de saneamento, linha de ônibus e demais equipamentos de infraestrutura (conforme orientação do Programa de Arrendamento Residencial).

Neste tocante, outro residencial que segue os padrões dos Itajús I e II é o Ercilia Pompeu, entregue em 2009. Localizado no bairro Altos do Indaiá e contando com 264 unidades habitacionais, o empreendimento também foi construído no limite do tecido urbano, em uma área próxima ao Hospital Universitário de Dourados (Figura 28), sendo bem servido por transporte público.

**Figura 28: Dourados-MS. Residencial Ercilia Pompeu (2015).**



Fonte: Google Earth, 2015.

Na planta original os três residenciais considerados possuem um padrão de construção de moradia semelhante: casas com 37 m<sup>2</sup>, sendo dois quartos, banheiro, sala, cozinha e uma pequena lavanderia na parte externa<sup>65</sup>. As habitações são construídas próximas umas das outras, com ruas estreitas (os carros têm de estacionar sobre as calçadas para não impedir o fluxo de veículos pelas vias ( Foto 05) de tal forma que os vizinhos podem ver claramente o que acontece na casa ao lado, impondo uma espécie de vigilância constante de uns para com os outros.

<sup>65</sup> Além de não possuírem laje no teto.

**Foto 05: Dourados-MS. Ruas dos Residenciais Itajú I, II e Ercília Pompeu (2015).**



Foto: FIGUEIREDO, 2015

Em nossas pesquisas de campo, pudemos constatar que pouquíssimas casas ainda mantêm seu formato original. Ampliações da área construída, mudanças de padrão das fachadas, construções de grades e muros, muitas deles com cerca elétrica, foram as alterações mais comuns. Alguns exemplos dessas modificações podem ser vistos nas fotos que seguem ( Foto 06).

**Foto 06: Dourados-MS. Residencial Ercilia Pompeu (2015).**



Foto: FIGUEIREDO, 2015

As guaritas dos residenciais (Foto 07) em quase nada lembram as de residenciais fechados de padrão mais elevado, pois ao contrário destes, o modelo arquitetônico é simples, não havendo o aparato de controle de entrada e saída daqueles que moram no local ou dos visitantes .

**Foto 07: Dourados-MS. Residenciais Itajú I, II e Ercília Pompeu- guaritas (2015).**



Foto: FIGUEIREDO, 2015

Os empreendimentos possuem locais voltados ao lazer dos moradores, como áreas com bancos para conversas, parques com brinquedos para as crianças e terrenos livres para as pessoas poderem sentar com grupo de amigos e/ou familiares. Contudo, problemas levantados por Shimbo<sup>66</sup> (2010) e Batista (2015) também foram observados em nossas investigações, sendo eles o tamanho reduzido das áreas, falta de manutenção, depredação dos equipamentos e dúvidas quanto ao destino da taxa de condomínio paga.

Por meio da Foto 08, podemos observar a pouca manutenção no parque de diversões (além de estar localizado em uma área totalmente exposta ao sol) e a falta de árvores e/ou bancos na áreas livre reservada á convivência dos moradores.

---

<sup>66</sup> O autor ainda nos coloca que os locais voltados ao lazer em conjuntos habitacionais populares são construídos nos espaços que sobram, pois o princípio que rege essas construções é o de caráter econômico, denotando a ocupação máxima à mercê dos espaços livres de lazer e de circulação.

**Foto 08: Dourados-MS. Residencial Ercília Pompeu: equipamentos e área de lazer (2015).**



Foto: FIGUEIREDO, 2015

Sobre essa questão, alguns moradores declararam:

Nosso lazer é precário. Não tem parquinho para as crianças, não tem um campinho de futebol ou até mesmo um campinho de areia, nem que seja para jogar vôlei. Alguma outra coisa, nem que seja para os jovens e adultos também, porque nós pagamos o condomínio e não sabemos para onde vai o dinheiro... O dinheiro vai indo e não sabemos onde está sendo empregado, porque nós só temos três ou quatro funcionários e pela quantidade de moradores daria para ter no mínimo uma guarita melhor para o porteiro, interfone nas casas e um parquinho decente para as crianças, não do jeito que está hoje enferrujado e quebrado (Eduardo, 24, advogado, morador do Residencial Ercília Pompeu)

Não temos nada de lazer... Nada, nada, nada. Inclusive foi falado que este está sendo um dos piores condomínios da região, porque não sabemos para onde está indo o dinheiro que a gente paga para ter nada. Já era para ter um salão de festa, uma quadra de esporte para as mocinhas e os meninos.... Um parquinho melhor... E olha que já tem seis anos que estamos aqui. É o que mais estamos precisando.... Um lazer (Carmem, 64, aposentada, moradora do Residencial Ercília Pompeu)

Nesse bojo notamos que, ao mesmo tempo em que há reclamações devido à má qualidade dos equipamentos de lazer, não existe uma organização efetiva por parte dos moradores no intento de fiscalizar e pressionar a imobiliária responsável pela gestão.

Não é apenas no caráter concreto/material que os residenciais fechados populares se diferenciam em relação aos de padrão mais elevado. Quando perguntamos as motivações que levaram à escolha do local de moradia, a segurança e tranquilidade não apareceram como questões prioritárias, deixando claro que as necessidades prioritárias dos moradores dos residenciais populares são outras, como exemplificam os depoimentos que seguem.

Antes eu morava em uma casa alugada, em uma rua muito movimentada, no Bairro Parque Nova Dourados . Era um local horrível de se morar. Passavam maloqueiros a noite, tacavam pedras, ferros na nossa cerca, várias vezes a gente ficava morrendo de medo. Carros passavam em frente de casa, e tinha um quebra-molas, “roletavam”, todos os dias a noite tinha alguma coisa que acontecia. A gente ficava assustado com os caminhões que passavam, parecia que tinha entrado dentro de casa... Era horrível. Sair do local onde estávamos e parar de pagar aluguel era um sonho nosso.... Então quando saiu essas casas que tinham condições de pagamento muito boas, com parcelas bem pequenas, nós aproveitamos a oportunidade e nos cadastramos na Caixa [Econômica Federal]. (Janieli, 32, técnica- administrativa municipal).

As motivações? Ah! Foram as condições de financiamento. Estava inscrita no cadastro da prefeitura para casas populares e daí fui sorteada em 2007. (Vera, 32 anos, técnica administrativa municipal, Residencial Itajú II)

Olha, o motivo foi a facilidade da moradia, porque se for pra comprar a dinheiro hoje em dia é difícil. Apesar que já faz seis, sete anos já! Mas mesmo a facilidade de adquirir um imóvel aqui foi muito mais fácil, porque o poder econômico da gente é muito baixinho. (Valdecir, 66 anos, zelador do residencial Ercilia Pompeu).

Pagava aluguel e aqui saíria muito mais em conta do que o valor que eu pagava de aluguel nessa quitinete (Júlia, 30, técnica- administrativa municipal).

Ter uma casa própria, que era o sonho da família. Como a gente sempre pagava aluguel, eu com o cadastro na CAIXA entrei, fizemos o financiamento e viemos todo mundo para cá, bem contentes e felizes (risos)! (Sandra, 40, Técnica Administrativa Estadual)

Indagados se a questão da segurança pesou na opção pelo local de moradia, os depoentes enfatizaram que este elemento não foi tão importante.

A princípio não, porque a gente não sabia como era morar em condomínio, não imaginava como era. Depois que eu vim para cá, que eu passei a me sentir segura... Só o fato de ser murado e de ter que passar por várias casas até chegar na minha já me dá uma certa tranquilidade (risos) ... Tipo, se entrar alguém querendo roubar, tem tantas casas antes, por que vão escolher logo a minha? (risos) (Janieli, 32, técnica- administrativa municipal).

No nosso essa questão as segurança não pesou. Foram as condições de pagamento mesmo que eram muito facilitadas. (Vera, 32 anos, técnica administrativa municipal, Residencial Itajú II)

Olha, a respeito da segurança, você sabe que em dia todos os lugares são seguros e não são ao mesmo tempo, não é? Aqui a única segurança que temos é que é cercado por muro.... E por ser um pouco retirado também do centro da cidade, o pessoal ainda não descobriu ainda aqui, acredito que, não é?! Aqui é um lugar bastante tranquilo.... Sobre roubo, essas coisas, a gente quase nunca ouve falar. (Valdecir, 66 anos, zelador do residencial Ercilia Pompeu)

No princípio não pesou, porque o bairro era distante do centro. A segurança não contou, porque quando foi implantado esse condomínio, era longe das outras residências, ele era bem afastado das outras residências. Então a gente não sabia como era a segurança daqui (Júlia, 30, técnica- administrativa municipal).

Foi mais a questão de ter a casa própria mesmo! E em questão de segurança aqui é bem mais seguro do que nos lugares que já morei.... Por ser um condomínio fechado isso dá mais segurança.... Às vezes tem umas pessoas que entram sem ser comunicado, mas na questão de segurança eu acho melhor do que nos lugares que eu morei. (Sandra, 40, Técnica Administrativa Estadual).

Mas foram verificados pontos divergentes nos discursos dos mesmos, pois, ao contrário daqueles que alegaram o sonho da casa própria como o fator principal para a escolha do local de moradia, outros moradores evidenciaram a segurança. No entanto, compreendemos que nesses residenciais fechados populares, a segurança não é uma questão central.

Foi mais a segurança mesmo, pois é um condomínio fechado, pois dá uma falsa segurança na verdade, não é? Mas comparando com os outros aqui é mais seguro, porque têm várias casas próximas umas das outras, as cercas, guarita. (Suelene, 44, Funcionária Pública Estadual [merendeira de escola], moradora do residencial Ercilia Pompeu)

Na época optamos por esse residencial porque foi uma forma mais fácil de conseguir a casa própria... E o fato de ser condomínio fechado, ter mais segurança e pessoas pré-selecionadas de acordo com uma renda fixa também foram atrativos interessantes. (Janieli, 35, Funcionária Pública Municipal [Técnica Administrativa], moradora do residencial Itajú I)

Vimos para cá pra sair do aluguel. E como tinha condições boas para pagar, minhas filhas decidiram cadastrar eu e meu marido.

[A segurança foi uma das motivações para a senhora vir morar no residencial?] Foi... Antes de conseguir a casa ficamos sabendo que era condomínio fechado, que era com segurança e que tinha o guarda durante o dia... E aqui, por lei, no início não entrava ninguém sem se identificar, hoje que está meio largado. Mas a segurança foi, sim, uma das coisas que fizeram a gente vir para cá, até porque eu e meu esposo já eramos idosos, então meus filhos ficaram mais sossegados sabendo que a gente estava aqui, que tem um monte de vizinhos grudado. Então tudo isso pesou a favor. (Aydê, 65, aposentada, moradora do residencial Ercília Pompeu)

Os relatos de Suelene, Janieli e Aydê vão de encontro com as proposições de Batista (2015) que nos indica que no caso dos residências populares os detém um papel simbólico de ressarcimento mercadológico, já que opera mais como mecanismo de persuasão para o investimento imobiliário, do que como barreiras físicas que limitam a conexão entre o dentro e o fora, dificultando a possível ocorrência de roubos, furtos, dentre outros, tal como ocorre nos residenciais fechados de padrão mais elevado.

Diferentemente do residencial Ecoville Residence e Resort, casos de roubos e furtos foram citados com frequência. Nesse momento, a diferenciação entre “nós” (moradores do residencial) e os “outros” (não moradores), ficou visível. Com isso, se no residencial de alto padrão estudado essa dinâmica ocorria mais na relação trabalhadores-patrão, nestes o outro é visto sempre como o causador da problemática.

Nós tínhamos mais um amparo melhor na questão da segurança, caso você deixasse alguma coisa para fora de casa à noite, é claro que ninguém ia entrar com alguém no portão... E a taxa era pequena... Era uma taxa irrisória de 120 reais de segurança e limpeza, tudo junto. E hoje você deixa uma vassoura para o lado de fora é capaz de não encontrar no dia seguinte, porque o portão fica aberto.... Tem certa movimentação de indígenas à noite. No início tivemos alguns problemas com casas invadidas e roubadas, mas era quando as pessoas ainda não moravam aqui... Estavam mudando, então sempre estouravam uma casa para roubar botijões de gás; nós não tínhamos muro atrás da casa ainda. Depois que fizeram o muro da parte de trás do condomínio, que dá para a

matinha e aldeia indígena, nunca mais ficamos sabendo de nada. (Fábio, 31, Gerente de manutenção, morador do Itajú II)

Sim, com minha vizinha ao lado, arrombaram a casa dela. Ela chegou; estava arrombada... Como a rua dá para os fundos de uma e para **aldeia indígena**, parece que um indígena entrou e levou seu botijão de gás. (Marilda, 28, vendedora em loja de roupas, moradora do residencial Itajú I)

Aqui dentro do condomínio mesmo já levaram a bicicleta do meu guri na porta de casa. Mas não tinha muro ainda. Mas fora isso, a gente já ouviu do povo, que levaram tapetes, roupas que estavam no varal, um monte coisas. Olha, duas vezes foi roubado o botijão de gás. Mas a gente descobriu que eram amizades de fora do pessoal de condomínio, e não os próprios condôminos. (Suelene, 44, Funcionária Pública Estadual (Merendeira), moradora do Residencial Ercilia Pompeu)

Já sim, já foram várias vezes, inclusive teve uma vez que teve um arrastão... Um indivíduo entrou e roubou seis, furtou seis casas, e nós ligamos pra polícia e a polícia não pode vir porque disseram que se tratando de um residencial da CAIXA eles não têm autorização para entrar. Então assim, se um cara quiser entrar, roubar e furtar ou quiser fazer qualquer coisa, ele simplesmente vai fazer porque a polícia não pode entrar aqui dentro. E eu não entendo o porquê disso (Eduardo, 24, advogado, morador do Residencial Ercilia Pompeu)

Teve uma época que andaram roubando umas quatro ou cinco casas aí para cima. Acho que foram dois moleques que entraram, não conseguiram levar as coisas e deixaram lá na guarita, a polícia acho que encontrou eles na rua... Só isso que eu fiquei sabendo. (Sandra, 40, Funcionária Pública Estadual [Técnica Administrativa], moradora do Residencial Ercilia Pompeu)

A relação de desconfiança com relação aos não moradores se coloca em duas frentes, sendo a primeira a que ganha um maior peso, já que os residenciais Itajú I e II estão próximos à reserva indígena de Dourados. Assim, os indígenas, na maioria das vezes, são vistos como os que cometem os roubos e furtos, mesmo sem haver uma investigação detalhada que comprove ou não quem causou o dano.<sup>67</sup>

---

<sup>67</sup> Oliveira (2014) nos coloca que o preconceito étnico-racial em Dourados é uma questão latente e preocupante. A população indígena é representada por muitos como “bugres” (termo racista), desocupados, bárbaros e selvagens, desdobramentos de uma política colonialista marcada por leis, práticas, burocracias e saberes que tradicionalmente mantêm as formas de dominação das elites políticas e econômicas nacionais e regionais (no caso as ligadas ao capital agrário- exportador) contra grupos étnicos com culturas distintas em relação ao restante da população. A mídia, muitas vezes, também age como um agente fundamental no sentido de refletir imagens negativas dessa população.

Por sua vez, no residencial Ercilia Pompeu, os indivíduos que furtavam as casas foram tidos sempre como pessoas de fora do residencial, muitos intitulados como “moleques sem ocupação”. De modo implícito, novamente percebe-se que ocorre uma distinção entre os residentes do empreendimento, dos sujeitos externos a ele. De qualquer forma, nos três locais pesquisados, relações de proximidade entre os de “dentro” e os de “fora” são permeadas por tensões que, mais ou menos intensas, indicam mudanças da forma como se constituem as relações, cada vez mais marcadas pelo distanciamento.

Adensando a discussão, a maioria dos moradores pesquisados adotam práticas defensivas, “erguendo muros dentro dos muros”. A justificativa mais comum foi a necessidade de aumentar a segurança, haja vista a ineficiência dos aparatos de controle contidos no empreendimento, que de acordo com alguns moradores “não existem”, já que para implantá-las é necessário pagar um preço que muitos não podem.

O residencial possui o portão, que deveria ficar fechado, mas que não fica, pois os próprios usuários passam e mantêm o portão aberto. Possuímos a guarita e no começo do residencial tínhamos um guarda que ficava durante a noite, mas devido à taxa desse serviço, os moradores pediram para tirá-lo, devido essa quantia a mais que dava por mês. (Vera, 33 Funcionária Pública municipal [Técnica Administrativa] moradora do residencial Itajú II)

Mesmo o condomínio sendo murado, coloquei cerca elétrica, porque a minha casa faz fundo com uma rua, e como já ouvimos relatos de vizinhos que já tiveram as casas roubadas, eu coloquei cerca elétrica. Fui uma das primeiras moradoras a colocar cerca elétrica no condomínio, até porque na época em que mudei eu era solteira, morava sozinha, não parava em casa, fazia faculdade a noite, então coloquei cerca elétrica. (Janieli, 35 Funcionária Pública municipal [Técnica Administrativa] moradora do residencial Itajú I)

Aqui o condomínio não toma medidas de segurança. Cada morador cuida de sua segurança, do meu ponto de vista é assim. No início a gente pagava um porteiro, só que ele apenas abria e fechava o portão para quem entrava, ele não fazia função de porteiro, que era perguntar aonde o visitante iria, anotar o número da placa do carro, aí nós resolvemos parar de pagar o porteiro. (Fábio, 31, gerente de manutenção, morador do Itajú I)

Mas acho que quase nem tem segurança! A gente vive inseguro, eu vivo na chave, tranco tudo! Eu tenho muito medo... Não me sinto segura aqui, o síndico mesmo fala que nós não temos segurança aqui porque o portão fica aberto, entra quem quer e sai quem quer. Teria de ter um segurança 24 horas, igual nos outros

condomínios. Ter um das seis da manhã às seis da tarde, e outro pega das seis da tarde às seis da manhã. Aí, sim, nós teríamos segurança, do contrário nós não temos segurança! (Carmem, 64, aposentada, moradora do residencial Ercilia Pompeu)

Na verdade, não tem regra.... O porteiro não pergunta nada, nunca perguntou e qualquer um chega e ele abre o portão sem nenhum problema, porque não tem essa fiscalização ali na frente [...] E com certeza deveria ser mais rígida as regras de acessibilidade. O porteiro está ali para nossa segurança, para verificar quem está entrando, se é morador, se é visitante, se chega uma pessoa que não é morador e acontece algum tipo de imprevisto aqui dentro, não tem como saber quem é o cara, da onde ele veio, onde ele estava indo (Marilda, 28, vendedora em loja de roupas, moradora do residencial Itajú II)

Aqui é um condomínio fechado. E desde que a gente mora aqui aquele portão é um problema. Então eu acho, ou deve-se resolver os problemas do portão porque toda vez que resolve o problema, ele funciona uma semana e para. Ou deve abrir logo, colocar uma linda fachada linda perfeita “bem-vindos ao Itajú I” e deixar sem funcionar, porque pagamos por um serviço que não funciona. Então eu acho que fora isso não tenho reclamação. E por esse fato do portão não funcionar, qualquer um entra e sai do condomínio, então já é para qualquer um entrar, vamos colocar uma fachada “bem-vindo ao Itajú”, deixar de ser um condomínio fechado, daí vai ser um “condomínio fechado aberto” (Júlia, 32, Funcionária Pública municipal [Técnica Administrativa], moradora do residencial Itajú I)

Há por meio das falas a valorização das áreas privadas, fechadas, monitoradas por câmeras, o desejo de que as regras fossem mais rígidas para estabelecer, assim, uma cidade ideal. Ao mesmo tempo, a preocupação com os custos de operacionalização sempre surgem como algo recorrente. De qualquer forma, diferentemente dos residenciais fechados de padrão mais elevado, no Itajú I, II e Ercilia Pompeu o fato de determinados serviços (como o portão eletrônico que sempre quebra) não serem concretizados faz com que os moradores ajam individualmente na busca pela segurança, acirrando o distanciamento na/da cidade. Assim, ao mesmo tempo em que estão separados da cidade aberta, tais locais, no geral, não são considerados seguros.

#### 4.1. Quando o próximo se torna distante: a sociabilidade intramuros no residencial Villagio Florença

Ainda que o residencial Villagio Florença tenha sido construído pela ENGEPAR – Engenharia e Participações Ltda<sup>68</sup>, os moradores, em sua maioria, utilizaram os recursos do PMCMV, para adquirir os imóveis. A primeira etapa do referido residencial (Villagio Florença) foi entregue no início de 2012 e está situado ao lado de loteamentos populares como: Villa Toscana, do conjunto habitacional Altos do Alvorada, Residencial Novo Horizonte (via Programa de Arrendamento Residencial) e do residencial vertical Arezzo<sup>69</sup> (Figura 29).

**Figura 29: Dourados-MS. Localização do Residencial Villagio Florença (2015).**



Fonte: Google Earth, 2015

<sup>68</sup> Fundada em 1996, a empresa com sede em Campo Grande tem atuado no ramo da construção para médio-baixo poder aquisitivo em cidades como Rio Brilhante, Corumbá e Dourados. Além de operar na construção de habitações, a empresa trabalha em drenagens, pavimentações, redes de alta e baixa voltagens, instalação de indústrias e equipamentos de grande porte.

<sup>69</sup> O capital incorporador tem atuado fortemente na construção de residências populares nessa porção da cidade, refletindo em um avançado processo de reestruturação, nos últimos sete anos, em uma área, até então, rural.

O Villagio Florença conta com 148 casas em sistema geminado, sendo compostas de dois quartos, sala, cozinha e área de serviço, totalizando 50m<sup>2</sup> de área útil e 98 m<sup>2</sup> de área do terreno. Conta ainda com salão de festas, parque para crianças, quadra poliesportiva e praça.

Dentre as estratégias de venda (Figura 30), utilizadas para promover o referido residencial, destacaram-se a veiculação na mídia (jornalística e televisiva), a aquisição da casa própria com parcelas de financiamento baixas e a possível utilização do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS).

**Figura 30: Dourados-MS. Residencial Villagio Florença - Estratégias de venda (2015).**



Fonte: ENGEPAR, 2015.  
Org.: FIGUEIREDO, 2015

A segurança, lazer e contato com o “verde” aparecem como atrativos para os compradores do local, fato diferente dos residenciais do PAR Itajú I, Itajú II e Ercilia Pompeu, que não contaram com esse tipo de trabalho de *marketing*. Os promotores imobiliários agem rapidamente e de forma perspicaz na difusão de novas formas de morar nas diversas camadas sociais: a família branca e feliz, comum nas divulgações dos empreendimentos residenciais de alto padrão, é

transposta para os de médio e baixo, indicando que o fato de morar ali proporcionará uma forma de distinguir-se socialmente.

Quando questionados sobre quais os motivos que levaram a optar pelo local, a forma de pagamento/financiamento e “segurança” foram salientadas.<sup>70</sup>

Primeiramente, foi por causa do tamanho da casa, que é uma casa pequenininha, que ia morar eu e o meu marido e também por ser um condomínio fechado, por conta da segurança que a gente viu primeiramente, a segurança entre aspas, porque não é tanto assim, como nós esperamos [...] e como a gente se enquadrava no Minha Casa Minha Vida compramos a casa. (Cinthia, 25, professora da Rede Municipal de Ensino, moradora do residencial Villagio Florença)

Acho que primeiro pelo fato de invés de pagar aluguel, que está muito caro em Dourados, pagar uma coisa que vai ser nossa, e como nossa renda batia com o financiamento optamos em comprar aqui no condomínio. Daí a gente optou pela segurança também. Por ser um condomínio fechado, e por não pararmos quase em casa, porque a gente trabalha fora, então optamos em procurar um lugar mais fechado, diferente de uma casa aberta que você tem que tomar mais cuidados. Então... Assim, vários fatores influenciam a gente nas tomadas das decisões, seja na nossa vida ou da nossa família, e como a gente acompanha muito jornal, televisão. Então a gente vê que em Dourados a coisa não anda muito boa, assim como a maioria das outras cidades também, e a gente, por não parar em casa, a gente ficou com receio de comprar uma casa num local que não fosse condomínio fechado justamente para evitar este tipo de situação, que é roubo, assalto.

(Alexsandro, 33, Auxiliar administrativo, moradora do residencial Villagio Florença)

Em geral os entrevistados do residencial Villagio Florença apontaram pontos positivos no tocante aos equipamentos de lazer, principalmente para as famílias que possuem crianças, já que a quadra poliesportiva e o parquinho são tidos como bons atrativos. Mas a área reduzida desses locais (Foto 09) foi citada pela maioria deles, convergindo novamente para as considerações de

---

<sup>70</sup> Pagamento, pois como dito há pouco, o Programa Minha Casa Minha Vida agiu como uma mola propulsora para a aquisição da casa própria no Brasil a segmentos da população que até então não tinham como adquiri-la, mesmo por meio de financiamento de longo prazo (em geral, vinte anos). Segurança porque o empreendimento é murado e possuínte de sistema de monitoramento e, por fim, o padrão “ideal” de casa, famílias de até três membros (grande maioria no residencial). Os relatos a seguir nos dão exemplos dessa relação.

Shimbo (2010) e Batista (2015), que ao pesquisarem residenciais de baixo e médio padrão já haviam constatado essa questão.

**Foto 09: Dourados-MS. Residencial Villagio Florença - Equipamentos de lazer (2015).**



Foto: FIGUEIREDO, 2015

Ainda sobre as áreas de lazer, a falta de estrutura é tida como um elemento que deveria ser melhor cuidado no intento de evitar crianças brincando nas ruas ou mesmo o fato de outros moradores verem tudo o que está acontecendo nas festas que ocorrem no salão de eventos.

A questão do lazer é um pouco complicada. Na minha opinião, acho que nós deveríamos ter um diferencial para as crianças. Nós temos um parquinho aqui que tem alguns brinquedinhos, mas precisamos estruturar ele, de repente fazer um local um pouco maior e mais reservado para as crianças, que acabam brincando nas ruas e isso às vezes é perigoso por causa dos carros. (Lucilene, 23, auxiliar administrativa, moradora do Residencial Villagio Florença)

[...] O salão precisava ser fechado, porque quando você vai fazer uma festa os outros vizinhos conseguem ver tudo o que está acontecendo. (Alexsandro, 33, auxiliar administrativo, morador do residencial Villagio Florença)

As casas do Villagio Florença são de padrão geminado. Realizando uma breve comparação em relação às unidades habitacionais dos residenciais fechados implantados pelo PAR, constata-se que possuem menos áreas frontais, laterais e ao fundo, fatores que dificultam futuras ampliações. No entanto a Foto 11 nos mostra que os moradores já realizam mudanças,

construindo muros e grades, desvirtuando o modelo original do residencial, que fora concebido no estilo “americano”, com casas sem muros (ver Foto10).

**Foto 10: Dourados-MS. Residencial Villagio Florença - Padrão de construção (2015).**



Foto: FIGUEIREDO, 2015

Essas táticas são explicadas devido à proximidade entre as unidades habitacionais, fator que limita e impõem ainda mais regras a hábitos básicos como conversar na sala, ficar com roupas mais à vontade, além de proteger de eventuais furtos. A privatização de um ambiente, que já é por si mercantilizado, denota-se como um forte elemento das novas práticas socioespaciais, embasadas em desconfiança e insegurança com relação ao outro.

No primeiro momento as casas não seriam fechadas. Então foi feita uma assembleia para que fosse fechado os muros para dar mais segurança para os moradores. Porém, teríamos que fazer tudo padronizado, o que não aconteceu, porque cada um faz de uma forma diferente, de acordo com suas condições financeiras. Então já ficou tudo diferente do que era antigamente, que era aquele modelo americano, tudo aberto, gramado na frente e hoje já não está mais assim. Cada um trancou a sua casa, dentro de um condomínio que já é fechado. Já não ficou a mesma estrutura e como seria com relação a segurança. Então a gente achou que seria um pouco mais seguro até, por ter casas individuais no térreo e não são mais segurança por esse sentido. Num prédio acho que seria mais seguro do que um próprio condomínio. (Lucilene, 23, auxiliar administrativa, moradora do Residencial Villagio Florença)

Quando a gente pensou em investir aqui, a gente pensou na segurança, mas sabíamos que algumas decisões, algumas mudanças, a gente teria que fazer, mesmo por ser um condomínio fechado, mas onde mora muita gente que você acaba não conhecendo todos, então alguma segurança você tem que fazer. Então aqui, mesmo sendo um condomínio, a gente tem que tomar alguns cuidados para não termos esse tipo de problema.

Mesmo por ser um condomínio nós não temos 100% de segurança, nós temos algumas falhas aí que a gente pode melhorar, tanto aqui em casa quanto no condomínio. Mas aqui em casa a gente está procurando diminuir a insegurança, fazendo muro, colocando portão, mantendo a casa sempre fechada, para a gente evitar, mas dificultar a ação do marginal. (Alexsandro, 33, Auxiliar de escritório, Residencial Villagio Florença)

Ligados a isso, problemas na construção do empreendimento agem como condicionantes para descontentamentos em relação ao local de moradia, que, segundo os depoimentos a seguir, não seguiu o modelo e qualidade garantidas pela construtora. Esses elementos, ligados à insegurança, ganham gravidade quando moradores com menos de três anos de residência já alimentam sentimentos de arrependimento e aversão ao local de moradia.

Hoje preferiria morar ali no Vila Toscana, no mesmo bairro, mas com casas separadas, não no condomínio. Porque tem de tudo no condomínio [...] Em termos de construção não foi nada daquilo que estava mencionada na planta ou na estrutura que eles garantiram, como, por exemplo, a acústica de som; e outra, não seria quarto com quarto, porque as casas são geminadas, então não seria quarto e quarto. Seria quarto e sala, quarto e sala e aí chagamos aqui, tem quarto com quarto, sala com sala. Então conforme a ordem seguiu uma estrutura que limitasse o som. O modelo da frente também, os padrões de energia seriam baixos, e não seriam aqui na frente, fiação dentro de casa, é PVC e não gesso, pisos de má qualidade, casas sujas de tinta quando você ia entrar, várias coisas.

(Lucilene, 23, auxiliar administrativa, Residencial Villagio Florença)

Ao questionarmos se roubos, furtos e uso de drogas são problemas para o residencial obtivemos respostas positivas. Os fatos de “não saberem com quem estão convivendo” ou seja, quem são, onde moravam anteriormente, qual vínculo empregatício, dentre outros, aparecem como fatores que criam barreiras de sociabilidade.

No condomínio já aconteceu roubos, assaltos de próprios moradores aqui dentro. Então a gente acha que é fechado o condomínio pela segurança, mas aqui dentro do condomínio já aconteceu roubos, assaltos, assim por diante dos próprios

moradores. (Cinthia, 25, professora da Rede Municipal de Ensino, moradora do residencial Villagio Florença)

Temos e já aconteceu de pegarem aqui dentro do condomínio com droga, vendendo. Um outro condômino que fez a denúncia, ainda continua em algumas residências, mas a gente não tem provas. Sentimos cheiros, mas nunca tivemos provas. E isso gera uma insegurança por não saber com que estamos convivendo. Porque com o uso de drogas ou álcool, essas pessoas saem do limite, daí a gente não consegue controlar e aí não existe conversa. (Lucilene, 23, Auxiliar administrativa, Residencial Villagio Florença)

A gente teve no começo muitos problemas com portão eletrônico. Muitas pessoas passavam do eletrônico para o manual, porque não tinha controle ou de repente alguém que queria sacanear mesmo, roubavam os ímãsinhos que vão no portão. Eu tive meu vizinho que roubaram as telhas dele que estavam na frente da casa; alguém pegou. Então são bem poucos casos. (Alexsandro, 33, Auxiliar de escritório, Residencial Villagio Florença)

Nesse bojo identificamos separações no âmbito simbólico entre aqueles que cumprem e aqueles que não cumprem as regras estabelecidas, intitulados como indivíduos de “nível mais baixo”, e por nunca terem morado em residenciais fechados não conhecem ou fingem desconhecer as regras estabelecidas.

No começo, a gente achou até que seria um pessoal, mais assim... Não do ponto que é hoje, de nível muito baixo, que aqui existe e até a gente se arrependeu disso, porque são pessoas que nunca moraram dentro de um condomínio, eles não sabem, ou fingem não saber, das regras, normas... Não aceitam, e aí é difícil de conseguir controlar. Então achamos que por ser um condomínio fechado essas pessoas não iriam entrar aqui e foi totalmente o oposto, então aqui são dois quartos, sala e cozinha juntos, né, que é modelo americano e tem casas que tem mais de seis pessoas morando. Então tem gente que não trabalha, fica o dia inteiro dentro de casa, então nos arrependemos por conta disso. É muita gente que fica o dia inteiro sem fazer nada e é o que causa intrigas, incômodos por bobagem. (Lucilene, 23, Auxiliar administrativa, Residencial Villagio Florença)

No depoimento de Lucilene nos chamou a atenção a ligação que a entrevistada estabelece entre o fato de “gente que não trabalha” ser responsável da ocorrência intrigas e incômodos. A representação do trabalho, ou a falta dele, pode ser pensada como uma dimensão que orienta condutas normais (trabalhar diariamente, receber um salário, fazer parte de uma hierarquia, aceitar as normas) e anormais (desocupação, preguiça, vadiagem).

Assim como nos residenciais anteriormente tratados, ocorre a representação dos de fora dos muros e grades como os causadores dos problemas. Nesse caso, a proximidade entre o Residencial Villagio Florença e a Vila Toscana aguça possíveis tensões, já que os moradores do segundo empreendimento são tidos como os que geralmente invadem o residencial fechado.

[...] Aqui no condomínio, quando entram, são moradores do Vila Toscana, porque é um bairro Vila Toscana e dentro o Villagio Florença, e aqui os próprios moradores do Villa Toscana que invadem aqui, então molecada mais à toa. [Lucilene, 23, auxiliar administrativa, Residencial Villagio Florença ]

Faz mais ou menos uns três ou quatro meses, se eu não estou enganada, para mais um pouquinho, que colocaram guarita por conta da insegurança e dos vândalos por estarem entrando na quadra, destruindo os bancos, passar na frente das casas e roubar placas, essas coisas. E quando nos reunimos para tirá-los algumas pessoas falaram que iam se vingar. Então agora que, na verdade, aumentou o nosso valor do nosso condomínio, para ter um guarda no horário mais de pico. (Lucilene, 23, auxiliar administrativa, Residencial Villagio Florença)

Toda aquela imagem vendida pelo *marketing* da incorporadora de cidade planejada dentro dos muros, na qual a falta de divisão entre as habitações leva a crer em ambientes de paz, harmonia e civilidade, na prática, não ocorre. O aumento dos equipamentos de segurança foi a forma realizada para tentar inibir os atos ilícitos ocorridos no residencial, como guarda 24 horas, que questiona quem entra no residencial, e sistema de câmeras. Consequentemente, os custos dos investimentos realizados, foram adicionados no valor das taxas de condomínio.

[...] Em uns três meses para cá colocamos câmeras, uma guarita daquelas de containers, porque é provisória e tem um guarda noturno. E antes já tinha um guarda noturno sem guarita, o problema é que o guarda era usuário de droga e a gente não sabia então estava lá no portão e não resolvia em nada. Então depois disso o próprio síndico é o guarda noturno daqui. Então as estratégias de segurança são por enquanto as câmeras que conseguem visualizar quando entram, quando sai estranhos, nós temos whatsapp também que qualquer informativo sobre o condomínio, está um condômino avisando o outro e no momento é só.... Depois de ter colocado a guarita aqui e ter fechado, colocado câmeras, todos os condomínios se juntaram para tirar essas crianças e adolescentes quem não eram daqui que estavam cometendo vandalismo, então diminuiu muito. Até faz um mês que entrou uma moto rondando, mas todos foram avisados, foi visto pelas câmeras, então agora está mais tranquilo. (Lucilene, 23, auxiliar administrativa, Residencial Villagio Florença)

O nosso condomínio depende muito da questão financeira para fazer um trabalho melhor na questão da segurança. Nós hoje temos muita inadimplência e essas inadimplências atrapalham os investimentos em segurança. Então nós não temos um dinheiro em caixa para de repente instalar mais câmeras, colocar um porteiro 24 horas... Nós temos uma pessoa que fica na portaria das dez e meia à meia-noite, então nós não temos pessoal para ficar 24 horas, ou de repente fazer um outro esquema para segurança. Mas assim, futuramente, na hora que não a gente não tiver ou diminuir nosso problema com a inadimplência, o condomínio vai procurar colocar mais câmeras, colocar de repente um vigia para estar melhorando essa questão da segurança. Mas o que era já melhorou bastante e com certeza a gente sempre vai querer melhorar. (Lucilene, 23, auxiliar administrativa, Residencial Villagio Florença)

O local monitorado 24 horas por câmeras e a proibição de estacionar próximo à área privada (Foto 11) são postos em evidência por placas amarelas, que mais lembram locais de perigo constante.

**Foto 11: Dourados-MS. Residencial Villagio Florença – Guarita e placas indicando monitoramento (2015).**



Foto: FIGUEIREDO, 2015

No condomínio o que a gente poderia melhorar na questão da segurança é colocando um porteiro 24 horas, pessoas capacitadas, e que andem por dentro do condomínio, pelas via do condomínio, fazendo um monitoramento, de repente entra uma pessoa estranha, ou mesmo a gente se identificando mais na hora de entrar mesmo, porque a gente tem o porteiro que começa a trabalhar as oito da manhã, então se de repente começasse a trabalhar antes, então se começasse a trabalhar antes com a identificação dos moradores, dos seus veículos, então acho que seria uma segurança que melhoraria mais para gente. Então acho que esse é o principal ponto que deveria melhorar. Os moradores possuem um adesivo nos seus veículos, carro e moto. Mas eu acho que mesmo com esses adesivos está faltando um pouquinho mais. De repente de parar na portaria, olhar mais atentamente. Porque a gente passa na portaria e percebe que passamos despercebido. A pessoa que vai prestar algum serviço, ou ela liga para o morador ir abrir o portão, já fica com uma cópia da chave do portão pequeno, para essas pessoas entrarem no condomínio. (Alexsandro, 33, auxiliar de escritório, Residencial Villagio Florença)

A imposição de regras condizentes à forma como os sujeitos devem se comportar limitam o âmbito do vivido em sua plenitude. As falas dos entrevistados nos residenciais fechados também assinalam para sociabilidades mais frias e distantes. Mesmo morando próximos uns dos outros, não observamos uma identidade coletiva, mas sim relações em que os limites e barreiras (neste caso, mais simbólicas que físicas) dificultam a convivência mais efetiva, como nos mostram os depoimentos a seguir.<sup>71</sup>

Como a gente não para em casa, fica difícil conhecer os vizinhos, daí é mais bom dia, boa noite mesmo. A gente conhece mais os vizinhos do lado que são professores, mas que também quase não ficam em casa, pois nos fim de semana vão para Rio Brilhante [cidade a 68 Km de Dourados] Lucilene, 23, auxiliar administrativa, Residencial Villagio Florença)

Vizinhos mesmo, que costumamos falar, são três. Uns a gente conversa mais que os outros, mas tem gente aqui (silêncio) [...] Não teve amizade. Embora a gente more aqui há oito anos são poucos os vizinhos que a gente dê “bom dia, boa tarde”. Que convive mesmo são três, pois todo mundo sai de manhã e chega de noite, vai encontrar que horas? (Vera, 33, funcionária pública municipal (técnica administrativa), moradora do residencial Itajú II)

Então, a vida da gente é muito corrida. Acordamos às seis da manhã para ir trabalhar e voltamos às sete da noite. Quando volta, chega cansado, mas nos finais de semana os relacionamentos com vizinhos são bons, “oi, tchau, tudo

---

<sup>71</sup> Neste caso, optamos em trazer tanto as falas dos moradores do Residencial Villagio Florença e quanto dos empreendimentos viabilizados pelo Programa de Arrendamento Residencial, pois em ambos os processos de distanciamento verificados são semelhantes.

bem, como vai”. (Janieli, 35, funcionária pública municipal (técnica administrativa), moradora do residencial Itajú I)

Não me envolvo muito com vizinhos. Tanto que algumas vezes conversando com alguém, pergunto “onde você mora” e ela responde “no Itaju I” daí falo “ eu também” (risos) e mesmo assim não conheço as pessoas.

Olha, fico muito em casa, daí converso com algumas pessoas aqui da minha rua mesmo. Mas tem muita gente que nem conheço aqui... (Júlia, funcionária pública municipal (técnica administrativa), moradora do residencial Itajú I)

Aqui é cada um no seu canto, e eu fico no meu. Todo mundo sai para trabalhar, tem suas atividades, é muito raro a gente ver um vizinho aqui. Só nos finais de semana mesmo... Mas, mesmo assim, é mais um bom dia, boa tarde. (Carmem, 64, aposentada, moradora do residencial Ercília Pompeu)

Nestes casos, notamos que o fato de ocupar residências ligadas “paredes com paredes” não quer dizer que as relações sociais serão mais próximas. Assim como nos outros residenciais fechados, a pequena sociabilidade denota-se como uma realidade.

Mas é importante deixar claro que há processos inversos a estes ilustrados, como o depoimento do senhor Valdecir e Dona Aydê, que nos mostram que há aproximações mais sólidas entre alguns sujeitos, já que estes conhecem quase todos os vizinhos.

Como eu trabalho aqui, acabo conhecendo todo mundo. Eles me dão bom dia, dão uma buzininha de carro, pra mim a vizinhança é muito boa (Valdecir, 66, zelador e morador do residencial Ercília Pompeu)

Se dou muito bem com todos, como somos dois idosos temos que conversar, porque qualquer hora a gente pode precisar, e se ficarmos só em casa trancada pode ser que aconteça alguma coisa e ninguém vai nem notar, né (risos). Por isso tomamos chimarrão aqui na frente de casa três vezes ao dia. Aí todo mundo que passa aqui cumprimenta, a gente conversa... Eu caminho, três vezes por semana, onde eu passo eu converso. (Aydê, aposentada, moradora do residencial Ercília Pompeu)

Os dois casos foram pontuais. Além de disso, o fato de Valdecir ser zelador e morar no local e Aydê aposentada possibilita mais tempo, em comparação aqueles que estão na correria do dia a dia.<sup>72</sup>

---

<sup>72</sup> Mas são relatos que nos envolvem e fazem acreditar que relações mais diretas, passíveis de compreensão e diálogo mútuo entre os sujeitos, ainda têm seu local assegurado, na multiplicidade de interações sociais que a cidade oferece.

Sposito e Góes (2013), com base em Ascher (2000, p.56), discorrem que os indivíduos são cada vez mais diferentes e independentes, gerando assim uma “[...] diferenciação social mais pulverizada, uma vez que não partilham, a não ser muito momentaneamente, dos mesmos valores e experiências urbanas” (SPOSITO e GÓES, 2013, p.300). Esse aspecto pôde ser percebido, pois, como assinalado anteriormente, nossos entrevistados pouco se relacionam entre si, mesmo morando muito próximos uns dos outros e compartilhando os mesmos equipamentos de lazer.

No residencial Villagio Florença, além dos muros e conjunto de equipamentos de segurança existentes, a proximidade entre as residências, parece, contraditoriamente, contribuir para ampliar as “barreiras” entres os moradores, agregando mais distanciamento do que proximidade. Por não conhecerem o “vizinho da frente” os moradores tendem a alimentar preconceitos e desconfianças, acirrando dinâmicas socioespaciais contrárias à convivência social.

Em outras palavras, pode-se dizer que os moradores dos residenciais (e também dos loteamentos) estão próximos geometricamente, contudo, encontram-se distantes. O fato de viverem “um ao lado do outro” não quer dizer que os moradores dos loteamentos terão relações mais próximas, convergindo com as proposições de Bauman (2001), que enfatiza que a proximidade não garante mais a qualidade e intensidade das relações.

O crescimento do número de loteamentos fechados fortemente associados ao ideário de (in)segurança promove assim, a contiguidade sem continuidade (Sposito e Góes, 2013) seja pela construção dos muros ou pela localização dos empreendimentos arquitetados, geralmente, em áreas distantes do centro urbano tradicional, espraiando o tecido urbano e aumentando a complexidade da cidade, que passa a ser dividida por uma soma de fronteiras, haja vista que muros e sistemas de vigilância, além de corroborar nessa dinâmica, a reproduz, pois apresenta novos valores e representações da cidade, pautados no distanciamento.

Dessa forma, há em curso uma transposição e difusão de novos modelos de moradia que antes eram destinados a parcelas da população com média e alta renda, para as camadas populares. Isso desdobra-se na naturalização dos controles, espraiamento do tecido urbano e em novas formas de apropriação da cidade.

Vale lembrar, que as falas dos entrevistados assinalaram que também há posicionamentos transgressivos em relação às regras impostas e que são naturalizadas por muitos. Diante dessas resistências, conflitos entre os moradores são potencializados, indo no caminho contrário da “segurança entre os iguais”, distanciando-os ainda mais.

Os moradores dos locais pesquisados são continuamente transformados em meros consumidores, que veem nas imagens e ouvem nas falas da violência uma sociedade em perigo eminente, justificando assim, a “necessidade” de mecanismos de segurança.

As consolidações dessas novas formas de morar e de vivenciar a cidade que têm como uma das principais justificativa a violência e (in)segurança da sociedade contemporânea imbuí nossa realidade de novos contornos, que dificultam ainda mais a consolidação o acesso a cidade em sua totalidade.

## APONTAMENTOS FINAIS

Com o processo de globalização, a produção do espaço urbano brasileiro tem ganhado novas formas e conteúdos. Repleta de complexidades, a cidade tem sido o local de várias mudanças sociais, culturais e econômicas. Dentre estas transformações, a forma como os sujeitos têm se relacionado e concebido a cidade contemporânea está cada vez mais atrelada a sensações e representações a respeito da violência e (in)segurança urbana, dinâmicas contribuintes na constituição de formas de relacionamento pautadas na seletividade e estigmas perante ao outro, acirrando, assim, as contradições e dinâmicas de segmentação.

Partindo dessa premissa, iniciamos nossas reflexões sobre esta temática, tendo como lócus de investigação, Dourados. Segunda maior cidade de Mato Grosso do Sul, desempenha centralidade importante principalmente na porção sul do estado, pois polariza um leque variado de serviços, possibilitando uma complexificação de seus papéis e funções urbanas.

Por meio da bibliografia pesquisada, entrevistas e questionários aplicados, análise de reportagens eletrônicas e dados de criminalidade coletados, iniciamos uma busca pela compreensão de quais práticas relacionadas à (in)segurança e violência eram mais observadas em Dourados, tendo sempre em mente que ambas as dinâmicas atingem de modo diferente os cidadãos.

Desse modo, optamos em dar voz aos cidadãos, primeiramente por meio de enquetes e entrevistas rápidas aplicadas na área central da cidade, com o intento de abarcarmos sujeitos de diferentes gêneros, idades, escolaridades, bairros, dentre outros. Observamos que a imagem da cidade insegura e detentora de problemas relacionados à violência fora evidenciada de modo unânime, seguindo uma lógica em que a difusão dessa problemática está na ordem do dia em cidades de diferentes portes, não se restringindo apenas a contextos metropolitanos.

Nossos entrevistados suscitaram questões importantes como: a falta de contingente policial, ensino público ineficiente, proximidade com o Paraguai, porte de armas de fogo, uso de entorpecentes e o elevado crescimento populacional verificado em Dourados nas últimas décadas. Dentre o apontado, assinalamos que a carência dos aparatos policiais como uma das condicionantes para a ocorrência da violência contrasta com a pouca confiança nos mesmos. Ligado a isto, a proximidade de Dourados com o Paraguai denotou-se como um dos elementos que acirra a problemática.

A fronteira, representada como um local que possibilita a livre circulação de pessoas e consequentemente de atividades ilícitas como o tráfico de drogas e portes de arma, suscita uma realidade na qual os moradores do país vizinho também são vistos como violentos. Assim, o outro como agente propagador da (in)segurança aparece como uma das questões que aumentam estigmas e distâncias socioespaciais.

Um dos principais propagadores da (in)segurança e violência, a mídia atua diretamente nessa dinâmica. Com uma série de reportagens diárias alusivas a tragédias de violência, os veículos de comunicação possuem um papel importante na disseminação do sentimento de (in)segurança. Logo, mesmo que os dados quantitativos não indiquem um aumento dos casos de ocorrências em Dourados, estes discursos possuem a capacidade de influenciar o contato com o outro, havendo, assim, uma série de distinções de tratamento, especialmente a partir do local onde determinada pessoa reside ou frequenta, como casos de bairros como o Cachoeirinha, amplamente divulgado pelos jornais no tocante a homicídios e tráfico de drogas.

Adensando a problemática, consideramos o aumento dos residenciais fechados em Dourados (Ecoville Residence Resort, Terras Alphaville, Porto Madero, Porto Seguro, Green e Golden Park) como um dos processos mais importantes dessa conjuntura. Por meio das estratégias de venda, os promotores imobiliários manejam os elementos materiais e simbólicos do espaço para obterem maiores margens de lucro.

Para a comercialização dos empreendimentos, a divulgação de locais que garantirão segurança (por meio de avançados equipamentos eletrônicos e mecanismos de controle do fluxo de pessoas), lazer (através equipamentos e serviços variegados destinados a esse fim), convívio de pessoas do mesmo segmento socio-econômico e status social denota-se como uma prática presente no espaço urbano.

A presença desse tipo de loteamento assinala maior segmentação da cidade, que tem seu tecido urbano ampliado; consequentemente, as distâncias espaciais e sociais entre moradores e não moradores tornam-se maiores, tudo (ou, ao menos, boa parte) em nome da segurança. As ações estratégicas dos incorporadores, que utilizam o discurso do progresso, negam a história do lugar, pois produzem formas de morar sem atenderem-se às reais necessidades do local onde concretizarão seus objetivos comerciais.

Por sua vez, imbuídos de tais práticas e concepções, os moradores de loteamentos fechados de padrão mais elevado constroem um novo padrão de cidade, desvalorizando as

experiências que o cotidiano da cidade aberta pode proporcionar, pois a sociabilidade fica direcionada ao convívio entre os iguais, sendo por isso fragmentada. O aumento destas áreas vigiadas, em que a “liberdade” está diretamente condicionada à restrição, emana ainda preconceitos, discriminações e desconfiança em relação, por exemplo, às pessoas que ali trabalham, evidenciando e reforçando a longa tradição brasileira da criminalização da pobreza.

Os loteamentos, sobretudo os de maior porte, reforçam a imposição do automóvel, intensificando o fluxo nas vias. Além dos reflexos no trânsito, o “enclausuramento” cria ambientes onde o preconceito e a intolerância ao diferente se ampliam. Essas novas formas de morar, ao intentar a segurança de alguns, reproduz novas formas de violência para cidade como um todo. Por aumentar as barreiras, promovem a privatização do espaço público e reforçam preconceitos. Ao invés de alavancar a existência de uma cidade para todos, os residenciais fechados têm alavancado a constituição de uma cidade seletiva, compartimentada e dividida.

O fechamento restringe as oportunidades da vivência, de ações em conjunto, dando aberturas para práticas individualistas, fazendo com que a cidade passe de local do encontro ao local dos enfrentamentos.

Essa nova forma de morar não se limita aos segmentos sociais de maior poder aquisitivo, abarcando também os residenciais populares fechados (Itajú I e II, Ercília Pompeu, e Villagio Florença), diferenciados daqueles que possuem padrão elevado, por possuírem muros geralmente baixos e pouco ou nenhum equipamento eletrônico de segurança. Assim, possuem formas de controle pouco rígidas, que esbarram nas dificuldades financeiras dos residentes em concretizar ações mais defensivas. Diferentemente dos residenciais de padrão mais elevados, problemas relacionados a furtos e roubos foram suscitados pelos moradores, contudo os “de fora” foram designados como os responsáveis pelas ações, corroborando com assertivas de diferenciação social pelo local de moradia.

Paralelo à falta de mecanismos de segurança mais rígidos, controles concernentes à proximidade entre as casas, que possuem o mesmo padrão de construção (edificações baixas, pequenas, algumas geminadas e com terrenos pequenos) e ruas estreitas, estabelecem uma maior proximidade espacial aos sujeitos, que em quase todas as entrevistas realizadas viram essa característica como algo negativo.

Em face disso, os moradores acabam erguendo muros, grades e implantando cercas eletrônicas, acirrando os controles dentro dos próprios empreendimentos, criando muros dentro

dos muros. A sociabilidade fica segmentada a pequenos círculos de convívio, reforçando o distanciamento entre os sujeitos, que, em tese, deveriam ter laços mais próximos devido à proximidade territorial.

Ainda que nos dois tipos de empreendimento estudado se justifiquem diante de uma sociedade balizada pela (in)segurança, há diferenças de ordem material e prática e que merecem ser corroboradas.

No loteamento fechado Ecoville, os limites e controle de acesso promovem verdadeiras separação e desconexão espacial, inclusive, com o entorno. Contudo, os moradores continuam tendo acesso a locais da cidade como escolas particulares, escolas de línguas, universidades, clínicas médicas, hospitais, etc. Ou seja, não há um rompimento com as interações desejadas.

Já nos residenciais populares fechados as fronteiras não são tão intensas e rígidas. Em casos como o empreendimento Ercília Pompeu, grades (e não muros) cercam a frente do residencial, permitindo, inclusive, visibilidade da área externa. Isso, somado aos frágeis sistemas de monitoramento residencial, não caracteriza a real separação dos “de dentro” com “os de fora”, observada nos loteamentos fechados de padrão mais elevado.

Com relação as formas de controle observadas, percebemos que no Ecoville são direcionadas diferenciadamente aos visitantes, empregados e moradores. Para cada um há regras específicas, inclusive, de entrada e saída do loteamento.

Nos residenciais Itajú I, II e Ercília Pompeu esses mecanismos de controle têm relação mais direta com o próprio sistema de moradia dos residentes, organizados em casas próximas uma das outras, ruas estreitas e poucos locais de lazer. No Villagio Florença, as casas estão ainda mais perto uma das outras, incidindo em problemas de sociabilidade mais agudos.

No loteamento Ecoville e residenciais populares, pesquisados ficou evidente a ideia de que os problemas, que colocam em xeque a segurança, são sempre causados por pessoas de fora sendo que os moradores dos empreendimentos não foram, em nenhum depoimento, apontados como possível ameaça à segurança.

Esses processos elencados têm relação direta com a consolidação de uma sociedade marcada pelas vozes e imagens da insegurança, que de forma mais ou menos implícita, age nos vários âmbitos da vida cotidiana, imbuindo a cidade contemporânea de práticas socioespaciais que cada vez mais negam a vida pública e em comunidade. O individualismo, o fechamento

residencial e representação do outro como violento tem ampliado as barreiras materiais e simbólicas.

A cidade como lócus do heterogêneo, que favorece identidades territoriais e sentimentos de pertencimento, fica em cheque, devido a novas formas de morar. Dessa forma, ao tratarmos da insegurança urbana pretendemos elucidar as novas práticas espaciais e formas de produção do espaço ligado a ela.

Por último, vale destacar que há um longo caminho a ser percorrido pelos geógrafos que voltam seus estudos para a temática da (in)segurança urbana. Se no início da caminhada investigatória havia incertezas em torno da definição desse objeto, hoje temos apenas uma convicção: ainda é ampla a gama de questões que giram em torno dessa problemática. A atual tendência de separação das novas formas de morar, impossibilitará vivenciarmos cidades mais democráticas, justas e marcadas pela partilha dos espaços e tempos.

A obrigação de pensarmos em uma cidade que esteja atenta as necessidades essenciais dos cidadãos e não aos seus anseios individuais e seletivos torna-se assim, algo fundamental para efetivarmos propostas e alternativas que tornem a cidade e, conseqüentemente, a vida, mais justas. Diante de um objeto sempre em construção, temos o anseio de que a discussão aqui levantada como dissertação de Mestrado sirva como instrumento a indicar caminhos para novas construções e pesquisas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABINZANO, Roberto Carlos. Las regiones de frontera: espacios complejos de la resistencia global. In: OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de (Org.) **Território sem limites: estudos sobre fronteiras**. Campo Grande:Ed. da UFMS, 2005, p.113-130.

ADORNO, Sérgio. A criminalidade urbana violenta no Brasil: um recorte temático. In: **Boletim Bibliográfico e Informativo em Ciências Sociais**, São Paulo, v. 35, p. 3-24, 1993.

ADORNO, Sérgio; BARREIRA, César. A Violência na Sociedade Brasileira. In: Carlos Benedito Martins; Heloisa Helena T. de Souza Martins.. (Org.). **Horizontes das Ciências Sociais no Brasil**. 1 ed. São Paulo: Barcarolla, 2010, v. 1, p. 303-374.

ANDRADA, Anderson Francisco de. **O significado das UPPs, seus limites e possibilidades: a Santa Marta no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 2013. Dissertação (Mestrado em Geografia) - UERJ.

ARENDT, Hannah. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 1994.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS EMPRESAS DE SISTEMAS ELETRÔNICOS DE SEGURANÇA (ABESE). **Evolução do mercado se segurança eletrônica no Brasil**. 2015. Disponível em: <<http://www.abese.org.br/2015/download/revista-seguranca-inteligente>>. Acesso em maio de 2015

BARRETO, Thaís Luíse Monteiro de Souza. **Percepção e representação da violência na cidade de Manaus: os mapas mentais do Policial Militar**. Manaus, 2013. Dissertação (Mestrado em Geografia) - UFAM.

BATELLA, Wagner Barbosa. **Análise espacial dos condicionantes da criminalidade violenta no estado de Minas Gerais – 2005: contribuições da Geografia do Crime**. Belo Horizonte, 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia) - PUC.

BATISTA, Ricardo Lopes. **A Geografia da violência: uma abordagem espacial da criminalidade em Três Lagoas – MS**. Aquidauana, 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia) – UFMS.

\_\_\_\_\_. **Produção do espaço urbano e controle social: os espaços residenciais populares fechados como novo modelo de moradia**. Presidente Prudente, 2015. Tese (Doutorado em Geografia) – FCT/UNESP.

BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

\_\_\_\_\_. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BECK, Ulrich. A política na sociedade de risco. **Revista Ideias**, n 01, 2010

BENTO , André. **Delegado descarta escalada da violência em dourados apesar de 14 homicídios no bimestre**. Jornal online 94 FM Dourados. Publicado em 19 de março de 2014. Disponível em: <<http://www.94fmdourados.com.br/noticias/dourados/delegado-descarta-escalada-da-violencia-em-dourados-apesar-de-14-homicidios-no-bimestre>> Acesso em 13 de janeiro de 2015.

BERNARDELLI, Mara Lucia Falconi da Hora; CALIXTO, Maria José Martinelli Silva. **Os loteamentos fechados e as novas formas de produção imobiliária em Dourados: uma Cidade Média do estado de Mato Grosso do Sul – Brasil**. 2015. Anais do XIII Simpósio Nacional de Geografia Urbana. Fortaleza- CE, 2015.

BONATES, Mariana Fialho. **O Programa de Arrendamento Residencial – PAR: acesso diferenciado à moradia e à cidade**. Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo, n.07, 2008, pg.147-184

BORDIN, Marcelo. **Geografia do crime em Curitiba: a produção de espaços segregados pela violência**. Curitiba, 2009. Dissertação (Mestrado em Geografia) - UFPR.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 11.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007

BRASIL. Código Penal. Brasília, 1941.

\_\_\_\_\_. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Censo demográfico** 2010. Brasília, 2011.

\_\_\_\_\_. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). **Sistema de Indicadores de Percepção Social**. 2010.

\_\_\_\_\_. **Regiões de Influência das Cidades (REGIC) – 2007**. Dados estatísticos. Rio de Janeiro, 2008

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros**. São Paulo, Ed.34-Edusp, 2000.

\_\_\_\_\_. **Enclaves fortificados: a nova segregação urbana**. **Cultura Pública**, ed.8, 1996, pp. 303-328

CALIXTO, Maria José Martinelli Silva. As articulações político-ideológicas no poder público no processo de (re)definição da diferenciação sociospacial. **Boletim Paulista de Geografia**. São Paulo:AGB, N°78, Dez.2001, p.77-96.]

\_\_\_\_\_. **O papel exercido pelo poder público local na (re)definição do processo de produção, apropriação e consumo do espaço urbano em Dourados – MS**. Presidente Prudente, 2000. Tese (Doutorado em Geografia) – FCT/UNESP.

\_\_\_\_\_. **O processo de consolidação da centralidade de Dourados – MS na rede urbana:** uma contribuição para a análise de uma cidade média. Rio de Janeiro, 2011. Relatório (Pós-Doutorado em Geografia) – IGEO/UFRJ.

\_\_\_\_\_. **O processo de consolidação da centralidade de Dourados-MS na rede urbana:** uma contribuição para a análise de uma Cidade Média. XI Workshop da Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias. Dourados-MS, 2013.

CAMAGNI, Roberto. **Economía urbana.** Barcelona: Antonio Bosh, 2005.

CARDIA, Nancy das Graças. Mídia e violência. In: Mídia, drogas e violência, 1994, Rio de Janeiro. comunicação e política. Rio de Janeiro, 1994.

CARDIA, Nancy das Graças; SCHIFFER, Sueli. Violência e desigualdade social. **Ciência e Cultura.** São Paulo. Jul/Set, p. 25-31, 2002.

CARDOSO, Ana Izabel de. **Gestão do território, violência, práticas policiais e representação social do lugar:** uma abordagem da Ceilândia, Distrito Federal. Brasília, 2006. Dissertação (Mestrado em Geografia) - UNB.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço Urbano.** São Paulo-SP: Labur Edições/GESP, 2007.

\_\_\_\_\_. **O lugar no/do mundo.** São Paulo-SP: Labur Edições/GESP, 2007.

CASTELLS, Manuel. O debate sobre a teoria do espaço. **A questão urbana.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural:** entre práticas e representações. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHAUÍ, Marilena de Sousa. **Simulacro e poder.** Uma análise da mídia. 1. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

DAL POZZO, Clayton Ferreira. **Territórios de autosegregação e de segregação imposta:** fragmentação socioespacial em Marília e São Carlos. Presidente Prudente, 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia) – FCT/UNESP.

CRUZ, Luciana Maria da. **Morfologias urbanas do medo:** a materialização da(in) segurança em bairros nobres do Recife. Recife, 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia). UFPE.

CURBET, Jaume. Outra segurança é possível. In: FLEURY, Sônia; SUBIRATS, Joan; BLANCO, Ismael (Orgs.). **Respostas locais a inseguranças globais:** inovação e mudança no Brasil e Espanha. Fundação Getúlio Vargas, 2008, pp. 177-206

CORRÊA, Roberto, Lobato Azevedo. Geografia, Poder e Controle. In: **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, v. 10, p. 1-3, 2006.

DUARTE, Gizele Almeida com Osvaldo. Assassino afirma que inveja tem causado mortes. **Jornal Dourados News**, 03 de fevereiro, Dourados, 2015. Disponível em: <<http://www.douradosnews.com.br/dourados/assassino-afirma-que-inveja-tem-causado-mortes>> Acesso em: 10 de outubro de 2015

JESUS, Sara Livino de. **A política pública habitacional e os desdobramentos do Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV) em uma Cidade Média**: Dourados, 2014. Dissertação (Mestrado em Geografia). FCH/UFGD.

DINIZ, Lincoln da Silva. **O pequeno comércio em contexto de violência na cidade de Campina Grande-PB**. Recife, 2012. Tese (Doutorado em Geografia). UFPE.

DURKHEIM, EMILE. **As regras do método sociológico**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 165pp.

DOURADOSNEWS. **O medo da violência em Dourados**. Disponível em: <<http://www.douradosnews.com.br/colunistas/editorial/o-medo-da-violencia-em-dourados>> Acesso em 13 de janeiro de 2015.

ENDLICH, Ângela Maria; CARNEVALLI, Pedro Henrique Fernandes. Aumento da violência em pequenas cidades, sentimento de insegurança e controle social. In: **Anais do XIII Colóquio Internacional de Geocrítica**, Barcelona, 2014.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FELIX, Sueli Andruccioli. **A Geografia das ofensas**: análise dos espaços de crimes, criminosos e das condições de vida da população de Marília -SP. Marília: UNESP, 2001

FILHO, Lauro Luiz Francisco. **Distribuição espacial da violência em Campinas**: uma análise por geoprocessamento. Rio de Janeiro, 2004. Tese (Doutorado em Geografia)-UFRJ.

FIX, Mariana de Azevedo Barreto. **Financeirização e transformações recentes no circuito imobiliário no Brasil**. Campinas, 2011. Tese (Doutorado em Economia), UNICAMP.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

FRATTARI, Najla Franco. **Insegurança**: as práticas e discursos do medo na cidade de Goiânia. Goiânia, 2009. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - UFG.

FREITAS, Fabiano Lucas da Silva. **A territorialidade da criminalidade violenta no bairro Jardim das Oliveiras – Fortaleza/CE**. Fortaleza, 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Ceará.

FREITAS, Oracilda Aparecida de. **Segregação socioespacial e criminalidade urbana envolvendo jovens na cidade de Uberlândia – MG**. Uberlândia, 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia) - UFU.

FREITAS, Wagner Cinelli de Paula. **Espaço urbano e criminalidade: lições da Escola de Chicago**. São Paulo: Ibccrim, 2002.

FRIGO, Edgard. **Haciaun modelo latino americano de Seguridad Privada: Los nuevos desafios em la región**. Primer Congreso Latinoamericano de Seguridad. Bogotá, septiembre de 2003.

GÓES, Eda Maria; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão Sposito. A insegurança e as novas práticas espaciais em cidades brasileiras. In: **Anais do XIII Colóquio Internacional de Geocrítica**, Barcelona, 2014.

GÓES, Eda Maria; ANDRÉ, André Luis. **Violência e fragmentação: dimensões complementares da realidade paulistana**. Terra Livre, v. 27, p. 15-38, 2006.

GOETTERT, Jones Dari. **Gentes em "tramas" estranhas: migrantes, indígenas e estrangeiros em jogos de identidade**. Anais do XIV do Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional (ANPUR): Rio de Janeiro, 2011.

GOMES, Paulo César da Costa. **A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

GOTTDIENER, Mark. O debate sobre a teoria do espaço. **A produção social do espaço urbano**. São Paulo, EDUSP, 1993, p.120-158.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 6º ed. São Paulo: Loyola, 1996.

HAESBAERT, Rogério. Território, insegurança e risco em tempos de contenção territorial. In: PÓVOA Neto, Helion; FERREIRA, Ademir Pacelli; VAINER, Carlos; SANTOS, Miriam de Oliveira.(Org.). **A experiência migrante: entre deslocamentos e reconstruções**. Rio de Janeiro: Garamond, 2010, p. 537-557.

IAROCZINSKI, Adriane. **A relação entre o espaço escolar e violência infanto-juvenil no contexto de ação do Programa da Patrulha Escolar em Ponta Grossa-PR**. Ponta Grossa, 2009. Dissertação (Mestrado em Geografia)- UFGP.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo demográfico de 1940, 1950, 1960, 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010**. Versão Digital (planilha eletrônica).

\_\_\_\_\_. **Região de Influências das cidades (REGIC)**. IBGE: Rio de Janeiro, 2008.

\_\_\_\_\_. Produto Interno dos Municípios: 2005 – 2009. Rio de Janeiro: **IBGE**, 2011.

JÚNIOR, James Humberto Zomighani. **Desigualdades espaciais e prisões na era da globalização neoliberal**: fundamentos da insegurança no atual período. São Paulo, 2013. Tese (Doutorado em Geografia) – FFLCH/USP.

LEFEBVRE, Henry. A ilusão urbanística. **A Revolução urbana**. Belo Horizonte. Ed> UFMG, 1999, p.139-150.

\_\_\_\_\_. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.

\_\_\_\_\_. Prefácio. In: A produção do espaço. **Estudos avançados**. Vol.27, n.79, 2013.

\_\_\_\_\_. **Sociologia de Marx**. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 1968.

MAIA, Maria Eugenia de Oliveira Mendes. **Vulnerabilidade e resiliência diante da violência escolar**. Brasília, 2009. Dissertação (Mestrado em Geografia) - UNB.

MAGRINI, Maria Angélica. A gestão da (in)segurança urbana pelo estado: fragmentação das identidades e das sociabilidades cotidianas. **Ariús** - Revista de Ciências Humanas e Artes, Campina Grande, n.2, p. 39-57, dez. 2014

\_\_\_\_\_. **Vidas em enclaves**. Imaginário das cidades inseguras e fragmentação socioespacial em contextos não metropolitanos Presidente Prudente, 2013. Tese (Doutorado em Geografia) – FCT/UNESP.

MARICATO, Ermínia. Política urbana, exclusão social e violência. **Revista Caramelo**, São Paulo: GFAUUSP, n.8, p.165-171, 1995.

MARTINS, Saádia Maria Borba. **Impactos no uso das cidades**: a violência nos usos dos espaços públicos de Londrina-PR (Zerão, Igapó I e Igapó II). Londrina,2011. Dissertação (Mestrado em Geografia). UEL.

MELARA Eliane. **A espacialização da violência criminal na cidade de Santa Maria/RS**. Santa Maria, 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia). UFSM.

MELGAÇO, Lucas de Souza. **A geografia do atrito**: dialética espacial e violência em Campinas - SP. São Paulo, 2005. Dissertação (Mestrado em Geografia) – FFLCH/USP.

\_\_\_\_\_. **Securização urbana**: da psicoesfera do medo à tecnoesfera da segurança. São Paulo, 2010. Tese (Doutorado em Geografia FFLCH/USP)

MENDONCA, F. A. **Ambiente e saúde**: Retomando estudos da geografia da saúde à partir da correlação entre o clima e a violência urbana no Brasil. In: 8 Encontro de Geógrafos da América Latina, 2001, Santiago. Anais do 8º EGAL. Santiago: Universidade de Chile, 2001. v. 1. p. 191-196.

MICHAUD, Yves. **A Violência**. São Paulo: Ática, 1989.

MISSE, Michel. Crime e violência no Brasil contemporâneo. **Estudos de sociologia do crime e da violência urbana**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2006.

\_\_\_\_\_. **Nem soldados, nem inocentes**: juventude e tráfico de drogas no Rio de Janeiro. Democracia Viva, Rio de Janeiro, v. 16, 2003, p. 46 -47.

MORENO, Bruno Bonfim. **A centralidade do ensino superior e o processo de redefinição socioespacial em Dourados-MS**. Dourados, 2013. Dissertação (Mestrado em Geografia) – FCH/UFGD.

MORETTO, Adriano. **Antropólogo dispara sobre causas indígenas**: “O preconceito étnico-racial é assustador em Dourados”. Jornal eletrônico Dourados News, 2014. Disponível em: < <http://www.douradosnews.com.br/dourados/antropologo-dispara-sobre-causas-indigenas-o-preconceito-etnico-racial-e-assustador-em-dourados> > Acesso em setembro de 2014

RODRIGUES, Nyelder. **Polícia faz operação especial no bairro Cachoeirinha, em Dourados**. Jornal Dourados News, 22 de agosto de 2012. Disponível em: < <http://www.campograndenews.com.br/cidades/interior/policia-militar-faz-operacao-especial-no-bairro-cachoeirinha-em-dourados> > Acesso em setembro de 2015.

MUMFORD, Lewis. **A cidade na história**: suas origens transformações e perspectivas. 4º ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MUSCULINI, Elaine Cristina. **A rua como lugar dos viveres e fazeres**. Transformações e persistências na área central de Dourados-MS. Dourados, 2012. Dissertação (Mestrado em Geografia) - FCH/UFGD.

ODALIA, Nilo. **O que é violência**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

O PROGRESSO. **População passa de 207 mil habitantes**. O crescimento de dourados em relação ao censo de 2010 é de 5,84%, maior que a média nacional. Disponível em: Disponível em < <http://www.progresso.com.br/caderno-a/populacao-passa-de-207-mil-habitantes> >. Acesso em 13 de janeiro de 2015.

PEDRAZZINI, Yves. **A violência das cidades**. Petrópolis: Vozes, 2006.

PEREIRA, Jacira Helena do Vale. **Educação e Fronteira**. Processos identitários de migrantes de diferentes etnias. São Paulo, 2002. Tese (Doutorado em Educação) - USP

PORTO, Maria Stela Grossi. Crenças, valores e representações sociais da violência. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 16, jul/dez 2006, p. 250-273.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD). **Relatório de Desenvolvimento Humano**: novas Dimensões da Segurança Humana. 1994. Disponível em < <http://www.pnud.org.br/arquivos/RDH2014pt.pdf>>

QUEIROZ, Francisco da Silva. **Análise das desigualdades socioespaciais na distribuição da moradia em Dourados – MS**: Apontamentos para o estudo de uma Cidade Média. Dourados, 2014. Dissertação (Mestrado em Geografia) – FCH/UFGD.

RIBEIRO, Joaquim Hudson de Souza. **Espaços violados**: uma leitura geográfica e psicossocial da violência sexual infanto-juvenil na área urbana de Manaus-AM (2006 -2010). Manaus, 2011. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – FFLCH/USP.

SAMPAIO, Renata Alves. **Da noção de violência urbana à compreensão da violência do processo de urbanização**: apontamentos para uma inversão analítica a partir da Geografia Urbana. São Paulo, 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia) – FFLCH/USP.

SANTOS, Cláudia Alves do. **A violência no contexto dos espaços vividos, percebidos e concebidos na cidade de Salvador**: estudo de caso nos bairros da Pituba e Nordeste de Amaralina. Salvador, 2009. Dissertação (Mestrado em Geografia) - UFBA.

SANTOS, Márcia Andréia Ferreira. **Análise da espacialização dos homicídios na cidade de Uberlândia/MG**. Uberlândia, 2006. Dissertação (Mestrado em Geografia) - UFU.

\_\_\_\_\_. **Criminalidade violenta e contradições socioespaciais na cidade de Uberlândia-MG**. . Uberlândia, 2012. Tese (Doutorado em Geografia) – UFU.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**. Técnica e Tempo. Razão e Emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

\_\_\_\_\_. **Criminalidade violenta e contradições socioespaciais na cidade de**. Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2001

SHIMBO, Lucia. **Habitação social, habitação de mercado**: a confluência entre Estado, empresas construtoras e capital financeiro. São Carlos, 2010. Tese (doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - USP.

SILVA, Mário Cezar Tompes da. **Os novos rumos da política habitacional e o processo de urbanização de Dourados-MS**. São Paulo, 2000. Tese (Doutorado em Geografia) – FFLCH/USP.

SILVA, Valéria Ferreira da. **Os papéis de Dourados – MS no contexto regional**: apontamentos para análise de uma Cidade Média. Dourados, 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia) – FCH/UFGD.

\_\_\_\_\_. Sob a perspectiva do novo: um olhar sobre a dinâmica intraurbana de Dourados-MS e seu processo de urbanização. In: **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, n.34, v.2, p.97-119, ago./dez.2012.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. As cidades médias e os contextos econômicos contemporâneos. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Urbanização e cidades: perspectivas geográficas**. Presidente Prudente (SP): GASPERR/FCT/UNESP, 2001.

\_\_\_\_\_. **A urbanização no Brasil**. Geografia. (Série Argumento). São Paulo: CENP, 1993, p.61-78.

\_\_\_\_\_. A cidade dentro da cidade: Uma edgacity em São José do Rio Preto. In: **Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**. Vol. VII, núm. 146, ago. 2003.

\_\_\_\_\_. Espaços urbanos: territorialidades e representações. In: SPOSITO, Eliseu Savério. **Dinâmica econômica, poder e novas territorialidades**. Presidente Prudente: UNESP/FCT: GASPERR, 199, p.13-29.

\_\_\_\_\_. **Estructuración urbana e Centralidade**. In: Anais do III Encontro de geógrafos da América Latina. México-Toluca, 1991.

\_\_\_\_\_. Reestruturação urbana e segregação socioespacial no interior paulista. **Scripta Nova** (Barcelona) v. XI, 2007.

\_\_\_\_\_. Reflexões sobre a natureza da segregação espacial nas cidades contemporâneas. In: **Revista de Geografia**. Dourados: AGB, 1996, p.71-85.

\_\_\_\_\_. GOES, Eda, Maria. **Espaços fechados e cidades: insegurança urbana e fragmentação socioespacial**. São Paulo: Editora da Unesp, 2013.

Site EcoVille Dourados. <<http://ecovilledourados.com.br/>> . Acesso em 04/12/2014.

SOARES, Beatriz Ribeiro. **Repensando as cidades médias brasileiras no contexto da globalização**. Formação, Presidente Prudente, n.6, p. 55-63, 1999.

SOBARZO, Oscar Miño. **Os espaços da sociabilidade segmentada: a produção do espaço público em Presidente Prudente**. Presidente Prudente, 2004. Tese (Doutorado em Geografia) – FCT/UNESP.

SMOLKA, Martin O. Para uma reflexão sobre o processo de estruturação interna das cidades brasileiras: o caso do Rio de Janeiro. Revista **Espaço e Debates**, São Paulo, n. 21, p. 39-50, 1987.

SOUZA, Carlos Alberto Duarte de. **A configuração do espaço como ocorrência da violência e do medo**: a questão de áreas de baixa renda no Bairro da Iputinga – Recife (PE). Recife, 2012. Dissertação (Mestrado em Geografia) – UFPE.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Fobópole**: o medo generalizado e a militarização da questão urbana. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2008.

TEIXEIRA, Camila Linhares. **Representação espacial** e violência urbana: ambiente e casos da adolescência em Londrina. Londrina, 2007. Dissertação (Mestrado em Geografia) - UEL.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.p.231-278.

VASCONCELOS, Tiago Santos de. **Entre territórios do cárcere, de contenção e lugares de vida**: uma Microgeografia. Rio de Janeiro, 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia) - PUC.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2010**: anatomia dos homicídios no Brasil. São Paulo: Instituto Sangari, 2012

WIEVIORKA, Michel. O novo paradigma da violência. **Tempo Social** - Rev. Sociol. USP, São Paulo, n. 9,p. 5-41, maio de 1997.

YAMASHITA, Ana Cristina. **As dinâmicas de produção no campo e seus desdobramentos em Dourados – MS**. Uma contribuição para a análise de uma Cidade Média. Dourados, 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia) - FCH/UFGD

ZALUAR, Alba. A globalização do crime e os limites da explicação local. In:Velho, Gilberto; Alvito, Marcos. (Orgs.) **Cidadania e violência**. Rio de Janeiro: UFRJ e FGV, 1996.

\_\_\_\_\_.Violência e crime. In: MICELI Sérgio (Org.). O que ler na ciência social brasileira (1970-1995). **Antropologia**. São Paulo: Anpocs. Capes, V. 1, P. 15-107, 1999

ZANETIC, André. Segurança privada: características do setor e impacto sobre o policiamento. **Revista Brasileira de Segurança Pública**. Mar/Abr 2009

ZEQUIM, Maria Angelina. **Territórios da ilegalidade e muros invisíveis em Londrina**: análise geográfica dos homicídios resultantes da violência urbana – 2000 a 2002. Londrina, 2004. Dissertação (Mestrado em Geografia) - UEL.

## APÊNDICE A

### A TEMÁTICA DA INSEGURANÇA URBANA NA GEOGRAFIA BRASILEIRA

Com o intuito de elucidar a forma como a ciência geográfica tem trabalhado com a temática da violência urbana e insegurança urbana, trazemos nessa parte de nosso trabalho uma reflexão em torno da produção bibliográfica desse objeto de estudo. Contudo antes de partirmos necessariamente para os trabalhos que lidam com esta temática na Geografia, é necessário tecermos algumas considerações sobre as investigações desenvolvidas sobre essa questão no Brasil.

Para Zaluar (1999) a década de 1980 pode ser considerada como o período em que a violência e seus desdobramentos, ganham peso no âmbito acadêmico. Até então, embora houvesse no Brasil algumas pesquisas no âmbito jurídico e psiquiátrico “[...] não havia ainda a comoção pública e o destaque na mídia que o aumento da criminalidade provocou a partir da década de 80” (ZALUAR, 1999, pg.09).

Com isso, com a massificação dos veículos de comunicação, a violência ganha centralidades até então nunca vistas na realidade brasileira, e vários leques de pesquisa começam a ser desenvolvidos. Evidenciando essa questão, Adorno (1993) avaliou em seus estudos sobre criminalidade violenta<sup>73</sup>, que no Brasil entre as décadas de 1970 e 1990, foram publicados encontrando 264 trabalhos (entre artigos, livros e teses) de importância.

Posteriormente, Zaluar (1999) assinalou 264 referências importantes sobre essa temática e já no início dos anos 2000, Misse (2003) identificou 1166 produções condizentes a esse tema, mostrando que o campo de estudo ganhava peso no âmbito acadêmico nacional. No ano de 2010, novamente Adorno e Barreira realizam considerações de importância para as análises da violência, produzindo uma construção histórica deste campo de pesquisa dos anos de 2000 a 2010, evidenciando novamente o crescimento do número de referências e grupos de pesquisas condizentes à temática.

---

<sup>73</sup> Diz respeito aos crimes cometidos, empregando violência física contra a vítima

Além disso, assinalou que os desafios dos estudos têm se ampliado em face às mudanças do modo de produção capitalista e sua globalização marcada cada vez mais por processos perversos.

Quanto aos grupos de pesquisa, destacam-se o Núcleo de Estudos da Cidadania, Conflito e Violência Urbana (Necvu), da UFRJ; o Centro de Estudos em Segurança Pública e Direitos Humanos (CESPDH), da UFPR; o Núcleo de Estudos sobre a Violência e Segurança (Nevis), da UnB; o Núcleo de Pesquisa e Extensão em Educação, Exclusão e Violência Social (NUPEEVS), da UFRGS; e o Núcleo de Estudos da Violência (NEV), da USP.

Um dos primeiros núcleos de estudos do Brasil, o NEV, forma pesquisadores desde 1987 e, atualmente, é vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa da USP. Já desenvolveu projetos de pesquisa e cursos de extensão financiados por instituições como o Comitê Internacional da Cruz Vermelha e convênios com agências da Organização das Nações Unidas (ONU), União Europeia, ministérios da Saúde e da Justiça e Secretaria Especial dos Direitos Humanos.

Contudo, nesse quantitativo de pesquisas e grupos de pesquisa, a Geografia não aparece como área de predominância, haja vista que esse campo científico passou a estudar essa dinâmica há poucos anos. Nesse sentido, para que possamos dar visibilidade às produções acadêmicas acerca dos temas ligados à insegurança urbana, buscamos mapear os trabalhos brasileiros que abordaram a temática ao longo dos últimos anos, com o objetivo de contribuir com as reflexões deste trabalho.

As pesquisas que aliam Geografia e violência abrangem um amplo leque de possibilidades de estudos que podem convergir para: espacialização e análises de dados, investigações sobre a percepção que a população tem sobre a criminalidade, medo e insegurança, a análise como local favorecedor da ocorrência da criminalidade, a distribuição espacial dos equipamentos e serviços voltados para a segurança pública, o estudo da violência como elemento estruturador da segregação e da autosegregação.

Ao iniciar nosso levantamento surgiu, dentre eles, um trabalho desenvolvido em 2006 pela pesquisadora Márcia Andrea Ferreira Santos, que realizou em sua dissertação de mestrado, intitulada “Análise da espacialização dos homicídios na cidade de Uberlândia/MG”, um importante mapeamento de obras, dissertações e teses que abordaram direta ou indiretamente temas ligados à violência e criminalidade. Em seu trabalho é possível averiguar que, entre os anos de 1990 a 2000, foram encontrados 17 trabalhos de Pós-Graduação relacionados ao tema

violência, criminalidade e homicídio; destes 17, 13 eram dissertações de mestrado e 04teses de doutorado.

Destas produções destacam-se a tese de Francisco Filho (2004) e as dissertações de Melgaço (2005) e Maria Angelina Zequim (2004). Na primeira, intitulada “Distribuição espacial da violência em Campinas: uma análise por geoprocessamento”, o autor realiza uma densa discussão sobre os desdobramentos da escalada da violência em Campinas, cidade que apresentava índices socioeconômicos e de criminalidade característicos das grandes cidades brasileiras. Utilizando técnicas de geoprocessamento como ferramenta de análise, Filho (2004) realiza um mapeamento da criminalidade em Campinas-SP, relacionando-o com os níveis de infraestrutura, educação, renda, dentre outros parâmetros.

Em “Territórios da ilegalidade e muros invisíveis em Londrina: análise geográfica dos homicídios resultantes da violência urbana – 2000 a 2002”, Zequim (2004) estudou a espacialidade e caracterização<sup>74</sup> dos homicídios de jovens na cidade de Londrina-PR, que, embora fosse considerada por muitos estudiosos uma cidade com ótima qualidade de vida, apresentava, no período de suas investigações, dados alarmantes de criminalidade. Por meio de suas investigações a autora também nos mostra a importância do uso de técnicas de geoprocessamento no combate e prevenção da violência, algo em que a gestão pública de Londrina fora uma das pioneiras no Brasil.

Melgaço (2004) também utilizou de técnicas de geoprocessamento para o tratamento dos dados referentes à criminalidade em sua dissertação “A Geografia do atrito: Dialética espacial e violência em Campinas-SP”. Embora trabalhe, assim como Filho (2004), com apuradas técnicas de mapeamento, o autor utiliza da dialética para elucidar as questões de sua problemática que, segundo ele, são questões que não serão resolvidas somente na instância da segurança pública, pois sua dinâmica teria relação com aspectos da infraestrutura (saneamento básico, iluminação, etc), níveis de educação e renda.

Com isso não há o problema de empregar estatísticas criminais, confeccionando mapas e tabelas. Contudo, a utilização deve ser utilizada apenas como uma forma de corroborar as reflexões teóricas. Neste ponto Melgaço (2005) nos coloca que a discussão sobre um

---

<sup>74</sup>Diz respeito às características dos agentes (acusados e vítimas) envolvidos nos atos, como sexo, idade, escolaridade, renda e profissão.

planejamento que transcenda a prática setorial alcançando um patamar territorial faz-se necessária, tendo em vista a pluralidade que a temática abarca.

Diante destes dois trabalhos, citados por Santos (2006), resolvemos expandir o levantamento realizado por esta pesquisadora, já que se refere até ao ano de 2006, tentando complementar tais informações. Dessa forma, consultamos a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)<sup>75</sup>, visando levantar os dados referentes às teses e dissertações nos anos posteriores a este período. Entretanto, dessa vez, além dos temas relacionados à violência e Geografia, ampliamos nossas buscas para o tema insegurança, questão que até então fora pouco abordada por este campo do conhecimento. No Quadro 04 elencamos por nome, título, ano e conteúdo os trabalhos acadêmicos encontrados BDTD nos anos de 2007 e 2008.

Quadro 04: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Trabalhos que abordam violência e insegurança urbana (2007 – 2008).

<b>Autor/a</b>	<b>Título</b>	<b>Ano</b>
Camila Linhares Teixeira	Representação espacial e violência urbana: ambiente e casos da adolescência em Londrina	2007
Amália Maranhão Ribeiro	Caracterização da violência urbana em Londrina – 2003 a 2005	2007
Wagner Barbosa Batella	Análise espacial dos condicionantes da criminalidade violenta no Estado de Minas Gerais – 2005: contribuições da Geografia do crime	2008
Eliane Melara	A espacialização da violência criminal na cidade de Santa Maria, RS.	2008
Oracilda Aparecida de Freitas	Segregação socioespacial e criminalidade urbana envolvendo jovens na cidade de Uberlândia – MG	2008
Ricardo Lopes Batista	A geografia da violência: uma abordagem espacial da criminalidade em Três Lagoas - MS	2008

**Fonte:** BDTD

**Org.:** FIGUEIREDO, 2015

No Quadro 06 foram destacadas quatro dissertações encontradas entre os anos de 2007 e 2008. Primeiramente, a pesquisa de Camila Linhares Teixeira, realizada na Universidade Estadual de Londrina (UEL), teve como objetivo compreender as causas que levavam os

<sup>75</sup> É um banco de dados que integra os sistemas de informação de teses e dissertações existentes nas instituições de ensino e pesquisa brasileiras e também estimula o registro e a publicação de teses e dissertações em meio eletrônico.

adolescentes a serem as maiores vítimas violência nessa cidade. A violência urbana quando analisada através de um único viés se mostrou polarizada em bairros pobres específicos da cidade. No entanto, são os moradores destes locais os principais alvos para ocupar a base da pirâmide do crime, que possui escalas muito maiores e mais perigosas do que a distribuição local de entorpecentes.

Por meio da sistematização dos dados referentes a atos ilícitos cometidos por estes jovens, conversas com jovens inseridos no Centro Integrado de Ajuda ao Adolescente Infrator, a autora propôs um software para cadastrá-los, no intuito de ajudar em Políticas Públicas.

O trabalho de Amália Maranhão Ribeiro, também da Universidade Estadual de Londrina (UEL), objetivou a caracterização da violência nessa cidade entre os de 2003 a 2005. Suas investigações constataram que o avanço nos índices de criminalidade tinha relação com o aumento de drogas ilícitas, a alteração do município de ponto de passagem a local de fabricação de drogas e a entrada da cidade de Londrina em redes ilícitas maiores.

A partir de fontes diversas e contando com os recursos dos Sistemas de Informações Geográficas (SIG's) e de técnicas de Estatística Multivariada, Wagner Batella apresentou uma análise da distribuição espacial da criminalidade violenta no Estado de Minas Gerais, no ano de 2005. Buscou, por meio de análises estatísticas, a elaboração de modelos preditivos que viabilizaram a identificação das variáveis determinantes para os grupos populacionais mais afetados pela violência do Estado de Minas. Estas técnicas, segundo o autor, têm culminado em maior precisão, rapidez e produtividade no trato com consideráveis volumes de dados, com objetivo de análise espacial.

Com essa concepção teórico-metodológica, o autor, junto com pesquisadores da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas), nos indica que a ciência geográfica possui algumas atribuições ao trabalhar com o caráter eminentemente espacial das ocorrências criminais, sendo elas: apresentar dados sobre a criminalidade, debatendo os procedimentos metodológicos necessários para agrupá-los e analisá-los; apontar a concentração de tipologias criminais específicas de crimes para determinados segmentos sociais; realizar mapeamentos dos variados tipos de crime, identificando padrões específicos de distribuição no espaço; e compreender a manifestação da criminalidade por meio dos processos da dinâmica de expansão urbana.

Eliane Melara, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), abordou os índices criminais dessa cidade, com o objetivo de analisá-los geograficamente. Assim, levando em

consideração a estruturação socioespacial da cidade, constatou que a produção segregada do espaço pode exercer influência sobre a criminalidade e que a visibilidade da violência fora mais evidente sobre as pessoas de baixo poder aquisitivo.

Em a “Segregação socioespacial e criminalidade urbana envolvendo jovens na cidade de Uberlândia – MG”, Oracilda Aparecida de Freitas caracteriza a criminalidade envolvendo jovens de 15 a 24 anos em Uberlândia, focando suas investigações nas políticas públicas que o Estado programava para que os jovens não se tornassem vítimas dos homicídios e de outros atos violentos. Além disso, a autora levantou um arsenal de reportagens que tratavam deste assunto, mostrando-nos que a mídia detinha papel fundamental na propagação e adensamento do “catastrofismo” urbano.

Tratando-se de Mato Grosso do Sul, Ricardo Lopes Batista, teceu um dos primeiros estudos que aliam a Geografia com a temática da violência. Sua dissertação “A Geografia da violência: uma abordagem espacial da criminalidade em Três Lagoas – MS”, trouxe-nos, sob a partir da perspectiva do território, a distribuição dos homicídios, estupros, roubos, furtos e tráfico de entorpecentes em Três Lagoas-MS, município que nos últimos tem tido um crescimento populacional considerável em virtude da instalação de indústrias de grande porte.

O autor apontou em suas considerações, que determinados agentes territoriais, sobretudo as polícias, se manifestam territorialmente no intento de reprimir grupos, que podem ser representados por religiosos, organizações criminosas ou mesmo por vendedores ambulantes. Contudo as territorialidades avaliadas como ilícitas para o Estado/polícias utilizam de várias estratégias para resistência, criando assim, territórios marcados pelo medo.

É importante colocar que fora a pesquisa de Batella (2008) todos os outros trabalhos convergiram suas observações para cidades com contextos não metropolitanos, algo que até então não havia sido observado na Geografia brasileira. Isso pode ser pensado como um indício de dinâmicas ligadas a essa problemática têm se aprofundado, sobretudo cidades médias e pequenas.

Outro elemento que merece ser mencionado é a preocupação das pesquisas em focar o envolvimento dos jovens com a violência.

Embora essas produções datem os anos de 2008 e 2009, esse problema ainda se coloca como um dos principais do Brasil. De acordo com estudos de Waslfeiz (2014), ainda em 2014 os jovens são as principais vítimas dos homicídios no país, atingindo principalmente os negros do

sexo masculino, moradores de áreas pobres e dos grandes centros urbanos. Em último levantamento realizado pelo Mapa da Violência, no ano de 2012, dos 56.337 mortos por homicídios no Brasil, 53% eram jovens. Destes, 77% eram negros e 93,3% eram homens, isso corrobora a necessidade destas investigações.

No Quadro 05, daremos continuidade ao arrolamento das dissertações e teses sobre nosso tema de pesquisa entre os anos de 2009 a 2010.

Quadro 05: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações . Trabalhos que abordam violência e insegurança urbana (2009 – 2010).

<b>Autor/a</b>	<b>Tipo de trabalho</b>	<b>Título</b>	<b>Ano</b>
Marcelo Bordin	Dissertação	Geografia do crime em Curitiba: a produção de espaços segregados pela violência.	2009
Adriane Iaroczinski	Dissertação	A relação entre o espaço escolar e violência infanto-juvenil no contexto de ação do Programa da Patrulha Escolar em Ponta Grossa- PR	2009
Maria Eugenia de Oliveira Mendes Maia	Dissertação	Vulnerabilidade e resiliência diante da violência escolar	2009
Cláudia Alves dos Santos	Dissertação	A violência no contexto dos espaços vividos, percebidos e concebidos na cidade de Salvador: estudo de caso nos bairros da Pituba e Nordeste de Amaralina.	2009
Luciana Maria da Cruz	Dissertação	Morfologias urbanas do medo: a materialização da(in)segurança em bairros nobres do Recife.	2010
Fabiano Lucas da Silva Freitas	Dissertação	A territorialidade da criminalidade violenta no bairro Jardim das Oliveiras – Fortaleza/CE	2010
Lucas de Souza Melgaço	Tese	Securização urbana: da psicoesfera do medo à tecnoesfera da segurança	2010

**Fonte:** BDTD

**Org.:** FIGUEIREDO, 2015

Bordin(2009) apresenta, por meio da Universidade Federal do Paraná, uma discussão sobre a produção de espaços segregados pela violência em Curitiba, capital brasileira reconhecida nacionalmente e internacionalmente como a cidade do planejamento urbano,mas que no plano concreto tem pouco alcance, sendo caracterizada pelo autor como uma cidade que não foge do padrão brasileiro marcado pelos “problemas urbanos”. A cidade apresenta assim, para o autor,

áreas de violência, sendo estes os bairros periféricos que padecem dos maiores índices de homicídios do local.

Trazendo à tona um dos aspectos mais presentes da dinâmica social das escolas públicas contemporâneas, a dissertação de Adriane Iaroczinski, da Universidade Federal de Ponta Grossa, buscou analisar as instituições escolares com maiores índices de violência registrados pelo Programa de Patrulha Escolar de Ponta Grossa. Através dos dados quantitativos coletados, diagnosticou a expressividade deste tipo de dinâmica a partir dos agentes sociais incumbidos de maneira direta e/ou indireta neste processo, como professores, alunos e policiais.

Em consonância com Iaroczinski (2009), Maria Eugenia de Oliveira Mendes Maia centrou suas atenções ao ambiente escolar, mas de escolas da Região Administrativa de Samambaia (Distrito Federal) que padeciam de casos de violência acentuadas, estando, assim, em situação de vulnerabilidade. Utilizando do conceito de resiliência, distinguido como os meios pelo qual instituição escolar lida com os problemas de violência, o conhecimento do perfil dos discentes e seus responsáveis devem ser levados em consideração para, com isso, trabalhar a realidade do aluno.

Em continuação, no ano de 2010, Luciana Maria da Cruz abordou a violência urbana a partir da sensação de insegurança de moradores dos bairros nobres de Recife-PB. Para o delineamento da pesquisa, acurou informações sobre as empresas de segurança privada e sua atuação na cidade de Recife. Além disso, realizou entrevistas com moradores de condomínios verticais fechados, de alto padrão, na tentativa de apreender as causas que os levaram a optar por esse tipo de moradia.

A pesquisa de Cláudia Alves dos Santos, da Universidade Federal da Bahia, propôs uma discussão referente à conjuntura da violência nos espaços vividos, percebidos e concebidos em Salvador/BA. Comparando dois bairros próximos geograficamente, porém distintos socioeconomicamente. Por meio de levantamento de dados quantitativos e qualitativos, compreendeu as táticas dos discursos hegemônicos sobre a localização da violência que tem se generalizado no espaço, dificultando o conhecimento dos lugares e o encontro com os outros.

A dissertação “A territorialidade da criminalidade violenta no bairro Jardim das Oliveiras – Fortaleza/CE”, desenvolvida por Fabiano Lucas da Silva Freitas, na Universidade Federal do Ceará, trouxe-nos um rico trabalho que abarcou os conflitos territorializados no bairro Jardim das

Oliveiras, local que, durante a pesquisa, detinha as maiores taxas de criminalidade, sendo lócus muitas de mortes resultantes de confrontos entre microgrupos territoriais deste bairro com outros.

Por fim, a tese de Lucas de Souza Melgaço, da Universidade de São Paulo, analisou a realidade brasileira, acertando que a violência urbana e o medo difuso, marcas natas do período técnico-científico informacional, tem alterado a paisagem do país por meio da “*securização urbana*”, pautada na racionalização do território principalmente por meio do processo de informatização da sociedade. No Quadro 06, observaremos a produção acadêmica dos anos de 2011 e 2012.

Quadro 06: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações .Trabalhos que abordam violência e insegurança urbana (2011 – 2012) .

<b>Autor/a</b>	<b>Tipo de trabalho</b>	<b>Título</b>	<b>Ano</b>
Saádia Maria Borba Martins	Dissertação	Impactos no uso das cidades: A violência nos usos dos espaços públicos de Londrina-PR (Zerão, Igapó I e Igapó II)	2011
Joaquim Hudson de Souza Ribeiro	Dissertação	Espaços violados: uma leitura geográfica e psicossocial da violência sexual infanto-juvenil na área urbana de Manaus-AM (2206-2010)	2011
Ana Claudia Nogueira	Dissertação	Implicações da insegurança em uma cidade média do Oeste Paulista: o caso de Presidente Prudente	2011
Renata Alves Sampaio	Dissertação	Da noção de violência urbana à compreensão da violência do processo de urbanização: apontamentos para uma inversão analítica a partir da Geografia Urbana	2011
Dayse Maria Leonel Ruís	Dissertação	A espacialização da criminalidade e as mulheres encarceradas na cidade de Três Lagoas	2012
Pedro Henrique Carnevalli Fernandes	Dissertação	Sociabilidade e sentimento de insegurança urbana em pequenas cidades: o norte do Paraná	2012
Carlos Alberto Duarte de Souza	Dissertação	A configuração do espaço como ocorrência da violência e do medo: a questão de áreas de baixa renda no bairro da Iputinga – Recife (PE)	2012
Márcia Andréa	Tese	Criminalidade violenta e contradições	2012

Ferreira Santos		socioespaciais na cidade de Uberlândia-MG	
Lincoln da Silva Diniz	Tese	O pequeno comércio em contexto de violência na cidade de Campina Grande-PB	2012

**Fonte:** BDTD

**Org.:** FIGUEIREDO, 2015

Conforme o Quadro 06, no ano de 2011 tivemos três dissertações defendidas e em 2012 03 dissertações e 02 teses. Ressaltamos inicialmente a dissertação do pesquisador Saádia Maria Borba Martins, da Universidade Estadual de Londrina (UEL), que analisou a forma como os sujeitos passam a usar determinados espaços públicos da cidade a partir de escolhas muito bem pensadas, devido estes locais serem constantemente lócus de diversas formas de violência.

As análises de Joaquim Hudson de Souza Ribeiro, feitas no âmbito da Universidade Federal do Amazonas, abarcaram os casos de violência sexual contra jovens a partir de uma leitura geográfica e psicossocial. Realizando um panorama histórico da ocupação da Amazônia, o autor evidenciou que os longos anos de produção do espaço, pautada na exploração material e sexual dos povos desta porção territorial, foram imprescindíveis para a constituição de locais mais vulneráveis.

Por meio de entrevistas, aplicação de questionários e estudos do discurso do medo pela imprensa, Ana Claudia Nogueira analisou de que modo a sensação de insegurança tem promovido novas práticas socioespaciais em Presidente Prudente, sobretudo em bairros periféricos e possuintes do estigma da violência.

Renata Alves Sampaio, realizou junto a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo um estudo teórico a respeito dos limites que a noção de violência ligado estritamente a criminalidade apresenta. Em sua dissertação intitulada “Da noção de violência urbana à compreensão da violência do processo de urbanização: apontamentos para uma inversão analítica a partir da Geografia Urbana”, a autora defende a ideia de que o par violência- criminalidade coloca sérias dificuldades a análise crítica do urbano, ao ofuscar a essência dos conteúdos da prática social.

A partir dessa premissa, Sampaio compreende a urbanização como um processo essencialmente violento, para isso ela lança mão de duas considerações principais, sendo elas: a propriedade privada da terra como um dos fundamentos que realiza a violência por meio da

expropriação e segregação, e a ação do Estado representado pelo urbanismo que age na reprodução das relações de troca, conseqüentemente marcado por violências típicas do modo de produção capitalista que prega o valor de troca acima dos valores de uso.

Em sua dissertação de mestrado intitulada “A espacialização da criminalidade e as mulheres encarceradas na cidade de Três Lagoas”, Dayse Maria Leonel Ruís espacializa os dados de criminalidade entre os anos de 2010 a 2011, dando um enfoque a participação feminina no tráfico de drogas. Por meio de suas investigações a autora constatou que as moradoras de bairros possuíam maior vulnerabilidade ao encarceramento, devido a participação em atos ilícitos ligados especialmente ao tráfico.

A maior parte das envolvidas eram mães solteiras, jovens, com pouca escolaridade, negras, que possuíam subempregos e usuárias de entorpecentes.

Em “Sociabilidade e sentimento de insegurança urbana em pequenas cidades: o norte do Paraná”, Pedro Henrique Carnevalli Fernandes, Universidade Estadual de Londrina, trabalhou com um objeto de estudo até então não levado em consideração pela Geografia, a violência em pequenas cidades do Paraná, mostrando que este problema está longe de estar presente apenas em centros urbanos de médio e grande porte.

Carlos Alberto Duarte de Souza, da Universidade Federal de Pernambuco, também analisa o modo como os casos de violência, relacionados ao crime organizado, produzem determinadas práticas espaciais. Além disso, demonstra que essa dinâmica tem relação com a psicosfera e tecnosfera<sup>76</sup> promulgada por Milton Santos.

A tese de doutorado de Márcia Andréa Ferreira Santos, da Universidade Federal de Uberlândia, realizou uma investigação com a finalidade de identificar e interpretar os fatores que contribuíram para a ocorrência de estupros, homicídios e roubos nessa cidade, entre os anos de 1999 a 2010. Abarcou, além disso, a relação entre políticas públicas de segurança e mídia.

Finalmente, Lincoln da Silva Diniz, da Universidade Federal de Pernambuco, investigou o modo como a violência tem modificado a forma dos pequenos comerciantes de Campina Grande trabalharem. Com a ocorrência dos altos índices de roubos e furtos, adotaram táticas como investimento em tecnologia de segurança, modificação das formas de venda com a limitação de compras a “fiado” e aumento por cartões de débito e crédito. Finalizando nosso resgate das teses

---

<sup>76</sup> Para o autor o medo pode ser pensado como algo fluido, sendo parte do próprio ser humano e não apenas como um evento que ocorre apenas no espaço; sendo assim, ele se difunde no campo da psicosfera. A partir do adensamento dos medos as pessoas (re)criam mecanismos concretos para a defesa contra a criminalidade.

e dissertações elaboradas com a temática da violência e insegurança, no ano de 2013 averiguamos 04 trabalhos produzidos, conforme mostra o quadro 07.

**Quadro 07:** Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Trabalhos que abordam violência e insegurança urbana (2013).

<b>Autor/a</b>	<b>Tipo de trabalho</b>	<b>Título</b>	<b>Ano</b>
Anderson Francisco de Andrada	Dissertação	O significado das UPPs, seus limites e possibilidades: a Santa Marta na cidade do Rio de Janeiro	2013
Thaís Luíse Monteiro de Souza Barreto	Dissertação	Percepção e representação da violência na cidade de Manaus: os mapas mentais do Policial Militar	2013
James Humberto Zomighani Júnior	Tese	Desigualdades espaciais e prisões na era da globalização neoliberal: fundamentos da insegurança no atual período	2013
Maria Angélica de Oliveira Magrini	Tese	Vidas em enclaves: imaginário das cidades inseguras e fragmentação socioespacial em contextos não metropolitanos	2013

**Fonte:** BDTD,

**Org.:** FIGUEIREDO, 2015

Anderson Francisco de Andrada, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, mostrou-nos o significado da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP), focando suas análises na Comunidade Santa Marta. Analisando-as como técnica de controle incorporada ao espaço, o autor mostra que a constituição das UPPs é uma forma de legitimar o poder do Estado, mesmo que para isso seja necessário o uso da força.

Na dissertação “Percepção e representação da violência na cidade de Manaus: os mapas mentais do Policial Militar”, Thaís Luíse Monteiro de Souza Barreto, da Universidade Federal do Amazonas, constrói mapas mentais por meio do cotidiano de trabalho de policiais militares e suas relações com o lugar. Assim, por meio desta pesquisa, pode-se compreender como estes sujeitos vivem e percebem a cidade na ótica da violência.

James Humberto Zomighani Júnior, Universidade de São Paulo, trabalhou com a finalidade de averiguar como os usos dos territórios do estado de São Paulo, pelo sistema penal, tem promovido mudanças socioespaciais nos locais que estão inseridos. O autor demonstrou que

as prisões promovem desigualdades espaciais, seja pela quantidade de recursos econômicos que o Estado tem de empregar ou pela criação de espaços estigmatizados.

Por fim, a tese de Maria Angélica de Oliveira Magrini, intitulada “Vidas em enclaves-imaginário das cidades inseguras e fragmentação socioespacial em contextos não metropolitanos”, desenvolvida no âmbito da Universidade Estadual Paulista, evidenciou a produção de cidades com realidades não metropolitanas, tomando como local de análise Araçatuba e Birigui, ambas cidades do interior de São Paulo, na perspectiva da ação dos ditos “agentes produtores da insegurança urbana” sendo eles a mídia, empreendedores imobiliários, o Estado e os próprios cidadãos.

Atuando de forma convergente, as atuações destes agentes produzem o discurso de cidades inseguras, disseminado a percepção de que todos os locais, independentemente de suas particularidades, são pontos inseguros. O trabalho da autora denota-se assim em um rico estudo das diferentes formas pelo qual a insegurança se difunde e modifica práticas socioespaciais que produzem espaços que tendem a fragmentação, especialmente em cidades médias, cuja realidade tem passado por significativas transformações, redefinindo, assim, suas funcionalidades e conteúdos.

Nesse sentido, de acordo com os Quadros 4,5, 6 e 7, dos anos de 2007 a 2013, as pesquisas somaram um total de 23, sendo 18 dissertações e 05 teses, demonstrando que, em nível de doutorado, a temática condizente ao tema, é pouco abordada nos programas de pós-graduação. Com relação ao número das dissertações, acreditamos também que sejam pequenos, diante da grande quantidade de programas de pós-graduação<sup>77</sup>.

Porém, ao observar o quantitativo de dissertações e teses dos últimos anos, percebemos que o número de trabalhos anuais se manteve, pois, ao fazer um comparativo desde o ano de 2007, em que há um aumento de pesquisas sobre esse tema, o número não mudou significativamente, como podemos observar no quadro 08.

---

<sup>77</sup> O sistema de pós-graduação brasileiro consta com 29 doutorados e 55 mestrados em Geografia, localizados em todas as regiões do país.

**Quadro 08:** Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Quantitativo de teses e dissertações por ano (2007 – 2013) .

Ano	Número de teses e dissertações defendidas
2007	02
2008	03
2009	04
2010	03
2011	03
2012	04
2013	04

Fonte: BDTD, 201  
Org.; FIGUEIREDO, 2015

A partir desses dados, fizemos a média dos anos de 2007a 2009, e o resultado foi de 3,5 pesquisas realizadas anualmente. Comparando a média dos anos de 2010 a 2013 com o resultado de 3 pesquisas, constatamos que no período de 2009 a 2013 não houve um aumento significativo de dissertações e teses: o número de pesquisas sobre insegurança e violência se manteve, como é possível analisar no quadro 09.

**Quadro 09:** Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Média de teses e dissertações por ano (2007-2013)

Anos	Média de teses e dissertações defendidas
2007-2009	3,5
2010-2013	3,0

Fonte: BDTD, 201  
Org.; FIGUEIREDO, 2015

Salientamos também o número de trabalhos por localização, para que possamos observar onde há a ocorrência maior de pesquisas. No quadro 10, elencamos por município e estado o número de dissertações e teses que abordaram o referido tema de pesquisa.

**Quadro 10:** Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Dissertações e teses por município brasileiro (2010 – 2012).

<b>Localização por município e estado</b>	<b>Número de dissertações/teses</b>
Belo Horizonte (MG)	01
Brasília	01
Campina Grande (PB)	01
Curitiba (PR)	01
Fortaleza (CE)	01
Londrina	04
Manaus (AM)	02
Ponta Grossa (PR)	01
Presidente Prudente (SP)	02
Recife (PE)	02
Rio de Janeiro (RJ)	01
Salvador (BA)	02
Santa Maria (RS)	02
São Paulo (SP)	02
Três Lagoas (MS)	02
Uberlândia (MG)	01
<b>Total</b>	<b>26</b>

Fonte: BDTD, 2015

Org.: FIGUEIREDO, 2015

Podemos analisar, pelos dados obtidos, que as produções ainda se concentram em importantes centros e universidades do país. Os estados do Paraná, com 6 produções e São Paulo, com 4 produções, são os que mais produzem sobre o tema, talvez por estarem há décadas pesquisando e concentrarem um maior número de pesquisadores envolvidos nos estudos da violência. Um fato interessante, ao observarmos, é o aparecimento de estados da região Nordeste também com 6 produções. Isso demonstra, que os programas de pós-graduação dessa porção territorial do país também estão preocupados com a temática.

Outro fator relevante é que a maioria das pesquisas arroladas não condizem a estudos dos locais com maiores incidências de criminalidade, pois de acordo com o último levantamento realizado pelo Mapa da Violência em 2012 (WAISELFISZ, 2012) Alagoas, Espírito Santo, Pará, Pernambuco e Amapá, destacavam-se como os estados com maiores taxas de homicídios do país. Entretanto, nessas porções territoriais as pesquisas relacionadas à problemática ainda são incipientes.

Além disso, trabalhos concernentes ao contexto das cidades pequenas são embrionários, haja vista que somente a obra de Fernandes (2012) traz à tona a conjuntura destes locais que, embora não com a magnitude de grandes e médios centros, também possuem problemas condizentes a violência, medo e insegurança, conforme evidenciam as investigações do referido autor.

Dessa maneira, entendemos a importância do nosso trabalho para a cidade de Dourados, já que não encontramos no banco de dados do BDTD nenhuma dissertação ou tese que aborde questões ligadas à violência e insegurança (na perspectiva da Geografia) nesta cidade e também no estado do Mato Grosso do Sul, tanto durante o período pesquisado quanto em épocas anteriores.

Contudo, vale assinalar que, em nossas buscas por trabalhos relacionados à violência e insegurança, encontramos duas produções vinculadas à Programas de Pós- graduação em História, sendo a primeira delas intitulada “A (des) construção das (des)ordens: poder e violência em Três Lagoas, 1915-1945”, que evidenciou o processo de ordenamento militar da comunidade de Três Lagoas (MS) por meio do uso da constante violência. A outra, “Violência e poder em Mato Grosso do Sul: a problemática das execuções sumárias nos crimes contra vida na região de Dourados e fronteira com o Paraguai (1989-1997)”, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (Campus Dourados).

O trabalho apresentado por Cláudio Alves Teixeira em 2002 teve a finalidade de compreender os motivos que contribuíram para o adensamento da violência, sobretudo as razões da propagação dos crimes contra vida nas proximidades de Dourados na fronteira entre Brasil-Paraguai. Trazendo um conjunto de dados da criminalidade destes locais das décadas de 1980 e 1990, o autor nos mostra a evolução destas taxas aliando-as a uma série de atos violentos que ocorreram.

Nesse sentido, com um pequeno número de pesquisas voltadas para Mato Grosso do Sul na esfera das dissertações e teses, ampliamos nossas análises para os trabalhos publicados dos anos de 2007 a 2014 em dois dos principais eventos da ciência geográfica nacional, sendo eles o Encontro Nacional de Geógrafos (ENG), Encontro Nacional de Pós-Graduação em Geografia (ENANPEGE), ambas atividades que ocorrem a cada dois anos e atraem pesquisadores das diversas partes do Brasil.

O ENG denota-se como o maior congresso da Geografia brasileira, com 17 edições já realizadas. É lócus de troca de conhecimento de universitários, pós-graduandos, professores e etc. Sendo assim, essa característica confere ao evento uma importância particular ao possibilitar a convergência de experiências teórico-metodológicas de geógrafos (ou áreas afins) de diferentes níveis de formação.

Tratando-se de nossa área de pesquisa, “Geografia do crime e da violência”, observamos um modesto crescimento do número de trabalhos apresentados<sup>78</sup> no evento. Foram oito trabalhos apresentados na edição de 2008, onze no evento de 2011, dezesseis em 2012 e 19 no Congresso Brasileiro de Geógrafos<sup>79</sup> em 2014, conforme assinala o quadro 11.

Quadro 11: Encontro Nacional de Geógrafos (2008 - 2012) e Congresso Brasileiro de Geógrafos (2014) -Trabalhos sobre crime, violência e segurança pública

<b>Evento/ Ano</b>	<b>Número de trabalhos publicados</b>
ENG 2008	08
ENG 2010	11
ENG 2012	16
CBG 2014	19

Fonte: Anais dos ENGs e CBG  
Org.: FIGUEIREDO, 2015

Das produções apresentadas nestes eventos, apenas duas abarcam o contexto sul- mato-grossense, sendo elas os artigos “A violência contra os povos indígenas no estado de Mato Grosso do Sul” (MOTA, 2008) e “Dinâmica territorial e ideologia: desmistificando a violência na cidade de Três Lagoas/MS (LEAL, 2010).

Assim, consideramos a oportunidade que o ENG possibilita na consolidação de diálogos e práticas um passo importante para a Geografia nacional, pois a maioria dos trabalhos são germinais, sendo eles os que mais colaboram para a criação de outros trabalhos mais

<sup>78</sup> Para verificar todos os autores e títulos dos trabalhos apresentados na temática de pesquisa “Geografia e violência”, conferir anexos.

<sup>79</sup> O Congresso Brasileiro de Geógrafos ocorre a cada dez anos e substitui no ano de ocorrência o Encontro Nacional de Geógrafos.

verticalizados envolvendo a temática da Geografia do crime e da violência, algo que com certeza contribuirá para a construção de aparatos teóricos e metodológicos mais consolidados.

O Encontro Nacional de Pós-Graduação em Geografia destaca-se por aglutinar pós-graduandos do Brasil. Nesta perspectiva, julgamos necessário evidenciar os trabalhos elencados nesse evento que tem ganhando cada vez mais importância diante do aumento da pós-graduação no Brasil. O quadro 12 nos mostra a forma como artigos relacionados à temática têm aumentado nos últimas quatro edições do evento.

Embora o número de trabalhos sobre violência e insegurança apresentados no ENG/CBG venha crescendo a cada edição do evento, ainda é reduzido, levando em consideração o número total (em todos os eixos de pesquisa) de artigos publicados.

Quadro 12: Encontro Nacional de Pós-Graduação em Geografia. Quantidade de trabalhos sobre crime, violência e segurança pública (2007 - 2013).

<b>Evento/ Ano</b>	<b>Total geral de trabalhos publicados</b>	<b>Número de trabalhos publicados de Geografia da violência</b>	<b>%</b>
ENANPEGE 2007	<b>696</b>	02	0,3
ENANPEGE 2009	<b>613</b>	04	0,65
ENANPEGE 2011	856	09	1,05
ENANPEGE 2013	1486	11	0,74
	<b>3651</b>	<b>26</b>	<b>100</b>

Fonte: Anais dos ENANPEGEs

Org.: FIGUEIREDO, 2015

O quadro 13 nos traz os títulos e nomes dos trabalhos autores dos trabalhos apresentados nos ENANPEGEs dos anos de 2007, 2009, 2011 e 2013.

Quadro 13: Encontro Nacional de Pós-Graduação em Geografia Título dos trabalhos sobre crime, violência e segurança pública (2007 - 2013).

TÍTULO DO TRABALHO	AUTOR (A) / ANO DO EVENTO
Representações Sociais da Violência no Bairro Restinga Porto Alegre	GAMALHO; HEIDRICH, 2007
Violência Criminal no Espaço Urbano de Santa Maria-RS	Eliana Melara, 2007
A Territorialização da Violência Urbana: estruturas sociais e espaciais do mercado do tráfico de drogas em Londrina (Paraná - Brasil)	CARVALHO, 2009
Criminalidade Feminina: o Perfil Socioespacial dos Delitos de Mulheres Atendidas no Programa de Re-socialização de Ponta Grossa – PR	FIORAVANTE; SILVA, 2009
Espaço-Tempo da (In) Justiça Ambiental	Orsi, 2009
O Medo da (na) Metrópole: uma breve análise da Violência Urbana à luz do Filme “A Vila”, de Night Shyamalan (2006)	MORAIS, 2009
Geografia do crime e da violência em Curitiba	Marcelo Bordin
Espaço, crime e políticas públicas: deterioração sócio-espacial e a percepção popular da qualidade de vida urbana na cidade de Marília/SP	Sueli Andruccioli Felix
O papel das inseguranças urbanas na produção, apropriação e apreensão do espaço: aspectos materiais e subjetivos	Maria Angélica de Oliveira Magrini
Os espaços contemplados nos estudos de violência e insegurança urbana	Pedro Henrique Carnevalli Fernandes
O intervencionismo estatal nos espaços urbanos segregados: uma trajetória da relação entre planejamento urbano e criminalidade violenta no Brasil	Caio César Gabriel e Silva
Para além dos muros e das grades: percepção do crime e do medo do crime em função dos presídios de Valparaíso-SP	Natália Carolina Narciso Redígolo
Pensando a cidade: suas contradições e a construção das sociabilidades sob o dilema da vitimização	Abraão Pustrelo Damião
Quando espaço e a sensação do medo dialogam: algumas notas sobre a cidade do Rio de Janeiro	Tiago Santos de Vasconcelos
Violências, psicosfera do medo, tecnoesfera da segurança e capital do medo: novas formas e conteúdos do espaço urbano	Santiago Andrade Vasconcelos
A hora da violência contra o docente nas escolas particulares de Minas Gerais (2008): uma abordagem espacial exploratória	Cláudia Cristina Rios Caxias da Costa, 2013
Análise do cotidiano da prisão - caso do centro de ressocialização de Cuiabá/MT	Guilherme Rosa de Almeida
Análise espaço-temporal da incidência de homicídios na microrregião de conceição do mato dentro - mg no período de 2001 a 2009	Vanessa de Sena Brandão

Aplicação do geoprocessamento na análise do tráfico de drogas em contagem-mg	Bruno Figueiredo Viegas
Criminalidade violenta e seus condicionantes no estado de Minas Gerais	Wagner Batella
Espacialização do crime e gestão do território: os homicídios no bairro do Guamá (Belém/PA) nos anos de 2011 e 2012	Wellington de Pinho Alvarez
Espaço e crime no Recife: alguns apontamentos	Luciana Maria da cruz
Geografia do crime e da violência: análise em artigos de periódicos nacionais em geografia e anais do ENANPEGE (2007-2012)	Silas nogueira de melo
Insegurança em pequena cidade: a realidade de Nova Tebas (PR)	Pedro Henrique Carnevalli Fernandes
Representação espacial dos crimes de violência contra a mulher no município de Porto Velho – Rondônia	Maria Ivanilse Calderón Ribeiro
Segregação espacial e a comparação entre as criminalidades: Rio de Janeiro e Brasília	Érica Ferrer Santos

Fonte: Anais dos ENANPEGEs  
Org.: FIGUEIREDO, 2015

No ENANPEGE nenhum trabalho condizente a Mato Grosso do Sul foi apresentado, embora o estado possua dois programas de pós-graduação, deixando claro que há muito ser pesquisado sobre essa temática.

Por meio deste levantamento<sup>80</sup> realizado, pudemos observar que a quantidade de trabalhos referentes à Geografia do Crime e da violência tem tido um aumento modesto (o que não quer dizer que não seja de importância) se levarmos em consideração a quantidade de trabalhos condizentes a outros temas de pesquisa. Isso caracteriza um problema que tem de ser mais debatido no âmbito da Geografia, pois a violência e a insegurança possuem um caráter eminentemente espacial que necessita ser mais explorado, almejando contribuir para o amadurecimento do conhecimento desta problemática, tanto no campo teórico, quanto da política pública de segurança.

Nesse sentido, temos o desafio de contribuir com a discussão no estado de Mato Grosso do Sul, tomando como referência a cidade de Dourados.

<sup>80</sup> Há outros eventos científicos de importância para Geografia urbana brasileira, como o Simpósio Nacional de Geografia Urbana e o Simpósio Internacional sobre Cidades Médias, mas como são atividades com proporções menores não realizamos o levantamento de trabalhos neles apresentados.

# **ANEXOS**

**ANEXO A- Exemplo de Questionário aplicado no Terminal Transbordo Renato Lemes**

**Universidade Federal da Grande Dourados  
Programa de Pós- Graduação em Geografia / Mestrado**

**QUESTIONÁRIO A POPULAÇÃO**

**01- PERFIL DO MORADOR**

- a) Idade, em anos: ( ) 0-15 ( ) 16-30 ( ) 31-45 ( ) 46-60  
( ) +60
- b) Sexo: ( ) Feminino ( ) Masculino
- c) Local de nascimento: ( ) Dourados ( ) \_\_\_\_\_
- d) Trabalho: ( ) Não, ( ) Sem emprego ( ) Sim, \_\_\_\_\_
- e) Renda, em salário mínimo: ( ) sem ( ) até 1 ( ) 1-5 ( ) +5
- f) Escolaridade: ( ) sem estudo ( ) 1ª a 4ª série completa ( ) 5ª a 8ª série completa ( ) ensino médio completo ( ) ensino superior completo ( ) pós- graduação

**02- RELAÇÕES COM O MUNICÍPIO E A CIDADE**

- a) Tempo de residência no município: \_\_\_\_\_
- b) Tempo de residência na cidade: \_\_\_\_\_
- c) Último lugar em que morou antes deste município: \_\_\_\_\_
- d) Três coisas que mais gosta na cidade:  
1 \_\_\_\_\_  
2 \_\_\_\_\_  
3 \_\_\_\_\_
- e) Três coisas que faltam na cidade:  
1 \_\_\_\_\_  
2 \_\_\_\_\_  
3 \_\_\_\_\_
- f) Conhece pessoas que se mudaram? ( ) Não ( ) Sim, para onde e por quê?  
\_\_\_\_\_

**03- RELAÇÕES COM O BAIRRO E SOCIABILIDADE**

- a) Tipo de casa: ( ) Própria ( ) Alugada ( ) Outro,  
\_\_\_\_\_
- b) Conhece os seus vizinhos? ( ) Sim, todos ( ) Sim, a maioria ( ) Não, apenas um ou outro ( ) Não, ninguém

- c) Com que frequência conversa com os vizinhos, em número de vezes por semana:

( ) 0 ( ) 1-2 ( ) 3-4 ( ) 5-6 ( ) 7-8 ( ) +8

- d) Aproximadamente, recebe frases do tipo “bom dia”, “boa tarde”, “boa noite”, “obrigado”, etc., quantas vezes por dia:  
( ) 0 ( ) 1-5 ( ) 6-10 ( ) +10

- e) Você gosta do seu bairro, por quê? ( ) Sim ( ) Não  
\_\_\_\_\_

- f) O que mais falta no seu bairro?  
\_\_\_\_\_

- g) Com relação à segurança, seu bairro é: ( ) muito seguro ( ) seguro ( ) pouco seguro ( ) inseguro ( ) altamente inseguro

**04- RELAÇÕES COM A SEGURANÇA**

- a) Assiste a programa de televisão que fala da violência:  
( ) Não ( ) Sim  
qual \_\_\_\_\_ e \_\_\_\_\_ por  
quê? \_\_\_\_\_

- b) Existem problemas de violência na cidade? ( ) Sim ( ) Não

- c) Como classificaria a cidade quanto à insegurança:  
( ) muito segura ( ) segura ( ) pouco segura ( ) insegura ( ) altamente insegura

- d) Em sua residência existe (m): ( ) grades ( ) cerca elétrica ( ) segurança particular ( ) câmeras de vigilância ( ) vigilante motorizado

- e) Sente-se inseguro (a) na área urbana? ( ) Sim ( ) Não

- f) Já sofreu com a insegurança? ( ) Não ( ) Sim, roubo ( ) Sim, furto ( ) Sim, sequestro ( ) Sim, outro \_\_\_\_\_

- g) Com que frequência vê policial andando pelas ruas da cidade, em número de vezes por semana: ( ) 0 ( ) 1-2 ( ) 3-4 ( ) 5-6 ( ) 7-8 ( ) +8

- h) Faltam policiais, bombeiros, viaturas e serviços públicos?  
( ) Sim ( ) Não

- i) Cite três motivos para a violência na cidade:  
1 \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

- 05- Extra - algum outro comentário que gostaria de fazer?**

## ANEXO B – Perfil dos entrevistados no Terminal Transbordo Renato Lemes

Tabela 08: Dourados-MS. Idade dos pesquisados no Terminal Transbordo Renato Lemes (2015).

<b>Idade</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>
De 18 a 30 anos	54	36
De 31 a 45 anos	48	32
De 46 a 60 anos	29	19
Mais de 60 anos	19	13
<b>Total</b>	<b>150</b>	<b>100</b>

Fonte: Trabalho de campo realizado nos dias 21 e 22 de julho de 2015  
Org.; FIGUEIREDO, 2015

Tabela 09: Dourados-MS. Definição por sexo dos pesquisados no Terminal Transbordo Renato Lemes (2015).

<b>Sexo</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>
Masculino	93	62
Feminino	67	38
<b>Total</b>	<b>150</b>	<b>100</b>

Fonte: Trabalho de campo realizado nos dias 21 e 22 de julho de 2015  
Org.; FIGUEIREDO, 2015

Tabela 10: Dourados-MS. Vínculo empregatício dos pesquisados no Terminal Transbordo Renato Lemes (2015).

<b>Vínculo empregatício</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>
Sim	125	83
Não	12	08
Desempregado (a)	13	09
<b>Total</b>	<b>150</b>	<b>100</b>

Fonte: Trabalho de campo realizado nos dias 21 e 22 de julho de 2015  
Org.; FIGUEIREDO, 2015

Tabela 11: Dourados-MS. Renda em salário mínimo dos pesquisados no Terminal Transbordo Renato Lemes (2015).

Faixa de renda	Total	%
Sem	13	9
Até 1	22	15
De 1 a 5	109	72
Mais de 5	6	4
Total	150	100

Fonte: Trabalho de campo realizado nos dias 21 e 22 de julho de 2015  
Org.; FIGUEIREDO, 2015

**Tabela 12:** Dourados. Escolaridade dos pesquisados no Terminal Transbordo Renato Lemes (2015).

Escolaridade	Total	%
Sem estudo	11	7
1ª a 4ª série completa	16	11
5ª a 8ª série completa	29	20
Ensino Médio completo	71	47
Ensino superior completo	19	12
Pós -Graduação	4	3
Total	150	100

Fonte: Trabalho de campo realizado nos dias 21 e 22 de julho de 2015  
Org.; FIGUEIREDO, 2015

**Tabela 13:** Dourados-MS. Tipo de casa dos pesquisados no Terminal Transbordo Renato Lemes (2015).

Tipo de casa	Total	%
Própria	97	65
Alugada	43	28
Outro	10	07
Total	150	100

Fonte: Trabalho de campo realizado nos dias 21 e 22 de julho de 2015  
Org.; FIGUEIREDO, 2015

**ANEXO C-** Perfil da sociabilidade dos entrevistados no Terminal Transbordo Renato Lemes

**Tabela 14:** Dourados-MS. Pesquisa: Conhece seus vizinhos (2015).

<b>Conhece seus vizinhos</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>
Sim, todos	22	15
Sim, a maioria	43	28
Não, apenas um ou outro	85	57
Não, ninguém	0	0
<b>Total</b>	<b>150</b>	<b>100</b>

Fonte: Trabalho de campo realizado nos dias 21 e 22 de julho de 2015  
Org.; FIGUEIREDO, 2015

**Tabela 15:** Dourados-MS. Pesquisa: Com que frequência conversa com seus vizinhos, em número de vezes por semana (2015).

<b>Com que frequência conversa com seus vizinhos, em número de vezes por semana:</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>
Nenhuma vez	33	22
De uma a duas vezes	78	52
De três a quatro vezes	17	11
De cinco a seis vezes	9	6
De sete a oito vezes	0	0
Mais de oito vezes	13	9

Fonte: Trabalho de campo realizado nos dias 21 e 22 de julho de 2015  
Org.; FIGUEIREDO, 2015

**Tabela 16:** Dourados-MS. Pesquisa: Procedência dos entrevistados (2015).

<b>Bairro</b>	<b>Total</b>
Alto das Paineiras	01
Aydê Piratininga	01
BNH IV Plano	01
Cachoeirinha	08
Canaa I	06

Canaa II	03
Centro	04
Deoclésio Artuzi I	02
Estrela Porã	04
Izidro Pedroso	09
Jardim Água Boa	14
Jardim Aurora	02
Jardim Colibri	01
Jardim das Primaveras	01
Jardim dos Estados	01
Jardim Flórida I	06
Jardim Flórida II	05
Jardim Guanabara	03
Jardim Itália	07
Jardim Maracanã , Residencial Estrela Pitã	02
Jardim Marcia	01
Jardim Novo Horizonte	11
jardim ouro verde	03
Jardim Pantanal	05
Jardim Rasselen	01
Jardim Santa Brígida	01
Jardim São Pedro	01
Jardim Tropical	01
Jardim Universitário	08
João Paulo II	07
Parque Alvorada	04
Parque do Lago II	06
Parque Nova Dourados	03
Residencial Kairós I	01
Santa Maria	01
Vila Alba	01
Vila Erondina	04
Vila Guarani	03
Vila Industrial	02
Vila Planalto	02
Vila São Francisco	03
Total	150

Fonte: Trabalho de campo realizado nos dias 21 e 22 de julho de 2015  
Org.; FIGUEIREDO, 2015

## **ANEXO D- ROTEIRO DE ENTREVISTA NOS ESPAÇOS RESIDENCIAS FECHADOS EM DOURADOS-MS**

Embasado na pesquisa realizada por Sposito e Góes (2013) sobre espaços fechados e insegurança urbana em Cidades Médias paulistas. Após a identificação dos sujeitos da pesquisa, o questionário pautou-se nas seguintes indagações:

1. Qual foi a principal motivação da escolha pelo local de moradia? E quais foram as formas de pagamento?
2. A questão da segurança pesou nessa decisão? Se sim, por quê?
3. A possível identidade social dos condôminos interferiu na escolha pelo empreendimento?
4. Quais estratégias você utiliza em seu cotidiano fora do residencial, para se proteger de atos violentos?
5. E o residencial? Utiliza de quais mecanismos?
6. Você é a favor ou contra das formas de controle utilizadas? Acha que deveriam ser mais rígidas ou brandas?
7. Além dos equipamentos de segurança do residencial, a família adota algum sistema extra?
8. No local, vocês já tiveram ou tem tido algum problemas com a violência?
9. Você sabe se há no residencial moradores usuários de drogas? Se sim, isso te preocupa?
10. Como é a sociabilidade no condomínio? Costumam conversar com os vizinhos? Se sim, com que frequência?
11. Que equipamentos de lazer o residencial oferece? Está satisfeito com eles? Explique.
12. Ao morar no residencial, seu cotidiano (distâncias, tempo de descolamento) foi alterado de que forma?
13. Utiliza os serviços educacionais, bancários, de comércio, mais próximos ou distantes do residencial? Por quê?
14. Quais os principais conflitos que há no residencial? Quem os intermedia em casos graves?
15. Qual seu índice de satisfação com o residencial? Justifique.

## ANEXO E

Quadro 14: Dourados-MS. Perfil dos entrevistados (2015).

	Local de residência	Nome*, idade, gênero	Profissão	Situação civil	Posição na família	Nível escolar
01	Residencial Itajú II	Vera, F, 33	Funcionária Pública municipal (Técnica Administrativa)	Casada	Mãe	ES
02	Residencial Itajú II	Fábio, M, 31	Gerente de manutenção	Casado	Pai	EF
03	Residencial Itajú II	Marilda, F, 28	Vendedora em loja de roupas	Casada	Mãe	EM
04	Residencial Itajú II	Armando, 34	Torneiro mecânico	Casado	Pai	EM
05	Residencial Itajú I	Júlia, F, 32	Funcionária Pública municipal (Técnica Administrativa)	Casada	Mãe	ES
06	Residencial Itajú I	Janieli, F, 35	Funcionária Pública municipal (Técnica Administrativa)	Casada	Mãe	ES
07	Residencial Ercília Pompeu	Suelene, F, 44	Funcionária pública estadual (Merendeira)	Casada	Mãe	EM
08	Residencial Ercília Pompeu	Valdecir, N, 66	Zelador	Casado	Pai	EF
09	Residencial Ercília Pompeu	Aydê, F, 65	Aposentada	Casada	Mãe	EF
10	Residencial Ercília Pompeu	Carmem, F, 64	Aposentada	Casada	Mãe	EF
11	Residencial Ercília Pompeu	Eduardo, M, 24	Advogado	Solteiro	Filho	ES
12	Residencial Ercília Pompeu	Sandra, F, 40	Funcionária Pública Estadual (Técnica Administrativa)	Solteira	Mãe	EF
13	Residencial Villagio Florença	Lucilene, F, 23,	Auxiliar administrativo	Casada	Mãe	EM

14	Residencial Villagio Florença	Alexsandro, H, 33,	Auxiliar de escritório	Casado	Pai	ES
15	Residencial Villagio Florença	Cinthia, 25,F	Professora da Rede Municipal	Solteira	Mãe	ES
16	Residencial Villagio Florença	Maria do Carmo, 43,F	Gerente comercial	Solteira	Mãe	ES
17	Ecoville Residence Resort	Alexeia, F, 49	Professora Universitária	Casada	Mãe	PG
18	Ecoville Residence Resort	Kelly, F, 41	Professora Universitária	Casada	Mãe	PG
19	Ecoville Residence Resort	Ana Paula, F, 39	Professora Universitária	Casada	Mãe	PG
20	Ecoville Residence Resort	Rogério, M, 38	Empresário	Casado	Pai	ES

(\*) Os nomes apresentados são fictícios.

EFI: Ensino fundamental incompleto; EF: Ensino fundamental; EMI: Ensino médio incompleto; EMC: Ensino médio completo; ES: Ensino superior; PG: Pós-graduação.

Fonte: Pesquisa de campo, 2015

Org.: FIGUEIREDO, 2015

## ANEXO F

**Quadro 15:** Exemplo de quadro de entrevista transcrita

<b>PROJETO TEMÁTICO: Cidades Médias: Novos papéis, novas lógicas espaciais</b>	
<b>Entrevista com moradores de espaços horizontais fechados</b>	
Cidade: Dourados	
Entrevistada: Mulher, casada, 14 salários mínimos	
Residencial: Ecoville Residence Resort	
Entrevistador: Cássio Alexandre Sarti Figueiredo	
Data: 21 de agosto de 2015, sexta-feira.	
Local da entrevista: Residência da entrevistada no próprio residencial	
Gravada	(X) Sim ( ) Não
Transcrita	(X) Sim ( ) Não      Transcrita por: Cássio Alexandre Sarti Figueiredo
<p>Para essa entrevista realizamos duas idas ao empreendimento, conseguimos contatar residentes do local por meio de indicações de terceiros. Ao chegar no local, me apresentei ao guarda em serviço que ligou para o morador perguntando se poderia entrar. Liberado andei pelo residencial para conhece-lo. A paisagem muito bem trabalhada por engenheiros, arquitetos e paisagistas me impressionou positivamente. Residências grandiosas, espaços de lazer novos, ruas extremamente limpas e jardins minuciosamente “desenhados”. Contudo após os primeiros olhares atentei-me a outra realidade do local, pedreiros (muito deles indígenas) trabalhando, empregadas domésticas varrendo as calçadas externas das casas e funcionários de uma empresa contratada pintando meios-fios e faixas de trânsito, todos embaixo do um sol escaldante da primavera sul- mato-grossense. Ao chegar na residência de nosso entrevistado, fui muito bem recebido pelo morador que estava sozinho em sua casa. Iniciei nossa entrevista justificando os objetivos da atividade que se delineou sem contratemplos. O morador mostrou-se muito envolvido com a temática, não hesitando em expor a dinâmica do residencial. No dia seguinte, voltei ao empreendimento para a segunda entrevista marcada, sendo desta vez , uma mulher, professora universitária, que encontrava-se com suas duas filhas crianças. A casa possuía térreo e piso superior, contendo uma piscina nos fundos do terreno.</p>	

## ANEXO G

## TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA REALIZADA

**Cássio:** *Nome da senhora, idade e profissão, lembrando que nos trabalhos escritos, utilizaremos nomes fictícios.*

**Entrevistada:** Alexeia, 49 professora universitária da UFGD.

**Cássio:** *Qual sua renda aproximada em salários mínimos?*

**Entrevistada:** Somente o meu ou do meu marido também

Cássio: Dos dois

Entrevistada: Deixa eu pensar...Não temos uma renda fixa porque mexemos com gado também ...Coloca salários 30 salários, quase 25.000 reais juntando os dois por mês, não dá isso exato, mas na média.

**Cássio:** *Professora Eloisa, quais foram às motivações que levaram a senhora a optar pelo residencial?*

**Entrevistada:** Segurança [...] Como eu fico aqui muito sozinha, meu marido viaja bastante, minha filha já foi estudar fora, meu filho também, então eu fico só.... E assim, eu optei em morar em um condomínio fechado para você ter o conforto que você tem em uma casa, diferente de um apartamento, quando você mora em um apartamento você não tem aquela área de lazer gostosa, você não tem uma área, uma parte de jardinagem, e isso um condomínio fechado te proporciona. Então em um condomínio horizontal, parece que você mora em uma casa, mas ao mesmo tempo como se fosse um apartamento. Então em primeiro lugar veio a segurança e em segundo essa possibilidade de você ter, uma liberdade diferente de um apartamento, que você tem um vizinho encostado na tua porta, você poder por um pouquinho de som mail alto, aquela televisão que as vezes você quer ver mais alta.

**Cássio:** *Mas antes a senhora morava em apartamento ou casa?*

**Entrevistada:** Logo que eu cheguei em Dourados, há sete oito anos atrás, nós morávamos em um apartamento. Daí, logo que lançou o Ecoville, nós decidimos que esse seria nosso lugar para morar.

**Cássio:** *Identidade social, ou seja, perfis dos moradores como renda, classe social, chegou a pesar em sua escolha?*

**Entrevistada:** Não, em um primeiro momento não. Como eu disse, pra mim seria muito conveniente pelo fato de meu marido viajar muito e eu ficar muito sozinha. Então lá vai ter segurança, muro, a gente tem guarda noturno que passa toda hora, câmera por todos os lados, então eu me sinto tão segura lá a ponto de sair e deixar minha casa aberta. È claro que estou errada (risos), mas pra você ver o tanto que me sinto segura lá dentro.

**Cássio:** *Como avalia a violência em Dourados?*

Na verdade eu não acho uma cidade violenta não, acho uma cidade até certo ponto tranquila. O que eu acho, que como qualquer outra cidade você tem que tomar certos cuidados.... Não vou sair depois das 22 horas sozinha na rua, aqueles cuidados comuns que todos os cidadãos têm que ter. Então eu não vejo Dourados como uma cidade violenta. Não sei se é a visão que eu tenho da cidade, porque eu de vez em quando ouço comentários de bairros que têm um índice maior de violência, o pessoal fala lá do Cachoeirinha, que eu particularmente não conheço.

Porque como eu moro em Dourados há sete anos, talvez eu não tenha essa visão de violência da cidade e minha vida também é da casa pra universidade da universidade pra casa e as vezes viajo bastante, então talvez eu não tenha essa visão da violência da cidade. Mas eu particularmente acho Dourados uma cidade muito boa para se morar e muito tranquila.

**Cássio:** *Então, se tivesse que atribuir uma nota de 0 a 10, qual seria?*

**Entrevistada:** De zero a dez um oito

**Cássio:** *Por quê?*

Justamente por conta dessa fragilidade que a gente tem de não poder ficar saindo a partir de determinado horário. A gente sabe que aqui é próximo a uma fronteira, existe a possibilidade de tráfico de drogas. Então não posso dar dez por causa disso, porque estamos vulneráveis a esse tipo de situação.

**Cássio:** *Quais equipamentos de segurança o condomínio possui?*

**Entrevistada:** Tem muros com câmeras em diferentes pontos, as câmeras são televisionadas. Tem a visão interna, mas também a visão externa do condomínio. Tudo é verificado por uma central de segurança, inclusive assim, esses dias atrás teve uma reunião da associação dos moradores, e um dos condôminos levantou e falou que veio para Dourados, optou morar no Ecoville justamente pela segurança que oferecia, ele morava em São Paulo, também em um condomínio fechado e ele foi assaltado dentro de um condomínio fechado, e quando ele viu que era uma coisa boa, ele veio de São Paulo para cá....Então além dos muros e câmeras, a gente tem no portão de entrada um sistema computadorizado que lê nossas impressões digitais, então você só entra se você colocar o seu dedo....Ai vem uma pessoa que é minha amiga, um colega meu, por exemplo, como esse colega meu vai entrar ? Esse colega meu só vai entrar se eu autorizar a entrada dele. As vezes, para adiantar, eu já ligo antes avisando que alguém vai vir me visitar daí eles liberam....Ou eu chego lá e converso pro porteiro “ Ó essa pessoa vai ficar aqui, tem livre acesso”, e se for ficar durante um tempo cadastra a digital também. Então tem todo um serviço de segurança bem rígido nesse sentido.

Agora um problema que ainda existe dentro dos condomínios fechado, principalmente nos que estão em processo de construção, e que nos dá uma certa vulnerabilidade, é a entrada de muito pedreiros e a grande maioria desses pedreiros trabalham sob o regime semiaberto. E os moradores falam que nós estamos vulneráveis por conta dessas pessoas que entram lá para prestar um serviço nas construções. Então ai, cada pedreiro tem que ter o seu cadastro, o mestre de obras tem que deixar de algumas maneira registrado, esse é o pedreiro, esse é o

pedreiro, então existe esse controle por parte do condomínio, e é um cuidado que tem que ser feito bem intenso.

**Cássio:** *Mas para ter acesso ao local, todos os empregados fazem essa espécie de averiguação?*

**Entrevistada:** Os funcionários esporádicos, por exemplo, a pessoa que vai fazer um vidro, vai entrar como se fosse um visitante externo, vai ligar na guarita para poder ter acesso.

**Cássio:** *E os empregados fixos, também precisam se identificar na guarita?*

**Entrevistada:** Os empregados fixos também têm que cadastrar suas digitais, aí aqueles que vão uma duas vezes por semana eles possuem um cartão de entrada.

**Cássio:** *Possui separação na entrada entre empregados e moradores?*

**Entrevistada:** Tem, todos os dias sete horas da manhã, tem um outro portão que se abre, para que todas essas pessoas que não são moradores do condomínio vão entrar. É um outro portão separado.

**Cássio:** *A senhora já teve algum problema por causa do controle dos empregados?*

**Entrevistada:** No meu caso como tenho minha funcionária há anos, ela já é cadastrada então não temos nenhum tipo de problema. Mas já tivemos casos que os funcionários reclamam “há porque aqui é difícil entrar, é duro trabalhar aqui, por cada vez que tem que entrar tem que ficar falando para autorizar, então as pessoas se sentem um pouco incomodadas com isso, mas é regra do condomínio e tem que ser seguida.

**Cássio:** *Mas e no começo do residencial? Isso chegou a ser um problema?*

**Entrevistada:** No começo, logo quando estava começando as construções, o que aconteceu. Existe uma regra para os pedreiros, então é das 07 as 11 duas horas de almoço aí vai das 13 as 17. Então o que que acontecia, existia situação que eles queriam começar mais cedo, sei lá, umas 06:30 da manhã, queriam chegar antes e ir adiantando o serviço ou queriam extrapolar o horário além das 17 horas, então muitos pedreiros não gostavam disso, porque eles estavam terminando um serviço e poxa “quero terminar meu serviço hoje”. Agora todo mundo já se enquadrou. Então no começo foi duro esse enfrentamento, tivemos brigas, mas agora, é a regra do condomínio e acabou, “você se programa para acabar 17 horas”.

**Cássio:** *Como é a questão da acessibilidade ao empreendimento? Seus funcionários já tiveram dificuldades para chegar ao Ecoville?*

**Entrevistada:** Quando que eu modal pro local, não tinha nada de transporte público. O ônibus que passava mais perto, parava lá perto da Manuel Santiago na altura da UNIGRAN-UNIDERP então as pessoas reclamavam, e tinha uma subida então era bem complicado. Agora tem dois horários de ônibus, um pela manhã 07 horas 07:30 e outro a tarde 16:30 – 17 então dá pra atender essa demanda das pessoas que trabalham lá. E o que que acontece, tem esses dois horários, mas as pessoas que trabalham lá, pelo menos eu vejo as funcionárias, elas

começam o serviço e logo resolvem tirar carta pra poder ir de moto. Então elas veem uma que passou a ir de moto e que antes ia de ônibus e resolvem também sair do transporte coletivo. Então eu tenho visto uma grande quantidade de funcionárias optando para sair do ônibus e ir para outro veículo condução, justamente para ter uma flexibilidade maior de horário.

**Cássio:** Sobre as regras que o condomínio possui ? A senhora acha que elas deveriam ser mais rígidas ou brandas ?

**Entrevistada:** Na verdade aconteceu recentemente um fato no condomínio, porque assim tem muita criança. Depois das 17 horas que você sai pra dar uma volta no condomínio, você vê muita criança na rua andando de bicicleta, eu acho assim, eu não tenho criança pequena, mas pra quem tem isso é tudo de bom pra você dar para um filho, juntam várias criancinhas vão para as praças brincar

E acontece que alguns moradores estavam entrando com tudo no condomínio, e a velocidade permitida é 30 Km por hora, ou seja eles não estavam cumprindo, e isso foi uma coisa que foi levada para reunião de associação, porque as pessoas não estavam cumprindo isso, estavam andando em alta velocidade lá dentro e principalmente assim, pessoas que não conheciam as regras do condomínio, então vinha uma visita na casa do fulana beltrano e entravam correndo no condomínio. Então isso era uma coisa muito discutida nas reuniões, sobre o que poderia fazer.

Agora lá virou um colorido de faixas, tem na porta de entrada “30 km por hora”, tudo qualquer lugar tem placa. Não sei se isso vai resolver, mas já é uma boa tentativa, até os pedreiros entravam correndo.

**Cássio:** *A senhora adota algum equipamento de segurança, além das que o condômino possui?*

**Entrevistada:** Não adoto nenhum sistema de segurança, o condomínio já me proporciona a segurança que eu necessito. Mas eu sei que tem outras casas lá possuem, temos muitos juízes, delegados então eles sempre colocam nas suas casas câmeras, alarmes...Mas para mim está bom do jeito que está.

**Cássio:** *Além da segurança, quais serviços o residencial possui ?*

**Entrevistada:** As ruas tem iluminação, o grama é sempre muito bem aparada, os jardins estão sempre sendo cuidados, os lotes que não tem moradores estão sempre gramados. Então não existe aquela história de terreno baldio lá, não existe, não existe sujeira. As obras que estão em construção são todas vedadas para não oferecer risco as pessoas que moram nas imediações. O sistema de segurança é feito por um carro, antes era uma moto, eles fazem rota em todo o condomínio. Inclusive têm vários postes que fazem o controle ele passou ou por lá, fazendo uma rota corretamente. Ele coloca a digital dele lá para confirmar a rota.

**Cássio:** *Como está a questão da valorização do imóvel? Já valorizou? Quanto valorizou? Como a senhora vê essa dinâmica?*

**Entrevistada:** Existe um processo de valorização, e agora a perspectiva é que valorize ainda mais. Porque agora é aquela coisa, nós começamos e vimos o quanto é bom morar num

condomínio, então talvez ainda existisse uma resistência dos moradores de Dourados em se morar num condomínio fechado, e agora as pessoas parecem que estão vendo que é bom morar num condomínio fechado, e isso está valorizando bastante, tanto é que aqueles lotes dos próximos condôminos que serão construídos, parece que estão quase todos vendidos, justamente pelo interesse das pessoas dos moradores da cidade em morar num local fechado, com muros e segurança....E quem tem criança não tem coisa melhor ! Onde que aqui em Dourados você vai ver o seu filho andando de bicicleta na rua ou numa praça, enquanto você dentro de casa tranquilo. Lá você anda meio quarteirão e vai ver seu filho na praça brincando.

**Cássio:** *Falando em crianças [...] Quais espaços e equipamentos de lazer o Ecoville possui?*

**Entrevistada:** Nós temos uma praça com brinquedos para as crianças, depois nós temos a parte do clube e ele possui piscina, tem academia, temos um barzinho porque as vezes a pessoa quer tomar uma cervejinha no final da tarde, beliscar uma coisa ou outra, então temos esse serviço de bar lá. Temos quadra de futebol, onde toda terça tem fica lotada porque os homens fazem campeonatos e as vezes convidam pessoas de fora...Temos quadra de vôlei, squash, tênis. Então é muito ampla nossas opções de lazer

Inclusive tem uma coisa muito interessante lá, porque são dois condomínios, o Ecoville Ecoville 1 e o Ecoville 2 e só temos um clube que serve os dois. Só que o Ecoville 1, tem o clube bem na beira porta dele, e o dois as crianças teriam que atravessar a rua para chegar, então existe um túnel subterrâneo que passa por baixo da rua para poder facilitar o acesso das crianças ao outro condomínio sem ter que atravessar a rua.

**Cássio:** *E como a senhora avalia a sua socialização com o restante dos condôminos?*

**Entrevistada:** Vixe! A minha socialização (risos) [...] Quem tem filho acaba se entrosando mais, porque tem aquela coisa de leva-los ao parquinho e ali acaba conversando com os outros pais e se entrosando mais. Agora como eu não tenho filhos pequenos, e viajo bastante acabo não tendo uma relação mais próximas com os vizinhos. Dou só mais bom dia, boa tarde mesmo.

**Cássio:** *Há festas coletivas no Ecoville ?*

**Entrevistada:** Temos festa de fim de ano, festa junina, as vezes em época de Copa do Mundo juntam todos próximo a um telão, então existem bastantes eventos do condomínio

**Cássio:** *A presença é maciça?*

Mais ou menos, porque lá dentro existem casas muitos grandes e as pessoas acabam chamando as outras para casa dele, então fica aquela coisa “eu chamo todo mundo para minha casa.

**Cássio:** *Após mudar-se para o Ecoville, como foi para senhora lidar com a questão das distâncias e dos tempos? Alterou sua rotina? Não alterou?*

**Entrevistada:** A principio toda mudança é difícil, a gente pensa “há tinha um mercado a duas quadras de casa, dá para ir a pé”, então no começo você sente isso. Mas depois você acaba caindo numa nova rotina de tal maneira que isso é imperceptível, os benefícios são tão bons, que você acaba não vendo essa questão da distância como um empecilho.

**Cássio:** Não existem serviços de comércio ligados ao local ? A senhora acha que deveria ter ?

**Entrevistada:** Não tem nada lá perto e acho que não deveria ter, porque quando você traz um comércio, isso acaba atraindo outras coisas também. Mas existe sim uma perspectiva de abrirem depois dos outros dois condomínios que estão sendo construídos uma área comercial, justamente pra atender esse público. Então vai ter o Ecoville 1 e 2, o Jardim das Paineiras, mais outros dois condôminos e do lado haverá essa área comercial.

**Cássio:** *Finalizando [...] Qual seu índice de satisfação com o Ecoville ?*

**Entrevistada:** Índice de satisfação? [...] Bom, acho que dez (risos) está tudo perfeito! Não tenho o que reclamar (risos)

**Cássio:** *Muito obrigado professora Alexeia! Posso utilizar sua entrevista em meus trabalhos?*

**Entrevistada:** Com certeza! Autorizado !

## ANEXO H

### PÁGINA ONLINE DO JORNAL DOURADOS NEWS

#### O MEDO DA VIOLÊNCIA EM DOURADOS

**24/09/2014**

Cada vez mais latente junto do crescimento populacional de uma cidade, a violência, seja ela no trânsito ou rotineiramente, causa temor a qualquer pessoa de bem. Os casos são variados e a audácia de quem comete crimes contra a vida do próximo são cada vez maiores.

O desrespeito é assustador e somado ao fato, vem a brandura da lei e a sensação – muitas vezes certeza - de impunidade que cerca a população.

Recentemente, num espaço de 30 minutos, foram registrados no município de Dourados, um assassinato, uma tentativa de homicídio e o atropelamento que deixou uma pessoa morta e outras três feridas. Os responsáveis se apresentaram, mas foram liberados em seguida.

Além disso, fatos como o descoberto ontem pela polícia e que mostram um homem sendo jogado dentro de um poço de 10m de profundidade, relatam cada vez mais o ‘tanto faz’ em relação ao ser humano que está ao seu lado.

Na semana passada, o **Dourados News** questionou em enquete o que mais assusta a população na maior cidade do interior do Estado e a resposta vencedora, disparada com a maioria dos votos, foi justamente a violência, a das ruas.

Não está longe, viveremos sitiados, já que com tantas ações realizadas por marginais, a população se torna escrava e precisa contar com a sorte para poder ter o direito de ir e vir com segurança, o que não tem sido muito habitual por aqui.

O descaso do Estado com o efetivo de segurança pública também é gritante e tão pouco realiza ações que possam melhorar a situação. Enquanto isso, conviveremos com notícias de violência quase que diariamente e muitas vezes causadas por motivos banais.

Disponível em: < <http://www.douradosnews.com.br/colunistas/editorial/o-medo-da-violencia-em-dourados> >

*Acesso em 07 de janeiro de 2015.*

**ANEXO I****PÁGINA ONLINE DO JORNAL 94 FM DOURADOS****DELEGADO DESCARTA ESCALADA DA VIOLÊNCIA EM DOURADOS APESAR DE 14 HOMICÍDIOS NO BIMESTRE**

André Bento em 19/03/2014 14h32

Os douradenses não precisam temer uma escalada da violência. Isso é o que garante o delegado Antônio Carlos Videira, titular da Delegacia Regional de Polícia Civil de Dourados. Apesar dos 14 homicídios registrados somente no primeiro bimestre deste ano, ele afirma que a cidade vive apenas “uma sensação momentânea de insegurança” por causa do crescimento populacional.

Videira concedeu entrevista exclusiva à **94 FM** nesta quarta-feira (19) e apresentou dados que, segundo ele, comprovam o que afirma. Com base nos relatórios produzidos diariamente pela Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública, o delegado descarta aumento da criminalidade e vai além: garante que os índices de violência estão em queda há dois anos.

“Dourados foi o único município do Estado que em 2012 e 2013 teve redução dos 11 principais tipos de crimes”, afirma, com relação a “homicídio doloso, homicídio no trânsito, latrocínio, lesão corporal seguida de morte, roubo, furto, roubo de veículo, furto de veículo, furto em residência, roubo no comércio e roubo em residência”.

Segundo o delegado, essa queda na criminalidade pode ser contínua. “Hoje se nós formos verificar os números de Dourados, os índices de criminalidade são menores do que do ano passado como de 2013 foram menores do que de 2012”, pontua.

Com os relatórios em mãos, Videira informa que no comparativo entre o primeiro bimestre de 2013 e deste ano, o número de roubos passou de 105 para 104. “Então está nivelado, sem contar que nós tivemos um aumento de quase 4% da população e quando eu digo população eu digo tudo, não é só gente boa, mas também de gente ruim”.

Ainda de acordo com o delegado, o índice de furtos caiu de 441 em 2013 para 394, mais de 10% de redução. Já o roubo de veículos totalizou 15 em janeiro e fevereiro do ano passado, ante 8 de 2014. Furto em residência caiu de 135 para 131.

“O que nós tivemos foi um aumento no furto de veículos. Porque aumentou muito a facilidade de se adquirir motocicletas e moto é moeda de troca para drogas no país vizinho”, reconhece, sem apresentar números.

### **Homicídios**

Mas há outro dado que incomoda as autoridades. “Nós tivemos um leve aumento nos crimes de homicídio. Enquanto em 2013 nós tivemos em janeiro e fevereiro 9 homicídios, nós tivemos este ano 14”, informa. “Esse aumento nos homicídios tem relação com o uso de drogas e com a questão indígena, porque muitos aconteceram dentro da aldeia”.

Responsável por uma Regional que abrange delegacias em oito municípios sul-mato-grossenses, Videira ressalta que “nossas duas aldeias estão inseridas no contexto urbano da cidade e sua população é maior do que a da grande maioria dos municípios do Estado”. “É uma situação atípica porque as aldeias não têm a infraestrutura de um município, as casas não têm número e as ruas não têm nome. É uma situação que faz com que muitos crimes ocorram e muitos desses crimes que lá ocorrem a exemplo daqueles de homicídio que acontecem dentro das casas, é difícil da polícia prevenir”.

Quanto à influência das drogas, o delegado destaca que “Dourados hoje com 207 mil habitantes registrando um índice de crescimento de quase 4% anualmente tem uma população carcerária que aumenta também na mesma proporção. E nessa pujança, nesse progresso que ela imprime atrai também muitas pessoas de outras regiões e também marginais”.

Videira cita a população carcerária superior a 2 mil pessoas em Dourados. “Junto com essas pessoas vêm seus familiares, que acabam se instalando na cidade em face das oportunidades de emprego. Muitas dessas pessoas saem do presídio e não conseguem se ressocializar. E voltam para o crime. Principalmente pela posição geográfica de Dourados a menos de 110 quilômetros do Paraguai, país este grande produtor de drogas para o mundo inteiro”.

Conforme o delegado regional, “nós estamos na rota do tráfico e muitas pessoas que vem para cá cumprir suas penas acabam ficando, se instalam em Dourados e operam no país vizinho e fazem da nossa cidade um roteiro para os grandes centros consumidores de drogas”.

### **Resolução**

Apesar dos homicídios crescentes, Videira enfatiza que “a polícia tem reprimido”. “Os nossos índices de esclarecimento de homicídios são tais quais os dos Estados Unidos e do Reino Unido. Ano passado nós ultrapassamos 70% dos índices de esclarecimento dos homicídios”, garante.

Disponível em: <<http://www.94fmdourados.com.br/noticias/dourados/delegado-descartada-escalada-da-violencia-em-dourados-apesar-de-14-homicidios-no-bimestre>>

**ANEXO J****PÁGINA ONLINE DO JORNAL O PROGRESSO****POPULAÇÃO PASSA DE 207 MIL HABITANTES**

**O crescimento de Dourados em relação ao Censo de 2010 é de 5,84%, maior que a média nacional**

**30/08/2013 08h31 - Atualizado em 30/08/2013 08h31**

A população de Dourados é de 207.498 habitantes, segundo levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE ) divulgado ontem. O levantamento é uma estimativa populacional das cidades brasileiras.

O crescimento em relação ao resultado do Censo de 2010, quando a população era de 196.035 habitantes, é de 5,84%, maior que a média nacional em torno de 4%. Em três anos a cidade ganha, segundo o IBGE, 11.463 habitantes, o equivalente a mais que uma cidade igual a Glória de Dourados, que tem população estimada em 10.025 habitantes.

Dourados cresce no mesmo ritmo de Campo Grande – que ficou com percentual de 5,78% – se consolidando como a segunda maior cidade do Estado, ficando atrás apenas da capital, que subiu de 786.797 para 832.350 habitantes. Na terceira e quarta colocação, bem distantes, aparecem Três Lagoas com 109.633 habitantes e Corumbá, com 107.347 habitantes. Ponta Porã, com 83.747 habitantes, é o quinto município mais populoso de Mato Grosso do Sul.

O crescimento contínuo de Dourados reafirma a cidade como polo regional forte, segundo o prefeito Murilo, e reflete as ações feitas pela prefeitura pelo desenvolvimento. “Trabalhamos para atrair investimentos e gerar emprego para que a população da cidade e região se fixe por aqui, sem necessidade de se mudar para os grandes centros”, afirma o prefeito.

Entre vários projetos em andamento, a atual administração desenvolve o “Polo de Serviços do Setor Sucroenergético de Dourados e Região”, Dourados recebe uma média de quatro empresas por dia, sendo líder na geração de novos negócios no Estado.

Se continuar nesse ritmo, a população de Dourados poderá passar de 250 mil habitantes em 2020. Na medida em que cresce, Dourados se consolida cada vez mais como fornecedora de produtos e serviços para uma região de 800 mil habitantes.

É a única cidade do Estado a ter 38 municípios ao redor num raio médio de 150 km. Por isso, o IBGE a considera capital regional e muitos serviços são já tratados como em áreas metropolitanas. Num raio de 100 km são 600 mil habitantes.

Essa condição tem sido fundamental para a instalação em Dourados de grandes redes, como Havan, Atacadão e Hipermercado Extra, por exemplo. O Shopping Avenida Center levou em conta a população regional para se instalar na cidade.

Condomínios residenciais de luxo, como o da Plaenge (Ecoville) e Gondem Park também têm foco regional. Nos próximos dias a Alphaville, maior construtora de condomínios horizontais do país, fará o lançamento da sua unidade de Dourados. Hoje, em São Paulo, o prefeito Murilo articula a instalação de mais duas grandes empresas em Dourados.

Disponível em < <http://www.progresso.com.br/caderno-a/populacao-passa-de-207-mil-habitantes>>

## ANEXO K

# 8 Arquitetura & Urbanismo **Arquitetura & Urbanismo** Arquitetura & Urbanismo P1

Dourados, Mato Grosso do Sul, segunda-feira, 28 de fevereiro de 2011

O PROGRESSO

Clube Social

## Ecoville surpreende pela estrutura

Em noite de gala, com direito a show pirotécnico e apresentações artísticas, população conheceu o clube

Fotos: Hedio Fazan

**D**OURADOS – Surpresa! Essa foi a tônica da noite de quinta-feira (24), quando mais de 400 convidados conheceram a estrutura oferecida pelo clube social do Ecoville Dourados Residence & Resort. Composto por quadra de squash, piscina de biribol, piscina com raia, piscina infantil e prainha, quadra de tênis em saibro, duas quadras poliesportivas, campo de futebol society, salão de jogos, playground, academia, SPA, salão de festas, espaço gourmet, churrasqueiras, cyber, sauna, além de uma grande área para uso dos moradores, o clube social foi entregue em noite de gala com direito a show pirotécnico, apresentações culturais e muita descontração dos convidados.

A noite, que foi prestigiada por autoridades como o prefeito Murilo Zauith e a

primeira-dama Cecília Zauith, o deputado federal Geraldo Resende e o juiz Eduardo Machado Rocha, entre outros, marcou ainda o lançamento da 2ª etapa do Ecoville Dourados Residence & Resort. “Estamos honrando mais um prazo fixado no lançamento do empreendimento e a partir deste momento as pessoas que compraram lotes na 1ª etapa ou que optarem pela compra nessa 2ª etapa, poderão desfrutar de toda essa infraestrutura de lazer e esportes”, enfatiza Luiz Octávio de Pinho, gerente regional da Plaenge.

Manoel Luiz Alves Nunes, sócio-diretor da Vectra Construtora, parceira da Plaenge no empreendimento, afirma que o Ecoville Dourados Residence & Resort, é um marco no conceito de condomínios fechados. “Não apenas por ser o primeiro de Dourados, mas pela estrutura



Diretores da Plaenge, Vectra e Imobiliária Continental durante entrega do Ecoville Dourados Residence & Resort

que oferece aos moradores”, comenta. “Posso citar como exemplo a cidade de Londrina, que tem mais de 30 condomínios e três deles de grande porte, mas nenhum com um clube social tão amplo e

completo quanto esse que está sendo entregue”, conclui.

Para Edison Holzmann, diretor do Grupo Plaenge, o Ecoville Dourados Residence & Resort, é importante enfatizar que os proprietários dos

lotes poderão usar o clube social mediante o pagamento de uma taxa de condomínio de apenas R\$ 220. “Esse valor engloba tanto a manutenção do condomínio quanto do clube”, explica. “Queremos que

as pessoas tenham qualidade de vida, que possam desfrutar de tudo que o Ecoville está proporcionando quando se pensa em segurança, liberdade, conforto, comodidade, esporte e lazer”, conclui.



O empresário  
Diego Marcondes

O juiz de Direito Eduardo Machado Rocha classificou a estrutura do Ecoville Dourados Residence & Resort como fantástica. “A localização é perfeita, na parte alta da cidade e que proporciona uma vista maravilhosa”, comenta. “Além disso, toda essa segurança que vai proporcionar liberdade para quem morar aqui, sem contar com todas as opções de lazer e esporte que o clube social oferece. Dourados está, definitivamente, inserida nesse novo conceito de morar em condomínio”, finaliza.



O juiz Eduardo  
Machado Rocha

A empresária Andrea Pagnoncelli também está ansiosa para iniciar a construção da casa dos sonhos da família dela. “Minhas filhas vão poder andar pela rua, desfrutar de um clube completo e viver em segurança”, afirma. “Quem apostou no Ecoville Dourados Residence & Resort terá mais qualidade de vida e posso afirmar que todas as expectativas que eu criei em torno desse empreendimento foram superadas nesta noite”, confessa.



A empresária  
Andrea Pagnoncelli



A primeira-dama  
Cecília Zauith

O empresário Marco Antônio Ortiz, secretário da Associação Comercial e Empresarial de Dourados (Acéd), destaca o arrojo dos empreendedores. “Eles estão de parabéns por apostar em Dourados e incluir nossa cidade no rol dos grandes centros urbanos, onde o conceito de morar em condomínio fechado é uma realidade”, analisa. “Não ficaremos mais com inveja de outras grandes cidades que exibiam seus condomínios e a gente não tinha o que oferecer, já que agora temos um dos melhores empreendimentos do Brasil”, conclui.



O empresário  
Marco Antônio Ortiz

O delegado de Polícia Civil, Sandro Márcio Pereira, também se encantou com o Ecoville Dourados Residence & Resort. “A segurança é o ponto alto desse empreendimento, mas eles não deixaram de pensar no conforto, no lazer, no esporte, enfim, na qualidade de vida das pessoas”, analisa. “A tendência mundial de viver em condomínios fechados chega, enfim, a Dourados e posso afirmar que a cidade tem potencial para receber novos investimentos como esse”, conclui.



O delegado  
Sandro Márcio Pereira



O empresário  
Roberto Zuim

Quem também apostou no Ecoville Dourados Residence & Resort e está satisfeito com o empreendimento é o empresário Wagner Luiz Cristóvão Júnior. “Comprei para morar e vou construir logo para poder chegar em casa na sexta-feira ao cair da tarde e só sair na segunda-feira, já que o condomínio vai proporcionar tudo que minha família precisará para viver com qualidade”, enfatiza. “Toda essa estrutura, que foi prometida no ato da compra, superou minhas expectativas e me deixou muito satisfeito”, encerra.



Wagner Luiz  
Cristóvão Júnior

O empresário Moacir Pereira classifica o Ecoville Dourados Residence & Resort como o empreendimento que apresentará para a cidade um novo conceito de viver em comunidade. “Os moradores poderão andar pelas ruas, as crianças vão brincar sem medo e ainda poderão desfrutar de um clube completo sem sair do condomínio”, comenta. “A partir de agora, Dourados passa a integrar o rol das cidades que valorizam a qualidade de vida”, conclui.



O empresário  
Moacir Pereira